

LIBERATO BITENCOURT
HOMENS DO BRASIL – SERGIPE
Organizado e parcialmente anotado por Luiz Antonio Barreto

DEDICATÓRIA



(Apenas à 1ª edição)

*A Pequena Bitencourt, a mais modesta e uma das mais nobres filhas de Sergipe, na superioridade arguta da inteligência, como na pureza do sentir sempre honesto, emérita formadora do meu espírito e santa purificadora do meu caráter, eu dedico este livro, pequeno nas dimensões quanto na sinceridade avantajado. Ele foi de feito escrito pela minha mão; foi, porém, ditado pelo exemplar proceder dessa dedicada Amiga de quinze anos, máxima no desinteresse e abnegação sublime, exemplo vivíssimo de Mulher brasileira, o que importa afirmar das mais elevadas qualidades de coração e dos mais puros atributos do caráter. **Praza aos céus as Sergipanas de manhã, nas doçuras atraentes do lar, imitar consigam essa Esposa estremecida e essa Mãe carinhosíssima.***

Rio, 4 de setembro de 1912.

Liberato Bitencourt

UM DICIONÁRIO SERGIPANO

A falta de informações biográficas e bibliográficas dos autores brasileiros impede que se tenha uma melhor compreensão da história literária. Todos os Estados sofrem do mesmo mal, reclamam do mesmo modo e se valem das poucas fontes, procurando aqui e ali um dado qualquer que ajude a elucidar as dúvidas, produzindo um conhecimento mínimo, necessário à história e à crítica.

O Brasil teve em Sacramento Blake um pioneiro, a organizar o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, em 1883, reeditado pelo Conselho Federal de Cultura, com anotações do bibliógrafo sergipano, radicado no Rio de Janeiro, Antonio Simões dos Reis, em 1970. Armindo Guaraná, que organizaria um *Dicionário Biobibliográfico Sergipano*, editado em 1925, foi um dos colaboradores, fornecendo a Sacramento Blake pequenas biografias de sergipanos. Por longo período, o livro do autor baiano, de vários volumes, permaneceu único, como repositório de biografias, atendendo a curiosidade dos interessados.

Nas Províncias raras foram as obras com os mesmos propósitos, ainda que uma delas, o *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, de 1882, não fosse exatamente um livro de biografias de intelectuais. No Ceará Guilherme Studart, com seu *Dicionário Bibliográfico Cearense*, deu seqüência aos esforços de registrar a vida cultural brasileira. Outros autores deram continuidade, ainda que cada um tomasse direção isolada, sem qualquer preocupação de método.

O militar e professor Liberato Bittencourt tomou para si, a partir de 1912, a tarefa de organizar uma grande obra, seriada, intitulada de *Brasileiros Ilustres*, saindo a pedir ajuda aos intelectuais e instituições estaduais, para montar os diversos volumes. O primeiro e dos poucos volumes publicados tomou o título de *Homens do Brasil – Sergipe*, editado pela primeira vez em 1913 e reeditado em 1917, com 216 páginas, contendo 451 nomes, distribuídos em verbetes alfabéticos, alguns pequenos e pobres de informações, outros acrescidos de textos e opiniões. Por ser pioneiro, é um trabalho desbravador, que abre caminho a Armino Guaraná, por exemplo, que se valeu muito do livro de Liberato Bittencourt.

Nascido na antiga cidade do Desterro, atual Florianópolis, em 30 de outubro de 1869, Manoel Liberato Bittencourt estudou na Escola Militar, no Rio de Janeiro, da qual tornou-se professor a partir de 1902, lecionando as disciplinas Mineralogia e Botânica, , efetivado em 1910. Positivista, foi sócio e assíduo freqüentador das sessões da Sociedade Brasileira de Filosofia. Publicou cerca de 25 livros, alguns deles de crítica literária. Casado com a sergipana Isaura de Oliveira Policiano, conhecida como Pequena, natural de Laranjeiras, Liberato Bittencourt passou a ter relações estreitas com Sergipe e com intelectuais sergipanos, sendo parceiro do também militar Samuel de Oliveira, igualmente nascido em Laranjeiras, no compêndio de *Geometria Algébrica*, publicado em 1896. Em 1912, tornou-se Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que naquele ano era fundado em Aracaju, graças a ação intelectual de Florentino Menezes. Admirador incondicional de Tobias Barreto candidatou-se, em 1932, à Academia Brasileira de Letras, justo na Cadeira que tem o pensador sergipano como Patrono. Dedicou sua

História da Literatura Brasileira, em 1944, a Tobias Barreto e escreveu ainda sobre o poeta de *Dias e Noites*, *Um atleta do pensamento ou O Homem sol do Império*, romance psicobiográfico, em 1940, além da Carta Crítico-literária ao presidente da Academia Brasileira de Letras, de candidatura à Cadeira de Tobias Barreto, em 1932. Escreveu diversos outros livros, mantendo relação com Silvio Romero, Samuel de Oliveira e outros autores sergipanos. Liberato Bittencourt morreu no Rio de Janeiro, em 14 de dezembro de 1948, passando naquele mesmo ano a ser Patrono de uma das Cadeiras da Academia Catarinense de Letras, recebendo também a homenagem da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, como Patrono da Cadeira 23.

O livro *Homens do Brasil – Sergipe* é obra referencial, permanentemente consultada, e sua reedição, depois de quase 90 anos, oferece às novas gerações de estudiosos uma oportunidade de leitura, recuperando um texto e um autor que permaneceram praticamente ignorados. Ao promover a 3ª edição, a Secretaria de Estado da Cultura, pela visão sensível e responsável do Secretário José Carlos Teixeira, aviva na bibliografia um livro verdadeiramente sergipano, na mesma estante de outros clássicos recentemente reeditados, de autores como Antonio José da Silva Travassos, Baltazar de Góes, Dom Marcos Antonio de Souza, Padre Filadelfo Jônatas de Oliveira, Joel Macieira Aguiar, Padre Antonio Carmelo, dentre outros.

Luiz Antonio Barreto

COMO INTRODUÇÃO

Na 1ª edição deste livro, em 1913, publiquei o seguinte e sincero prefácio:

“PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

*Na fria história do passado é que se
encontram os melhores
ensinamentos à
conquista brilhante do
futuro.*
L.B.

Este livro, apesar de trabalhado com sinceridade e amor, não passou de um mero ensaio histórico. É o primeiro dos vinte e um que pretendo publicar sucessivamente, um ou dois por ano, em honesto preparo a um grande tentamen histórico.

Reconhecendo, certo dia, a falta de dados a respeito dos maiores da nossa curta mas já sugestiva história, a ponto de bem não se saber o verdadeiro sitio de naturalidade de muitos deles, pensei não agüentar esse desgosto às gerações futuras, desde logo planejando um grosso volume, onde menção se fizesse cuidadosa da vida e obras dos vultos notáveis, em todos os ramos da atividade e do saber, de 1500 aos nossos dias. Na fria história do passado é que se encontram os melhores ensinamentos à conquista brilhante

do futuro. *Brasileiros Ilustres* devia ser o nome daquele trabalho empreendedor, vasto na erudição, eminentemente sugestivo na história e no patriotismo, quanto na pesquisa imensurável. Destinava-se à mocidade das escolas primárias, àqueles que amanhã têm que dirigir, porventura com mais acerto e mais amor, os altos destinos desta grande pátria. E pus mãos à obra, na doce esperança de públicos favores. Imprimi circulares às centenas. Apelei para as autoridades estaduais e federais. Dirigi-me enfim aos eruditos, em todos os recantos do Brasil. Pouquíssimas, porém, as respostas conquistadas. E estas em maioria com a categórica afirmação de que me seria impossível qualquer auxílio. A situação era ingrata. Desanimar faria o mais tenaz batalhador. Mas eu, corajoso porque soldado, tinha que seguir avante, ladeando como pudesse as dificuldades encontradas. Arquitetei então o seguinte plano de campanha: cuido separadamente de cada Estado e do Distrito Federal; ouço os comentários feitos; corrijo as inadvertências apontadas; completo em sucessivas edições os ensaios feitos; e depois, fundindo estes, poderei então dar corpo e vulto à grande construção em princípio arquitetada. Resta agora que os Estados me auxiliem, já não digo com algum dinheiro para pagar as despesas feitas e as edições sempre custosas, mas ao menos tornando obrigatória a leitura dos ensaios, nas respectivas escolas primárias e grupos escolares.

Eles são escritos com sinceridade e amor, sem preocupação partidária de espécie alguma, apenas com um fim, nobilíssimo porque patriótico: ensinar o lidador de amanhã, em cada Estado do Brasil, a respeitar e bem querer os grandes cidadãos de ontem e de hoje. Seria mais que ingratidão, porque seria injustiça, afastá-los portanto das inteligências juvenis, às quais eles se destinam. Nem por sombra me passa pela mente ingratidão tamanha.

Sai hoje o primeiro dos ensaios. É sobre Sergipe. A preferência explica-se. Filho de Santa Catarina mas sergipano de coração, tive a dita de ver ali, ninho de águias, o meu tentamen francamente aceito e divulgado. Mais ainda: fizeram-me desde logo sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico, que se acabava de fundar, ato contínuo me aumentando a distinção,

com a graduação cativante de *honorário* da douda associação. Pago assim em parte a grande dívida contraída, com esta expressiva e natural preferência.

Publicarei a seguir *Paraibanos Ilustres*, sincera homenagem à douda instituição nortista, que espontaneamente me deu a honra subida de me associar, membro correspondente, à sua evolução e as suas glórias. Os outros virão com vagar e tempo, que as despesas a fazer são muitas e o trabalho a empregar insano.

O primeiro dos ensaios, apesar de hercúleo esforço empregado em sua feitura e arrançamento, não vai nem pode ir perfeito. Contém como todo humano trabalho, graves lacunas e defeitos. Os sergipanos de amor ao berço que me apontem aquelas e me indiquem estes, para ver se menos defeituosa lhe sai a segunda e próxima edição. E como provável é traga esta a fotografia dos lidadores nela contemplados, peço a quem interessar possa todo o auxílio possível. Isto é: aceitarei com prazer máximo o retrato dos vultos incluídos e a incluir no corpo do livro, e bem assim as explanações e correções, honestamente apontadas, sobre naturalidade, datas, feitos e publicações de qualquer deles.

Ainda um pedido, valoroso sobremaneira: os sergipanos vivos, real serviço me prestariam remetendo-me para o Rio de Janeiro, *Rua S. Francisco Xavier 866*, um exemplar de cada obra por eles escrita, publicada ou reimpressa. Só assim poderei manter em dia, como pretendo, as edições a seguir.

Eis aí o que eu dizia sinceramente à primeira edição do livro. Não fui, porém, entendido pelos jacobinos de Sergipe, os quais caíram desapiedadamente contra mim, querendo-me destruir a reputação e ainda os ossos. Só me não chamaram de *santo*. Não me abalei, porém: acostumado à luta, bati à porta fidalga do nosso maior crítico literário. E Silvio Romero, que é sergipano da gema, me respondeu com a seguinte e expressiva carta, com que ora, três anos passados, fulmino de vez aquela meia dúzia de cegos jacobinos:

Queridíssimo amigo, camarada e chefe em
muitos pontos.
Saude.

Recebi sua prezada carta de 19 deste. Não faça caso das críticas. São vômitos de despeitados. O seu livro, para o fim que teve em mira, é excelente.

Sinto, como não pode avaliar, não poder escrever o *prefácio*: porque todos os meus velhos incômodos escleróticos e cardíacos se acham agravados de meter medo. Não posso fazer nada. Alguma coisa que tem aparecido na *Revista da Academia* e *Revista Americana* são coisas antigas, feitas há muito tempo.

Peço-lhe que me desculpe e tenha pena de mim. Se melhorar, a coisa será outra.

De seu velho amigo muito dedicado,

Silvio Romero

Icarai, 24-08-1913.

Aparado assim o golpe, que se pensou mortal em Aracaju, dirijo-me aos homens de bem, de Sergipe e do Brasil inteiro.

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO

Quandoque bônus dormiat Homerus
HORACIO

O excelente livro norte-americano *Who's who in América* (Quem sou eu na América), publicação bienal começada em 1899-1900, traz a sétima e última edição, 1912-1913, 18.794 biografias de vultos distintos em todos os ramos da atividade e do saber, na política, na magistratura, na militância, nas artes, no comércio e na indústria. E para poder comportar tão elevado número de valorosos representantes, uma condição se impôs indispensável: absoluta síntese no cuidar cada um deles. Transcrevo a seguir, mesmo em inglês, a biografia de um artista da palheta, uma mulher, o que ocupa o número *dois* na composição daquele livro, a fim de que vejam os entendidos o modo porque a grande publicação americana executar pôde o seu programa.

“ABBATT, Agnes Dean, artist; *b.* New York, June 23, 1847; *d.* William D. and Agnes Alice (Dean) A; sister of William A. (*q.v.*) showed talent as child; entered Cooper Union Art. Sch., 1873; studied at Nat. Acad. Design and under R. Swain Gifford and James D. Smillie. Paints landscapes, coast scenes, flowers; oil and water colors and black and white; also wax modeling, plants, and flowers. Medals at Cooper Union Art. Sch. and Mass. Charitable Mechanics Assn.; first prize in oil painting San Antonio (Texas) Internat. Fair. Mem. Am. Water Color Soc, since 1880. *Address:* Westchester, New York”.¹

Pois bem: influenciado fundamente por esse livro valioso, pensei para o Brasil em análoga publicação. O autor ou os autores norte-americanos só tratam dos homens vivos, os quais reaparecem nas sucessivas edições, até que a morte lhes seja aí anunciada.

¹ Nota do autor: “Who's who in América” page one, 1912-1913, vol. VII.

Depois do fatal desenlace, cedem definitivamente o lugar aos novos que chegam.

No Brasil, porém, não me era lícito seguir esse mesmo programa, sem grave injustiça aos principais obreiros da nossa nacionalidade, que já desertaram da vida. Esses tinham por força que ser contemplados, pelo menos às primeiras edições. Mas de modo algum se lhes podia dar à biografia um desenvolvimento, além dos justos limites traçados sensatamente pela grande publicação norte-americana: porque assim não fora para centenaes deles.

Pensando justamente desse modo, e querendo tornar realidade o pensamento, fiz imprimir a seguinte e textual circular, largamente espalhada por todo o Brasil:

BRASILEIROS ILLUSTRES

vivos e mortos em todos os ramos da atividade e do saber: nas ciências, nas belas artes, nas letras, na filosofia, na medicina, na engenharia, no magistério, na tribuna, na religião, na magistratura, na imprensa, no comércio, na lavoura, na avicultura, na propaganda, no exército, na marinha, na feitura em suma da nossa nacionalidade, de 1500 a 1912.

ANTONIO DE MORAES REGO – Nasceu no Maranhão em 1859. verificou praça na marinha em 1875, entrando mais tarde para o exército, em 1879, no mesmo ano em que obteve demissão do posto de guarda-marinha. Foi nomeado alferes-aluno em 1881; 2º tenente, em 1883; 1º tenente em 1887; capitão em 1890; major, em 1892; tenente-coronel por merecimento, em 1900; Dr. em matemática e ciências físicas; engenheiro militar; lente catedrático da antiga Escola Militar do Brasil. Em 1893 foi um dos mais dedicados e dos mais competentes auxiliares do marechal Floriano. Era de baixa estatura e de delicada constituição física, mas de grande inteligência e vasta ilustração. Pelas suas notáveis qualidades intelectuais e morais, era uma das glórias do magistério militar. Em colaboração com seu irmão Alfredo de Moraes Rego (V. este nome) publicou valiosíssimos tratados de matemática elementar e superior, além de muitos escritos na imprensa diária, sobre vários ramos do saber. Morreu no Rio de Janeiro em 1903, aos 44 anos de idade.

“Exmo. Sr.

Desejando que o Estado de... seja fiel e fartamente representado na grande obra acima referida, obra que de modo algum poderá ser da lavra de um único homem, peço encarecidamente o vosso valioso auxílio, em prol do grandioso e patriótico empreendimento. Estendo o pedido à imprensa, às associações literárias ou não desse glorioso Estado, e ainda a todos os homens que acompanham com amor a prosperidade crescente do Brasil. O auxílio que solicito pode ser realidade transcrevendo-se esta circular nos jornais do Estado, e especialmente remetendo-se-me dados biográficos relativos a todos os vultos, vivos ou mortos, que com seu esforço individual concorram ou tenham eficazmente concorrido para a grandeza material ou moral do Estado ou do País. Com tais dados, que poderão ser extensos ou mesmos reduzidíssimos, organizarei pequenas mas sugestivas biografias, de que acima se vê um modelo da letra A, para fazerem parte do livro já projetado e já em elaboração. Contando com o vosso precioso auxílio à construção de tamanho fôlego histórico, subscrevo-me,

Patrício, e admirador agradecido, etc”.

Não logrando às circulares o sonhado responder, vi-me forçado a mudar o plano em princípio arquitetado, projetando então, não um grosso volume, senão vinte e um ensaios, um para cada Estado e o último para o Distrito Federal. Depois então cuidaria da definitiva edição do grande e difícil tentamen histórico primitivamente planejado.

Tudo isso se acha honestamente exposto ao prefácio da 1ª edição do primeiro ensaio – Sergipe. Alguns sergipanos escritores, porém, alheios a tudo que há de prático nesta terra vastíssima, inquinaram-me o livro de defeituoso e falho, por não tratar minuciosamente de cada biografado! Que eu devia falar *disto* de Tobias, *daquilo* de Fausto Cardoso, *daquilo outro* do Padre Olímpio, de Bitencourt Sampaio ou de Silvio Romero!...

Como pôr a um livro muitos milhares de vultos, tratando amiudadamente de todos, quando entre eles centenares existem, como Tobias Barreto, Rui Barbosa, Pedro Américo ou José Bonifácio, capazes de exigir um grande número de páginas só para a fiel narração de seu viver atribulado?

O erudito crítico literário d'*O País*, ao qual sou bastante grato, chegou até a dizer que raro o meu biografado ao qual não fosse necessário acrescentar alguma coisa, devido à pressa com que dei cabo ao meu trabalho. E citou então um escritor que há três decênios já, qual beneditino, trabalha, sem esperanças de terminar, em livro análogo, sobre Sergipe apenas.

Que Deus seja louvado!

Se eu, que pretendo agora escrever vinte e um volumes, fosse esperar tão longo prazo para cometer o primeiro deles, que tempo então precisaria de viver?

Os termos da anterior circular, como o fiel modelo que lhe vem apenso, provam à evidência que eu não quis nem quero fazer extensas monografias, senão ligeiros mas sugestivos perfis biográficos tão somente.

Ainda me censuraram, escritores incompetentes e apaixonados de Sergipe, por três motivos: 1º - por haver posto às páginas do livro vultos de pequena importância, como homens moços sem grande posição administrativa, professores, rábulas,

músicos, padres e até soldados; 2º - por ali incluído ter sergipanos que não são natos; 3º - por haver dado crédito a informações por eles julgadas sem valia.

Defendo-me por completo da injustiça e leviana arguição.

Tripla a vida do homem – a vida física, a intelectual e a moral. Aquela, a vida física, é posta ao serviço da inteligência, como as duas o são ao serviço do caráter. Pelas qualidades intelectuais o homem se destaca dos irracionais. E pelos atributos morais é que ele se distingue dos seus semelhantes. Importa isso em afirmar peremptoriamente que não somente os homens de fortes qualidades intelectuais, como querem porventura aqueles incultos e apaixonados escritores sergipanos, o direito, podem ter de *ilustres*.

Na feitura consciente de uma nacionalidade destacam-se sempre certos e determinados vultos nas ciências, nas letras, nas artes, no comércio e na indústria. Pois a esses homens de nítido destaque social, eruditos ou sem erudição, é que compete, com inteiro rigor histórico, aquele e sugestivo qualificativo. Um bom músico, um bom poeta, um professor primário e um bom delegado de polícia podem ser tão ilustres como um virtuoso padre, um advogado de fama, um pedreiro célebre, um calafate modelo, um soldado valente ou um geômetra de notáveis qualidades intelectuais. Uns e outros, a meu julgar, não podem de modo algum fugir à composição do livro. Os próprios termos da circular bem o acusam: *Brasileiros Ilustres, em todos os ramos da atividade e do saber, de 1500 aos nossos dias*.

Quanto ao fato de se ver às páginas do livro certos moços de talento, mas ainda sem grande posição administrativa, eis categórico e formal responder: só às gerações futuras cabe o apurar com acerto a dúvida, porque as atuais, cegas de despeito, crédito não me podem merecer.

Análogo sentir respeito aos sergipanos pelos serviços e não pela naturalidade. A verdadeira pátria de um homem não é nem pode sê-lo aquela onde ele nasceu, e sim aquela a que ele se dedicou e bem serviu. Gonçalves Crespo nasceu no Brasil, mas não pode nem deve figurar à nossa história literária: é escritor português da

gema. O padre Anchieta nasceu em Tenerife; mas quem poderá com consciência afastá-lo da pátria história, a que serviu superiormente, verdadeiro apóstolo, por mais de quarenta anos? Não há negar: os homens que concorrem à feitura de uma dada nacionalidade não lhe podem fugir à respectiva história. Incluí no volume sobre Sergipe vultos não sergipanos natos, como fiz incluir conscientemente, no volume paraibanos, prestimosos lidadores que a fortuna não tiveram de ver na Paraíba, pela vez primeira, a luz do dia.

Por fim: na feitura honesta deste livro, eu, que me prezo de ser honesto e nobre, que queria e quero fazer obra duradoura e capaz, não dei nem poderia dar crédito a informações levianas ou infundadas. Apenas de pessoas cultas e honradas, que me mereciam toda a fé, recebi esclarecimentos e histórico auxílio. E a elas o meu decidido e franco agradecer.

Ainda cinco e interessantes observações:

1 – No ardor cego da peleja é que bem se podem conhecer as boas qualidades da arma que se maneja. Para me fortalecer contra futuros e levianos embustes de críticos apaixonados, resolvi mudar em tempo o título e sub-título da obra iniciada com a publicação do volume relativo a Sergipe: *Homens do Brasil*, quero crer, melhor se presta ao livro que *Brasileiros Ilustres*, do mesmo modo que o sub-título aqui adotado é mais sugestivo e prático que o anteriormente preferido e divulgado. Ao erudito Sr. Dr. Helvécio Monte, alagoano de nascimento, mas sergipano pela meninice e cearense pelo coração, devo essa fórmula feliz, que espero seja recebida com satisfação e simpatia pelos sergipanos de boa vontade.

2 – Arraigada me era a intenção de ilustrar o perfil dos poetas prosadores, com a transcrição de um trabalho escrito pelo próprio punho de cada um deles: assim o livro, que se destina especialmente à mocidade das escolas, ficaria menos pesado, senão muito mais atraente. Mas, apesar do grande esforço empregado, não foi já tanto possível. Ficará o objetivo para a 3ª edição, se os sergipanos de amor ao berço, sobretudo os escritores, quiserem me auxiliar no árduo empreender.

3 – Imitando a americana publicação em princípio citada, todos os oficiais superiores da terra e mar são incluídos no corpo do livro: ninguém chegar pode a tão alta posição, sem uma boa soma de serviços ao país.

4 – Para manter em dia, melhorando sempre, este volume, aceitarei, com satisfação máxima, um exemplar das obras que hajam sido escritas ou reimpressas, todas de autores sergipanos.

5 – Correções e ampliações, honestamente apontadas, serão recebidas com alegria pelo autor, à sua residência, no *Rio de Janeiro, rua S. Francisco Xavier, n. 866.*

SERGIFE

A

ABDIAS BEZERRA – Professor. Nasceu na vila de Siriri a 9 de setembro de 1881, filho legítimo do professor João Antonio Bezerra. Órfão de pai aos sete anos, entrou para o comércio, como caixeiro de pequena casa, mas assaz contrariado, por se sentir com disposição de estudar, de saber. Em 1899 foi residir em Aracaju em companhia de um seu tio, o genial sergipano Guilhermino Amâncio Bezerra, aí se matriculando no Ateneu Sergipano. Nesse ano, porém, não pôde prestar exames, devido à morte de seu estremecido progenitor. Em 1898 frequentou os cursos particulares dos professores Teixeira de Faria, Brício Cardoso e Alfredo Montes. Em 1899 fundou a *Sociedade Literária Tobias Barreto* e escrevia na imprensa, ao passo que estudava preparatórios, em cujos exames, quase todos, foi distinguido. Depois disso seguiu para a Escola Militar do Realengo, onde se fez soldado, apesar de um grande desejo de cursar a academia de medicina. Fazia o seu curso militar com brilho, quando, em 1904, metendo-se na revolta de 14 de novembro, foi desligado e remetido preso para a Bahia. Aí serviu no 16^o de infantaria, como amanuense do quartel general. Expulso logo depois do exército, voltou à casa do tio. Anistiado, não mais quis voltar ao exército, entrando com o pé direito no magistério, para o que tinha especial pendor. Adquiriu então muitos alunos, colaborando em seguida com o professor Alfredo Montes Júnior, lecionando especialmente matemática no *Ginásio Sergipense*. Revelou então brilhantes dotes pedagógicos. Na revolta de 10 de agosto de 1905, fez parte da Assembléia que apoiou Fausto Cardoso. Em 1908, vaga a cadeira de aritmética da Escola Normal, pretendeu obtê-la por concurso. Este, porém, não foi aberto, graças à reforma então realizada e à conseqüente

² Batalhão

nomeação de um feliz pretendente. Em 1911 obteve por concurso brilhante a cadeira de francês do Ateneu, sendo depois, por vontade própria, transferido para a cadeira de aritmética e mais tarde para a de português. E em cada uma dessas disciplinas, como sustenta Baltazar Góes, se tem revelado mestre perfeito, prudente, justiceiro, competente.

ABDIAS DE OLIVEIRA – Magistrado. Nasceu em Itabaiana. É presentemente³ desembargador no Supremo Tribunal de Justiça, de Pernambuco, onde goza da mais larga e merecida simpatia pública, por seus grandes dotes morais.

ABREU FIALHO – Médico e professor. Natural de Sergipe. Formou-se em medicina, dedicando-se com superior competência, no Rio de Janeiro, à clínica oftalmológica. Também é professor da faculdade de medicina na capital do país.

A. DIAS DE BARROS – Médico e professor. Nasceu em Aracaju. Formando-se em medicina, pouco depois, em concurso brilhante, era nomeado professor de histologia da faculdade do Rio de Janeiro. Foi interno de clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas, durante três anos, da Faculdade e do Hospício de Alienados. Dirigiu este último estabelecimento. Secretariou e presidiu a *Sociedade de Medicina e Cirurgia* do Rio. Foi vice-presidente de uma das mais importantes secções do Congresso Científico latino-americano, reunido à capital do país, e por fim deputado federal por Sergipe, na legislatura passada⁴. Homem de grande talento e de profunda erudição científica e médica, orador exímio, professor emérito, goza nas rodas profissionais do Rio de Janeiro de mui justa e merecida popularidade. Além de sua tese, tem publicado vários trabalhos médicos, de valia incontestável, um dos quais lhe deu a honrosa posição de membro efetivo da *Academia Nacional de Medicina*. É sócio correspondente da

³ 1912.

⁴ 1912/1914

sociedade médico-cirúrgica de Lisboa, da sociedade médica de Santiago do Chile e um clínico de muito merecimento profissional.

ADOLFO ÁVILA LIMA – Professor e jornalista. Nasceu na Estância, a 20 de agosto de 1882. Entrando mui jovem para o comércio, foi durante doze anos comerciante e caixeiro na Bahia, sempre com o desejo ardente de fugir a “esse grande cativo”. Para isso estudou, convencido, às horas vagas, o curso de humanidade. Em 1904 foi ao Rio de Janeiro, com o firme propósito de se matricular na Escola Militar de Realengo. Voltando a Aracaju, fez aí aquele curso, matriculando-se em 1906 na faculdade livre de direito da Bahia, como assistente, por não haver ainda concluído todos os preparatórios. Em fins de 1906 foi promotor público de Propriá, sendo em 1909 transferido para a Estância, onde se entregou também à advocacia. Em 1910⁵ formou-se em direito no Recife, com doze distinções em todo o curso. Em 1913 foi nomeado inspetor geral do ensino público. Em 1915 fez concurso em Aracaju para a cadeira de pedagogia, cargo que atualmente ocupa com grande ardor e brilho. É uma organização delicada no físico, forte na inteligência e agigantado nas máximas virtudes morais. Dotado de grande nobreza de sentir, sumamente dedicado aos seus, trabalhador infatigável, tem o direito, conquistado à força de vontade e a golpes de talento, de figurar com destaque às páginas sinceras deste livro. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Quando publicou seu primeiro livro – *A Academia na Vida Prática*, Clovis Bevilacqua lhe enviou a seguinte e honrosa carta:

Ao ilustre moço, Sr. Ávila Lima, agradecemos penhorados a remessa de seus bem elaborados escritos, enfeixados no volume *A Academia na Vida Prática*, onde tivemos ocasião de apreciar um espírito culto e seguro, não obstante a sua pouca idade, possuidor de boa dialética e exposição clara. Por isso, com os nossos agradecimentos, enviamos as nossas sinceras felicitações ao distinto bacharelado.

⁵ Ávila Lima foi promotor ainda estudante, o que era permitido.

Ávila Lima gosta também do jornalismo, a que se entrega com ardor em Sergipe. Do seu excelente trabalho pedagógico – *No domínio da filosofia pedagógica*, publicado em setembro de 1913 pelo *Estado de Sergipe*, transcrevemos as seguintes linhas iniciais, para se julgar o escritor:

Nos domínios da filosofia pedagógica moderna, discute-se, mais ou menos caprichosamente, a questão de saber se a religião da fé deve ou não ser ensinada nas escolas primárias.

Opiniões, mais ou menos bem orientadas, têm saído a campo, pronunciando-se – ora pela afirmativa, ora pela negativa.

Assim é que publicistas de vários matizes metafísicos fazem questão cerrada de fazer a religião da fé parte integrante das disciplinas escolares.

Confundindo as idéias do dever e do bem com a religião, na sua simplicidade triste, chegam a pensar que a religião é uma das bases fundamentais da ética, que, como todos sabemos, é a ciência da reta conduta, tendo por precípua objeto a preparação do caráter humano para as lutas benfazejas da civilização e do progresso.

Outros pensadores, porém, menos exagerados e mais justos para com o sentimento contemporâneo, que vê num ideal de moralidade – a salvação do homem, opinam pelo ensino da religião nos institutos educativos primários, apenas sob o ponto de vista *histórico*, isto é, como existia ela no tempo e no espaço, como vive ainda no coração do povo, e quais os efeitos, que há produzido, nas suas relações com a evolução da humanidade.

Depois destas duas correntes, que têm expressivos pontos de contato e de dessemelhança entre si, vem a terceira falange dos chamados impropriamente “materialistas” modernos, combatendo os fundamentos das duas primeiras escolas filosóficas acima citadas, pretendendo, aprioristicamente, que a religião da fé, sob qualquer

ponto de vista, não passa de um dogma de caráter ontológico, de um mito; e que, como tal, estando fora da natureza e da ciência, é uma quimera, uma ilusão, uma utopia, não devendo, por isso, ser ministrada nos colégios primários, por carecer, ainda mais, de base experimental.

Os outros trabalhos deste escritor são: *Oração* (Conferência cívica), *Escravidão e Liberdade* (conferências), e *Boletim Geral* sobre movimento escolar.

Ávila lima também era poeta e músico distinto: a sua valsa *Sempre Terna* é um trabalho inspirado, em tempo francamente aplaudido, e o *Cepticismo*, a seguir, confirma a primeira parte da afirmação:

Scepticismo

“Já por tudo que passei cantando alegremente,
Da vida as ilusões e os risos da esperança;
E agora só me resta o tédio do descrente,
Porque já lá se foi meu tempo de criança.

Cheguei à mocidade, à fase da pujança,
Onde a crença perdi aflito e maldizente,
Daquela história antiga e cheia de bonança,
Que Moisés espalhou em todo o peito crente.

Que de novo há na vida, além da luta ingrata,
Constante evoluir duma aflição, que mata,
A pobre humanidade – a imagem da miséria?

Assim como da força é escravo o movimento,
E deste o velho mundo, o mundo do tormento,
Assim tudo que existe é um misto de matéria!...

1908.

ALCINO BATISTA MONTEIRO – Advogado e político.
Nasceu em Sergipe, formando-se em direito em Pernambuco.
Passando a residir na Bahia, foi aí chefe de polícia, advogado de

fama, grão-mestre da maçonaria e deputado geral em várias legislaturas. Era homem, portanto, de grande talento.

ALEXANDRE PINTO LOBÃO – Magistrado. Entrou em chapa senatorial com o Barão de Maroim⁶. Era sergipano⁷.

ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA CHAVES – Bacharel em direito. Foi o 31º presidente da antiga Província. Tomou posse a 31 de julho de 1863.

ALFREDO CABRAL – Professor e jornalista, em Aracaju, onde nasceu a 7 de agosto de 1887. Aos 12 anos de idade já fazia versos e escrevia contos. Aos 15 anos terminava o curso de humanidades à capital sergipana. E aos vinte concluía o seu curso de direito, quase todo com distinção, na cidade do Recife. Foi, pois, de admirável precocidade intelectual. Voltando a Sergipe depois de formado, foi promotor público em três cidades sucessivamente: Estância, Laranjeiras e Maruim. Em 1909 fez uma viagem de recreio e estudos ao sul do Brasil, demorando-se algum tempo no Rio e em S. Paulo. E, espírito arguto, ao chegar em Aracaju escreveu uma série de artigos – *Em S. Paulo*, em que analisava com superioridade de vistas os notáveis progressos do grande estado paulistano. Em 1910 fez concurso para a cadeira de história do ateneu sergipense, a qual hoje se acha sob a sua direção. Tem uma cabeça enorme, mesmo à sergipana; é de baixa estatura e franzina constituição, cheio de inteligência, na atividade grande e na modéstia máximo. Conhece o francês e o inglês, o espanhol e o italiano. Vive em perfeito isolamento. Fala com maestria e escreve com grande beleza e correção. Em várias revistas baianas, na imprensa do Recife, no *Diário Popular* de S. Paulo, no *Estado de Sergipe* e no *Diário da Manhã* de Aracaju tem colaborado com freqüência, assinando trabalhos literários de valor nas ciências sociais, nas belas letras e na filosofia, com o próprio ou com o

⁶ João Gomes de Melo.

⁷ Sergipano de Itabaiana, desembargador do Tribunal de Relação de Pernambuco.

pseudônimo de *Nubio*. O *Estado da Filosofia*, nas colunas do *Diário da Manhã*, é um estudo filosófico sensato e sugestivo. Em 1912 foi eleito secretário da congregação do ateneu e é presentemente sócio do Instituto Histórico e Geográfico Sergipano, numismata apaixonado e filatelista convencido. Tem em mãos duas obras de grande valimento, com as quais se há de firmar definitivamente além das fronteiras sergipanas: *Da influência da filosofia na evolução social e História Universal*. Das suas qualidades literárias damos este exemplo sugestivo, tomando ao *Diário da Manhã* de 22 de setembro de 1912:

GABINETE DAS LETRAS

Páginas Esquecidas

II

Destacamos de “Trionfo della Morte”, bela obra desse escritor pagão, ébria de forma e sentimento, que é d’Annunzio, um dos mais interessantes trechos.

Escritor pagão, dissemos. Porque ninguém, neste fecundo século vinte, sonha com o esplendor do Olímpio, com esses deuses, essas ninfas, esses heróis da lenda antiga, que o romancista italiano. Tem a alegria de um fauno. Na sua sensibilidade de artista, radicaram-se estes santos entusiasmos por essa cultura amável, que floresceu entre os gregos, cultores do ideal, admiradores da vida, criadores jocundos do amor.

É um dos mais nobres representantes da arte realista. Mas o inimitável mestre se peja de reproduzir o brutal das paixões e o despudorado das cenas, a não ser para pintar esta parte íntima e sublime da natureza humana, que é a alma. Os seus personagens requintam pela espiritual finura. Respiram uma atmosfera impregnada de sonho, de exaltação e de grandeza, como se a civilização e todo o progresso moral fosse uma larga caudal de dádivas e mercês, que se desoprimisse nos seus vastos peitos.

G. d'Annunzio possui um forte e esquisito temperamento. Sensual com a sua raça, ele reflete no livro, com nervos ansiosos e cruéis, a graça capitolosa dos céus, dos campos e dos mares de sua pátria. Filho do país da Arte e da História, bebeu a longos tragos o vinho tépido e dourado do classicismo e formou a sua complicada psicologia na intimidade triste das ruínas, dos mosteiros, das estátuas silentes e das criptas famosas”.

ALFREDO DE SIQUEIRA MONTES – Professor e educador. Nasceu a 1º de janeiro de 1848, no sítio de *Florência*, município do Socorro, filho legítimo do major Teodorico Montes. Fez com brilho seus preparatórios, no antigo *Liceu Sergipense*. Órfão de pai, para poder amparar a família, aos quinze anos de idade aceitava a nomeação de oficial da 2ª secção da secretaria do governo. Isso a 17 de abril de 1863. e abandonou a idéia de uma próxima e notável formatura acadêmica. A 5 de maio de 1871 foi nomeado chefe da 1ª secção. Logo depois de empregado público atirou-se com ardor ao magistério, para o que havia fadado a natureza. A 28 de junho de 1877 obteve, em brilhante concurso, a cadeira de inglês do *Ateneu Sergipense*, onde então começa a sua ação proficiente e benéfica, no preparo da juventude sergipana. Em 1888 fundou e dirigiu o *Ginásio Sergipense*, que vigorou até 1898, e onde preparou uma plêiade de sergipanos, que por todo o Brasil veneram o nome exemplar do mestre inolvidável. Colaborou na imprensa local, foi presidente do conselho municipal e diretor da Escola Normal. Faleceu no Aracaju, a 1º de agosto de 1906. era de baixa estatura, deveras concentrado, cheio de belas qualidades de inteligência e de caráter. Deixou inédita uma *Gramática portuguesa*.

AMANCIO JOSÉ PEREIRA DE ANDRADE – Bacharel em direito. Foi o 22º presidente da antiga Província. Tomou posse a 17 de outubro de 1849.

AMINTAS JOSÉ JORGE – Marinheiro. Nasceu em Aracaju a 11 de julho de 1860, alistando-se na marinha em 1880. Foi guarda-marinha em 1882; 2º tenente, em 1884; 1º tenente por merecimento, em 1890; capitão-tenente por bravura, em 1894; capitão de fragata por merecimento, em 1907; capitão de mar e guerra, ainda por merecimento, em 1912; contra-almirante reformado, nesse mesmo ano. Homem de regular estatura e de robusta constituição física, audacioso e bravo, prestou reais serviços à legalidade em 1894 e também em 1904. Comandou as seguintes unidades navais: monitor *Rio Grande*, *Vidal de Negreiros*, *Greenhalgh*, *Pirajá*, *Pedro Afonso*, *Tupi*, *Deodoro*, *Barroso* e *Minas Gerais*. Foi capitão do porto de Aracaju e inspetor do arsenal da marinha do Pará. Como imediato de *Benjamin Constant*, percorreu em missão diplomática vários estados da Europa e da América. Gozava na sua classe justa estima e popularidade, graças às suas excelentes qualidades profissionais. Pena é que desgostos profundos o tivessem levado tão cedo à reforma. Seria um grande almirante, porque era um adestrado e perfeito marinheiro, amigo da ordem, da disciplina e da lei. Em agosto de 1913, ao entrar no ministério o almirante Alexandrino, foi nomeado encarregado do depósito naval no Rio de Janeiro, cargo de que foi mais tarde dispensado. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

ANACLETO JOSÉ CHAVANTES – Advogado. Nasceu em S. Cristóvão, a 1º de novembro de 1801. Como escrivão da Ouvidoria, obteve provisão do Tribunal da Relação da Bahia para advogar, passando a exercer essa profissão em Laranjeiras. Pelos relevantes serviços aí prestados em 1855, por ocasião da epidemia do cólera, foi agraciado com o Habito de Cristo. Quando o Imperador visitou Sergipe, em 1859, sendo vereador e presidente da câmara de Laranjeiras, foi agraciado com a Comenda da Rosa. Em 1872, com toda a família, foi residir na Corte, onde faleceu em 1877. Era de regular estatura, cheio de corpo, de excelentes modos e maneiras.

ANDRÉ RAMOS ROMERO – Político e capitalista. Nasceu em Portugal, vindo criança para o Brasil e fixando residências no Lagarto, onde desposou D. Maria de Vasconcelos. É o progenitor de Silvio Romero. Chefe do partido liberal no Lagarto, capitalista, homem influente, foi cavaleiro da ordem da Rosa e de Cristo e ainda comendador pelos grandes serviços prestados à pátria adotiva. Faleceu a 3 de julho de 1894.

ANGELO FRANCISCO RAMOS – Bacharel em direito. Sendo 3º vice-presidente, assumiu a presidência da Província a 5 de novembro de 1865.

ANIBAL FREIRE DA FONSECA – Político e jornalista. Nasceu no Lagarto a 7 de julho de 1884. Fazendo seus estudos primários com a professora D. Etelvina Amália de Siqueira, revelou brilhantes qualidades intelectuais, depois confirmadas no curso de humanidades e por fim na academia de direito. Bacharelou-se no Recife, havendo iniciado seus estudos jurídicos no Rio de Janeiro. E durante o tempo de acadêmico dedicou-se com brilho à vida jornalística. Foi secretário do governo de Pernambuco, que representou superiormente na câmara dos deputados no Rio. Sua pena é considerada mui brilhante.

ANSELMO FRANCISCO PERETTI – Bacharel. Foi o 15º presidente de Sergipe. Tomou posse a 28 de dezembro de 1842.

ANTONIO BEMVINDO RAMOS – Oficial superior do exército. Nasceu em Sergipe a 9 de novembro de 1867, verificando praça no exército em 1885. Matriculando-se na Escola Militar da Corte, foi promovido a alferes de infantaria em 1893; a tenente por bravura, em 1897, na campanha de Canudos; a capitão, em 1906; a major por merecimento, em 1913. Em 1893 ótimos serviços prestou à causa legal. Fez com bravura a campanha de Canudos. Tomou parte na concentração do vale do Amazonas em 1904. É de regular estatura e de robusta constituição física.

ANTONIO CANDIDO DA CUNHA LEITÃO (Dr.) – Foi o 37º presidente da antiga Província. Tomou posse a 11 de maio de 1871.

ANTONIO CARMELO – Sacerdote, literato e professor. Nasceu em S. Cristóvão a 9 de fevereiro de 1870, abraçando aos verdes anos a carreira religiosa. Ordenou-se na Bahia. Homem de regular estatura e de robusta compleição, dotado de lúcida inteligência, escreve com grande brilho e correção o vernáculo idioma. Em 1910 publicou no Rio de Janeiro um volume de duzentas páginas – *Olimpio Campos perante a história*, o qual foi recebido com geral simpatia pela imprensa da capital do país. Desse volume é já impressa a 2ª edição. Em 1912 publicou dois novos volumes – *Uma visita à minha terra* e *Impressões e Saudades*, ficando então consagrado emérito prosador. Em 1914 deu a lume os seus *Aspectos Sergipenses*, obra de erudição geográfica e histórica. O padre Carmelo dedica-se também ao magistério particular, sendo presentemente um dos mais conceituados instrutores do Ginásio Federal. Aí leciona latim e francês no 3º ano do curso secundário. A *Revista Pedagógica*, desse superior estabelecimento de ensino, lhe tem publicado excelentes produções, de grande alcance pedagógico e moral. *Curiosidades* é o título da secção por ele mantida àquela publicação. Do merecimento literário do escritor segue a brilhante mostra, das suas *Impressões e Saudades*:

Partindo

Minha mãe não quis trazer-me a bordo. Era natural a escusa: furtava-se à dor que castiga e mata o coração materno... derivava d'alma o ardor da saudade que mais forte estuaria, se ela visse fugir aos olhos, confiado apenas, a leve batel, oscilante à veia d'água, o primeiro filho que por amor a míseros fragmentos de ciência, desertou o lar, confiando aos outros irmãos o cultivo do convívio e do carinho fraterno. Meu pai, porém, não. Forte, calmo, veio comigo até a extrema ponte onde amarrava

minúsculo transatlântico que deveria levar-me à Bahia. Não tenho lembrança, ainda vaga, de me terem vindo trazer suas despedidas colegas e amigos de infância; não me recordo mesmo, se lá vi irmãos, tanto nele, em meu pai, tinha posto o coração, olhos e alma. O que, entretanto, nunca a mão do tempo pôde, nem poderá jamais o esquecimento obliterar em minha memória; o que a distância não conseguirá nunca nublar, por mais que na ordem do tempo dela me afaste, é aquela cena, modestíssima embora, mas que tem sua alma nas emoções do que fica e nas tristezas do que parte.

O quadro, de dimensões aliás exíguas, criara-se e momentaneamente movera-se em uma tela que se não é de grande impressão e inspirações para a arte, é todavia de viva recordação para mim. Assim desenhava-se ele: ao fundo uma montanha deselegante, de aspecto áspero, quase inculta, senão de cultura pobre e miserável. Na base um casarão a desabar, um trapiche sem porta à boca que se abria hiante como a devorar tudo. Corria aos lados, farfalhando ao vento, crescida e basta floresta de mangues colorida de verde escuro, de onde se destacavam, como nota alegre, raras folhas amarelas e outras vermelhas, que ao menor abalo do vento rolavam deslizando à flor das águas. Por cúpula o céu azul, algodoado de nuvens brancas que se redoiravam e poliam à luz de um sol queimante e belo.

O plano em que nos levantamos, eu e ele (meu pai), era feito de travões pesados, toscamente falquejados e mal unidos, deixando ver, por entre frinchas, verdadeiros hiatos, tão largos que engoliriam um pé e a perna, crustáceos a correr na lama e peixes a disputar à tona d'água, o esporo gordo que caía da cozinha de bordo.

Um vento grosso, mas fresco, que começava de soprar da barra trazendo o urro surdo das vagas a escachoar na areia, era sinal de águas montantes a repontar no canal, lá fora, e pois era necessário

partir. De momento, um silvo forte, inesperado, agudo, que eu nunca ouvira, sacode-me brutalmente os nervos que estalam, fere os ares e ecoando ao longo morre num fragor de trovoadas, sobre o dorso liso do *Vasa-barris* que além serpea sem majestade e sem beleza.

La zarpar a nau. Maquinalmente tomei a mão dele e beijando-a deixei-a para abraçá-lo e então partir.

ANTONIO DA MOTA RABELO – É um sergipano de valor, do qual nada nos é possível adiantar presentemente.

ANTONIO DE ARAUJO DE ARAGÃO BALCÃO – Bacharel em direito. A 20 de outubro de 1867 tomou posse da presidência de Sergipe. Foi o 34º presidente da Província.

ANTONIO DO REGO TRAVASSOS – Médico. Nasceu em Japarutuba em 1859, formando-se em medicina no Rio de Janeiro em 1882. Graças às suas grandes qualidades intelectuais, foi um dos melhores estudantes de sua turma. Voltando a Sergipe depois de formado, aí faleceu à flor da idade, um ano depois, em 1883. Era de media estatura, magro, moreno e dotado de nobres predicados de caráter.

ANTONIO DIAS COELHO E MELO, *Barão da Estância* – Agricultor. Senador do Império, comendador e segundo sogro do grande sergipano coronel José de Faro. Era homem influente, mas sem cultivo intelectual bastante. Como 2º vice-presidente da Província, de onde era natural, três vezes assumiu a presidência: em 21 de junho de 1863, 24 de fevereiro de 1864 e 2 de janeiro de 1866.

ANTONIO DIAS DE PINA JUNIOR – Político. Formou-se em direito, sendo companheiro do Dr. José Luiz Coelho e Campos. Foi deputado provincial. É um grande distinto.

ANTONIO DINIZ COELHO E MELO – Industrial. De poderosa família, agricultor abastado, proprietário do engenho *Caicira*⁸ no vale do Cotinguiba, era homem de vida concentrada, dedicado ao seu serviço, fora da atividade política. Inesperadamente incluído em lista tríplice senatorial, em 1859, ele e o Barão de Cotinguiba, como verdadeiros *cunhas*, como então se dizia, para forçarem a escolha do Barão de Maruim, foi nessa ocasião inesperadamente escolhido senador. Era o último da lista. Homem austero, inteiramente inculto, regular na estatura, dedicado de corpo, era um vigilante contínuo, em sua propriedade, dos seus bens de fortuna. Faleceu em 1884.

ANTONIO DINIZ DANTAS E MELO – Agricultor. Fez parte da junta governativa aclamada e empossada a 17 de novembro de 1889, em Aracaju.

ANTONIO DOS PASSOS MIRANDA – Bacharel. Foi o 41º presidente da antiga Província. Tomou posse a 15 de janeiro de 1874.

ANTONIO DOS SANTOS JACINTO – Médico. Nasceu em Laranjeiras a 3 de maio de 1827, formando-se em medicina na Bahia em 1852. Por sua grande inteligência e aplicação, foi considerado um dos primeiros alunos do seu tempo. Fez-se clínico depois no Maranhão, onde foi comissário vacinador, e depois médico da polícia, da cadeia, da misericórdia e do exército. Latinista de valimento e conta, escreveu em latim a sua tese de formatura. Sustenta-se ser ele o autor de um livro que apareceu contra a maçonaria e intitulado *As Sociedades Secretas*.

ANTONIO FERNANDES DA SILVEIRA – Presbítero. Nasceu na Estância, nos fins do século XVIII. Foi presbítero do habito de S. Pedro, monsenhor da capela imperial, conselheiro do Imperador, comendador de Cristo⁹ e deputado provincial e geral

⁸ Caieira

⁹ Comendador da Ordem de Cristo.

em diversas legislaturas. Homem influente e de notável inteligência, escreveu em 1835 *Resposta* à carta dirigida ao ministro do Império por diversos deputados, e também um *Ofício* sobre preciosas minas de ferro e um rio subterrâneo¹⁰ na Província de Sergipe. Cabe-lhe a glória da instalação do primeiro jornal sergipano, em setembro de 1833¹¹ – *O Recopilador Sergipano*. Faleceu na Bahia, a 30 de janeiro de 1862.

ANTONIO GARCIA ROSA – Médico. Nasceu em 1845 em Japarutuba, onde iniciou os seus estudos de humanidades. Em 1862 seguiu para a Bahia, aí concluindo aqueles estudos e se matriculando na faculdade de medicina. Formado em 1870, clinicou em Feira de Santana, na Bahia, e em Marum, em 1873. Faleceu à flor dos anos, em 1877. Era de regular estatura e delicada constituição, sempre prazenteiro e afável no exercício de sua profissão, por isso mesmo querido e estimado em toda a parte¹².

ANTONIO GARCIA ROSA – Poeta e professor. Nasceu em Sergipe, onde se entrega com proveito ao magistério público e às belas letras, apesar de formado em farmácia. Dotado de grandes dotes intelectuais, assaz modesto, tem um jeito especial para as belas letras, a poesia sobretudo. A *Desdenhosa*, a seguir, é uma das suas últimas e interessantes composições, e *A Fonte* se nos apresenta um dos mais belos sonetos ultimamente publicados em vernáculo idioma.

Desdenhosa

Formosa, sim, reconheço;
Mas não me enganes. Parece
Franzir-te o lábio travesso
O motejo em vez da prece.

Minh'alma, em doido arremesso,

¹⁰ Msucripto existente na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional

¹¹ 1832.

¹²

Quando passas, se embevece...
E's como a jóia de preço,
Que deslumbra e não aquece.

Lindo mármore impassível!
Teu seio em flor nunca vibra,
Na ânsia divina de amar.

Lembras-me a estrela intangível,
Que lá no azul se equilibra,
E nos convida a sonhar.

A Fonte

No seio umbroso da floresta antiga
Desliza a fonte, a murmurar, sonora.
Se raia o sol, que límpida cantiga!
Se o sol transmonta, abaixa a voz e chora.

Ao sapo, à fera, ao pássaro mitiga
A sede que os persegue, abrasadora;
Reflete o galho em flor d'árvore amiga,
De mistura com o verme que o devora.

À própria pedra que lhe estorva, bruta,
O livre curso musical, de jeito,
A dar-lhe à face uns frêmitos de luta,

À própria pedra dá mais lindo aspeito...
Oh! Musa ingênua, oh! minha Musa, escuta:
Tens nessa fonte um símbolo perfeito.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA TRAVASSOS (Comendador Travassos) – Advogado e proprietário, um dos maiores sergipanos de todos os tempos. Nasceu em Sergipe, no Engenho Rio Vermelho¹³, em Japarutuba, a 5 de julho de 1804. Homem de

¹³ Nota do autor: Um de seus sobrinhos me afirma haver o Comendador nascido na Vila de Santo Amaro.

grande atividade e lúcida inteligência, foi advogado, proprietário rural e diretor de várias empresas de melhoramentos locais. Faleceu em Sergipe, a 24 de março de 1872. Gozava de grande estima e de grande popularidade. Era comendador da Imperial Ordem da Rosa e cavaleiro da Ordem de Cristo, por serviços relevantes prestados a Sergipe. Pedro II o admirava muito. Era de alta estatura, robusto sem corpulência, constituição sanguínea, alvo, cabelos castanhos claros quase ruivos, muito chão no viver, bonachão no tratar. Uma particularidade notável: não tinha apego ao dinheiro: quanto ganhava, gastava consigo ou com os necessitados. Um tipo moral superior, portanto. Em 1856 fundou e redigiu em Santo Amaro o jornal *O Conciliador*¹⁴, em cujas colunas propagava com ardor a liga dos partidos políticos, que impediam o desenvolvimento da Província com suas exaltações e disputas. Mas muito antes já se fizera conhecido, na regência e no segundo reinado. Como que sintetiza esse homem inteligente e patriota um espírito nobre de revolta contra retrógrados mandões da querida terra. Em 1865 publicou a *Navegação dos Rios Pomonga e Japarutuba*, e em 1875, depois de sua morte, publicavam-se os *Apontamentos históricos e topográficos de Sergipe*¹⁵, obra também de sua lavra. Eis aqui algumas e textuais palavras desse grande lidador:

Nesse ano (1856) apareceu o programa político de conciliação, apresentado pelo governo imperial, e o presidente convidou-me a propalar as idéias que eu adotava, e então passei a publicar na Vila de Santo Amaro o jornal *Conciliador*, cujo prospecto foi aquele programa de conciliação, mostrando a necessidade de se acabar com os partidos e influências nocivas deles, a fim de cuidar-se dos melhoramentos materiais de que tanto precisava a Província, que não podia prosperar, por causa desses partidos de índole de família, que tanto

¹⁴ O primeiro número saiu em 1º de julho de 1856

¹⁵ O Comendador Travassos entregou um exemplar, manuscrito, ao Imperador Pedro II, em Aracaju, em 1860.

a dilaceravam, devendo substituí-los uma política
larga, generosa e tolerante.

ANTONIO GERVASIO DE SÁ BARRETO – Advogado e jornalista em Aracaju. Nasceu em Itabaiana a 5 de outubro de 1873. Fazendo o curso de humanidades em Laranjeiras, estudou depois consigo mesmo várias disciplinas literárias e científicas. Foi promotor público em Maruim e na Capela, procurador fiscal e deputado estadual em duas legislaturas. Fixando residência em Aracaju, dedicou-se à advocacia e ao jornal, especialidades para as quais tem decidida vocação. Homem de baixa estatura, de delicada compleição física e de grande lucidez de inteligência, dotado de excelentes atributos morais, entre os quais predominam a energia e a vontade, redigiu em Laranjeiras *O Cotinguiba*, *O Novo Século* e *O Município*, e em Aracaju colaborou fortemente no *Estado de Sergipe*, na *Folha de Sergipe* e no *Diário da Manhã*. Ultimamente, vencendo mil obstáculos, conseguiu fundar na capital sergipana uma revista ilustrada – *Vida Sergipana*¹⁶, brilhante e duplo atestado: de força de vontade máscula e amor muito grande ao jornalismo. Escreveu um interessante livro sobre a poesia popular em Sergipe, do qual já publicou alguns excertos na imprensa de Aracaju. É major da guarda nacional, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Sergipano e secretário do Tribunal de Relações de Sergipe. Do seu valimento literário dá uma nítida idéia a transcrição seguinte, da *Vida Sergipana* de 3 de novembro de 1912:

Crônica

Passou ontem o dia de finados, a mais piedosa data e a mais humana memoração que os homens cultos preiteiam.

Na morada triste em que vicejam os goivos, no terreno santo da “morgue”, orvalhado pelas lágrimas, os mortos receberam ontem a visita dos vivos.

Sublime comunhão da vida com a morte, esta festa da saudade exprime o que de mais delicado e afetivo existe no coração do homem.

É bem certo que na terra revolta do campo santo, sob o mármore dos mausoléus, não há ouvidos que ouçam os soluços, nem bocas que respondam às saudações, nem mãos que recolham as flores; mas é por isso mesmo que esse culto assume um caráter mais nobre e requintado.

Que somos nós senão a herança dessas gerações que dormem o eterno sono nessa cidade triste da Morte?

Que são essas brancas ossadas, senão as raízes da vida que palpitam em nosso ser?

Que são os túmulos senão os casulos de onde partimos, em revoada, como outras borboletas, efêmeras e frágeis, para o túmulo da existência?

Assim entendido, o culto dos mortos é a prestação de uma dívida que não se extingue, porque se prolonga na continuidade da vida, passando de geração em geração.

É nisso, sobretudo, que se distingue o homem civilizado do resto dos seres.

A ave abandona o ninho onde se emplumou e, uma vez senhora do espaço, não recorda a árvore amiga onde balouçou o seu berço.

Só o homem culto guarda o preito às aras do passado e volta piedosamente a rever com saudades o sagrado sítio onde jazem os restos dos seus maiores.

O dia de finados é, por isso, o mais precioso documento da civilização.

ANTONIO JOAQUIM ALVES DO AMARAL – Comendador. Foi o 18º presidente da antiga Província. Tomou posse a 15 de abril de 1845.

ANTONIO LEONARDO DA SILVEIRA DANTAS – Padre e político. Nasceu em Sergipe, que presidiu em março de 1896,

como presidente da Assembléia, na ausência do presidente eleito, coronel Valadão. Deposto a 4 de setembro, foi repostado no dia seguinte pelo governo federal. Homem de baixa estatura, mas de vigorosa constituição, um tanto coxo, pleno de inteligência e de erudição, foi excelente pregador em quase todas as cidades sergipanas, onde é muito conhecido e estimado.

ANTONIO MILITÃO DE BRAGANÇA – Clínico em Laranjeiras, onde nasceu a 31 de julho de 1860. Seguindo para a Bahia a fim de estudar humanidades, ali se formou em medicina em 1883. Embarcou então para o Rio, onde durante quatro meses freqüentou os hospitais e a policlínica, que se acabava de fundar. Clinicou um ano em Laranjeiras, seguindo depois para a cidade de Pão de Açúcar (Alagoas), onde conseguiu numerosa clientela, dessa e das vizinhas Províncias. Por exigências da família, voltou à cidade natal em 1902, onde hoje tem uma vasta clínica, que abrange quase todo o Estado. É médico do hospital de caridade e delegado de higiene. Homem de regular estatura e robusta constituição, muito inteligente e culto, dedicado de corpo e alma à sua especialidade, publicou em 1912 um interessante folheto, sobre a epidemia de *Variola em Laranjeiras*. Dele tiramos as seguintes e iniciais palavras, para dar uma idéia do escritor:

Por entre cansaços e tristezas, quase, talvez, no término de meu tirocínio clínico, forçaram-me as circunstâncias a enfrentar de perto o quadro tétrico em que, com cores negras, se desenharam os horrores por que passou Laranjeiras, assolada por espaço de oito longos meses pela não há muito extinta epidemia de varíola, de amargas, pungentes e dolorosíssimas recordações.

Pesadíssimo tributo pagou esta velha terra a tão terrível morbus, roubando-lhe este vidas preciosas, ceifando-lhe esperanças legítimas, aniquilando-lhe o comércio de há muito freqüentado, cerceando-lhe, finalmente, todas as manifestações de sua vida social e material.

ANTONIO MUNIZ DE SOUZA – Naturalista e filósofo. Bisavô de Tobias Barreto. Nasceu em Sergipe mais ou menos em 1790, dedicando-se ao estudo das ciências naturais. Acrescentava sempre ao seu nome o título de *Homem da Natureza*, pelo qual era vulgarmente conhecido. Em 1834 publicou o volume I da sua *Viagem e Observações de um Brasileiro*. Faleceu em 1840 mais ou menos. Em 1845 um seu amigo lhe publicava as *Máximas e Pensamentos*. E em 1846 foi oferecido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro mais uma das suas obras – *Descobertas Curiosas*. Aí lhe vem acrescentado o sobrenome de *Oliveira*.¹⁷

ANTONIO MUNIZ TELES – Teólogo, orador sacro e latinista profundo. Nasceu em Laranjeiras.

ANTONIO PEDRO DA SILVA MARQUES – Magistrado. Nasceu em Sergipe, formando-se em direito no Recife. Foi juiz municipal em Socorro, e logo depois deputado provincial. Passando a residir em Pernambuco, aí foi juiz de direito, chefe de polícia no governo Barbosa Lima, questor¹⁸ policial por muito tempo, desembargador do Supremo Tribunal de Justiça, vice-governador do Estado e presidente do Senado. Eleito deputado federal por Sergipe, revelou-se um orador fluente e capaz. Homem de fraquinha constituição, sucumbiu inesperadamente, ainda moço. Seu *relatório*, como questor policial em Pernambuco, mereceu dos competentes os mais lisonjeiros comentários.

ANTONIO PEREIRA MARINHO – Capitão-mor em 1790, dois séculos depois da conquista por Cristóvão de Barros.

ANTONIO PINHEIRO DE CARVALHO – Administrador de Sergipe desde 1607. Coube-lhe a idéia de mudar a cidade de S. Cristóvão, do outeiro junto ao rio Poxim, onde havia sido construída, para uma elevação mais própria, nas margens do Piramopama, afluente do Vaza-barris, onde se deu a invasão

17

¹⁸ Nome dado a Antigo magistrado romano.

holandesa em 1637. A 19 de maio de 1611 foi substituído por João Mendes.

ANTONIO PREGO DE CASTRO – Foi o primeiro sergipano que teve a glória de dirigir os destinos de Sergipe¹⁹. Homem riquíssimo, descendente do célebre explorador e fazendeiro Belchior Dias²⁰, morreu pobre, por se haver envolvido em uma ação sobre a administração do morgado da Capela do Desterro do Rio Real. Espírito inteligente, foi educado por um professor vindo de Portugal. Tinha foros de fidalgo. Era sargento-mor, sendo nomeado em junho de 1878 capitão-mor da capitania, em substituição a João Munhos.

ANTONIO RIBEIRO PACHECO D'ÁVILA – Magistrado. Nasceu na Estância, mais ou menos em 1840, bacharelando-se em direito no Recife. Foi em tempo magistrado integérrimo, sendo hoje advogado no interior de Minas Gerais e homem de grande conceito e valia.

ANTONIO DE SIQUEIRA HORTA – Industrial e chefe político. Homem de alta estatura e de robusta constituição, proprietário do engenho *Junco*, município de Laranjeiras, onde gozava de real influência. Era dotado de predicados morais bastante nobres, a que deveu ele a alta posição atingida no Estado: chegou a vice-presidente de Sergipe, tendo mesmo estado em exercício, em época quase revolucionária. Foi um dos signatários do manifesto republicano de Laranjeiras e fez parte da 1ª junta governativa, aclamada e empossada a 17 de novembro de 1889, sendo vice-governador em exercício a 25 de dezembro de 1890.

ANTONIO TEIXEIRA FONTES – Sergipano²¹.

¹⁹ Como Capitão-Mor, de 1678 a 1679.

²⁰ Belchior, também dito Melchior, Dias Moréia.

²¹ Magistrado, desembargador do Tribunal de Relação de Sergipe.

ANTONIO VIEIRA – Capitão-mor, nomeado por carta régia de 19 de julho de 1713. esteve em exercício até 1717.

APULCRO MOTA – Jornalista de grande mérito em Aracaju. Nasceu em Sergipe a 7 de outubro de 1857. Entrando muito jovem para o funcionalismo público, foi sucessivamente subindo, graças à sua atividade e inteligência, até atingir à posição de inspetor da alfândega. Foi secretário geral do Estado de Sergipe, presidente da Assembléia, como tal chegando a entrar no exercício de presidente do Estado a 14 de agosto de 1899, com a renúncia do Dr. Martinho Garcez. Homem de alta estatura e de robusta compleição, inteligente e ativo, ardoroso e enérgico, tem para o jornal uma decidida vocação. Foi em tempo político influente e apaixonado, sempre, porém, visando a grandeza da terra natal. Hoje, retirado da política, dedica-se de corpo e alma ao *Diário da Manhã*, jornal de grande circulação e estima em Aracaju, e por ele fundado e redigido. E aí, com uma coragem estoica, se tem dedicado às mais sérias e urgentes necessidades do Estado, como por exemplo o inadiável melhoramento do porto. Por isso mesmo goza de real influência em Sergipe. Também foi o fundador da *Gazeta de Sergipe* e redator do *Eco Liberal*, de *A Reforma* e do *Jornal de Sergipe*. É coronel da Guarda Nacional e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Sergipano, ao qual prestado há serviços relevantes. Entre os jornalistas em atividade em terras sergipanas é sem questão figura de destaque. Um exemplo sugestivo e brilhante, do *Diário da Manhã* de 9 de abril de 1911:

O momento político

Não é ocioso insistir na condenação dos processos políticos que estão postos em jogo, entre governistas e oposicionistas, para a solução do intrincado problema da sucessão presidencial.

Mais de uma vez temos tornado claro que, por uma deprimente inversão dos princípios elementares do regime a que obedecemos, os dirigentes dos nossos destinos não querem solicitar

ao povo o mandato que os habilite a se apoderarem das posições que pretendem desfrutar.

Ao invés deste passo, que é o único meio legítimo, o caminho único para a conquista do poder, preferem entregar ao arbítrio dos poderosos nomes da República a decisão de um litígio da competência privativa do elemento popular.

É o que informa a imprensa interessada no pleito, é o que dizem, lado a lado, os satélites e caudilhos das facções em dissídio: o problema da sucessão presidencial de Sergipe está entregue ao arbítrio do marechal presidente da República.

Não pode haver para os caracteres ainda não atingidos pela degeneração que lavra nas regiões políticas, maior tristeza, vergonha maior.

Esta geração que vai escalando pela vida afora, há de deixar aos filhos o legado da mais abjeta escravidão.

O espetáculo que oferecemos aos olhos da mocidade é o de uma multidão de cervizes dobradas, no culto da humilhação.

Aqui, é o povo ludibriado e escravo, despojado dos seus direitos e sem ânimo de reagir; mais acima, são os que tiranizam o povo, curvados por sua vez ante o poder supremo, beijando as plantas do pontífice máximo do país e da famulagem de sua prirvança.

E em todo esse estendal que a visão interna da consciência abrange, só há a escravidão espontânea e satisfeita, pior do que a plebe romana, porque esta ainda tinha a coragem de exigir “panem et circenses”.

E parece não haver um reativo prático e pronto para essa enfermidade moral. O caráter se atrofiou; os órgãos da reação estão anquilosados. Perdeu-se a noção da dignidade cívica.

Nesta deplorável situação em que jazemos, só há um partido a tomar: é definir o momento em toda a sua crueza, pondo em relevo todo o aviltamento que nos desonra, para deixar este quadro à

posteridade, com o encargo de remir os nossos vícios e fugir dos nossos exemplos.

Se nossa voz tivesse eco nas alturas do governo, imploraríamos em nome da dignidade de Sergipe, que reagisse, mesmo sem esperança, contra o avassalamento dos direitos do povo.

ARAÚJO FILHO, JOSÉ M. MACHADO DE A. F. – Poeta. Nasceu em Sergipe, onde estudou as primeiras letras, sob a direção de Baltazar Góes. “A inteligência desenvolveu-se-lhe tardiamente, mas segura e boa”. O soneto seguinte, de uma espontaneidade que encanta, dá-lhe uma idéia da lira maviosa e sedutora:

Antes e depois

Transparecia nela tal candura,
Tanta inocência, ingenuidade tanta,
Que às vezes, em lugar de criatura,
Supunham, com razão, ser uma santa.

Via-a crescer. Um riso de tristeza,
Que nessa idade sempre nos espanta,
Tornava essa criança uma pintura
Que quanto mais se vê, mais nos encanta.

Algum tempo se havia já passado
Quando lhe assisti às bodas do noivado,
Deste dia feliz, de amor, de gozo...

E, em vez daquele riso de tristeza,
Nos lábios, com alguma travessura,
Brincava-lhe um sorrir malicioso.

ARQUIBALDO RIBEIRO – Sacerdote. Nasceu na Estância, mais ou menos em 1887, formando-se em cânones e ordenando-se em Roma ainda aos verdes anos. Publicou um belo livro, editado em Paris em 1912, *As Maravilhas de Lourdes* à face da ciência e da História, e também uma brilhante tradução da *Flor Exótica*, do escritor colombiano Rivas Groot. Dessa tradução, editada em

Tours, tiraram-se seis mil exemplares. Não conheço pessoalmente o erudito religioso sergipano, mas o fato de ser ele presentemente secretário particular do Arcebispo Metropolitano de S. Paulo, é uma prova evidente de grande valor intelectual e religioso. Do escritor e do homem moral se tem uma sugestiva prova com a seguinte e fulgente defesa, desse escritor genial que é Gilberto Amado:

Gilberto Amado

Minha visita a Gilberto Amado, no curso de julho, fortemente acendrou a velha amizade que de há muito eu lhe consagrava. Crianças, meninos ainda, abraçamo-nos certa vez na Estância, neste delicioso e querido recanto do sul do Estado de Sergipe, que é o nosso torrão natal.

Ficamo-nos querendo bem.

Eu cursava preparatórios na Bahia, e ele revelava talento e colhia louros nos principais colégios de Aracaju. Separados, fui para muito longe, onde vi realizada a plenitude sagrada de meu ideal de moço, e Gilberto ficou no país, trabalhando sempre cheio de coragem e sempre cheio de vitórias. Passados anos, encontrei-o numa alta posição de destaque, enchendo o Brasil com seu nome festejado, inspirando respeito e amor no espírito dos homens superiores e assanhando o despeito e a inveja no círculo das celebridades balofas e baratas. De fato, como porfiosas lhe foram as campanhas dos pequeninos!

Aos vinte e poucos anos de idade, gozando de uma juventude fecunda e gloriosa, Gilberto Amado, professor de nomeada e deputado federal, filósofo erudito e escritor notável, havia de despertar, por força, as malquerenças e as iras dos invejosos sem mérito!

De um temperamento combativo, triunfantemente tem subjugado os obstáculos de sua carreira!

E nessas lutas não raro lhe ferveu o sangue revoltado, diante das iniquidades humanas. Esqueceu, de quando em quando, como todo moço esquece, os ditames calmos da razão, para ceder a violência do sentimento, funda e justamente abalado.

Foi sempre um orgulhoso, dizem, de sua personalidade genial. Se é certo, não louvo o defeito. A humildade é a suprema beleza do homem privilegiado.

A consciência do valor sem embargo, acostuada a rebater os ataques impetuosos dos nulos, no geral dá a quem a possui, e Gilberto Amado a possuía com grandes e fulgidas vantagens, essa inflexibilidade poderosa, que foi a nota característica do espírito culto de Tobias Barreto. Gilberto, formado na escola dos fortes, era de uma fortaleza decisiva!

Todo o mundo recorda aquela noite triste em que uma afronta de Aníbal Teófilo causou duas desgraças irreparáveis: Aníbal aviltara a dignidade de Gilberto. E Gilberto, o literato ardente e de valor, não teve a tranqüilidade da alma, aliás, muito cruel e muito difícil no memento, para postergar a injúria de Aníbal Teófilo, o literato indelicado e leviano.

Sentiu-se amesquinhado, diante da própria esposa estremecida e amada, diante dos amigos que se agrupavam nos salões claros de uma festa pública.

E querendo defender a honra, de verdade ultrajada, feriu de morte o agressor atrevido.

Duas infelicidades se fundiram: Aníbal na escuridão sombria de um tumulto, e Gilberto na reclusão silenciosa de um cárcere.

E se o mavioso poeta rio-grandense é criador de piedade, o eminente escritor sergipano não merece as torpes apreciações, esvurmadas pela imprensa sem justiça e pela coligação dos homens letrados.

Os adversários, sobretudo os *de ocasião*, apareceram, na tentativa devoradora de eliminar um rival poderoso, com o insulto e o impropério.

Felizmente, o fragor dessa campanha formidável não perturbou um só minuto o espírito sobranceiro do ilustre deputado! Ninguém melhor do que ele, e a “Chave de Salomão” é um luminoso atestado, conhece e sabe desdenhar as anormalidades do juízo trêfego dos homens, arvorados em tribunais gratuitos, onde o ciúme e a maldade imperam.

Gilberto, um provinciano do Norte, fora uma revelação para a capital da República. Atraiu a atenção dos sábios e dos eruditos. Os literatos da metrópole sentiram a realidade do mérito. À proporção que a inteligência do conterrâneo ilustre resplandecia nas colunas de *O País*, mais densa se tornava a vaga espumante de seus inimigos – os inimigos da superioridade.

E é este o homem para quem o jornalismo do Rio, cedendo à influência de espíritos enciumados, abriu uma campanha de ódio e de desprezo.

Para tal imprensa, a catástrofe do saguão do *Jornal do Comércio* era um crime sem atenuante. E para acentuar a culpa, a lembrança de Aníbal Teófilo vestiu todos os brilhos de uma verdadeira apoteose: era um justo, um imaculado, um santo!

No entanto, personagens de responsabilidade me têm assegurado, e todo mundo sabe, que Aníbal Teófilo, materialista e ateu, sem alma, sem fé, separado da esposa e sem amor para com os próprios filhos, vazio dos sentimentos nobres de família e do homem de bem, era contumaz em despejar sobre Gilberto a bÍlis de um ódio travante e inferior. Por toda parte o insulto, em todos os encontros o deboche. Longe de dar uma nota da mais preliminar educação, o poeta não respeitou, no *Jornal do Comércio*, nem o lugar, nem mesmo a senhora ilustre, esposa dedicada, que Gilberto trazia ao braço.

A afronta brotou inÍqua, e a defesa como uma fatalidade!

Carlos de Laet, essa inteligência perfeitamente equilibrada, sóbrio quando não

rigoroso em seus juízos, certo dia me falou de Gilberto Amado com intenso carinho e apreço, mau grado divergências sensíveis em matéria de filosofia e estudo.

Admirava os méritos incontestados do publicista sergipano, que, no meio da geração moderna dos intelectuais brasileiros, quase todos *literatos sem literatura*, primava pelo talento e pelas verdadeiras conquistas da glória de escritor. Há tempo, fora alvo de seu voto franco e leal para a entrada na Academia de Letras.

De Aníbal Teófilo, depois de dizer-me quanto dele sofrera Gilberto, que desfeitas inúmeras atirou ao abandono infâmias mal contidas, concluiu com esta exclamação: *era um boêmio crapuloso!*

No mundo político, Gilberto foi sempre respeitado e querido. Poucos meses estive na Câmara, e foi suficiente para aparecer e destacar-se na primeira linha de ação, onde figuram deputados da mais alta respeitabilidade nacional.

A justiça e o coração mandam lamentemos o desastre.

Se Gilberto Amado, que breve será submetido a julgamento, não tem os meus aplausos, para ele se convergem meus sentimentos de amigo, de amigos dos bons e dos maus tempos, que vê na catástrofe que lhe amargurou a vida um triste infortúnio, mas, em ocasiões e circunstâncias idênticas, repetido em muitos homens de bem e de dignidade. É o destino!

A existência é um direito inviolável; infelizmente há quem a exponha, deslembado de que a História a cada página nos ensina que simples ameaças têm enublado espíritos calmos de ordinário, os quais, como dizia H. Bluchner, espezinhados pela injúria, alucinados por uma vingança indomável, defendem, fora de si, a honra e o nome com o punho e com a bala.

A vida do homem, escreveu Spencer, é o hábito. E Gilberto Amado tem o hábito da bondade e da virtude.

Fazemos votos, portanto, para que o talentoso deputado estanciano volte, dentro de pouco, ao convívio de seus pares, ao campo da vida pública, para trabalhar com esforço pela prosperidade de Sergipe e pela grandeza do Brasil.

01-02-1916.

ARISTIDES FERREIRA BANDEIRA – Bacharel. Foi o 50º presidente da antiga Província. Tomou posse a 27 de julho de 1885.

ARTHUR DA SILVA REGO – Magistrado. Nasceu em Aracaju, formando-se em direito no Recife. Seguindo a magistratura, foi promotor em Palmares e Nazaré, advogado em Recife, juiz de direito em Taquaretinga e Caruaru, e finalmente, no Recife, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. É homem de talento, cheio de nobres qualidades morais, magistrado honesto e puro.

ARTHUR FORTES – Poeta. Nasceu em Sergipe e é ainda muito moço. Conversa admiravelmente bem. Tem gosto e jeito para as belas letras, havendo já publicado um livro de versos – *Evangelho de um Triste*. Franzino na constituição, é no entanto um forte nas qualidades intelectuais.

ARTHUR XAVIER MOREIRA – Militar e engenheiro. Nasceu em Laranjeiras a 9 de outubro de 1871, alistando-se no exército em 1890. Foi promovido a 2º tenente de artilharia, em 1894; a 1º tenente de engenharia, em 1908; a capitão, em 1909. Tem o curso de estado maior e de engenharia. Em 1893 bons serviços prestou à causa legal. Homem de regular estatura e forte constituição, cheio de inteligência e de força de vontade, foi um dos engenheiros construtores da vila militar Deodoro, no Rio de Janeiro, gozando na sua arma de grande simpatia.

ASCENDINO ÂNGELO DOS REIS – Médico e educador. Nasceu em S. Cristóvão, provavelmente em 1847, porque se formou em medicina na Bahia aos 27 anos de idade, em 1874. Não dispondo de recursos materiais, buscou tirar do magistério particular os meios de que necessitava para a desejada formatura. A Província então lhe adiantou, por empréstimo, uma pequena quantia, prontamente paga logo depois, com os recursos adquiridos em sua clínica. No *Ateneu* de Aracaju foi lente de inglês e de história. Também professou na Escola Normal, e foi médico do exército. Em 1879 inaugurou e manteve durante quatro anos, em segura direção, o *Parthenon Sergipense*²², internato e externato, onde se habilitaram centenas de moços distintos. Daí saíram João Ribeiro, Fausto Cardoso e Gumercindo Bessa, além de muitos outros, a quem o Dr. Ascendino dispensou favores de toda a ordem. Passou depois a residir em S. Paulo. Era um excelente educador.

AUGUSTO CÉSAR DA SILVEIRA – Oficial superior da marinha. Foi o 2º governador provisório de Sergipe, depois da República. Sua posse data de 17 de agosto de 1890.

AUGUSTO FRANCISCO RAMOS – Bacharel em direito. Sendo 3º vice-presidente, tomou posse da presidência a 20 de junho de 1863.

AVELINO DE MEDEIROS CHAVES – Capitalista residente no Acre. Nasceu na cidade da Capela, mais ou menos em 1872, alistando-se no exército em 1890. Tendo baixa do serviço dez anos mais tarde, depois de já ser oficial, fixou residência no Amazonas e depois no Acre, onde hoje é proprietário, capitalista, sub-prefeito e coronel da Guarda Nacional. Homem de regular estatura e delicada constituição, de grande atividade e jeito para negócios de vulto, em pouco tempo conseguiu se impor à população do Acre, tendo ali real e sólida influência. Espírito

²² Escola secundária de Aracaju.

observador e progressista, muito viajado, tem prestado àquela região serviços de conta e valimento. Em 1893 ótimos serviços prestou à causa legal, tendo como recompensa a sua promoção ao posto de alferes.

B

BALTAZAR DE QUEIROZ – Foi o primeiro capitão-mor que teve Sergipe, depois que passou de novo ao domínio português. Foi provavelmente nomeado em 1648. E como a nomeação era feita por triênio, em 1651 foi substituído pelo capitão João Ribeiro Vila Franca.

BALTAZAR GÓES – Célebre professor e educador, em Laranjeiras e no Aracaju. Nasceu em Itaporanga, em 1853. Fez seus primeiros estudos no *Ateneu Sergipense*, repelindo em 1873 uma subvenção provincial, a fim de ser admitido no seminário da Bahia. Em 1877, com a morte do pai, tomou a si os encargos da família, sendo por concurso funcionário público. Foi daí demitido, por haver perguntado algumas vezes, a um chefe ignorante, se devia copiar as minutas com os erros de gramática que citava. Homem de regular estatura e constituição, pleno de inteligência e de cultura lingüística, como também de notáveis predicados morais, foi professor público de francês e aritmética, diretor de colégio em Laranjeiras, e depois professor de línguas no Aracaju. Tinha uma queda especial para o magistério, a que se dedicou com vantagem toda a sua vida. Nunca foi excedido na severidade e na justiça do julgar. Verdadeiro Catão, de uma feita reprovou em exame a própria filha do governador do Estado. Moralmente, era um tipo superior, agigantado mesmo. Publicou a *História da República em Sergipe*, *Apostilas de Pedagogia*, *Zuca* e a *Biografia de Horacio Hora*, tendo inéditos diversos e interessantes trabalhos didáticos, inclusive uma excelente *Gramática da Língua*

*Portuguesa*²³. Era considerado como um dos mais competentes educadores que tem tido Sergipe nestes últimos tempos. Faleceu em Aracaju em 1913. Da maneira de escrever do educador insigne damos aqui um bom exemplo, com as seguintes palavras, da *Biografia de Horacio Hora*:

Se algum parente ou amigo do infeliz pintor sergipano quiser um dia visitar a sua sepultura, poderá sem dificuldade encontrá-la no cemitério de Leste – Pére Lachaise, com as seguintes indicações:

Número de concessão; 61.811; 4ª divisão; 1ª secção; 4ª linha.

Sobre o esquife, de carvalho, está fixada uma placa de chumbo, com a inscrição de seu nome, prenome e indicações necessárias para reconhecê-lo.

Descansa na paz do túmulo da família de seus mais fiéis amigos, dessa nobre e generosa França, onde aperfeiçoou o seu talento artístico.

Sua família é pobre; não lhe pode erigir um monumento; e, quando pudesse ter essa vaidade, não devia realizá-la, roubando o direito à pátria, a quem pertencem, de preferência, os homens que se elevam, por seus talentos e virtudes, acima do nível comum.

Baltazar Góes foi também um ardente propagandista republicano, fazendo parte do governo de Sergipe, ao ser aí proclamada a República.

BALTAZAR VIEIRA DE MELO – Médico. Nasceu em Divina Pastora, formando-se em medicina no Rio de Janeiro, onde clinicou ao lado de Moncorvo e Silva Araújo. Redigiu a *Gazeta Médica* do Rio. Era homem de superior inteligência, sobremodo cultivada em assuntos médicos.

BELQUIOR DIAS MOREJA – Ousado explorador de usinas brasileiras no século XVII. É o rei da ação em terras sergipanas.

²³ A *Gramática* foi divulgada como Apostila.

Nasceu em 1542 na Bahia, tomou parte na conquista de Sergipe em 1590, acompanhando a coluna de Cristóvão de Barros. Fixando depois residência na terra conquistada, edificou a capela onde hoje se acha a vila de Campos, nas margens do rio Real. Homem inteligente, audacioso e de grande atividade, iniciou a profissão pastoril em Sergipe, tornando-se em pouco o maior fazendeiro do tempo. Desejou muito ser Barão. Tinha foros de fidalgo, e foi o tronco da grande família sergipana dos Caramurus²⁴. Seus descendentes muito se ramificaram, constituindo diversos e importantes apelidos: Pregos, Dias, Ávilas e Fonseca Saraiva. Instituiu um morgado que ocasionou sérias contendas, trazidas até aos dias do Império²⁵. Morreu em sua fazenda de Jabeberí às margens do rio Real, em 1622, na avançada idade de 80 anos, deixando um filho, Rubelio Dias, havido com a índia Lourenza, da aldeia do Gerú. Foi um grande pesquisador de minas, centro do grande movimento da mineração do Tempo. E como com a busca de ricos minerais vinha fatalmente a colonização, pode-se dizer, sem receio de contestação séria, haver sido ele o maior e mais sensato colonizador das terras fertilíssimas, por Cristóvão de Barros conquistadas bravamente aos gentios do século XVII. Foi várias vezes a Portugal em serviço de minas; e à sua fazenda afluíram os exploradores de então, onde a honra teve ainda de receber o governador da Bahia e também o de Pernambuco.

BEMVINDO PINTO LOBÃO (Dr.) – Homem de grande inteligência, sergipano de nascimento²⁶.

BENILDE ROMERO – Magistrado integérrimo. Nasceu em Sergipe em 1858 e era irmão de Silvio Romero. Formando-se em direito no Recife, abraçou a magistratura, para a qual tinha especial vocação. Chegou à elevada posição de desembargador da relação de Aracaju, onde faleceu há poucos anos. Homem de grande talento e de superior cultura, dotado de excelentes qualidades

²⁴ Também conhecido como o Moribeca.

²⁵ Ligou-se as lendárias minas de prata de Itabaiana.

²⁶ Foi magistrado.

morais, tinha em seu tempo grande influência, assim na magistratura como nas letras.

BENTO DE MELO PEREIRA, *Barão de Cotinguiba* – Agricultor, natural de Sergipe, coronel da guarda nacional. Tomou posse da presidência de Sergipe a 9 de março de 1836 e, pela segunda vez, em 8 de setembro do mesmo ano.

BENTO JOSÉ DE OLIVEIRA – Capitão-mor em 1776. Passou a administração em 1782 ao coronel José Caetano da Silva Loureiro.

BERNARDINO ANTONIO DO AMARAL – Militar honesto e bravo. Nasceu em Sergipe a 9 de outubro de 1867, alistando-se no exército em 1885. Foi 2º tenente de artilharia, em 1890; 1º tenente, em 1893; capitão por bravura, em 1898; major por merecimento, em 1910. Bacharel em matemáticas, ciências físicas e naturais, formado em odontologia e engenheiro militar. Em 1893 serviu com bravura à causa legal, e em 1897, em Canudos, confirmou brilhantemente essa notável qualidade moral. É de média estatura, de robusta constituição, de lúcida inteligência e de uma firmeza inquebrantável. Poeta lírico, tem composto e publicado boas composições poéticas. Também tem grande amor à música e é um hábil cirurgião-dentista. Serve atualmente na guarnição do Rio, onde é sobremodo estimado pelas suas grandes qualidades morais.

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA – Jornalista e professor. Nasceu em Vila Cristina²⁷ (Engenho Murta), a 8 de fevereiro de 1875, formando-se em direito na Bahia em 1904, depois de um curso brilhantíssimo, com 14 distinções. Tinha então 19 anos de idade apenas. Foi o orador da turma, produzindo uma oração, publicada depois em folheto, que foi uma verdadeira revelação oratória. Abraçando o magistério, foi em 1905 professor de geografia no ginásio *Carneiro Ribeiro*, onde estudara

²⁷ Antiga Chapada, ou Chapada dos Índios, hoje Cristinápolis.

humanidades, e também no instituto de ciências e letras. Em 1906 foi nomeado por concurso professor de direito público, internacional e diplomacia, sendo hoje lente extraordinário da 1ª seção. Homem de baixa estatura mas forte, inteligentíssimo e de notável cultura científica e literária, tem prestado às letras e à pátria, apesar de sua pouca idade, os mais assinalados serviços. Deputado provincial em 1906, reeleito depois, mostrou-se à câmara baiana um orador diserto e fluente, assim como um lutador valente e tenaz. Delegado do Instituto Histórico Baiano ao 1º congresso de geografia em 1909, leu duas excelentes memórias, hoje em folheto, ambas aceitas e elogiadas: *Nomenclatura Geográfica Peculiar ao Brasil* e *Remodelação do Ensino de Geografia*. Ao 3º congresso remeteu um estudo sobre *Limites do Brasil*. Em 1911 dirigiu a cadeira de geografia do Educandário dos Perdões. Em 1912, comissionado pelo Instituto Histórico, produziu um excelente discurso sobre o Barão do Rio Branco, publicado depois em folheto, e remeteu para o congresso de geografia de 1913 uma interessante memória – *Esboço Corográfico de Pernambuco*. Colaborou no *Diário da Bahia* e assiduamente no *Jornal de Notícias*, em cujas colunas mantém duas secções: *Leituras Geográficas* e *Pelo Mundo*. Além dos folhetos já referidos, publicou a *Corografia do Piauí* e *Por Mares e Terras*, tendo em preparo a *Geografia Geral* e a *Corografia do Brasil*. Esse lidador infatigável e competente é sócio do Instituto Histórico Baiano e do de Sergipe, do do Ceará, da sociedade de geografia do Rio e ainda da The National Geographic Society de Washington. As seguintes palavras, começo de seu discurso em homenagem a Rio Branco²⁸, dão uma idéia do orador e escritor:

Senhores!

Contam-se hoje 18 anos de fecunda existência para esta tenda de luz e trabalho.

Os sentimentos jubilosos, que nesta fausta data nos senhorearam sempre os recessos da alma, recatavam-se num discreto silêncio, quando se

²⁸ Barão do Rio Branco, falecido em 1912.

memorava a vida dos companheiros tomados em meio do áspero caminhar.

A nossa comemoração resumia-se em ofícios de piedade e votivas oblações do nosso reconhecimento e de nossa saudade: magnífica lição de virtudes cívicas aos que ficavam a lustrar a trilhada íngreme e embalsada de tropeços, retemperando-lhes o ânimo nos lances adversos da fortuna.

São da mesma essência as homenagens de hoje.

Pertencem a Rio Branco, um símbolo.

E por isso o “Instituto Histórico e Geográfico da Bahia” inclina-se reverentemente ante a imagem do vulto homérico do excelso brasileiro. Depõe junto às aras da pátria os tributos de sua inextinguível admiração pelo mais amado de seus filhos ilustres, numa justíssima apoteose de amor.

BITENCOURT SAMPAIO, *Francisco Leite de B. S.* – Poeta lírico de grande merecimento. Nasceu em Laranjeiras em 1836, formando-se em direito em S. Paulo em 1859. Em 1863 foi eleito deputado geral, sendo reeleito na legislatura seguinte. Presidiu a Província do Espírito Santo em 1867. Foi advogado no Rio de Janeiro, e diretor da Biblioteca Nacional, que reformou com vantagem, logo depois da proclamação da República. Homem de talento superior e de notável cultura literária, dedicou-se com ardor assim à poesia como ao espiritismo. Publicou os seguintes livros: *Flores silvestres*, *A não da liberdade*, *Cartas d'além túmulo*, *A divina epopéia*, *Evangelho de S. João*, *O poema da escravidão*, etc. Foi um dos mais distintos colaboradores das *Lamartianas*, poesias de Lamartine em tempo traduzidas por poetas brasileiros. Faleceu no Rio de Janeiro de 1896. Era de alta estatura, louro, pálido, olhos grandes e azuis, longos cabelos, uma verdadeira figura de poeta. A seguinte poesia, de sua lavra, é um brilhante atestado do seu valor literário:

A Cigana

Lá corre a morena, levando faceira
Na cinta punhal,
Veloz como a ema saltando ligeira
Por montes e val!

Gentil, engraçada,
Dissere's levada
Por arte de amor!
Agora fugindo,
Sorrindo
Inocente
Lá vai de repente
Pulando...
Brincando...
Falando...
No prado co'a flor.

A linda trigueira cansada sentou-se
No verde tapiz;
Mas – logo – um momento de pé levantou-se
Contente e feliz.

– “Travessa menina,
Vem ler minha sina,
Não fujas, vem cá!”
Chegou-se a cigana,
Que engana
Inocente
Com ditos a gente,
Saltando...
Cantando...
No seu patuá.

Lá corre a morena, levando faceira
Na cinta punhal,
Que vida de louca! Que amores! Que ditos!
Que voz que ela tem;
Seus olhos são grandes, são pretos – bonitos –
Reluzem tão bem!...

Que nome engraçado!
Seu pé delicado
Mal toca no chão!
Arfava-lhe o seio
De enleio
Inocente!
Olhou-se de frente,
Parando...
Corando...
Cismando...
Travou-me da mão.

Medita enleuada, – talvez vergonhosa –
Das graças que fez.
Agora tremendo parece uma rosa
Caindo de vez!

– “Que sentes, morena?
Acaso tens pena
Que eu morra por ti?
Que sorte, querida!
Que vida,
Inocente!
Viver docemente
Te amando...
Brincando...
Beijando...
Teus lábios – aqui”!

Olhou-me raivosa, seus lábios tremendo
De vivo coral
São mudos, não falam. – Nos ares movendo
Mostrou-me o punhal.

– “Que gênio tão forte!
Me dás cruel morte
Por beijos, ó flor?!
Cruza de ingrata!
Pois mata,

Inocente!
Qu'eu saiba somente,
Te amando...
Brincando...
Folgando...
Que a morte é de amor”!

A linda cigana tirando do seio
De clica um botão,
Falou às folhinhas com susto e receio,
Contando-as na mão.

Agora sem medo
Mansinha de dedo
Tirou-me um anel.
Então já fugindo,
Sorrindo,
Inocente,
Me diz de repente,
Pulando...
Voando...
Cantando...
“Serei-te fiel!”

E foi-se a cigana, levando faceira
Na cinta punhal,
Veloz como a ema saltando ligeira
Por serras e val.

BRAZ DA ROCHA CARDOSO – Capitão-mor, nomeado por carta régia de 29 de março de 1681. Em dezembro de 1682 prestou juramento na Bahia, nesse mesmo mês se apresentando à câmara de S. Cristóvão, e tomando posse. Exerceu o cargo até março de 1687.

BRAZ DINIZ – Profundo em latinidades. Modesto, porém, em demasia, nada deixou de si às gerações futuras, senão a fama de modesto e profundo sabedor em S. Cristóvão, quando essa cidade

era a mais adiantada de Sergipe. Faleceu em avançada idade, nos fins do século que se foi²⁹.

BRAZ SOARES DE PASSOS – Capitão-mor em janeiro de 1690, um século depois da fundação de S. Cristóvão por Cristóvão de Barros. Tomou posse em junho daquele mesmo ano, estando em exercício até outubro de 1692.

BRICIO CARDOSO – Professor e jornalista, considerado grande vocabulista em Aracaju. Nasceu na Estância a 9 de julho de 1844. Como estudante, foi professor adjunto da cadeira de geometria, na qual havia sido aprovado com distinção, com o voto de Pedro II, então de passagem àquela cidade³⁰. Seguindo para a Bahia, aí completou o curso secundário, sendo logo depois professor de latim e catecismo no Ateneu baiano. Homem de regular estatura e constituição, embora um tanto desproporcionado, cheio de inteligência e erudição, com grande amor ao magistério e às belas letras, ao jornal sobretudo, foi professor em Sergipe de quase todo o curso secundário, no Ateneu, na Escola Normal e em vários colégios, e colaborou com erudição e sucesso em muitos jornais e revistas, da Bahia e de Sergipe. A 1º de agosto de 1912, depois de 42 anos de públicos serviços, foi jubilado. Vítima, porém, da nostalgia do ensino, aceitou logo depois a diretoria do colégio *Tobias Barreto* e ainda a regência da cadeira de português. É um benemérito servidor. Entregando-se em tempo à política, foi deputado provincial e depois estadual em várias legislaturas, secretário do Estado de Sergipe, presidente do conselho municipal. Também foi delegado dos exames de preparatórios, membro do conselho superior de instrução pública, diretor da instrução pública, do ateneu sergipense e da Escola Normal. Sua obra intelectual é vasta. Impressos contam-se os seguintes volumes: *Filha da Cega* (drama), *Escravo Educado* (comédia), *Noite do Seminário*, *Opúsculo Político*, *Estância – Mantibus Patriis*. Tem inéditos vários trabalhos, entre os quais sobressai uma *Gramática*

²⁹ Exerceu a Secretaria do Governo da Província

³⁰ Em janeiro de 1860.

*da Língua Vernácula*³¹, aprovada pelo conselho superior de instrução pública da Bahia. Uma interessante particularidade: afável nos modos e maneiras, sempre a exhibir os alvos incisivos, num sorriso atraente e bom.

C

CAMILO DE LELIS – Religioso. Nasceu em Propriá. Era religioso de S. Francisco e um notável latinista.

CARIVALDO JOSÉ CHAVANTES – Médico. Nasceu em Sergipe, formando-se em medicina. Era médico da casa imperial e condecorado com as comendas da Rosa e de Cristo, pelos bons serviços que prestou ao país. Faleceu no Rio de Janeiro.

CARLOS CÉZAR BURLAMAQUI – Militar. Foi o primeiro governador que teve Sergipe, depois de separado da Bahia. Nomeado por carta régia de 24 de outubro de 1820, tomou posse a 20 de fevereiro de 1821. Não conseguiu, porém, fazer governo capaz, porque a Bahia, pela força, reduziu o governo sergipano ao que dantes era – dependência do governo baiano. Nasceu em Portugal, na segunda metade do século XVIII, verificando praça no exército e naturalizando-se brasileiro por ocasião da independência. Em 1806, capitão de infantaria, foi governador da capitania do Piauí, sendo em 1810 suspenso do exercício, preso e com seus bens confiscados por ordem do capitão general do Maranhão. Por carta régia do ano seguinte foi posto em liberdade, com a posse de seus bens e soldados atrasados. Em 1825 vivia ainda no Brasil, no posto de tenente-coronel. Foi depois coronel e brigadeiro. Escreveu dois trabalhos: *Mapas gerais* da população da capitania do Piauí e *Memória Histórica* dos sucessos de Sergipe. Era um militar inteligente e culto.

³¹ Brício Cardoso morreu em 1924, em Aracaju.

CARVALHO ARANHA, *Augusto A. de C. A.* – Poeta delicadíssimo. Nasceu em Sergipe. Com um gosto especial para as belas letras, para a poesia especialmente, conta um grande número de poesias de grande delicadeza e suavidade. O seguinte soneto, *Domus Áurea*, é uma prova brilhante do valimento da sua lira maneirosa e afinada:

Domus Áurea

Sobre a montanha de meu tédio erguida,
Cheia de luz, alvíssima, sonora,
Minha alma é como encantadora ermida,
Onde podeis entrar, gentil senhora.

Ressoa o salmo que a cismar convida,
E vai subindo ao céu, espaço em fora.
Quem reza? O amor que me ilumina a vida
Dá sangue à idéia e os versos me avigora.

Paira em redor indefinido e vago,
Rumor vindo de “Além”, tal sobre o lago,
Desliza o pescador, cantando ao longe.

De joelhos, Santa! É o nosso ideal que passa
Fazendo ao vir do almo país da Graça,
Gemer nesta alma as vésperas de um monge.

CASIMIRO JOSÉ DA COSTA – Professor. Nasceu em Propriá. Seguindo para a Província de Alagoas, aí se dedicou ao magistério, com satisfação e vontade. Filiado ao partido liberal, sofreu então inúmeras remoções. Certa ocasião, antes mesmo de se transferir para o Passo de Camaragibe, para onde havia sido removido, recebeu nova ordem de transferência para Palmares. Com a subida do partido liberal, no último gabinete monárquico, foi promovido para Maceió, onde faleceu mais ou menos em 1904. Aí redigiu um jornal oposicionista – *A Gazeta*, entregou-se à

advocacia e foi solicitador da fazenda estadual. Era um homem de luta, irmão do célebre advogado Teotônio Félix da Costa.³²

CESÁRIO FERREIRA DE BRITO TRAVASSOS – Médico e fazendeiro. Nasceu no engenho *Rio Vermelho*, Vila Japaratuba, a 13 de fevereiro de 1864, formando-se em medicina na Bahia em 30 de agosto de 1886. Seguindo para S. Paulo, aí se dedicou com vantagem à agricultura e com brilho à medicina. Deputado estadual, jornalista, diretor e redator do *Jornal de Santa Rita do Passa Quatro*, colaborador de diversos periódicos, fazendeiro em S. João da Boa Vista, goza em S. Paulo de justa estima e popularidade.

CESÁRIO JOSÉ DE CHAVANTES – Magistrado. Nasceu em Laranjeiras, em fevereiro de 1835. Fez seus primeiros estudos na Bahia, no colégio do padre Pereira, matriculando-se em 1856 na faculdade de direito de S. Paulo, onde cursou três anos, e depois na do Recife, onde se bacharelou em 1860. em 1862 foi nomeado juiz municipal e de órfãos em Itapemerim, no Espírito Santo, e em 1868, juiz de direito em Caçapava, no Rio Grande do Sul. Foi depois chefe de polícia em Minas, juiz de direito no Paraná e por fim desembargador da Relação de Porto Alegre, cargo em que se aposentou em 1891. Era um homem corpulento, embora de média estatura, talhado superiormente para a magistratura.

CRISTÓVÃO DE BARROS – Conquistador de Sergipe e fundador da antiga capital sergipana. Português de nascimento, chegou ao Rio de Janeiro em 1567, a bordo da esquadra enviada pelo Rei a Mem de Sá. Foi um audaz e bravo lidador, firmando de vez seu nome em campo de batalha, no Rio de Janeiro e Cabo Frio. Foi governador do Rio de Janeiro, sucedendo a Salvador Corrêa de Sá. Fazendo parte do governo da Bahia, quis conquistar Sergipe aos índios, a fim de vingar o passamento de seu pai, morto pelos Caetés junto ao rio S. Francisco. Para isso, em fins de 1589 organizou um exército numeroso, com seis peças de bronze, à

³² Nascido em 1847 e falecido em 1896.

frente do qual partiu da Bahia, ao longo do mar, confiando a vanguarda a Antonio Fernandes e a retaguarda a Sebastião de Faria. A 23 de dezembro de 1589 consegue bater os índios, colocados em excelente posição defensiva. E em 1º de janeiro de 1590, na várzea do Vaza-barris, completa a conquista, matando cerca de 1.600 índios e aprisionando mais de 4.000. Destruindo então os elementos contrários à povoação do solo conquistado, construiu um forte junto à foz do Cotinguiba, ao lado fundando um arraial, a que deu o nome de S. Cristóvão, em honra ao santo que lhe tinha o nome. Doou terras àqueles que lhe ajudaram a conquista, dando de sesmaria a seu filho Antonio Cardoso de Barros, a 9 de abril de 1590, o território compreendido entre os rios Cotinguiba e S. Francisco. Entregou depois a direção da nova capitania a Thomé da Rocha, ordenou a Rodrigues Martins que perseguisse o gentio em retirada para o norte, e voltou à Bahia.

CINCINATO PINTO DA SILVA – Médico. Foi o 32º presidente da antiga Província. Tomou posse a 20 de junho de 1864. foi denunciado criminalmente por José Augusto do Nascimento.

CONRADO ÁLVARES DE CÓRDOVA LIMA – Advogado. Nasceu na Estância, formando-se em direito no Recife. Foi advogado de nota à cidade natal e orador assaz distinto. Dizem haver sido excomungado por Pedro II³³.

CONSTANTINO JOSÉ GOMES DE SOUZA – Médico, poeta e dramaturgo. Nasceu em Sergipe, formando-se em medicina em 1853. Dedicou-se à clínica e às belas letras, mais a estas que àquelas: por isso mesmo lutou sempre com sérias dificuldades para poder viver. Homem robusto e alto, inteiramente descuidado de si próprio, o tipo acabado do boêmio convencido. Mas tinha grande talento literário e foi poeta de valor, o decano dos poetas sergipanos, prosador e dramaturgo de muito merecimento. Faleceu

³³ Como jornalista assumiu a ortodoxia do Catolicismo, condenando novenas e outras práticas devocionais.

no Rio de Janeiro a 2 de setembro de 1875, em absoluta penúria, sem ter à residência nem ao menos com que se lhe fizesse o enterro. Tais os seus dramas: *A filha do salineiro*, *O espectro da floresta*, *O enjeitado*, *Os três companheiros*, *Vingança por vingança*, *Os libertinos*, *Os ladrões titulares*. Eis os seus romances: *O desengano*, *A filha sem mãe*, *O cego* e *Alfeno e Clorinda* (em verso). Fundou e redigiu *A época literária* e *A agricultura*. Também escreveu um belo livro de versos – *Hinos da minha alma*. E para que se lhe veja o valor do estro, aqui citamos as três primeiras estrofes do seu *Adeus à vida*:

Adeus à vida

Céus! neste abismo de horrores
Em que desespero e gemo
Julgava já ter das dores
Atingido ao grau supremo.
Porém, mentira! a desgraça
Preparava nova taça
De um martírio novo, estranho...
Tenho saudades, meu Deus,
Dos passados males meus
À vista de um mal tamanho!

Sob o céu tempestuoso
Da minha existência escura
Vi passar, eu desditoso
Vi passar como a figura
Se de anjo ou mulher ignoro;
Mas passou qual meteoro
E estendido após de si;
Por onde a fulgir passou
Um sulco de luz deixou
O anjo, ou a mulher que eu vi.

Ou anjo ou mulher que é dela?
Em que abismo se sumiu
Luz que assim fulgiu tão bela,

Que tão bela assim fulgiu?
Deus! o mimoso clarão
Impresso na negridão
Da minha vida extingui,
Se é que eu tenha de morrer
Sem que torne mais a ver
O anjo ou a mulher que eu vi!

COSTA E SILVA – Poeta inspirado. Nasceu em Sergipe. A bela poesia que se segue, melodiosa e suave, plena de doçura e de naturalidade, está a mostrar à evidência que se trata de um poeta inspiradíssimo, capaz dos mais altos surtos poéticos:

Ontem

Ontem, quando chegavas à janela
Com seu vestido celico azulado,
Preso o cabelo, o rosto serenado,
Prostrada a fronte em languidez singela;

Aberta a boca a trescalar perfumes,
Boca que um lindo cravo a não iguala!
Arfante o seio, divinal a fala,
Olhos luzentes como vaga-lumes;

Os braços meio nus, os lábios castos,
Que matavam de inveja a violeta,
Senti minh'alma, como borboleta,
Ir oscular os teus cabelos bastos!

Meu coração voraz quis agarrar-te,
Louco de amor, repleto de desejos,
E, com ânsia frenético, ensopar-te
Num dilúvio frenético de beijos!

CUSTÓDIO RABELO PEREIRA – Capitão-mor em dois triênios sucessivos: de 1717 a 1720 e de 1721 a 1724.

CIPRIANO DE ALMEIDA SEBRÃO – Bacharel. Como 1º vice-presidente, três vezes assumiu o governo; a 5 de novembro de 1872, a 14 de novembro de 1873 e a 30 de abril de 1875.

CIRO FRANKLIN DE AZEVEDO – Diplomata de valor. Nasceu em Sergipe a 18 de abril de 1858.³⁴ Bacharelando-se em direito, foi delegado de polícia na Corte, e depois, abraçando a diplomacia, ministro brasileiro no Peru, no Japão e no Uruguai. Homem de grande talento e de grande erudição, com sensível amor às lutas da palavra, redigiu *O americano* e publicou diversos volumes, dos quais devem ser citados: *Estudos Sociais e Literários*, *Um discurso* e *Propaganda republicana*³⁵.

D

DAMASCENO RIBEIRO – Poeta sergipano.

DANIEL CAMPOS – Médico. Como presidente da Assembléia, assumiu a presidência do Estado a 8 de julho de 1898, durante o impedimento do presidente eleito, Dr. Martinho Garcez. É médico distinto, assaz conceituado em sua terra.

DEODATO MAIA – Poeta e escritor socialista. Nasceu em Maruim, em 1875, formando-se em direito no Rio de Janeiro, em 1891. É ainda moço e tem um jeito especial para a filosofia e para as belas letras. Por isso mesmo as suas poéticas composições, sempre bem feitas, deixam ver em cada verso o pensador. O seguinte soneto é uma prova frisante dessa grande verdade:

O Coração

Sob um céu soturnal, caótico, de espanto,
Traja pompas de Horror a noite tenebrosa,
O Vício abre os salões, na torva e desdenhosa
Caverna do sofrer goteja a dor e o Pranto.

Qual uma ave infernal, a Fúria pavorosa,
Tatala a asa em meu peito, e gralina o seu canto,
Afugentando assim do Templo sacrossanto
O bando de ilusões de sonhos cor de rosa...

Ribomba o Velho Mar, e cavo o torvo espouca
Ondas, numa soberba e forte orgia louca,
Amordaçando a terra – o covil da Traição...

Babei de minha vida – ao largo – enfuna a vela...
Talvez o Velho Mar, entre uivos de Procella,
Entenda este outro Mar bravio – O Coração!

Deodato Maia era advogado no Rio de Janeiro quando foi nomeado chefe de Polícia em Aracaju. É autor de um livro muito interessante – *A Regulamentação do Trabalho*, publicado em 1914. *Pró-Sergipe, Contas Correntes, Pelo Divórcio e Recurso Extraordinário* são também trabalhos seus, de notória valia. É homem de média estatura e de franzina compleição física, mas dotado de belas qualidades intelectuais, brilhantemente reveladas nos seus atos e escritos. Tem em mãos dois livros sugestivos, esperados com justa ansiedade – *Problemas Sociais Contemporâneos* e *Estria*³⁴s.

DIOGO DE QUADROS – Foi o terceiro governador que teve Sergipe, depois de conquistado ao gentio por Cristóvão de Barros. Em 1595 foi investido desse alto cargo, e em 1596 batia os franceses nas águas do Rio Real. E como os habitantes da S. Cristóvão não pudessem bem vigiar os inimigos que quisessem tentar contra a cidade qualquer surpresa, mudou-a para uma eminência, num outeiro junto à barra do rio Poxim³⁵. Em julho de 1600 deixou o governo, tendo sido sua administração muito ativa e proveitosa. Seu substituto foi Manoel de Miranda Barbosa.

³⁴ Nascido em Maroim, em 1876, e morreu no Rio de Janeiro.

³⁵ Nas proximidades de Aracaju.

DIONÍSIO RODRIGUES DANTAS – Bacharel em direito. Sendo 2º vice-presidente, tomou posse da presidência a 8 de novembro de 1869 e depois a 14 de agosto de 1871.

DOMINGOS JOSÉ DE OLIVEIRA RIBEIRO – Advogado. Nasceu em Laranjeiras, mais ou menos em 1829, formando-se depois em direito e entregando-se com vantagem à advocacia. Era um homem alto e muito inteligente, sobremodo estimado à terra natal. Faleceu em avançada idade. (V. pág. 105, 9ª série de Almeida Nogueira).

DOMINGOS JOÃO VIEGAS – Capitão-mor em 1746. Foi substituído no ano seguinte por Manoel Francisco.

DOMINGOS QUIRINO DE SOUZA – Bispo virtuoso de Goiás. Nasceu na Estância a 2 de outubro de 1815. Presbítero secular com residência em Sergipe, foi nomeado bispo de Goiás, sendo preconizado em consistório secreto em 18 de março de 1861. Seguindo a ocupar sua nova posição em companhia de sua velha mãe e de três irmãs solteiras, teve a grande desdita de ver loucas duas destas e também aquela, ante os duros tormentos experimentados durante a viagem. Mas, homem de excelentes virtudes, talhado como que a Cristo, jamais pronunciou uma só queixa. Pouco falava, tristíssimo sempre. Faleceu em Goiás a 12 de setembro de 1863. A outra irmã enlouqueceu ato contínuo, ficando então as quatro desditosas senhoras na mais extrema penúria. Escreveu e publicou uma *Carta Pastoral* e foi afamado professor na cidade do seu nascimento.

DUARTE FERNANDES LOBO PONTES – Foi capitão-mor durante alguns meses em 1755.

DIONÍSIO ELEUTÉRIO DE MENEZES – Artista mecânico. Nasceu em Sergipe, mais ou menos em 1820. Foi amigo e mestre do Zuca, José Francisco da Silva, de quem escreveu uns ligeiros traços biográficos, publicados depois de 1900, pelo Dr.

Baltazar Góes. Era provavelmente formado, porque o chamavam de Dr. Dionísio, naqueles traços biográficos. Em trabalhos de torno, era um artista verdadeiramente superior. Para uma certa exposição, que devia ser aberta no Rio de Janeiro, fez um jarro e bacia, torneados em pau d'arco amarelo, cujas paredes tinham a mesma espessura de um vaso de porcelana, e também xícara e pires da mesma madeira e ambos caprichosamente executados. Devia ter sido um trabalho artístico de valor, que se perdeu então por incúria governamental. Como ele próprio o confessa, naquele seu escrito, “atiro-me menos mal ao trabalho de torno, seja qual for o material – madeira, metal, osso ou marfim”. Faleceu em idade muito avançada, provavelmente depois de 1900.

E

ELZIÁRIO PINTO³⁶ – É poeta lírico de grande inspiração. Nasceu em Sergipe em 1840. Viveu alguns anos na terra natal, residiu depois na Bahia, peregrinou por fim no Rio de Janeiro, aí falecendo em 1897, na mais extrema pobreza. Era cavaleiro da ordem da Rosa. Pelos jornais e revistas, publicou muitas composições em diversos gêneros, parecendo-lhe a nota predominante a poesia épica soberanamente delicada, a que bem se pode dar o nome de épico-lírica, como faz judiciosamente Silvio Romero à *História da Literatura Brasileira. O Festim de Baltazar*, composição de notável valimento, é no gênero épico-lírico. É como que um poemeto e talvez a melhor produção poética de Elziário da Lapa Pinto. É muito extensa. Mas o seguinte soneto, *À Lua*, dá-lhe uma idéia da lira maviosa e afinadíssima:

À Lua

Vem, ó lua, contar-me as tuas dores,
Teus segredos d'amor: deixa um instante
Essa louca estrelinha rutilante

³⁶ Elziário, também grafado Eliziário, Prudêncio da Lapa Pinto.

Que desdenha cruel os teus amores.

Vem aqui derramar os teus palores,
Vem dizer-me qual é o teu amante,
Se é aquela menor, menos brilhante,
Ou aquela que tem mais esplendores.

Pobre lua! tu gemes, tu deploras
A sorte sempre avessa – a ingratidão
De uma linda estrelinha a quem namoras.

Mas eu, pobre de mim! louca paixão
Me tortura a existência! Ah! se tu choras,
Eu sou mais infeliz; não choro, não.

EPIFÂNIO DA FONSECA DÓRIA E MENEZES – Bibliotecário em Aracaju. Nasceu no povoado Poço Verde, município de Campos, a 7 de abril de 1884. Em 1905 fundou na vila de Boquim um clube literário, de que foi secretário, durante o tempo em que ali residiu. Em 1907 foi secretário do Gabinete de Leitura de Maruim. Passando depois a residir em Aracaju, foi aí nomeado bibliotecário da biblioteca pública, que organizou cuidadosamente, de modo a tornar fácil a consulta e leitura de qualquer obra, revista e jornal. Escreveu um *Memorial*, mostrando ao governo do Estado a necessidade da criação do arquivo público e também uma *Exposição* sobre o movimento daquela repartição em 1911, ambos publicados depois em um único folheto. Em 1915 deu a lume um folheto a respeito do Dr. Pelino Nobre. Nos jornais de Sergipe tem publicado diversos escritos e guarda inédita uma monografia sobre a biblioteca provincial de Sergipe. É um empregado inteligente, ativo, trabalhador e honesto, superiormente talhado para o cargo que ocupa³⁷.

ERASMO DE LIMA – Oficial superior do exército. Nasceu na Estância, a 1º de junho de 1867, verificando praça no exército em 1886. Matriculando-se na Escola Militar em 1888, foi

promovido a alferes da infantaria em 1890; a 1º tenente, em 1902; a capitão por estudos, em 1906; e a major por merecimento, em 1913. Tem o curso das armas pelo regulamento de 1898. Em 1893 bons serviços prestou à causa legal. É de regular estatura e de robusta constituição, com justiça considerado um bom oficial de infantaria.

ÉRICO PRETEXTATO DA FONSECA – Advogado e orador.

ERNESTO GARCEZ CALDAS BARRETO – Advogado. Nasceu em Laranjeiras a 15 de março de 1874, formando-se em direito no Rio de Janeiro, depois de haver feito os quatro primeiros anos no Recife. Foi deputado estadual pernambucano, delegado auxiliar e intendente municipal no Rio de Janeiro. Atualmente entrega-se com vantagem à advocacia, na Capital Federal.

ERNESTO LOBÃO CEDRO (Dr.) – Dizem-me ser um sergipano de grande talento. Nada mais me é possível adiantar presentemente³⁸.

ESTÊVÃO DE FARIA DELGADO – Foi capitão-mor em 1737.

ETELVINA AMÁLIA DE SIQUEIRA – Professora. Nasceu na Itabaiana, a 5 de novembro de 1862, fazendo ali seus estudos primários, com distinção, sob a direção da professora D. Esmeralda Melo. Por morte de seu pai, mudou-se para Aracaju, entrando logo para a Escola Normal, onde se diplomou a 5 de novembro de 1884. Pouco depois abriu um colégio, sempre muito freqüentado, em cuja direção esteve durante dezesseis anos. Em novembro de 1900 foi provida vitaliciamente na cadeira da aula prática anexa à Escola Normal, em cuja função esteve até setembro de 1912, quando foi nomeada para reger a cadeira de português daquela escola. Dotada de excelentes virtudes morais e de acentuadas qualidades

intelectuais, poetisa inspirada, conta muitas produções inéditas e raras publicadas pela imprensa local. Entre os seus discípulos figuram Aníbal Freire, Jackson de Figueiredo, Armando Mesquita, Otaviano Melo, Edgard Coelho, Alfredo Cabral, José Cabral, Álvaro Brito, Otávio Brito, Marcilac Mota, Genulfo Freire, e muitos mais, quase todos laureados por escolas superiores.

EUGÊNIO BRANDÃO – Engenheiro. Nasceu em Laranjeiras a 13 de novembro de 1869, alistando-se no exército em 1889, como aluno da Escola Militar. Fez com brilho o curso de matemáticas naquela academia, tendo baixa do serviço em 1894, às vésperas de ser nomeado alferes-aluno. Matriculou-se então na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de engenheiro civil. Homem de baixa estatura mas de forte constituição, pleno de inteligência e nobres qualidades morais, foi um estudante distinto e é um engenheiro muito hábil. Dedicou-se quando muito moço ao magistério particular: explicando matemáticas, conseguiu à custa de múltiplos esforços a carta que possui. Foi depois engenheiro de estradas e é presentemente engenheiro fiscal na repartição geral dos telégrafos, onde conta grandes simpatias pelo seu acentuado valor profissional. É um sergipano concentrado e modesto, que honra sobremodo a terra em que nasceu.

EUGÊNIO GUIMARÃES REBELO – Médico e professor. Nasceu em Sergipe em 1847, formando-se em medicina na Bahia. Serviu durante algum tempo no corpo de saúde da armada e depois na inspetoria geral de higiene. Lecionou na Escola Normal do Rio de Janeiro e foi mais tarde professor de francês na Escola Naval. Homem cheio de inteligência e de força de vontade, redigiu a *Revista de Higiene*, foi orador da turma que com ele se formou em 1869, e publicou em francês, língua em que era mui entendido, um estudo sobre a Escola Militar do Rio de Janeiro.

EUGÊNIO JOSÉ DE LIMA – Propagandista estremado e valeroso. Nasceu talvez em Itabaiana, Sergipe, em cujo progresso e

desenvolvimento empregou toda a sua atividade e toda a sua fortuna. Quis a todo o transe a construção de uma estrada de ferro, para o feliz aproveitamento da zona uberrima; também quis a abolição e a República. Estas o prazer teve de ver realidade. Não, porém, aquela. Gastando em propaganda quanto possuía, teve depois de procurar fora de Sergipe os meios necessários à própria subsistência. Foi um propagandista tenaz e valeroso. Deixou um nome imaculado em Sergipe. E no dizer insuspeito de Baltazar Góes (V. este nome) foi um caráter de fina tempera, uma inteligência perspicaz, um cidadão modelo. Vivia em Sergipe em 1870³⁹.

EUSTÁQUIO PINTO – Poeta de grande valimento. Nasceu em Sergipe. O seguinte exemplo, mavioso como um canto de pássaro às horas matinais, dá uma idéia nítida do valor poético de Eustáquio Pinto:

Teu sorriso

“Vi teu sorriso! inebriou minha’alma
De amor, de crença, de sonhos mil!
Vi teu sorriso! e da ventura a palma
Vi d’entre abrolhos rebentar gentil!

Qual num deserto de abrasada areia
De sede exausto o viajar definha,
E em balde os olhos alongando anseia
Por verde oásis, e a gemer caminha.

Assim da vida no Saara ardente
Em vão buscava da esperança a flor!
Tudo era pedra! e o coração descrente
Já começava a sucumbir de dor!

Tudo era estéril! Só cruéis espinhos
Via cobrirem da existência a estrada!
De falsos risos, de fatais carinhos

³⁹ Nasceu em 1827 e morreu em 1891.

Eu via sempre uma mulher amada!

Me pareciam de seu rosto as rosas
De astuta serpe as cambiantes cores;
E as meigas falas, que faltava airosas,
Sutil veneno a rescender odores.

Mas hoje apost'lo de uma nova crença
Lhe erijo tronos, lhe consagro altares.
Sei que ela é fonte de ventura imensa,
Que em riso muda os mais cruéis pesares,

Já vejo o monte se tocar de relva,
Já vejo o prado se vestir de flores;
Já ouço o pombo soluçar na selva;
Já ouço a brisa suspirar de amores.

Já tem o sol um esplendor mais puro;
A terra inteira me sorri agora...
Tu me salvaste, que de meu futuro
Mudaste as trevas em risonha aurora!...

Sou teu escravo, teus grilhões aceito;
Pede-me a vida e t'a darei contente,
Mas guarda sempre no teu casto peito
De amor a chama divinal, ardente.

EUTÍQUIO DE NOVAES LINS – Professor. Nasceu no Lagarto em princípios de 1852, filho legítimo de Joaquim da Pádua Lins. Desde a puerícia revelou uma bela inteligência, que o tem sempre distinguido, acentuadamente no *Ateneu Sergipense*, entre cujos estudantes mais distintos foi figura de destaque. Tem pendor especial para a matemática elementar, é guarda-livros reputadíssimo e maneja muito bem o vernáculo idioma. Gosta imenso da literatura jurídica, assunto que sempre viu com entusiasmo. Regular na estatura, cheio de corpo, gozando boa saúde, tem ainda ao seu dispor nobres qualidades de caráter. É lente do Ateneu.

EUTÍQUIO SOLEDADE – Poeta inspirado e mavioso. Aqui vão as primeiras estrofes de uma sentida e maviosa composição de sua lavra:

No aniversário de Leopoldo Amaral

Dezenove anos, meu Deus, que idade bela
para quem, como tu, vive de amores,

Passa a vida a cantar!

De santas ilusões, de afetos puros

Tens a alma rica se entreabrindo em risos

E vives a sonhar!

Inda o riso dos cínicos não pôde

Crestar-te os lábios, de tua alma virgem

Matar ilusões!

Foge, criança, d'esse mundo impuro,

Vai bem longe das vistas dos profanos

Tanger tuas canções.

É triste ver-se poluindo o gentio,

Semelhante a Azevedo suicidar-se

Na crápula fatal.

Ou qual Junqueira ter por mãos austeras

Forçada a vocação de um estro ingente,

Nublado o seu punhal.

Canta, poeta, os hinos de tua alma,

Abre as asas ao gênio que se expande

Dos anos ao ardor;

Canta a vida, a mulher, e seus encantos

Como a flor exalando os seus perfumes

Da aurora ao albor.

Canta, poeta, a pátria, cujos brios,

Com a espada no campo das batalhas,

Correstes a sustentar!

Soldado, canta os feitos portentosos

Dos heróis, e dos bravos cujo sangue

Tu viste derramar!...

Segue a estrada que encetaram bravos,
Mostrou-te Camerino o astro augusto
D'um brilhante porvir.
A teu lado Calazans ébrio de glórias,
O estandarte abraçando brasileiro,
Caiu, mas a sorrir!

EVANGELINO DE FARO – Magistrado. Nasceu no município de Laranjeiras, a 24 de junho de 1865, formando-se em direito no Recife em 1885. Abraçando a magistratura, foi promotor público em Itabaiana, depois em Riachuelo e por fim em Laranjeiras, em 1889. Nomeado juiz municipal, deixou esse cargo logo depois, para ser fiscal do governo junto ao Banco Unitário, no Rio de Janeiro. Em 1891 foi juiz de direito em Itabaiana; em 1894, deputado estadual; em 1897, diretor da instrução pública; em 1898, juiz de direito em Maruim e logo depois em Laranjeiras. Em 1899, não aceitando a remoção para Vila Nova⁴⁰, foi posto em avulso e logo depois em disponibilidade, entregando-se então com ardor à advocacia e à educação da mocidade. Fundou em Laranjeiras um colégio, em 1909 transferido para Aracaju. Em 1913, desembargador do Superior Tribunal da Relação, foi indicado por seus colegas para entregar ao presidente do Estado, General Siqueira de Menezes, uma caneta de ouro cravejada de brilhantes, oferta dos magistrados e advogados sergipanos, para com ela ser assinado o Código de Organização Judiciária do Estado. Produziu então um excelente discurso, cujo exordio aqui transcrevemos:

Exmo. Sr. General Siqueira de Menezes:

Aproveite à generosidade de meus colegas escolher-me orador, intérprete dos sentimentos de entusiasmo de que nos achamos justamente possuídos ao assinardes o – *Código da Organização Judiciária do Estado de Sergipe*. Outro, que não eu, poderia melhor desempenhar esta nobilíssima tarefa, com abundância de luz e maior encanto no dizer;

⁴⁰ Atual Neópolis.

mas, permiti que vos diga francamente: Exmo. Sr. General, com mais sinceridade na apreciação dos vossos patrióticos atos – nenhum.

Evangelino de Faro é também um agricultor inteligente e adiantado. Sobre esse assunto tem feito diversas conferências todas já publicadas. Em 1912, como diretor do *Grêmio Escolar*, fez uma conferência pedagógica, que tem servido de modelo aos inspetores de ensino em sua terra.

EVARISTO FERREIRA DE VEIGA – Bacharel em direito. Foi o 35º presidente da antiga Província. Tomou posse a 27 de novembro de 1868.

F

FABRÍCIO CARNEIRO DOS TUPINAMBÁS VAMPRÉ – Médico sergipano⁴¹.

FAUSTO CARDOSO, F. de Aguiar C. – Orador eloquentíssimo e filósofo de alta envergadura. Nasceu em Sergipe em 1862, formando-se em direito no Recife em 1884. Foi delegado de polícia na Capital Federal, professor da faculdade livre de direito e deputado geral pelo seu Estado. Homem de baixa estatura e de regular constituição, talento superior, filósofo emérito, orador eloquentíssimo, jornalista de pulso, professor de grande brilho e cotação, Fausto Cardoso, esquecendo-se em parte das lutas filosóficas, para as quais havia especial pendor, como Tobias ou como Silvio, atirou-se apaixonadamente um dia às questões da política partidária, sendo em 1905 assassinado barbaramente às ruas de Aracaju, cujo governo acabava de pôr por terra, em luta ingente. Não tinha ainda quarenta e quatro anos, e era porventura o maior talento filosófico brasileiro, em atividade na ocasião. Intelectualmente foi uma verdadeira calamidade o trágico fim

⁴¹ Nascido em 1852, faleceu em 1909.

desse espírito superior, talhado antes e acima de tudo a vasto empreendedor filosófico e social. Em 1892 publicou a sua *Cosmogenia política americana*, livro de rara erudição filosófica, e ainda dois outros excelentes trabalhos de erudição e filosofia: *A hereditariedade psicológica* e *A ilusão teleológica*. Publicou depois diversos trabalhos de vulto, e colaborou com lustre e brilho na *União Federal*, no *Diário de Notícias* e em vários outros periódicos. Em 1912 foi-lhe erigida uma estátua em Aracaju. É uma das águias sergipanas.

FELINTO ELÍSIO DO NASCIMENTO – Poeta delicadíssimo. Nasceu em Sergipe. Empregado de fazenda desde os verdes anos, sucessivamente foi subindo de posição, até chegar a inspetor da alfândega de Santos, no Estado de São Paulo. Homem de regular estatura e robusta compleição, cheio de inteligência e de atividade, com um jeito especial para as belas letras, a poesia sobretudo, ocupa entre os líricos sergipanos, o que importa dizer no Brasil, uma posição de simpatia e destaque. É de uma delicadeza tão melodiosa e tão suave que encanta. As *Lágrimas das coisas*, a seguir, não deixam margem à mínima dúvida. Pena é que, como quase todo o poeta sergipano, um pouco descuidado tenha a língua!⁴²

Lágrimas das coisas

Sempre, toda a manhã, se ouvia um canto
Para além do cercado,
Um canto tal, tão doce e modulado,
Tão terno, tão dolente,
Que penetrava o íntimo da gente,
Desafiando o pranto.

Nem que fosse um relógio a horas certas,
Quando mal despertava a natureza,
Lá vinha aquela nota de tristeza

⁴² Felinto Elísio do Nascimento organizou e editor a *Lira Sergipana*, antologia da poesia sergipana.

Casar-se ao hino das manhãs desertas!

Era talvez arranco de saudade
Cruel, devastadora,
Talvez... do coração d'ave cantora
Ao avistar o ninho
D'onde roubara-lhe o gentil filhinho
A mão da impiedade.

O amor que fecunda em seus prazeres,
E é fonte perene de ventura,
Vive em tudo – na humana criatura,
Até, meu Deus, nos pequenos seres!

FELISBELO FREIRE, F. Firmo de Oliveira F. – Político influente no Rio de Janeiro. Nasceu em Itaporanga a 30 de janeiro de 1858, formando-se em medicina na Bahia em 1881. Dedicando-se então à clínica e ao jornal, em Laranjeiras, ganhou logo reputação sólida e dupla: como médico abalizado e como jornalista competente. Criou em Sergipe o partido republicano e foi o primeiro governador que teve o Estado em 1889. Eleito deputado federal, ocupou na câmara posição muito saliente, sendo orador da comissão de organização dos Estados, depois o do movimento de 23 de novembro de 1891, o do julgamento do congresso sobre a constitucionalidade do sítio de 1892 e ainda o do projeto de anistia. Era homem alto e forte, inteligente e culto, com um gosto decidido para a história e para a música. Flautista de primeira ordem e pianista de grande merecimento. Foi ministro da fazenda em 1893, com o marechal Floriano, e deputado federal até aos seus últimos dias, tendo abandonado completamente a medicina, para a qual havia especial pendor. Seria um músico de fama, como um clínico de vulto, se não houvesse erradamente trocado a arte de Bellini e a de Charcot pelos mistérios da política partidária. Redigiu superiormente *O Republicano*, de Laranjeiras, e *A Tribuna* do Rio. Publicou, além de folhetos vários, a *História de Sergipe*, *A História constitucional da República*, a *História territorial do Brasil* (publicado apenas o vol. I) e a *História da Cidade do Rio de Janeiro*. Era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e

também do Instituto Sergipano. Faleceu no Rio de Janeiro a 7 de maio de 1916.

FÉLIX DINIZ BARRETO – Poeta e professor. Nasceu em Sergipe, mais ou menos em 1845. Dedicando-se com ardor ao magistério e às belas letras, foi exímio professor do Ateneu sergipense e colaborou com frequência nos jornais de Aracaju, em prosa e verso. Era de regular estatura, de forte compleição, ativo, inteligente e dotado de excelentes predicados morais. Durante muito tempo dirigiu um internato em Aracaju, passando depois a explicar particularmente em vários colégios, além da sua cadeira no Ateneu. Faleceu em Aracaju, pouco antes de 1910.

FENELON DA SILVA MONTE – Advogado. Nasceu na vila de Japaratuba, a 15 de fevereiro de 1848. Iniciou os estudos acadêmicos em Olinda, concluindo-os em S. Paulo. Depois de formado, voltou a Sergipe, onde pouco se demorou. Foi promotor em uma das câmaras do interior da Bahia. Exerceu a profissão de advogado. Por fim, doente, retirou-se para o Rio de Janeiro, aí falecendo a 2 de fevereiro de 1889. Era irmão do Dr. João do Monte, sendo o mais novo dos cinco e considerado o mais inteligente de todos eles. Falava e escrevia com grande brilho e facilidade. Amava a arte musical, sendo cantor mui apreciado, voz de barítono, nas reuniões familiares. Compôs várias poesias líricas. E as arias que cantava em salões eram geralmente produções suas, adaptadas a trechos musicais de sua predileção ou de sua própria composição. Era um homem alto, esguio e alvo, de agradável porte e lindas maneiras. Nunca se casou e vivia sempre a rir, satisfeito e feliz.

FERNÃO LOBO DE SOUZA – Capitão-mor, em 1704.

FIRMINO RODRIGUES VIEIRA – Propagandista republicano. Formando-se em engenharia, dedicou-se com ardor à propaganda da República em Sergipe, chegando a ser secretário do governo sergipano, depois do feito de 15 de novembro. Homem

inteligente e culto, colaborou na *Nova Era* e em vários outros jornais.

FLORENTINO TELES DE MENEZES – Doutor em sociologia. Funcionário público e escritor de largo descortino social e filosófico. Nasceu em Aracaju a 7 de novembro de 1886, iniciando na Bahia o estudo de humanidades, que concluiu em Sergipe. Tendo gosto decidido para as matemáticas, seguiu logo depois para o Recife, a fim de cursar engenharia. Atacado ato contínuo de beri-beri, voltou gravemente doente para Sergipe, onde esteve paralisado durante seis meses. Restabelecido, seguiu para o Rio, a fim de se matricular na Escola Politécnica. A falta, porém, de pecuniários recursos fê-lo voltar ao Estado natal, onde, visando carreira mais acessível, concluiu os preparatórios que lhe faltavam para o curso médico. Em 1906, de feito, matriculou-se na faculdade de medicina do Rio e, já com o 3º ano, teve de interromper definitivamente o curso, por exigências pecuniárias. Voltou de novo a Aracaju, onde de corpo e alma se entregou à geografia, à história, à política e à filosofia. Em 1913 foi nomeado 2º escriturário do tesouro de Sergipe. É de alta estatura, muito forte, inteligentíssimo e dotado de valiosas qualidades morais. Na atividade intelectual, poucos nomes lhe levarão a palma, nos atributos do coração, certamente nenhum. Fala e escreve bem. Conhece o espanhol e o francês. Fundou o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e colabora com proficiência e vantagem nos jornais sergipanos. Publicou quatro interessantes volumes: *Estudo Corográfico e Social do Brasil*, *Leis da Sociologia e Escola Social Positiva*, *Desenvolvimento Intelectual dos Povos*, tendo em preparo sua *Nova Orientação ao Estudo da Moral*. É um trabalhador honesto e ativíssimo. E como a seu dispor talento tem de sobra, há de ser por isso mesmo, se vida houver, um polígrafo de conta e valimento. Os enormes acúleos ao caminho encontrados feriram o engenheiro e desmantelaram o médico, deram, porém, seiva ao escritor, que é condecorado com a medalha de prata e a medalha de ouro da *Société Académique de Historie Internationale*, com o Ramo de Ouro da *Académie Latine de Sciences, Art et Belles*

Letres, com a medalha de 1ª classe da Academia Físico Química Italiana de Palermo e com o título de *Membre d'honneur* da dita academia, e ainda sócio de quase todos os Institutos Históricos e Geográficos do Brasil. Para dar uma idéia do seu valor literário, aqui transcreveremos as seguintes linhas, das suas *Leis da Sociologia*:

Lei geral da conservação social

Esta lei é interpretada em Sociologia como exprimindo a forma porque toda a sociedade uma vez constituída tende a manter-se.

Segundo Schopenhauer, é uma das formas do *querer viver universal*.

Em Nietzsche encontra-se relativamente ao indivíduo a *vontade de potência*, que vem a ser esse desejo invencível de domínio que existe nos homens superiores e que, aplicado às sociedades, se manifesta como expusemos.

Segundo a lei que estudamos, a fim de que uma sociedade se mantenha, é necessário que todas as energias disponíveis se focalizem com o fim único de sua conservação.

Para atingir esse desideratum ela põe em prática todos os meios, aniquilando tudo que possa obstar o seu desenvolvimento.

E aquela que isto não conseguir estará bem próxima do termo de sua jornada.

Infelizmente no Brasil as coisas passam-se de um modo contrário.

Todas as nossas energias não podem ser aproveitadas em benefício da pátria comum.

Muito pelo contrário elas são desviadas por maneiras diversas.

É enorme a soma de forças perdidas.

FLORIVALDO LINHARES - Professor. Nasceu em Sergipe, mais ou menos em 1890, formando-se em direito em S. Paulo, em 1910. Logo depois conquistava, por concurso brilhante,

uma posição de destaque no magistério paulistano. E como foi o orador da turma, na festa de colação de grau, pode-se afirmar com segurança o seu grande valor intelectual. Seu discurso foi logo publicado em folheto. Quem lê *À sombra dos Enigmas*, observa logo no jovem bacharel um espírito fino e culto, apaixonado pela filosofia e pelo direito. Tal o bem feito exórdio desse discurso original e másculo:

À sombra dos Enigmas

(Discurso pronunciado na colação de grau aos bacharelados de direito pela Faculdade de S. Paulo, em 1910).

Alvoroça-nos a expectativa de uma vida nova. Anseios de largas conquistas, fortes esperanças estuam com desassombro, impetuosamente, a revolver um amontoado de ingênuas ilusões que se foram, aos poucos, sumindo no patrimônio comum da Academia...

As emoções do momento, em que eu trago aos mestres e aos colegas o último adeus da minha turma, transportam, concentrando-se às sombras longínquas do passado que nos acalentou o espírito, por cinco anos, através da simplicidade profunda desses claustros.

Outrora, em situação semelhante, gritava o espírito acadêmico metáforas arrogantes; enchia-se a tribuna de “colos nus” e de auroras revolucionárias.

A cerimônia, quando não tinha a jovialidade encantadora das serenatas, como que deslizava lúgubre, sinistra, de par com a tristeza cansada dos poetas.

Era, na vasta acepção do termo, um vulcão ativo, chamejante, a intelectualidade de outros tempos, que a onda invasora do progresso colheu, para transmiti-la, outra, rejuvenescida, ao cenário complicadíssimo em que se movimenta a mocidade

de hoje... “Tudo que passa não é mais do que um símbolo” - disse-o Goethe. Nós representamos a eternidade desses recuados anelos. Abalados por uma vontade imensa de viver, somos também evadidos de tremenda luta pelo pão, pioneiros infatigáveis do ideal, em busca da incógnita fugidia do destino... Eu, “impenitente amigo dos enigmas”, eu vejo assim a vida acadêmica.

FRANCISCO ALVES DA SILVA - Capitão-mor de 1765 a 1766.

FRANCISCO CAMERINO - Herói da guerra do Paraguai. Nasceu a 21 de agosto de 1841. Aos 13 anos seguiu para a Bahia, empregando-se no comércio. Jovial e prazenteiro, gastava quanto ganhava, alegando só se sentir bem quando sem dinheiro. Caridoso em demasia, aos pobres dava parte do que adquiria em trabalho perseverante e honesto. Dedicado aos seus, por morte da Progenitora desistiu de pequena herança, em favor de sua irmã, por cujo futuro seriamente se empenhava. Queria, com o próprio sacrifício, conquistar um nome, que pudesse ser dela e de toda a família. Sonhava com a guerra, para se ilustrar. Ao menor desacato internacional, queria que o Brasil pegasse em armas. “Quero me experimentar na guerra; só parece que nasci para ela”. “Como seria feliz, se pudesse cantar um hino, ao ribombar da artilharia, arrebatando-me os miolos!”. Estudava apaixonadamente a história, preocupando-se muito com as conquistas e as cruzadas. Sabia a biografia inteira de Napoleão. Quando caixeiro na Bahia, o patrão lia-lhe um dia feitos militares: “Aníbal hesitou na passagem dos Alpes...” “Coriolano cedeu a tantas instâncias...” E ele, convencido e heróico, interrompeu o leitor: “Pois eu não cederia nem hesitaria!...” Declarada a guerra contra o Paraguai, não querendo se subordinar às exigências da disciplina, que temia, seguiu como *voluntário paisano*. Tomou um fardamento especial, armou-se e, sem ser alistado, acompanhou o exército em operações. Seguiu à sua própria custa, sem receber do governo um só real. Era um herói, o mancebo de vinte e quatro anos. Entrou no

terrível combate de Curuzú, onde se portou com grande heroísmo. A 22 de setembro entrou no combate de Curupaití, às 7 horas da manhã, com um valor porventura acrescido ao barulho da metralha. Sua carabina não cessava de fuzilar, e ele seguia avante, esperançado e heróico. Uma bomba paraguaia caiu-lhe ao lado; arrebenta; fragmenta-se por inteiro, e o herói tomba de bruços, banhado em seu próprio sangue. Não pôde mais de erguer: tinha as apófises espinhosas das vértebras dorsais e lombares de todo descobertas. Recolhido ao hospital de sangue, sereno e imperturbável, quase sem vida, alguns amigos o cercaram, um deles tomando-o aos braços. Camerino abriu os olhos, sorriu, sem soltar um gemido sequer. Depois abriu os lábios, recitando com voz suave e clara os seguintes versos, do saudoso poeta do *D. Jayme*:

Ou morre o homem na lida
Feliz, coberto de glória,
Ou suja o homem com vida
Mostrando em cada ferida
O hino de uma vitória.

E expirou. Os seus companheiros de armas levantaram-lhe um túmulo modesto dentro da própria fortaleza de Curuzú, que ele heroicamente ajudara a conquistar. É um dos grandes heróis daquela campanha memorável.

FRANCISCO CARNEIRO NOBRE DE LACERDA – Magistrado e jornalista. Nasceu em Sergipe a 12 de maio de 1869. Por morte do pai, seguiu para o Recife, onde fez o curso de humanidades e também o de direito. Antes de formado, colaborou em diversos jornais e, ainda no 4º ano, foi distinguido com a nomeação de promotor público de Marum. Foi depois juiz municipal de Aracaju e juiz de direito de Gararú, cargo que só exerceu por alguns dias, devido à dissolução, então praticada, da magistratura estadual. Mais tarde serviu como promotor fiscal do tesouro de Sergipe, gerente da Caixa Econômica e delegado fiscal dos exames de preparatórios. Homem de regular estatura e delicada

constituição, generoso e justo, inteligente e erudito, audaz e nobre, representou em tempo papel muito saliente na imprensa oposicionista. Foi redator da *Folha de Sergipe* e correspondente de três jornais do Rio: *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil*. Mudando-se para Pernambuco por questões políticas, foi ali secretário da prefeitura de polícia, juiz de direito de Águas Belas e por fim juiz seccional em Aracaju. É sócio fundador do Instituto Histórico Sergipano. Com grande amor às belas letras, jornalista de pulso, também conta bastantes composições poéticas de valor, sendo autor da *Década Republicana em Sergipe*, interessantíssimo trabalho de história política, e do folheto de versos *Evangelharios* (com Prado Sampaio). A seguinte e excelente composição dá-lhe uma idéia do estro delicado e maneiroso:

Paisagens

Asas ao vento dando e dando ao espaço
As melodias do esquisito hinário,
Célebre passa, em célebre esvoaço,
O pintassilgo irrequieto e vario.

É a hora em que o sol, como um pelouro,
Vara do acaso o fervido regaço;
E vai, herói de algum combate mouro,
A fronte repousar de atroz cansaço.

Nos tons arroxeados do sol posto,
Eu vejo a cor da humana nostalgia;
Da saudade o sendal vela-me o rosto...
Ah! como é triste o epílogo do dia!

Lusco-fusco. Por sobre a natureza
A treva, como o oceano, se prolonga,
E no espesso da murmúria devêza
Perde-se o último canto da araponga.

.....
Noite; nem um fulgor. Dorido acento
D'alma descrente em mágoas lanceada,

No denso candial, dir-se-ia ao vento,
Que vai perder-se além pela quebrada.

Fundo silencioso em torno; apenas ouço,
De longe em longe o eco prolongado
Dos uivos lancinantes d'um molosso,
Na solidão da noite abandonado.

No entanto pelo quarto onde medito,
Onde estes versos pálidos escrevo,
Entraram cicios do inocente rito
Do amor dos pirilampos pelo trevo.

E enquanto vibra a alma da natura
Do pequenino inseto à flor nevada,
Minh'alma se recolhe à selva escura
Do tédio onde jamais luz alvorada...

Alvorada do riso e da bonança,
Que a felicidade doura em seus matizes,
Ah! como é doce um raio de esperança
Quando ele em nosso ser faz cicatrizes!

Que seria da pátria, que seria
Desse que a sorte em seu favor esquece,
Se não fosse esperança que irradia
E o espírito conforta como a prece?

Porque a esperança é como uma flor que nasce
Por “entre os cardos de um rochedo nu”,
Como um sol que de noite flutuasse
Espalhando um clarão intenso e cru.

FRANCISCO DA COSTA – Capitão-mor duas vezes: de 1733 a 1737 e de 1741 a 1746.

FRANCISCO FLARIS – Militar. Nasceu em Sergipe em 1860, alistando-se no exército em 1875. Foi alferes de infantaria em 1888; tenente por serviços relevantes, em 1890; capitão, em

1892; major por merecimento, em 1902; tenente-coronel pelo mesmo princípio, em 1907; coronel ainda por merecimento, em 1911; general reformado, em 23 de dezembro de 1914. Homem de alta estatura e de robusta constituição, abnegado, patriota e bravo, prestou reais serviços à legalidade em 1893 e fez com distinção a campanha de Canudos em 1897. Condecorado com a medalha de ouro, por contar mais de trinta anos de bons serviços à pátria, era oficial de muito merecimento, como claramente indicam os seus últimos acessos na hierarquia militar. Comandava ultimamente as forças situadas em Mato Grosso, como chefe da 13ª inspeção permanente, e gozava na sua arma e na classe de grande e merecida simpatia.

FRANCISCO FÉLIX DE FREITAS BARRETO – Agricultor e patriota extremado e bravo. Nasceu em Sergipe a 25 de outubro de 1827. Homem de regular estatura e de robusta constituição, inteligente e nobre, audacioso e bravo, era coronel da guarda nacional e chefe político influente em Laranjeiras, em cujo município possuía um engenho de açúcar, a que dispensava toda a sua atividade. Declarada a guerra contra o Paraguai, deixou à margem os interesses pecuniários e organizou um batalhão de voluntários que, à sua própria custa transportou para o Rio de Janeiro. E, como comandante do mesmo, seguiu para o campo de batalha. Aí foi um verdadeiro herói, tombando gloriosamente sem vida a 5 de julho de 1866, em S. Thomaz de Corrientes. Contava apenas 39 anos de idade. Era condecorado por atos de bravura.

FRANCISCO FONTES DA SILVA – Militar e engenheiro. Nasceu em Sergipe em 1871, alistando-se no exército em 1890. Foi alferes-aluno em 1893; 2º tenente de artilharia, em 1894; 1º tenente, em 1904; capitão, em 1908. Bacharel em matemáticas e ciências físicas, engenheiro militar, chefe da comissão de estudo das obras de melhoramentos do porto de Aracaju. Homem de regular estatura e de robusta constituição, inteligente, ativo e tenaz, prestou em 1893 ótimos serviços à causa legal. Tem a Sergipe uma

amizade exagerada, nobilíssima. É oficial de grande futuro profissional.

FRANCISCO DE GOUVEIA CUNHA BARRETO – Bacharel. Foi o 48º presidente da antiga Província. Tomou posse a 25 de agosto de 1883.

FRANCISCO ILDEFONSO RIBEIRO DE MENEZES – Bacharel. Foi o 43º presidente da antiga Província, havendo tomado posse a 15 de março de 1878.

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO JÚNIOR – Engenheiro militar. Foi o 36º presidente da antiga Província. Tomou posse a 2 de dezembro de 1869.

FRANCISCO JOSÉ MARTINS PENA – Jornalista e orador notável. Nasceu em S. Cristóvão, a 28 de agosto de 1837. Formando-se em direito no Recife, foi aí advogado, delegado de polícia e deputado provincial. Seguindo então para sua cidade natal, foi juiz municipal, deputado provincial em várias legislaturas, orador de nota e jornalista de grande merecimento. Faleceu a 9 de maio de 1884. Era homem de superior inteligência, de notável cultura e de grande popularidade. Escreveu o drama *Flores e Espinhos*.

FRANCISCO MELO – Capitalista. Nasceu em São Cristóvão a 18 de setembro de 1870. Influência política em Aracaju, onde por duas vezes exerceu o cargo de intendente municipal, deu exemplos frisantes de grande força de vontade e de rara capacidade administrativa. É uma das mais sólidas fortunas do Estado e homem de grande atividade. É o maior acionista do Banco de Sergipe, abasteceu de água a capital do Estado, e agora cuida com ardor da rede de esgotos da referida capital. Só esses três serviços máximos lhe dão honrosa entrada nas páginas sinceras deste livro.

FRANCISCO DE PAULA PRESTES PIMENTEL – Bacharel. Foi o 53º presidente da antiga Província. Sua posse data de 30 de julho de 1888.

FRANCISCO SEROA DA MOTA – Oficial superior do exército. Nasceu em Sergipe a 24 de julho de 1868, alistando-se no exército em 1875. Foi 2º tenente de artilharia, em 1890; 1º tenente de Estado maior, em 1893; capitão, em 1900; major de infantaria, em 1911. Bacharel em matemáticas e ciências físicas e engenheiro militar. Homem de baixa estatura mas de forte constituição, de grande atividade e inteligência, é condecorado com a medalha de prata, por contar mais de vinte anos de bons serviços à pátria.

FRANCISCO SOARES VIEIRA DE MELO – Político. Nasceu em Sergipe, filho de pai português. Dotado de lúcida inteligência, ocupou vários cargos de eleição em Sergipe, comandou o corpo policial em S. Cristóvão e a guarda nacional em Laranjeiras, administrou o tesouro sergipano e foi juiz de direito na Capela. Faleceu no engenho *Alegrete*, de sua propriedade. Era um homem alto e robusto, com o foro de fidalgo.

FRANCISCO TEIXEIRA DE FARIA – Advogado. Nasceu em Itabaiana, provavelmente em 1823, filho legítimo do português Valentim Teixeira de Faria. Concluindo seus estudos, talvez no antigo Liceu de S. Cristóvão, dedicou-se com vantagem à advocacia. Foi um cidadão distinto, por seus dotes morais, sempre se entregando à defesa de causas justas. Militando nas fileiras do antigo partido conservador, foi chefe político de prestígio no sul da Província, máxime na Estância, onde residiu até o fim de sua vida. Dispondo de grande cultura jurídica, pretendeu como Rebouças o título de *doutor*, que só por dois votos lhe deixou de conferir a assembléia geral, apesar de fora do poder o seu partido. Durante algum tempo foi promotor público, cargo solicitado a fim de deixar a família o necessário montepio. Enquanto o partido conservador no poder, foi sempre deputado provincial, sempre estimado e respeitado por suas eminentes qualidades e virtudes. Faleceu a 7 de

setembro de 1885. Era conhecido na Província como o Comendador Teixeira.

FRANCISCO TEIXEIRA DE FARIA – Professor de latim, de francês e de matemática. É filho do Comendador Teixeira. Nasceu na Estância a 14 de julho de 1860, ali mesmo estudando primeiras letras, francês e latim. Seguindo para a Bahia, com o fim de abraçar a carreira eclesiástica, entrou para um seminário, mas voltou a Sergipe dois anos depois, por falta de recursos e principalmente por não se sentir com vocação para a vida religiosa. Concluindo o curso de humanidades no ateneu sergipense, voltou de novo à Bahia, onde se hospedou no Convento do Carmo, refúgio de todo o estudante pobre. Dias depois foi daí afastado pelo duto filólogo Ernesto Carneiro Ribeiro, em cujo colégio se empregou, passando as horas vagas a estudar farmácia e a se dedicar com ardor, ao lado de estudantes cearenses, às lutas abolicionistas. Terminando o curso de farmácia, pretendia estudar medicina: grave enfermidade do seu progenitor, porém, obrigou-o a seguir ato contínuo para a cidade natal. Com a morte do pai, teve de enfrentar encargos da família. Fez concurso para a cadeira de latim e francês, então vaga, sendo nela provido vitaliciamente, na Estância. Anos depois centralizou-se em Aracaju a instrução secundária, e foi nomeado lente de matemáticas da Escola Normal, passando por fim a dirigir a cadeira de geometria e trigonometria do ateneu sergipense. É homem de tristonho aspecto, de lúcida inteligência e de notáveis atributos morais, alto na estatura e delicado na constituição. Conta com 28 anos de ativo serviço no magistério, gozando em Aracaju de justo e merecido conceito.

G

GEMINIANO BRASIL DE OLIVEIRA GOES – Advogado de grande nomeada no Rio de Janeiro, no Império e na República. Nasceu em Sergipe, formando-se em direito e entregando-se com vantagem e brilho à advocacia e à política. Foi presidente da

Província e deputado geral. Em Sergipe era considerado homem de grande talento e um bom orador.

GEMINIANO COSTA – Nasceu em Itabaiana a 15 de setembro de 1865, formando-se em direito no Recife em 1891. Abraçando então a magistratura, foi promotor público em Porto Feliz (S. Paulo) e depois em S. Carlos, onde fixou residência. Em 1897 abandonou a promotoria, com grande prejuízo pecuniário, para tomar para si gratuitamente a defesa dos Britos (sergipanos natos), barbaramente linchados em Araraquara⁴³. Sendo já muito conhecido no foro de S. Carlos, tornou-se respeitado em todo o Estado, depois deste célebre processo, em que se achavam envolvidos homens de notável influência política e social. É de média estatura e de robusta constituição, com dotes invejáveis de espírito e de caráter. Em S. Paulo tem publicado diversos trabalhos forenses de valia incontestável.

GEMINIANO PAES DE AZEVEDO – Poeta de grande inspiração. Nasceu em Sergipe. Homem alto e de delicada constituição, cheio de inteligência e de erudição lingüística, de bondade e de nobreza, conhecia a fundo a língua de Corneille e de Racine, da qual foi abalizado professor na Escola Normal e no Ateneu Sergipense, amado por todos os seus discípulos. Gozava em Aracaju do mais alto e merecido conceito. Com grande amor às belas letras, à poesia sobretudo, publicou sucessivas e interessantes composições poéticas, qual mais delicada, mais maviosa e atraente. Foi um dia chamado com felicidade o *poeta dos olhos*. O seguinte exemplo é um belo atestado das precedentes afirmações:

Teus olhos

Formosa, teus olhos tão meigos luzentes,
Resumem da flor
As graças, os mimos, os doces perfumes;
E falam de amor.

Celeste deidade, teus olhos travessos
Encantos que são!
Se brandos queixumes teus lábios respiram,
Caídos tão langues, teus olhos inspiram,
Ardente paixão.

Contei-te que, em sonhos, fitavam meus olhos
Uns olhos assim!...
Alegre, louquinha, cismavas, sorrias,
Vaidosa p'ra mim.

Isento de amores, que magos encantos
Então eu senti!...
Rosinha, não sabes? teus olhos escuros
Deveras parecem, tão lindos, tão puros,
Os olhos que vi!

Momentos na vida felizes mais belos
Jamais eu gozei,
Nem sonhos dourados mais lindos, mimosos,
Tamanha ventura, nem dias ditosos
Eu nunca sonhei.

Cativa minha alma, caída em desmaio,
Amou, sem amar.
Risonha miragem de um anjo fagueiro
Me veio enlear...

Escuta. Tu foges! Eu amo teus olhos
Luzidos, brilhantes,
Lacinhos que prendem nos doces enlevos
Os ternos amantes!

São lindos, encantam teus olhos travessos
Assim a brincar:
Tão vivos, serenos, às vezes dormentes,
Eu amo teus olhos tão meigos, luzentes,
Sem fito a pensar.

GIL ANTONIO DIAS DE ALMEIDA – Oficial superior do exército. Nasceu em Sergipe a 3 de maio de 1874, verificando praça no exército em 1889. Matriculando-se na Escola Militar, foi promovido a alferes de infantaria em 1894; a tenente por estudos, em 1904; a capitão, ainda por estudos, em 1908; a major, por merecimento, em 1913. Tem o curso das três armas pelo regulamento de 1898. Em 1893 ótimos serviços prestou à causa legal. É homem de regular estatura e de robusta constituição física, com justiça considerado no exército como um excelente oficial de infantaria. Serve na Brigada Policial do Rio de Janeiro, como comandante de um dos regimentos daquela milícia.

GILBERTO AMADO – Orador, jornalista, literato, político, filósofo e crítico. É o sergipano de mais talento em atividade intelectual presentemente. Nasceu na Estância em 1887, fazendo os preparatórios, quase todos com distinção, em Aracaju. Com dez anos apenas já contava três exames finais. Em 1903 formou-se em farmácia na Bahia, com distinção em todo o curso. Pretendia formar-se em medicina logo depois. Mas a sua vocação literária era já tão pronunciada, com a sucessiva publicação de crônicas, fantasias e contos, que o progenitor, aconselhado, resolveu enviá-lo a Pernambuco. E antes de seguir para aí, foi nomeado professor de ciências físicas e naturais da Escola Normal, estando presentemente em disponibilidade. Matriculando-se na academia do Recife, colaborou em diversas revistas e logo depois no *Diário de Pernambuco*, onde manteve durante três anos, diariamente, uma crônica literária sob o pseudônimo de *Auceo*. Em 1907 fez sua primeira conferência literária – *Nuvem*, no salão nobre do colégio *Ayres da Gama*, conferência que causou sucesso, e que é sem questão uma das suas melhores produções literárias. Contava então duas dezenas de primaveras apenas. Por sucessiva delegação de seus colegas, fazia nesse tempo na academia brilhantes discursos, como diversas alocações políticas e literárias no teatro *Santa Izabel* e em vários outros centros de cultura intelectual. Durante três anos manteve brilhante polêmica, em Recife, com a Província e o *Correio de Recife*, tornando-se famosa a que dizia respeito a

Nietzsche, cujas obras teve a glória de vulgarizar no meio literário pernambucano. Em 1909, tão grande lhe era a influência, que foi nomeado presidente e *leader* da comissão de estudantes que representou a faculdade de Recife no congresso de estudantes em S. Paulo. Aí representou papel sobremodo saliente, sobretudo com a sua tese sobre a filosofia do direito, que o tornou muito conhecido em S. Paulo. Eleito pelo Congresso para saudar o Conde de Affonso Celso, presidente da última sessão, assim como os estudantes franceses e deputados federais presentes, confirmou de modo cabal seus altos dotes oratórios. De volta a Pernambuco, escreveu uma série de artigos, transcritos no *Estado de S. Paulo* e no *Correio Paulistano*. Terminado o curso jurídico, todo quase com distinção, com direito ao prêmio de viagem, que lhe foi concedido por motivos políticos, seguiu para o Rio de Janeiro em 1910 e aí, a 13 de fevereiro, entrava superiormente nas grandes rodas literárias, com seu profundo estudo crítico sobre Luiz Delfino, publicado no *Jornal do Comércio* desse dia, estudo que lhe valeu ativa e brilhante colaboração nos melhores jornais do Rio e de S. Paulo. Em 1911 foi nomeado professor de direito criminal da faculdade de Recife. Em 1912 foi à Europa em comissão do governo. Nesse mesmo ano pleiteou em vão uma cadeira na câmara dos deputados. Em 1915, eleito deputado federal por Sergipe, com grande influência no meio literário e político da capital do país, se viu inesperadamente envolvido em uma lamentável cena de sangue, em um dos salões do *Jornal do Comércio*, de que resultou a morte do malogrado poeta Aníbal Teófilo. Foi então recolhido à Brigada Policial, à disposição da pública justiça. Entanto em carta íntima, a 1º de fevereiro de 1915, ele me dizia convencido: *desejo o bem de todo o mundo, e só concebo a vingança como ação reflexa de defesa*. Foi depois absolvido. Gilberto Amado é de baixa estatura, mas de robusta compleição, talhado superiormente para as lutas arriscadas do pensamento. Tem um pequeno cacoete: quando começa a falar gagueja um pouco, mas depois que se entusiasma é uma verdadeira torrente. Tem talento de sobra e erudição inacreditável à sua pouca idade. Fala muito bem. Escreve admiravelmente. É um dos

gigantes do pensamento no Brasil. Se houvesse dado a lume as suas poesias, escritas todas na prisão, seria já um dos nossos maiores poetas. Publicou um volume excelente – *A Chave de Salomão*. Mas se fosse a reunir os trabalhos literários já produzidos, poéticos inclusive, poderia contar uma boa dúzia deles. Eis uma amostra brilhantíssima do escritor, tirada de *A Chave de Salomão*, e uma das mais belas páginas do lusitano idioma:

A existência anônima da gota d'água, contém o segredo mais profundo da natureza. Na sua mudez trêmula, ela concentrou tudo o que quis guardar para si, tudo o que não quis revelar. A gota d'água é o seu cofre-forte. Está cheia de coisas secretas. No dia que se explicar a gota d'água, ter-se-á tudo explicado. É o ponto inicial. E que maravilhosa perfeição! As coisas belas que a natureza tem laboriosamente composto com graça e enlevo, não são assim tão puras. A rosa, o seio da mulher, a cabeça do poeta, a pérola do mar e a estrela do céu, ainda que obras primas de misteriosa combinação, não são assim tão belas. Há rosas sem beleza e há pérolas tortas. Só a gota é sempre igual a si mesma, redonda, trêmula, silenciosa, exprimindo a maior arte e a mais divina intenção. Todas as coisas belas, são mais belas na luz do sol. Mas a gota irisada é o prisma, a natureza exprimindo-se a si própria, e o orvalho, lágrimas que a noite chora na angústia de criar o dia, que é senão um eflorescer? esplêndido de gotas?

Agora uma mostra sublime do pensador:

À mais sábia de todas as palavras de Cristo foi aquela em que ele disse: “Vivei com os lírios”. Esta palavra só, consagraria um deus. Uma das maiores dificuldades dos meus estudos tem sido conciliar a natureza de Cristo com a sua origem judaica. Nem a legenda, nem os historiadores, nem os intérpretes psicólogos me satisfazem ainda. Cristo foi, de todos os pensadores, o que formulou em

termos mais claros a moral do individualismo contemplativo, a filosofia da ociosidade ilustre. A sua maior habilidade, querendo ser um objeto de amor universal, foi renunciar ao culto da justiça.

Ele era originalíssimo; tinha horror de todos os lugares-comuns, verbais ou de atitude. O perdão da adúltera, a paga dos operários relapsos, a simpatia pelos vagabundos, o horror a doutores, a sacerdotes, e a toda vulgaridade pretensiosa, a suave injustiça que redimiu Madalena, e seu anarquismo radical e poético, tudo isto me admira tenha aparecido na cabeça de um judeu. A sua compreensão da vida não é a dos judeus. Qualquer sético moderno é perfeitamente cristão, sem alterar em nada a doutrina de cristo, pelo menos como eu a entendo. E que Nietzche não o tenha compreendido é uma das maiores estranhezas das que tenho deparado na obra deste grande homem. A sua moral é toda de simpatia, de indulgência; ele não tinha nenhuma confiança no homem, nem para salvar-se, nem para perder-se; e a sua admirável ironia, ironia que na sua vida não descontinuou um momento, fez com que ele nunca tomasse a sério, nem a dedicação de Pedro, nem os seus próprios atos.

Ele não tinha nada da combatividade de Jeová. Não há maior contradição do que a que separa o novo do velho testamento. Pode-se aprender bem esta diferença estudando na Itália Rafael e Miguel Ângelo. Rafael é um cristão, enquanto que Miguel Ângelo é judaico. Ambos são florentinos. Mas Miguel Ângelo é filho de um contraste. É tão atico, tão greco-renascença, isto é, florentino, como Rafael, mas é um florentino monstruoso, um monstro trovo e devorante que se nutriu do velho testamento. Aí a sua singularidade. Cristo foi um deus regular, harmonioso, helênico. Rafael compreendeu-o assim porque tinha a alma regular, harmoniosa, helênica e colhia a perfeição na sua alma com a facilidade com que num jardim se colhe uma rosa. Quem sofreu a marca do velho

testamento, quem viu o dilúvio, os patriarcas, Jó, o deserto, Agar, o horror desses trágicos primitivos, guarda para sempre o espanto na alma. Por mais suave que seja a harpa de Davi, ela não pode adormecer este espanto. Por isso Miguel Ângelo é o oposto de Rafael. É um duplo, um monstro. Tem dentro de si Jó e Fídias. Imagine o contraste! Agar e Helena, Judite e Friné. Por isso se enganam os que procuram nele e em seus discípulos os traços do suave Cristo de Rafael.

Cristo foi um deus pouco dramático, apesar das cenas complicadas em que o envolveram. Detestava os gestos violentos e a ênfase. Tinha um grande temperamento artístico e as suas palavras, a despeito da confusão que alguns dos seus discípulos carinhosamente espalharam nelas, ainda o revelam. Esta, por exemplo, é divina – “Não te preocupes com o dia seguinte. A alma é superior ao corpo, como o corpo é superior à vestimenta”.

Nós vivemos, ao contrário, preocupados com o futuro. Idéia dominante é esta do dia de amanhã.

Todos nós vivemos em vista de um futuro. Olhai aquele homem que ali passa, curvado, os olhos ardentes, correndo. Ele leva o fardo das suas recordações: foi o passado que o curvou e que ainda lhe queima o coração; é o futuro que o arrebenta. Ele é um vôo do que foi ao que vai ser. Nem um minuto ele pousa no momento presente. Vede-o que se senta no jardim. A hora é cálida, a sombra que cai da árvore é balsâmica, crianças brincam de redor dele, pondo no ar uma algazarra festiva, águas dos repuxos cantam uma harmonia fresca, e em torno a vida cria os seus mil movimentos sonoros. É uma simpatia rude às vezes, mas sempre sugestiva e rica de imagens. O mundo está interessante. Todavia, ele não vê o mundo. Tem os olhos fixos no chão; os seus gestos são automáticos e o seu pensamento está longe. Está no passado ou no futuro. Pensa num amor que se extinguiu, pensa numa humilhação que sofreu, pensa num negócio que não realizou; pensa

nos amores que vai ter no futuro, na humilhação que novamente vai sofrer, nos negócios que talvez nunca chegue a realizar. Todos os seus atos são em consideração de um futuro; atos bons ou maus. Ele só não vê o momento que passa. Às vezes, esse momento é belo como a rosa, doce como o som. Mas ele não o vê, nem o ouve. O homem é, neste sentido, mais infeliz que os outros animais. O animal só vive o momento presente. Quantas vezes o gozo do momento que passa não é turvado pela recordação! Um beijo da mulher amada lembra outros lábios que talvez tivessem pousado na mesma carne querida; um sinal de amor quantos vestígios do passado não revivesce e não creia! Todas as tragédias da vida, o ódio, a tristeza, o ciúme, as paixões que tem nutrido os dramas e que dominam os homens provêm da memória. Pode-se definir o homem, o animal que se lembra. O homem é o único animal que tem história.⁴⁴

GONÇALO DE AGUIAR TELES DE MENEZES – Magistrado. Nasceu em Sergipe, formando-se em direito. Abraçando a magistratura, chegou ao alto posto de desembargador, na Paraíba, antes da República. Era homem de superior inteligência, porventura um dos mais distintos membros da grande família sergipana dos Teles de Menezes. Casou-se com a *Jureminha*, fato que deu lugar a várias lutas armadas entre as famílias Faro e Leandro Maciel. A mãe de *Jureminha*, que teve o marido assassinado, sendo depois raptada e casada à força com Faro Mota, viu este em luta com os Macieis, pelo rapto da enteada...⁴⁵

GONÇALO DE FARO ROLEMBERG – Médico. Como vice-presidente do Estado, assumiu a presidência a 11 de dezembro de 1894, por haver entrado no gozo de licença o presidente eleito coronel Valadão.

44

45

GONÇALO DE LEMOS MASCARENHAS – Capitão-mor, nomeado por carta régia de 23 de outubro de 1692. Completado o triênio, foi substituído no cargo, em 1695, por Sebastião Nunes Colares.

GONÇALO PAES DE AZEVEDO FARO – Magistrado. Nasceu no Rosário do Catete a 27 de fevereiro de 1864. Formando-se em direito no Recife, abraçou logo a magistratura. Foi depois chefe de polícia na Paraíba, em Alagoas e no Ceará. Aposentou-se como juiz de direito, passando então a viver na cidade de Olinda. Escreveu em 1877 o *Regimento* das colônias orfanológicas, agrícolas e industriais da Estrela. Era homem robusto, de regular estatura, talvez um tanto impulsivo em suas resoluções.

GONÇALO PRADO – Agricultor influente. Reside no município de Rozani, onde goza de real prestígio. É capitalista e coronel da guarda nacional.

GONÇALO VIEIRA DE CARVALHO E MELO – Advogado. Nasceu em Sergipe, mais ou menos em 1828, bacharelando-se em direito provavelmente em 1852. Em 1849 cursou o segundo ano da academia paulistana. Entregou-se então com extrema facilidade à poesia, dizendo ter em mãos, quase pronto, um poema épico, no qual contava as glórias sergipanas⁴⁶.

GRACILIANO ARISTIDES DO PRADO PIMENTEL - Jornalista e político de merecimento. Nasceu em S. Cristóvão a 15 de agosto de 1841. Bacharelando-se em direito, foi promotor e juiz municipal em Sergipe, deputado geral duas vezes, secretário da Província do Espírito Santo e da de Minas, presidente de Alagoas, do Maranhão e de Minas Gerais. Por fim entregou-se à advocacia no Rio. Homem de grande talento e de ação, dedicou-se com vantagem ao jornalismo. Redigiu na Província natal o *Correio Sergipense* e o *Eco Liberal* e no Rio de Janeiro os seguintes

periódicos: *Correio do Povo*, *A Reforma* e a *Tribuna Liberal*. Escreveu diversos *relatórios* e publicou um interessante panfleto – *As confidências de um morto*.

GUILHERME JOSÉ NABUCO DE ARAÚJO – Político. Foi presidente de Sergipe em 1823.

GUILHERME PEREIRA RABELO – Era formado, pai do médico que lhe traz o nome, e homem de superior inteligência. Natural de Sergipe, não consegui saber a época do nascimento, provavelmente em 1825 mais ou menos.

GUILHERME PEREIRA RABELO – Médico e professor na Bahia. Nasceu em Sergipe a 5 de junho de 1854. Formando-se em medicina em 1878, na Bahia, entrou logo depois para o corpo docente da faculdade, onde foi mais tarde catedrático de patologia geral. Homem inteligente e erudito, regular na estatura, pouco corpulento, colaborou com sucesso em vários jornais e revistas médicas. Publicou em folheto um *discurso* acadêmico e passou para o inglês, língua que lhe era familiar, uma excelente memória sobre o Estado da Bahia. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico Baiano.

GUILHERME DE SOUZA CAMPOS – político. Nasceu em Itabaiana, formando-se em direito no Recife. Foi advogado no Lagarto, presidente do tribunal da Relação, 6º presidente de Sergipe, empossado a 24 de outubro de 1905, deposto a 10 de agosto de 1906, e reposto pelo governo federal a 28 de agosto do mesmo ano. Foi depois senador federal sergipano.

GUILHERMINO AMÂNCIO BEZERRA – Advogado. Nasceu em Itabaiana. Homem de superior talento, orador eloquentíssimo, sobremodo dedicado aos desprotegidos da fortuna, era considerado o advogado natural dos pobres e oprimidos, sinal evidente de sua grande superioridade moral. Era formado em farmácia e foi durante muito tempo deputado em Sergipe.

GUMERCINDO BESSA, *G. de Araújo B.* – Jurisconsulto e jornalista de muito valimento. Nasceu na Estância a 2 de fevereiro de 1857. Estudou humanidades na Bahia, seguindo depois para o Recife, onde se bacharelou em direito em 1885. Abraçando a magistratura, foi promotor público em São Cristóvão. Em desinteligência com o juiz de direito, pediu demissão do cargo e atirou-se triunfantemente à advocacia e ao jornalismo. Redator de *A Reforma*, os seus artigos fizeram época. Era um jornalista de pulso. Defendendo no criminal, a sua violência e a sua lógica sempre se mostravam acima da atualidade. Era um advogado brilhantíssimo, invencível. Em Sergipe a sua palavra ardente, nos domínios do Direito, chegou a ter o peso de um dogma. Tão grande lhe era a superioridade intelectual. Foi ainda juiz de casamentos, desembargador da primeira Relação, chefe de polícia, deputado à constituinte sergipana, deputado federal e advogado de nota em Aracaju e em outras cidades sergipanas. Homem de regular estatura e constituição, estrábico em demasia, pleno de talento e de erudição jurídica, de energia e de vontade, orador eloquente e jornalista de escol, gozava em Sergipe, que representou superiormente na câmara federal, da mais justa e notável popularidade. No mesmo ano de sua formatura escreveu uma erudita monografia – *Que é direito?*, posta em apêndice à 1ª edição da *Filosofia do Direito* de Silvio Romero. Em 1891 escreveu um projeto de constituição para Sergipe, e na imprensa diária, em sua terra, sempre deu superiores mostras de valor intelectual, de energia e de combatividade. O seu *Memorial em prol dos acreanos*⁴⁷ mereceu as mais honrosas referências das sumidades em direito no Brasil. Foi um dos mais distintos discípulos de Tobias, que lhe admirava a erudição e sobretudo a assombrosa memória. É, sem questão, uma das glórias intelectuais do pequeno Estado do norte. Faleceu em Aracaju, a 24 de agosto de 1913, deixando a família em pobreza máxima. O deputado Dias de Barros, a 1º de setembro daquele mesmo ano, apresentou à câmara um projeto de lei, concedendo-lhe à viúva e filhos uma pensão

mensal de 300\$000, que ainda não chegou a ser realidade. Do temperamento literário desse jurista agigantado vai aqui erudita e sugestiva mostra:

O Brasil não é terra de juristas. Não há energia moral no povo, não há cultura suficiente nas classes dirigentes, para que o direito se eleve à altura de uma coisa venerada e digna do culto nacional. Juizes, advogados, professores, todos os órgãos da vida jurídica nacional são “ganha-pães”, preferem ser peitáveis a ser respeitáveis. Os nossos legistas são compulsadores da massa das leis, sem sistema, sem alvo científico, por intuítos mercantis, por estímulos sempre egoísticos.

Um só homem entre nós teve o mérito de levantar uma construção jurídica filosófica, de procurar, por puro interesse científico, o “Direito nos direitos”, de abstrair do direito local e temporal uma idealização do direito.

Precisarei nomeá-lo?

Tobias Barreto entrou com a sua quota para a solução do problema sempre renascente.

“Direito”, diz ele, “é a disciplina das forças sociais, ou o princípio da seleção legal da luta pela vida”.

Esta intuição é grandiosa; mas, perdoe-me o venerando mestre, incorre na censura das outras, porque deixa sem raias traçadas o campo das ações espantosas e das que devem ser obrigatórias.

Arrojo, audácia digna de reprimenda é a minha por certo!

Eu ter uma definição completa do direito, depois de ter rejeitado as de tantos varões imortais! “Tole! Tole!” hão de vociferar os parvos, cujo número é infinito.

Que esbravejem à vontade esses miolos de água chilra.

Sou uma consciência que se satisfaz de si própria. E basta.

Das minhas vigílias, dos meus estudos comparativos surgiu uma fórmula do direito, a única que me satisfaz, a única a qual o meu espírito presta adesão incondicional; essa é a que tenho por verdadeira.

Não faço cabedal de impô-la aos outros; se ficar com o meu assentimento, solitário e obscuro, não me parecerá por isso menos verdadeira.

Quem não puder fazer coisa igual, ria-se de mim, isso dá ares de sabedoria.

Se algum espírito a aceitar, não me atribua o mérito dela. O meu trabalho é uma colheita no terreno que aqueles chefes de fila desbravaram, semearam e cultivaram.”⁴⁸

H

HELVÉCIO DE ANDRADE – Médico e professor. Nasceu na Capela a 6 de maio de 1864, formando-se depois na Bahia, a princípio em farmácia e depois em medicina. Voltando a Sergipe, dedicou-se à clínica em Propriá. Fixou residência em S. Paulo em 1889, sendo em Santos inspetor sanitário e delegado de ensino. Em 1893 prestou reais serviços, como médico do 54º batalhão da guarda nacional, então aquartelado, e também como médico adjunto do exército, o que lhe valeu as honras de capitão honorário do exército. Voltando novamente a Sergipe em 1900, foi delegado federal no ateneu sergipense, lente de pedagogia e depois de ciências físicas e naturais da Escola Normal, diretor dessa escola e da instrução pública. Além da sua tese de formatura publicou os seguintes e valiosos trabalhos: *Sobre a febre amarela de 1892*, *Apontamentos sobre a história da peste bubônica*, *Que é homeopatia*, *Os três grandes flagelos da humanidade*, *Geografia e climatologia médica de Sergipe*, *A quem deve caber a responsabilidade do ensino primário*, *Leitura analítica e Lições de Pedagogia*.

⁴⁸ Nota do autor: Da monografia *Que é direito?*.

HELVÉCIO DA SILVA MONTE – Médico. Filho de pai cearense e de mãe sergipana, nasceu acidentalmente em Penedo, a 25 de novembro de 1840, por estar ali foragida sua família, devido a perseguições políticas em Sergipe. Em 1842, pacificados os ânimos, passou a residir na vila Japarutuba, onde fez seus primeiros estudos. Em 1855 seguiu para a Bahia, e aí, sob a direção de Frei Arsênio da Natividade, no pequeno seminário, verteu para o português, sob o anonimato, alguns trabalhos religiosos de valor. Em 1864 formou-se em medicina. Convidado então para incorporar-se ao exército em operações, no corpo de saúde, recusou o convite, seguindo para o Ceará em visita à família do seu progenitor. Fixou residência em Sobral, onde constituiu família, sendo sucessivamente médico da municipalidade, membro de diversas comissões higiênicas e médico da estrada de ferro Camocin, cargo que deixou para exercer o mandato de deputado provincial nos biênios de 1878 e 1880, sendo neste último o presidente da Assembléia. Na grande seca de 1877 a 1879 prestou gratuitamente relevantes serviços profissionais e humanitários, sendo sua principal ação o salvamento das crianças abandonadas às estradas, grande número delas mantidas à sua própria custa. Esse número chegou a 635. Passada a crise foram as crianças reclamadas pelas respectivas famílias, com exceção apenas de 36. Em 1886 passou a residir em Fortaleza, e aí foi médico da Santa Casa e da Escola de Aprendizes Marinheiros, e professor de ciências naturais e depois de biologia no Liceu, desempenhando importantes comissões médicas e pedagógicas. Em 1893 foi eleito senador estadual, em 1894 deputado federal, reeleito em 1897. Terminado o mandato em 1899, fixou residência no Rio de Janeiro, sendo nomeado médico de higiene, e de corpo e alma se entregando ao saneamento da capital do país. Nesse cargo se aposentou em 1909. O Dr. Helvécio é de regular estatura e regular constituição, de lúcida inteligência superiormente cultivada e dotado sobretudo de superiores qualidades de caráter. É um venerando brasileiro, cuja destra gentil a gente tem prazer em

apertar cordialmente. Além de sua tese de formatura, publicou vários discursos e diversos relatórios sobre instrução e higiene.

HERCULANO MARCOS INGLEZ DE SOUZA – Bacharel. Foi o 46º presidente da antiga Província. Sua posse data de 18 de maio de 1881⁴⁹.

HERMENEGILDO JOSÉ DE OLIVEIRA – Comerciante e tipo de honestidade. Nasceu em Laranjeiras a 13 de abril de 1829, seguindo para a Bahia como caixeiro, em luta ingente com a sorte. Ali constituiu família, lutou sobremodo e voltou a Laranjeiras, onde se estabeleceu com uma loja de fazendas. Dirigiu depois o engenho de açúcar denominado *Brejo*, voltando mais tarde ao comércio, onde ganhou invejável reputação de honestidade. Nunca enganou ao balcão quem quer que fosse, nem mesmo as crianças da mais tenra idade. Estas lhe iam à loja, conduzindo às vezes notas de alta valia: e o troco era rigoroso, como rigoroso o peso e excelentes os gêneros oferecidos. Com grande gosto pela homeopatia, gratuitamente curava meio mundo em Laranjeiras. Era popularmente conhecido por *Seu Begi*. Homem de baixa estatura e de robusta compleição, inteligente e justo, austero e nobre, foi um excelente delegado de polícia em Laranjeiras, sempre em heróica e audaz perseguição ao vício e ao crime. Era capitão da guarda nacional. Faleceu de febre violenta àquela cidade, a 21 de julho de 1894. E como à irmandade de Bomfim houvesse em vida prestado reais serviços, foi enterrado à igreja do mesmo nome, perto do altar mor. Era um caráter ilibado: detestava o jogo e o álcool, a perversidade e os baixos sentimentos, o vício e o crime.

HERMES FONTES – Poeta e romancista. Nasceu em Boquim, a 28 de agosto de 1888. Chegou no Rio de Janeiro aos dez anos de idade. Bacharelou-se em direito em 1911. Dedicando-se ao jornalismo, foi redator da *Época* e do *Diário de Notícias*, tendo colaborado em quase todos os jornais do Rio. Em 1909, durante a campanha civilista, extremou-se em suas idéias, publicando

veementes artigos e sátiras que lograram larga transcrição no país inteiro. Como poeta, é considerado um dos maiores em atividade. Seu primeiro volume de versos – *Apoteoses*, causou sucesso em 1908, o mesmo acontecendo à *Gênese* e ao *Ciclo de Perfeição* em 1913, e provavelmente ao *Oásis*, em vésperas de publicidade. Escreveu uma comédia infantil – *Pão de Ló* e um poema dramático, ambos infelizmente extraviados. Seus dois futuros romances *Passarinho...* e *Indigno Amor*, são esperados com justa ansiedade nas boas rodas literárias. Hermes Fontes é de baixa estatura e delicada compleição, empregado modestíssimo do correio e um dos maiores poetas da atualidade. O seguinte soneto, do seu último livro, é verdadeiramente admirável:

A uva

Pérola vegetal do escrínio de Pamona,
Rima de ouro de um pomar invisível – o Paladar –
Bem haja, Uva, a estação que o ovário te sazona,
Para a mão te colher e o lábio te sugar.

Gota de água que foste – espumejaste, à tona
Da parreira – esse rio aéreo (a Flora é o mar...)
Beijo – cristalizaste em fruto, que impressiona
Pelo gosto sutil, pela cor singular.

Dentro de teu bojo oval há um mundo pequenino:
Um mundo de sabor, em que se dissimula
A consciência da falta, o ódio cego e vilão.

Pílula do Demônio – és tu, cujo destino
É excitar-nos a sede, iludir-nos a gula
E pontuar – pingando verde – a Embriaguez e a
Traição...

Mas eu prefiro os dois seguintes, que falam direito ao coração do filho e do soldado:

Lenda russa

Na Sibéria, talvez numa noite de luar,
Órfão de mãe, nasceu o pequenino ser.
De cedo, muito cedo, habituou-se a afrontar
Tudo o que de ímpio e mau se pode conceber.

Amou e foi soldado. Entre o amor e o dever,
Foi pelo último embora – exemplo singular –
Sentisse o coração a bater... a bater,
Ao despedir-se d'Ela, em doloroso olhar...

Na guerra pelejou, foi um tigre a rugir...
Quando lhe doía n'alma a lembrança do amor,
Ele fitava os céus e esperava o porvir!

... Até que, um dia, com um sanguinário astúr,
Amanheceu baleado e enterrou-se, ao sol-pôr,
Dentro do coração marcial de Porto-Arthur..."

Mãe

Para dizer quem foi a minha mãe, não acho
Uma palavra própria, um pensamento bom.
Diógenes – busco-o em vão: falta-me a luz de um
facho.

– Se acho som, falta a luz; se acho a luz, falta o som!

Teu nome, ó minha mãe, tem o sabor de um cacho
De uvas diáfanas, cor de ouro e pérola, com
Polpa de beijos de anjo... Ouvi-lo é ouvir um riacho
Merencório, a rezar, no seu eterno tom...

Minha mãe! minha mãe! eu não fui qual devêra!
Morreste e não bebi em teus lábios de cera,
A doçura que as mães, ainda mortas, contêm...

Ao pé de nossas mães, todos nós somos crentes...
Um filho que tem mãe – tem todos os parentes...
– Eu não tenho por mim, ó minha mãe, ninguém...

HOMERO DE OLIVEIRA – Magistrado. Emérito orador e jornalista. Nasceu acidentalmente em Pernambuco, a 14 de abril de 1858, formando-se em direito no Recife em 1879. homem de baixa estatura e de delicada constituição, cheio de inteligência, de energia, de erudição e de vontade, foi promotor em Aracaju, juiz de direito em Maruim e desembargador em Aracaju. Com grande amor às lutas da inteligência, falava admiravelmente bem, sendo mesmo considerado ultimamente um dos melhores oradores sergipanos. Também escrevia com habilidade e destreza nos jornais de Sergipe, onde suas belas qualidades intelectuais cada vez mais se desenvolviam e se impunham. Faleceu no Aracaju a 17 de dezembro de 1910, como presidente do Supremo tribunal sergipano.

HORÁCIO HORA – Pintor de grande merecimento e uma das mais belas organizações artísticas do norte do Brasil: tão grande na pintura, quanto Carlos Gomes na música. E se não houvesse falecido aos 36 anos de idade apenas, certo no Brasil e no estrangeiro fama teria igual à do grande compositor do *Guarani*. Nasceu em Laranjeiras, a 17 de setembro de 1853 e, paupérrimo, sem ter quem lhe tomasse ao sério a grande vocação artística, em tenra idade já pintava com maestria expressivas figuras, na cal das paredes da cidade, zombando dos burgueses apatacados. Deram-lhe então um mestre em S. Cristóvão. Resultado: o charlatão pôs ao seu serviço o grande talento do jovem disciplinado. Ao invés de educação, corrupção. Fizeram então do artista, que trazia do berço a glória do pincel, um aprendiz de relojoeiro. Mas Horácio Hora, ao deixar em repouso lupa, rodinhas e pinças, descansava pintando retratos. Retratou a lápis uma jovem vizinha de defronte, para isso aproveitando os poucos instantes, em pose múltipla, em que ela chegava à janela. Desenhou de memória o busto de um amigo ausente. E de um colega espirituoso, que lhe não poupava o sossego, em contínuos epigramas, vingou-se desenhando o retrato a subjugar um burro pelas orelhas, com o seguinte e causticante dizer: *Podes ter mais juízo que eu; porém força...* Sergipano de valor, entre os quais o Dr. Martinho Garcez, ao lhe apreciarem os

méritos, resolvem mandá-lo à Europa em estudos. Votada por unanimidade lei provincial a respeito, ele embarca em Laranjeiras, via Aracaju, Estância e Bahia, com destino à França, a 5 de junho de 1875. E, ao contemplar extasiado o grande museu de Louvre, afirma convencido: “Hei de ser um artista!”, repetindo sem o saber o gesto pernambucano de Tobias Barreto alguns anos antes: “Hei de ser um grande homem!”. Matriculou-se na Escola de Belas-artes em outubro de 1875, e 8 meses depois conseguiu o 1º prêmio no concurso geral das escolas parisienses. Em novembro de 1876 alcançou o 1º prêmio num concurso de desenho por estampa. Em 1878 conseguiu o 3º prêmio, três medalhas de prata e uma de bronze. Em 1877 copiou do natural a Virgem de Murilo, quadro já de grande merecimento, considerado em Paris uma das melhores cópias existentes, e remetido com grande sacrifício para a matriz de Laranjeiras, porque as prestações de sua subvenção não lhe chegavam nunca a tempo, por causa da crise financeira por que passava Sergipe. A 29 de junho de 1881 chegou a Sergipe, de volta da Europa, sendo festivamente recebido em Aracaju e depois em Laranjeiras. E trabalhou então como um mouro, a copiar... retratos. “Estou transformado em maquina”, dizia ele com tristeza. Mas conseguiu assim pintar *Pery e Cecy*, talvez a melhor das suas telas. Foi depois a Estância, onde pintou a célebre *Miséria e Caridade*, hoje no hospital de misericórdia dessa cidade. Em 1884 vai a Laranjeiras em despedida à família, volta a Estância e daí segue para a Bahia, onde expôs 42 quadros, recebendo então da academia de belas artes, como prêmio aos trabalhos expostos, o diploma de membro correspondente e acadêmico de mérito. Logo depois embarcava para Paris. Em 1886 concluiu ali o célebre quadro *Flores do Outono*, inspirado em poesia de Victor Hugo. E fagueira lhe corre a existência, até que, apaixonado por uma mulher desgraciosa e má, a engomadeira Matilde Lafage, vai aos poucos, sorrateiramente, perdendo saúde e valimento. Lutou então com sérias dificuldades para viver. Vendeu a própria roupa. Por último, vendeu até o cavalete. E, paupérrimo, morre de pneumonia dupla, em casa de um nobre e generoso amigo, em Paris, a 1º de março de 1890. Tinha apenas 36 anos de idade. “Loin de mon pays!”... foram

as suas últimas palavras. Homem de regular estatura e forte constituição, pleno de nobres sentimentos, de fronte espaçosa e olhar inteligente, de uma tristeza inexplicável e profundíssima aos últimos anos de viver atribulado mas honesto, Horácio Hora apresenta-se à crítica imparcial e competente como um verdadeiro artista, como um pintor de gênio. Seis anos antes de sua morte diz Gumercindo Bessa, extasiado ante as múltiplas belezas do quadro *Pery e Cecy*: “Horácio Hora é um predestinado da imortalidade. Não direi que ele sofra a *nevrose* do gênio; mas posso afirmar sem medo de erro que seu talento é de primeira ordem e potenciado por uma educação artística irrepreensível. Se, como diz Buffon, *le genie est une longue patience*, o que o põe na categoria das coisas que se pode adquirir pelo trabalho perseverante, não será de estranhar que, mais tarde, Horácio Hora seja glorificado como um artista de gênio”. Por fim, como uma dupla homenagem, as seguintes palavras, de uma carta por ele dirigida da Estância, a 14 de setembro de 1883, ao célebre educador Baltazar Góes: “Jesuis en train de faire un tableau dont le sujet est *Le Colibri* de Tobias Barreto, dans le but de l’offrir à l’auteur de la poésie de ce titre: que dis – tu de cela? Le tableau est déjà ebauché et ça promet. Du reste, tu dois comprendre qu’il faut que ça soit bien soigné”.

I

INÁCIO DIAS DE OLIVEIRA – Militar. Presidente da Província duas vezes: em 1835 e 1836.

INÁCIO JOAQUIM BARBOSA – Bacharel em direito. Foi o 25º presidente da antiga Província. Tomou posse a 17 de novembro de 1853.⁵⁰

INÁCIO JOSÉ VICENTE DA FONSECA – Militar. Presidente da antiga Província em 1828.

IVO DO PRADO MONTE PIRES DA FRANCA – Militar. Nasceu em S. Cristóvão a 10 de dezembro de 1860, alistando-se no exército em 1878. Foi alferes-aluno em 1884; 2º tenente de artilharia, em 1887; 1º tenente por serviços relevantes, em 1890; capitão, nesse mesmo ano; major, em 1902; tenente-coronel por merecimento, em 1910; coronel, ainda por merecimento, em 1913. Tem o curso de sua arma e também o de estado maior. É de alta estatura e de robusta constituição, muito inteligente e dotado de predicados morais excelentes. Prestou reais serviços ao Brasil na proclamação da República, sendo por isso mesmo eleito deputado federal à constituinte de 1891. Propaga ardoroso e convencido as grandezas e valimento de Sergipe, a que ama acendradamente. É enfim um militar honesto e digno e um cidadão entusiasmado e patriota. Tem profunda simpatia às múltiplas indagações práticas do espiritismo.

IZAURA DE OLIVEIRA POLICIANO – Professora de piano em Aracaju. Nasceu acidentalmente em S. Félix (Bahia), a 13 de agosto de 1860, indo com um ano de idade apenas para a cidade de Laranjeiras. Com decidida vocação para as belas artes, aí estudou música e piano com o célebre professor Manoel Bahiense, que logo depois a apresentava orgulhoso ao público, uma das suas mais distintas alunas. Tinha então treze anos de idade. E em qualquer reunião familiar em Laranjeiras, quando pediam ao ilustre maestro para tocar alguma das suas mais inspiradas composições, ele satisfeito cometia logo a missão à menina Izaura. Era já exímia pianista. Desposou em 1876 o sr. Francisco Custódio de Magalhães Policiano, sendo em 1878 mãe da pequenina Izaura, apelidada *Pequena* em Laranjeiras. Por imperiosas necessidades domésticas, fixou residência em Aracaju no ano de 1890, onde se via forçada a lecionar piano, a fim de auxiliar o marido enfermo nas imperiosas necessidades do lar. E, exímia professora, tornou-se então grandemente estimada, sem tempo bastante para atender às alunas, que cresciam de dia para dia. Viúva em 1895, tirava do piano, em Aracaju, o suficiente para nobremente se sustentar a si e aos tenros descendentes. Com o casamento de sua filha *Pequena*, hoje

Madame Liberato Bitencourt ⁵¹e a autora principal do presente livro, teve que abandonar de vez o ensino, seguindo para o Rio de Janeiro, onde hoje reside em companhia daquela sua filha e dos seus netos.

J

JACKSON DE FIGUEIREDO – Poeta e prosador. Nasceu em Sergipe, em outubro de 1891. Em 1908, contando apenas dezesseis anos de idade, publicou o seu primeiro livro de versos – *Bater de Asas*. Em 1910, na Bahia, fazia imprimir o seu segundo livro, ainda de versos, *Zíngaros*, com um ligeiro prefácio do festejado escritor baiano Almáquio Diniz. E em 1913, jogava aos quatro ventos um excelente estudo literário, *Xavier Marques*, sobre o grande romancista baiano do mesmo nome. E foi então sagrado escritor por todo o país, sendo vezes diversas o seu nome citado às melhores rodas literárias do Rio de Janeiro. É um prosador de grande futuro, sem questão ainda mais valeroso que o jovem poeta dos *Zíngaros*. Em 1916 publicou um outro trabalho de crítica, *Garcia Rosa*. O seguinte soneto, de sua lavra, é muito bem feito:

Mosca

MOSCA! existe em teu ser, no teu leve zumbido,
Algo não sei de que, de irritante e malvado...
Em ti ouvindo passar, zunindo-me ao ouvido,
Lembro um triste chinês ao sino condenado...

Gosta de ti o Sol, doura-te o vil tecido
Da aza, e volteias no ar, um pingo d'ouro alado...
Mas sempre o teu cantar é a balada do Ouvido,
E és o gênio talvez do que foi Deslebrado...

Fulges de ouro e de azul, zimbras o ar de safira,

E o teu corpo, no ar, é de si mesmo um fio,
E uma aranha és então que à luz do Sol delira!...

E te esquivas do Sol, e a tua cor se enchumba;
E o teu ser triangular é um duende sombrio,
Que parece fugiu do seio de uma tumba!...

E o excerto a seguir, do *Xavier Marques*, dá uma boa idéia do prosador:

Em meio de todas essas preocupações da arte moderna, em meio da aluvião de teorias, dos nefelibatas, dos prerafaelistas, dos futuristas, de tudo isso que em nossa terra vem mostrar somente as suas piores qualidades, Xavier Marques é um homem à parte. Toda essa agitação o deixa indiferente, enfiado, talvez. O meio provinciano ajudou de certo a sua natureza retraída. Nunca ele valorizará a obra de ninguém, nem muito menos um produto seu, pelo escândalo produzido. Esta teoria do sucesso escandalizante será sempre aos seus olhos um absurdo criminoso. Na verdade todo o livro feito neste sentido deveria sofrer, ante a justiça dos sensatos, dos homens de gosto, uma pena na proporção do *alarma*. Isto se houvesse um tribunal literário. Mas aqui, no Brasil, nem o Estado suportaria a manutenção dos criminosos... Sergi ⁵² não admite a evolução da Arte; para o pensador italiano ela foi sempre *superior* ou *inferior* – e pelo tempo adiante apenas tem variado de tema e conteúdo. Não deu à Filosofia este caráter, não sei se diga estacionário (porque não evoluir não é imobilidade, como involuir é movimento) mas disse que ela é ainda a primitiva, a de todos os tempos, pelos mesmos caminhos, solitária e indagadora. Assim as aristocratizou, máxime à primeira, à Arte, que ele fez a primogênita entre as mais elevadas manifestações da atividade humana. Este modo de

⁵² Nota do autor: Sergi – Evolução humana

ver desclassificada em questão de Arte os mercantilizadores, quem quer que a veja em cada novidade. Sob este ponto de vista Xavier Marques é o artista perfeito – é um aristocrata, sóbrio, delicado, arredio. Nunca foi homem das multidões; o artista é sem vizinhos numa cidade enorme. Os olhos de sua observação passeiam por toda parte à sua própria custa. Dentro do meio em que vive é como a Ilha em que nasceu, olhando silenciosamente a cidade distante. Separa-as a água esmeralda, a água abençoada de Todos os Santos.

JASON VALADÃO – Poeta de grande inspiração. De sua longa e interessante poesia *Ave Libertas* transcrevemos as duas e extremas estrofes, a fim de poder de certo modo avaliar a lira do delicado vate:

Ave Libertas

Um dia um povo sem luzes,
Sem direito e sem razão,
Dormia atôa na relva...
Sob o lençol da amplidão!
Olhando p'ra o firmamento
Nas esplanadas dos céus!...
E os astros por entre sombras,
Deixavam ver as alfombras
Do grande trono de Deus!

.....

Salve! filhos da ciência,
Navegantes do porvir;
Quem caminha para a glória,
Vai no infinito cair!
Marchai ao sopro dos ventos,
Por bússola – os pensamentos,
Por farol – a instrução!
Quem trabalha pela Idéia
Planta sempre uma epopéia,

P’ra vindoura geração.”

JERÔNIMO SODRÉ PEREIRA – Médico. Foi o 54º e último presidente da antiga Província: porque o 55º, Dr. Manoel Joaquim de Lemos, chegou a Sergipe a 17 de novembro de 1889, depois de proclamada a República. A posse do Dr. Sodré teve lugar a 5 de julho de 1889.

JOÃO ANTONIO FERREIRA DA SILVA – Advogado. Nasceu na Capela a 7 de outubro de 1852, formando-se em direito em Pernambuco, em 1871. Entregando-se brilhantemente à advocacia, é ainda hoje em Aracaju um advogado de justa nomeada. Publicou os seguintes folhetos: *Processo de falência* do Sr. João Luiz as Silva, *Questão do Engenho Rio Vermelho* (2 folhetos), *Defesa do ex-presidente de Sergipe* Coronel Dantas Horta. Eis o seu discurso, à beira do túmulo de Gumercindo Bessa:

Senhores! Que poderei dizer-vos à borda deste túmulo, que se abre para guardar para sempre os despojos sagrados daquele que se se partiu dentre nós?

Sinto a voz quebrada pela dor e pela saudade, sinto-me quase mudo nesse silêncio, nesse augusto recolhimento, sem ânimo de interromper com o meu murmúrio a santidade desta augusta cerimônia, deste preito piedoso que todos nós vimos hoje render àquele que foi para seus contemporâneos, para a geração de que fez parte, honra e luminar.

Pavoroso problema o dos nossos destinos!
Ser e não ser! Nascer e morrer!

Por que a vida e por que a morte? É esta o aniquilamento, a volta ao nada?

Que sabemos disto depois de tantas cogitações em torno desse temeroso problema?

A humanidade é um vasto rio, de curso indefinido, cujas águas vão sempre passando para o oceano do desconhecido, e vão sempre se renovando, em constante enchente, pelas que vêm chegando...

E por que e para que esta caudal indefinida, que vai passando no tempo e no espaço?

Seria o destino do homem sair do nada pelo nascimento, atormentado, trabalhado, pelo ideal do bem e do justo, do verdadeiro e do belo, pelo ideal, em suma, de sua perfeição moral e intelectual, correr incessante em busca desse ideal, vendo-o apresentar-se aos seus olhos ainda mais nítido, a cada passo dado; e depois, afadigado, em sua louca jornada, tombar, sem atingi-lo, no aniquilamento, no nada, com a morte?!

Que sei eu, senhores, de tudo isto? E que sobre tudo isto têm dito e dado as filosofias todas e todas as religiões?

Dúvidas e esperanças, tristezas que só o tempo apaga, e doces consolações.

É à margem de um tûmulo como esse que este problema mais se alevanta e nos desassossega.

A gota d'água do imenso rio, que vimos sumir-se aos nossos olhos arrastada na impetuosidade de sua correnteza, não era uma simples e despercebida gota desse oceano humano, era uma onda vasta, colossal, capaz de sublevar em seu imenso dorso os *Titanics*...

É possível que com a desorganização da matéria, nesses restos, se tivesse extinguido o belo e grande espírito de Gumercindo Bessa, o seu nobre e magnânimo coração, essa admirável organização moral e intelectual que nos guiou com os seus ensinamentos e os seus conselhos durante tanto tempo? E viu ele realizado, nesta vida, esse ideal, de que vos falei, e que ele via tão nítido?

Não, senhores, ele não morreu, não morreu nele o que era da essência divina; os seus restos materiais aí ficam, mas o seu nobre e grande espírito, cumprida aqui sua missão, foi habitar esferas mais luminosas e mais felizes. Seus despojos materiais voltam para a terra desorganizados, mas a sua imagem não se apagará de nossa memória; aí permanecerá imorredoura a lembrança de sua grande individualidade intelectual e moral; aí permanecerão

os seus ensinamentos, as suas idéias, a sua obra eficaz e a influência benéfica que exerceu sobre o meio em que viveu.

E brilha no além, grande amigo! Nós todos, os teus colegas, que te admiramos pelos teus raros talentos, e que te amamos pelo teu grande coração, vimos te dizer o último adeus pela voz flébil do mais humilde dentre eles. Não te direi – boa noite, dorme em paz – que não entraste na região das sombras; eu te direi – bom dia! Brilha, astro peregrino, nos espaços para onde te foste e manda-nos de lá as tuas inspirações, como nos deste aqui as tuas luzes.

JOÃO ANTONIO DA SILVA RIBEIRO JÚNIOR – Oficial superior da marinha. Nasceu em Maruim, a 10 de março de 1875, alistando-se na marinha em 1890. Foi guarda-marinha em 1896; 2º tenente, em 1897; capitão-tenente, em 1899; capitão de corveta, em 1911. Como aluno da Escola Naval, tomou parte ativa na revolta da armada, sob as ordens do almirante Saldanha. Serviu na flotilha do Amazonas, fez viagem à Europa a bordo do *Benjamim Constant*, foi capitão do porto de Sergipe e imediato do *República*.

JOÃO ANTONIO DE OLIVEIRA – Advogado. Nasceu em Itabaiana a 20 de junho de 1872. Estudou teologia no seminário da Bahia, foi empregado público na capital do país e depois na alfândega de Aracaju. Formando-se em ciências sociais na Bahia e em ciências jurídicas no Rio, foi promotor no interior de Minas e juiz substituto na comarca de Patrocínio. Advogou durante cinco anos em S. Paulo, foi presidente do banco de Sergipe e, em Aracaju, chefe de Polícia. Tomou parte ativa no movimento político havido durante a presidência Rodrigues Dória, foi membro do conselho superior da instrução pública e é presentemente juiz de direito da capital. Homem de grande talento e de grande cultura jurídica, médio na estatura mas assaz robusto na compleição, justiceiro e severo sempre, goza em Aracaju o mais elevado conceito público. Pelo *Diário da Manhã*, em uma série de fulgurantes artigos, comentou com brilho o projeto da reforma constitucional do Estado, ora uma realidade.

JOÃO BARRETO, J. Pereira B. – Poeta inspirado. Nasceu na Estância a 13 de janeiro de 1874. Indo para o Rio de Janeiro em 1900, com grande dose de talento e de vontade, disposto à luta, obteve por concurso o lugar de redator dos debates da câmara dos deputados. Perdendo a esposa, ficou um tanto desequilibrado no viver normal, atirando-se então a excessos que lhe podiam comprometer o físico, o espírito e o caráter. Nessa irregularidade de viver, casou segunda vez e, excessivamente ciumento, julgando-se erradamente desonrado, uma noite em que se lhe recolhia ao lar, na forma de costume, fora de horas, assassinou alucinado a esposa, então em estado interessante, e fugiu para lugar ignorado. Isso se deu em Niterói na madrugada de três de dezembro de 1912. A 13 de julho de 1913 apresentou-se á justiça pública, e foi a júri, meses depois. Foi condenado a forte pena, sendo depois absolvido⁵³. Homem de regular estatura e constituição, cheio de inteligência e de cultura literária, jornalista e sobretudo poeta de muito merecimento, lido e estimado nas rodas literárias cariocas e fluminenses, publicou muitos versos esparsos, muitos trabalhos em prosa e o volume de poesias *Selvas e Céus*, recebido com geral agrado pela imprensa do Rio de Janeiro. A superioridade do seu estro pode em parte ser aquilatada pelo magnífico exemplo a seguir:

Basta!

Ai! basta!... eu luto, eu morro:
morro lutando e desvairado rio!...
Por entre sombras tropeçando corro,
e só vejo em redor tudo vazio!...

Nem um astro no céu, nem flor na terra
derrama sobre mim a luz e o aroma!!
Tudo foge de mim!... Estranha guerra,
O fantasma da dor acena e assoma!...

E sigo taciturno o meu caminho
sem um raio de amor! Ó desventura,
não se me dá pedir o teu carinho,
e o carinho fatal da sepultura!...

Quem não amou? quem não sentiu nos lábios
o estranho calor de um beijo cheio
de tantas harmonias e resabios,
que quer da vida, que pedir-lhe veio?

Oh! virgem, se pudera no meu verso
desfiar o rosário de meu pranto,
talvez soubesse o martírio terso,
que eu choro às vezes e às vezes canto.

Pouco, entretanto, eu te pedia... ou nada:
– o vislumbre que rola de teus olhos
até ao fundo d'alma desvairada
dos que vão triste tateando escolhos.

Pouco negaste-me apontando a morte!...
E eu quero o riso, a esperança, a vida,
pois pulsa ainda estoicamente forte
minh'alma que, estortega-se ferida...

JOÃO BATISTA DA COSTA CARVALHO – Magistrado.
Como presidente do Tribunal da Relação, assumiu o governo do
Estado a 9 de maio de 1894, durante o impedimento legal do
governador eleito, capitão José Calazans.

JOÃO BATISTA MONTEIRO – Advogado. Nasceu no
Maranhão, em 1817. Muito criança ainda, fugiu da casa materna,
internando-se sem recursos pelo país a dentro. Meses depois,
cansado e abatido, chegou a Sergipe, empregando-se na vila do
Rosário, como servente em um cartório. E, muito inteligente,
dotado de férrea vontade, atirou-se resoluto aos estudos, vindo a
ser um bom advogado, com residência fixa em Laranjeiras. Liberal
de princípios, reformador de costumes, espírito atilado e culto, com
grande amizade às crianças, pregava novas doutrinas de educação,

tendo por base a cultura física para aperfeiçoamento do espírito e do caráter. E assim se foi popularizando, até se fazer eleger deputado geral sergipano na legislatura de 1857 a 1860. Perseguido, porém, pelo partido conservador, então no poder, com processos de crimes fantasiados, transportou-se em viagens noturnas para Vila Nova, atravessou o S. Francisco e seguiu para Maceió. Aí tomou vapor e seguiu para o sul em companhia de Cândido Mendes de Almeida que, da comissão de verificação, concorreu poderosamente logo depois para o seu reconhecimento. Aí não fez carreira, por ter chicoteado e ameaçado a revólver o deputado suplente mineiro Salatiel de Andrade. Em 1859, quando o Imperador de visita a Sergipe, em companhia do ministro do Império conselheiro Almeida Pereira, indagava do comendador Travassos as coisas políticas de Sergipe, não foi esquecido Batista Monteiro, inabilitado para ser de novo representante da nação. E ele, convencido disso, abandonou de vez a política. Finou-se nonagenário, em Aracaju, como funcionário público, já cansado para a advocacia. Era uma linda estampa: alvo, fisionomia atraente, traços viris regulares, robusto de corpo, musculatura vigorosa. Intelectual e moralmente era um tipo superior. Viveu em Sergipe e para Sergipe. E como a pátria do homem deve ser aquela onde ele viveu e bem serviu, Sergipe não se deslustrará dando a Batista Monteiro lugar condigno entre seus filhos ilustres.

JOÃO BELISÁRIO JUNQUEIRA – Jornalista, músico e professor. Natural de Laranjeiras. Com decidido amor às belas artes e à luta, bem moço ainda fundou à cidade natal um jornal humorista e depois, em Aracaju, quatro outros do mesmo gênero: *A Ordem*, *O Guarani*, *O Cansação* e *A Zorra*. Também se dedicava com verdadeira paixão à música, cantor exímio, sobremodo mavioso, podendo competir, diz o professor Baltasar, com os melhores tenores italianos. Tocava violino com muito sentimento, se bem que, como compositor, pouco acima estivesse da vulgaridade. No último quartel da vida, professor e empregado de Fazenda, teve uma forte decaída: entregou-se demasiado aos

prazeres nocivos do álcool. Gozava em Sergipe de funda e merecida simpatia.

JOÃO CARLOS WILLAGRAN CABRITA – Militar bravo na campanha contra o Paraguai. Nasceu em Montevideu a 30 de dezembro de 1820. Verificando praça no exército em 1840, nesse mesmo ano se matriculou na Escola Militar, sendo nomeado alferes-aluno em 1842. Em 1843 foi promovido a 2º tenente de artilharia; em 1844, a 1º tenente. Em 1847 bacharelou-se em matemáticas. Em 1852, já capitão, foi a Sergipe em comissão de engenharia, fixando residência em Aracaju, com o major José Basílio Pirro⁵⁴. Nessa época, tendo o comendador Antonio José da Silva Travassos em mira, de acordo com aquele major, do corpo de engenheiros, a construção do canal Pomonga, facilitando as comunicações do rio Japaratuba com outros, para a rapidez de transporte de açúcar, dos engenhos no vale de Japaratuba para Maruim e Aracaju, foi o capitão Cabrita encarregado de levantar a planta e organizar parte do trabalho projetado com o major Pirro, por isso deixando, em um dos portos do canal, o seu nome, como imorredoura lembrança dos serviços profissionais então prestados a Sergipe. Promovido a major em 1862, foi instrutor do exército na campanha contra o Paraguai, para onde marchou em 1863. Bravo até ao heroísmo, faleceu em combate a 10 de abril de 1866, em uma pequena ilha em frente ao forte de Itapirú, ilha que depois lhe tomou o nome. Foi então citado em ordem do dia do exército em operações, como um dos grandes bravos na luta ingente. Não havia ainda completado quarenta e cinco anos de idade.

JOÃO DABNEY DE AVELAR BROTERO (Dr.) – Foi o 27º presidente da antiga Província. Tomou posse a 5 de agosto de 1857.⁵⁵

54

55

JOÃO DANTAS MARTINS DOS REIS – Agricultor. Sendo coronel da guarda nacional e 1º vice-presidente, assumiu a presidência a 19 de setembro de 1885 e a 5 de março de 1888.

JOÃO D'ÁVILA FRANCA – Militar de grande valor. Nasceu na Estância a 23 de junho de 1860, alistando-se no exército em 1877. Foi 2º tenente de artilharia em 1881; 1º tenente, em 1889; capitão de estado maior por serviços relevantes, em 1890; major, em 1894; tenente-coronel, em 1902; coronel de infantaria, em 1909; general de brigada reformado, em 1913. Engenheiro geógrafo, bacharel em matemáticas e ciências físicas e engenheiro militar. É de baixa estatura, forte bastante, com grande lucidez de inteligência e notável erudição profissional. Em revistas e jornais tem escrito artigos de grande valor técnico. E no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em defesa a uma santa causa jurídico-militar, demonstrou à evidência ser um argumentador arguto e sólido. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, modesto em demasia e ornado de raros atributos morais. Em 1893, como à proclamação da República, relevantes serviços prestou ao Brasil. Foi durante muito tempo secretário da Escola Militar da Praia Vermelha, professor de física e redator da *Revista do Estado maior*.

JOÃO ESTEVES DA SILVEIRA – Literato e orador. Nasceu na Estância. É homem de superior talento, orador fluente e escritor de conta.

JOÃO FELIPE PINHEIRO – Religioso. Nasceu no Lagarto e professou no convento dos franciscanos da Bahia, com o nome de Frei João do Lado de Cristo, ali recebendo as santas ordens. Mais tarde, com o breve de missionário apostólico, percorreu os sertões do Brasil. Achava-se em Goiás, quando constou ao governo que ali pregava idéias subversivas. Exonerado da comissão, recolheu-se ao convento e, obtido o breve de secularização, foi vigário encomendado de Itapemerim, advogado com provisão da relação, presidente da câmara municipal e vigário da vara com honras de

arcipreste. Sofrendo um processo àquela cidade, mudou-se para o Rio de Janeiro, sendo depois pároco encomendado em Macacú. Homem de grande inteligência, publicou em 1867 *Diretório Paroquial*, *Instruções catequistas* e *As noites de Santa Maria Madalena*. Era oficial da ordem da Rosa.

JOÃO FERREIRA DE BRITO TRVASSOS – Médico. Nasceu na Vila do Rosário, em 19 de agosto de 1820, formando-se em medicina na Bahia em 1845, sob a proteção de seu irmão, o comendador Travassos, indo logo depois clinicar à terra natal. No exercício da profissão, chegou a conhecer uma distinta viúva, da família Boto, senhora do engenho *Canoa*, município do Rosário, com a qual contratou casamento. Quando este se ia efetuar, à ocasião em que Brito Travassos entrava com seus convidados por uma das cancelas do Engenho, por outra saía a viúva, acompanhada de parentes, para ser forçada no dia seguinte a desposar um primo⁵⁶. Profundamente magoado com a afronta, neurastênico, querendo abandonar Sergipe e a clínica, foi aconselhado a casar-se com uma sobrinha, filha daquele comendador. Realizado o casamento em 1848 mais ou menos, entregou-lhe o sogro o engenho *Rio Vermelho*, passando a residir na vila S. Amaro das Brotas, lugar que melhorou sensivelmente, construindo diversas obras e benfeitorias. Na matriz por ele aí construída celebraram-se então as melhores festas da semana santa em toda a Província, fazendo-se aí ouvir os melhores pregadores

⁵⁶ Nota do autor: Em Sergipe, pessoas estranhas à família Boto não podiam fazer parte dela, ainda que as moças solteiras ou viúvas o quisessem. Casos houve em que, mesmo obtido o consentimento paterno, a família se reunia e, deliberando o contrário, raptava a noiva, forçando-a ato contínuo a desposar um parente achegado. E quando por acaso se dava um casamento inesperado fora da família, o marido era assassinado e a noiva violentamente entregue em novo consórcio a um parente, sob ameaça de morte. Assim se casou Felipe de Faro Mota com a filha do proprietário do engenho “Jurema”, viúva do Dr. Daniel, assassinado pelos parentes da senhora meses depois de casado. Arrastada de casa alta noite no dia imediato ao do assassinio do marido, em trajes menores amarrada à sela de um cavalo, foi conduzida à vila do Rosário, onde um pobre frade, peitado por dinheiro e ameaçado de morte, José Dias, casou-a com o raptor, dois ou três dias depois, por não mais poder suportar as crescentes torturas que lhe infligiam barbaramente.

sergipanos, como Barroso e S. Cecília. Com a lei do ventre livre, à falta de braços para a lavoura do engenho, abandonou este e, já velho, dedicou-se de novo à clínica no sul da Província, sendo depois diretor geral da instrução pública, cargo em que faleceu a 25 de junho de 1885. Era de regular estatura e forte compleição, moreno, cheio de inteligência e de bondade, exemplar no proceder, sobremaneira estimado por todos. Escreveu as seguintes obras: *Teses de formatura*, *Representação da lavoura de Sergipe* e *Breve Explicação*.

JOÃO FERREIRA DE ARAÚJO PINHO – Bacharel. Foi o 42º presidente da antiga Província. Tomou posse a 24 de fevereiro de 1876.

JOÃO GOMES DE MELO, *Barão de Maruim* – Nasceu mais ou menos em 1816, provavelmente em Maruim. Era pequeno agricultor, vivendo modestamente do transporte de açúcar dos grandes engenhos nos vales de Japarutuba e Cotinguiba para a casa Sharamm & Cia, estabelecida em Maruim. Casando-se com uma parenta viúva e rica, adquiriu grande fortuna. Os donativos que fez à matriz de Aracaju e vários outros serviços na mudança da capital fizeram-lhe receber do governo imperial o título de Barão de Maruim. Titular e rico, entrou para a política, sendo várias vezes deputado geral. A 27 de setembro de 1855, sendo 1º vice-presidente, tomou posse da presidência da Província. Em 1859 entrou para a lista tríplice senatorial. Entrando novamente em lista, foi escolhido senador em 1861. Inculto, sem capacidade bastante para ilustrar o alto cargo político, era em todo o caso de bom senso prático e de boa compostura moral, sinal evidente de que não lhe faltavam superiores qualidades de luta.

JOÃO JOSÉ DO MONTE – Jurista. Nasceu em Japarutuba a 17 de junho de 1843. Formando-se aos 21 anos de idade na faculdade de direito do Recife, passou a lecionar filosofia em vários colégios no Rio de Janeiro, para enfrentar com vantagens as despesas necessárias à sua manutenção. Exerceu depois a

advocacia no interior da Província do Rio e mais tarde na corte, nos escritórios de Silveira Lobo e Saldanha Marinho, daí seguiu como secretário da presidência do Rio Grande do Sul, sendo depois deputado provincial sergipano em diversas legislaturas, deputado geral em 1879 e advogado no Rio de Janeiro em seguida. Com a proclamação da República foi convidado para presidente de Sergipe e para vereador, cargos que recusou. Homem de superior inteligência e de vasta cultura jurídica, fundou e redigiu na capital do país a célebre revista *O Direito*, que ainda existe, cada vez mais procurada e valerosa. Regular na estatura e robusto na constituição, tinha ao seu dispor excelentes qualidades e virtudes: meninos sergipanos pobres ele os tomava à sua conta, ensinando-lhes logo a arte tipográfica e empregando-os em seguida na feitura do *Direito*. Assim protegeu nobremente a muita gente. Publicou os seguintes volumes: *Processo e julgamento do bispo do Pará*, *Manual dos tribunais* e o célebre discurso *Secularização dos cemitérios*. Faleceu no Rio de Janeiro a 28 de março de 1907. Era católico ultramontano.

JOÃO LINS VIEIRA CANSANÇÃO DE SINIMBÚ – Político. Foi o 13º presidente da Província. Tomou posse a 16 de junho de 1841.

JOÃO MARIA LOUREIRO TAVARES – Magistrado. Como presidente interino do Tribunal da Relação, assumiu a presidência do Estado a 10 de agosto de 1906, em período francamente revolucionário.

JOÃO MARTINS D'ÁVILA – Oficial superior do exército. Nasceu em Sergipe a 25 de outubro de 1866, alistando-se no exército em 1885. Foi alferes-aluno em 1890; alferes de infantaria, em 1894; tenente por estudos, nesse mesmo ano; capitão por bravura, em 1897; major por merecimento, em 1908; tenente-coronel pelo mesmo princípio, em 1911; coronel, ainda por merecimento, em 1914. Tem o curso de sua arma. Homem de regular estatura e constituição, inteligente e nobre, ardoroso e

bravo, prestou ótimos serviços à legalidade em 1893 e fez com bravura a campanha de Canudos em 1897. É oficial de muito merecimento profissional, como atestam brilhantemente as suas últimas promoções.

JOÃO MENDES – Administrou Sergipe duas vezes: de 19 de maio de 1611 a 1614, e de 1621 a 1623.

JOÃO MENEZES – Jornalista. Nasceu em Sergipe a 11 de outubro, no século passado. É proprietário e redator do *Correio de Aracaju*, deputado estadual e secretário do *Ateneu Sergipense*. Tem decidido gosto pela vida jornalística, a que se entrega com vantagem. Suas *Páginas em Branco*, artigos de oposição, causaram sucesso em Aracaju, o mesmo acontecendo com suas xistosas *Cartas sem selo*, escritas sob o pseudônimo de *Cônego Maravilha*, em oposição sistemática à primeira edição deste livro, que ainda não está feito. Foi conselheiro municipal várias vezes.

JOÃO MUNHOS – Capitão-mor por portaria de 27 de junho de 1671. Homem de grande energia e prudência, conciliador e honesto, chegou a S. Cristóvão em ocasião péssima, conseguindo porém dar à capitania a paz e a calma necessárias à sua prosperidade. Fez um governo longo e proveitoso. Durante ele fizeram-se as primeiras explorações das Minas de Itabaiana, por D. Rodrigo de Castelo Branco, com a contribuição de quinhentos mil réis por parte do governo, a fim de sustentar a força que acompanhou o explorador. Em maio de 1678, obteve licença para tratar de sua saúde, sendo substituído pelo sargento-mor Antonio Prego de Castro⁵⁷, primeiro sergipano que teve a glória de dirigir os destinos de Sergipe.

JOÃO PEDRO DA SILVA FERREIRA – Militar. Como coronel, foi o 12º presidente de Sergipe. Tomou posse a 19 de outubro de 1840 e depois, reassumindo o cargo, a 15 de junho de 1841.

JOÃO PORTATIL DA COSTA – Pacificador de índios. Nasceu em Sergipe e é ainda vivo e forte. Para que bem se avalie da capacidade real desse modesto lidador sergipano, transcrevemos a seguinte *varia* do *Jornal do Comércio* de 26 de agosto de 1915:

O Sr. Coronel Rondon, atualmente em Cambuquira, enviou ao Sr. Ministro da Agricultura o seguinte telegrama:

Com vivo prazer comunico-vos que a Comissão Telegráfica, ao encerrar seus grandes trabalhos, que se estenderam de Cuiabá ao Madeira, estabeleceu relações de amizade com os índios Parentintis, cuja pacificação acaba de ser realizada no Madeira, com excepcional felicidade. Esses índios eram ali considerados irredutíveis, eram dos tais que, só exterminando-os, diziam os habitantes do Madeira, poderia a região gozar de sossego. Pois bem, a pacificação se fez sem armamento de espécie alguma e só com a coragem e abnegação de um homem, o estóico sergipano João Portátil da Costa, a quem em junho do ano passado confiei a perigosa missão, auxiliado com recursos materiais do proprietário do seringal Cálamo, o Dr. Asensi, interessado na pacificação. Apresento-vos por isso minhas efusivas felicitações.

JOÃO PRÍNCIPE DA SILVA – Oficial superior do exército. Nasceu em Japarutuba em 1860, verificando praça no exército a 14 de abril de 1883. Matriculando-se depois na Escola Militar da Corte, foi promovido a alferes de infantaria em 1890. Tirando o curso das armas pelo regulamento de 1898, foi promovido a tenente por estudos em 1900, a capitão também por estudos em 1904. Transferido para o corpo de intendente, foi aí major em 1908 e tenente-coronel em 1914. É de regular estatura e regular constituição física, com trinta e dois anos de bons serviços à pátria. Foi um dos educandos do instituto tipográfico da revista *O Direito*.

JOÃO PAULO VIEIRA DE MELO – Médico e político. Nasceu a 26 de junho de 1832, no *Sítio do Meio*, município de Propriá. Formando-se em medicina na Bahia em 1858, passou a clinicar em Maruim e depois em Itaporanga, onde se entregou à lavoura e à política. Militando no partido liberal, foi deputado provincial em várias legislaturas, sempre querido e estimado. Faleceu em Aracaju, a 10 de fevereiro de 1875. Era de baixa estatura e de grandes dotes intelectuais e morais.

JOÃO RIBEIRO, J. R. Fernandes – Grande poeta, grande prosador e grande filólogo. Nasceu em Laranjeiras a 24 de junho de 1860, ali mesmo fazendo seus estudos de humanidades. Em 1881 seguiu para o Rio de Janeiro, disposto a se matricular em uma das academias da grande capital. Entregou-se, porém, ao magistério, como lente do colégio Almeida Martins. E com tal ardor se dedicou à filologia, que chegou a ser nela grande sabedor. Em 1893 bacharelou-se em direito. Foi oficial da biblioteca nacional, de onde passou, mediante concurso, a lente do ginásio Pedro II. Homem de regular estatura e de regular constituição, de superior inteligência e de notável cultura literária e filológica, poeta exímio, prosador emérito e historiógrafo de grande valimento, João Ribeiro goza nas rodas literárias da capital do país da mais justa e merecida popularidade. É membro da academia brasileira de letras, cadeira *Pedro Luiz*, e um dos melhores manejadores do lusitano idioma. É ainda profundo em línguas vivas, como é também em latim. E a sua obra intelectual é grande e sólida: *Idílios modernos*, *Dias de sol*, *Arena e Citara* são três livros de versos; *Estudos filológicos*, *Morfologia e colocação dos pronomes*, *Gramática portuguesa* (curso primário, curso médio e curso superior), *Dicionário gramatical*, *Autores contemporâneos*, *Seleção clássica*, *Livro de exercícios*, *Frases feitas* (2 volumes), *Páginas estéticas*, *Páginas escolhidas* e *Fabórdão*, *História antiga*, *História do Brasil* (curso primário), *História do Brasil* (curso superior), *O Coração* (trad. do italiano). Os dois seguintes exemplos mostram à evidência, a validade literária de João Ribeiro:

A execução de Tiradentes

No dia 19 de abril entrava na cadeia pública do Rio de Janeiro rodeado de outros ministros da justiça, o desembargador Francisco Alves da Rocha, para ler a sentença aos réus, que desde a noite da véspera haviam sido transferidos de vários segredos da cidade para a sala chamada do “Oratório”. Eram onze os criminosos que ali esperavam algemados e cercados de força embalada, a última palavra de seus destinos.

A leitura da sentença, erudita e cheia de citações, durou duas longas horas; ao cabo dela, eram todos os infames condenados à força e a alguns cabia ainda mais o horror de, insepultos e esquartejados, servirem os seus membros, espetados em postes, de padrão da execrável perfídia.

Quando o desembargador se retirou, diz uma testemunha do acontecimento, viu-se representar a cena mais trágica que se podia imaginar. Mutuamente pediram perdão e o deram; porém cada um fazia imputar a sua infelicidade ao excessivo depoimento do outro.

Como tinham estado três anos incomunicáveis, era neles mais violento o desejo de falar que a paixão que a tal sentença cavaria nos cansados corações.

Nesta liberdade de falarem e de acusarem mutuamente estiveram quatro horas; mas, quando se lhes puseram os grilhões e manietados viram-se obrigados a deitar se, por menos incomoda posição, abateram-se-lhes os espíritos e entraram então a meditar sobre o abismo da sua sorte. Dentro em pouco, porém, um raio de esperança iluminou-lhes a torva existência. O mesmo ministro que lera a rude sentença veio hora depois anunciar a clemência da rainha, que aos conjurados, exceto “Tiradentes”, poupava o suplício da morte. Então foram grandes os extremos da alegria e com aquela inesperada

piedade sentiram-se rejuvenescer. “Tiradentes” também, conforme o seu coração bem formado e leal, participou desses transportes e dizia que só ele, em verdade, devia ser a vítima da lei e que morria jubiloso por não levar a si tantos infelizes que desencaminhara. “Tiradentes” era um espírito grandemente forte e na religião achou mais largo e substancial conforto do que os outros companheiros, de espírito leviano ou inconsiderado. Na manhã de 21 de abril entrou na sua cela o algoz para vestir-lhe a alva e ao despir-se dizia ao mártir que o seu “Redentor morrera por ele também nu.”

O Califa

No outro tempo, em Bagdá, Almansor, o Califa,
Um palácio construiu de ouro todo: a alcatifa
De jaspe, a colunata em porfiro e o frontal
De toda a pedraria asiática, oriental;
E em frente desse asilo, em piscinas de luxo,
Chovem áurea poeira as fontes em repuxo.
Ora, ali perto havia em frente ao monumento
Uma choça mesquinha, esfarrapada ao vento,
Quase a cair, humilde e tristonha mansão
De um velho pobre, velho e simples tecelão.
Essa mísera casa, ao certo, transtornava
A suntuosa impressão do palácio. Causava
Não sei que dor, talvez asco. Desagradável,
Tanta riqueza ao pé da choça miserável!
Convinha, pois, destruí-la. E ao velho tecelão
Oferecem dinheiro. E o velho disse:
“ — Não!
Guardai vosso ouro todo; esta casa que habito
Nunca será vendida, antes seja eu maldito!
Arrasai porquanto é-vos fácil poder.
Nela morreu meu pai, e nela hei de eu morrer”.
E, à resposta do velho, o califa Almansor
Esteve a meditar. Um dos servos: — “Senhor!
Sois poderoso e rei, vós podeis, sem vexame,
Essa casa arrasar, já e já, sem exame.

Retrocedeides, vós, diante de um tecelão!” —

Almansor, o califa, ergueu-se e disse:

“ — Não!

Eu não quero destruir a mesquinha choupana...

Quero-a de pé, bem junto a mim, essa cabana...

Porquanto a geração dos meus filhos se expande,

E quero que cada um, a refletir sem custo

Vendo o palácio, diga: — “Ave! Almansor foi grande!”

E vendo a pobre choça: — “Ele foi mais: — foi justo!.

JOÃO RIBEIRO VILA FRANCA – Capitão-mor de Sergipe no triênio de 1651 a 1653. Homem deveras autoritário, sua administração foi de luta contínua, até mesmo com o próprio governador da Bahia.

JOÃO RODRIGUES MOLENAR – Governador de Sergipe em 1636, quando se deu a invasão holandesa. Tinha sido nomeado para aquele elevado cargo a 1º de outubro de 1631.

JOÃO VIEIRA LEITE – Médico. Como presidente da Assembléia Legislativa, assumiu a presidência do Estado a 11 de setembro de 1894.

JOAQUIM BALTAZAR DA SILVA – Militar. Como comandante da guarnição federal, no posto de major, assumiu o governo do Estado, a 24 de novembro de 1891, por haver abandonado o cargo o governador eleito Coronel Vicente Ribeiro.

JOAQUIM BENTO DE OLIVEIRA JÚNIOR – Bacharel. Foi o 39º presidente da antiga Província, havendo tomado posse a 16 de julho de 1872.

JOAQUIM CÂNDIDO DA SILVEIRA CARVALHO – Literato. Nasceu em S. Cristóvão mais ou menos em 1860. Muito jovem ainda seguiu para Pernambuco, onde fez sua educação literária, passando depois a exercer o cargo de escrivão do Tribunal

da Relação. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, foi a princípio empregado do banco do Brasil e por fim solicitador. Atacado de grave enfermidade, seguiu para S. Cristóvão, onde faleceu a 2 de março de 1896. Homem de lúcida inteligência e com decidido amor às belas letras, publicou em 1886 uma apoteose em cinco quadros – *José Mariano*, e deixou escritos os seguintes dramas: *Rosa, O século e o Clero, Lúcia, Miguel Strogoff*. Também escreveu *Um casamento indecente* (fato verdadeiro), a revista *O pelintra* e um volume de versos intitulado *Flores do coração*.

JOAQUIM DE CALAZANS – Poeta delicadíssimo. Nasceu em Sergipe. A seguinte composição, de uma naturalidade que encanta, prova à evidência a grande validade deste vate inspiradíssimo:

No leito

Podem outros achar em beijos tímidos
De tímidas donzelas
Sabor de mel com âmbar misturado
E outras bagatelas.

Podem achar essências peregrinas
Das vestes no roçar
E encanto sutil, aéreo passo
Na relva a resvalar.

À coma, atada com jasmims e rosas,
Prendem-se outros, que eu não;
Por olhos que de tímidos se abaixam
Eu não sinto paixão.

Beijo-te a perna torneada e lisa,
Descaída no leito,
E a pequenina mão toda escondida
À sombra do teu peito.

Ah! Oh! Sim! aí te vejo bela,
Te vejo qual tu és,

E posso até beijar as unhas
Dos teus mimosos pés.

JOAQUIM DO PRADO SAMPAIO LEITE – Advogado e professor. Nasceu em Aracaju, a 3 de julho de 1865. Fez o curso de humanidades no Ateneu sergipano, formando-se depois em direito na faculdade do Recife. Abraçando então a magistratura, foi promotor público em Aracaju, juiz municipal no município de Vitória (Pernambuco), secretário da polícia no Recife e juiz de direito no Lagarto e em Gararú. Foi deputado à constituinte sergipana e hoje advoga em Aracaju e ocupa o cargo de professor de direito público e de lógica no Ateneu sergipense. Homem de baixa estatura e forte constituição, dispondo de inteligência e de cultura assim literária como filosófica, cultiva com ardor a ciência das ciências, e com vantagem as belas letras. Colaborou em quase todos os jornais de Sergipe, e no *Jornal do Recife*, quando ainda acadêmico. Atualmente escreve na *Revista Americana*, no *O Direito* do Rio de Janeiro e na *Via Láctea* da Bahia. É sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Sergipano. Escritor operoso e competente, com grande amor à terra natal, conta à sua folha de serviços as seguintes unidades literárias: *Retaliações* (versos), *Sobre uma nova intuição do direito*, *Lendas Sergipanas*, *Vida Sergipana*, *O Poema do Lar*, *Sergipe*, *Ensaio de Lógica*, *Cântico dos Cânticos* (poema hebreu), *A Literatura Sergipana*. A seguinte transcrição, final de um discurso, deixa bem ver o escritor:

Enquanto, porém, novos e melhores dias não lhe chegam com um futuro melhor, derivado dos conhecimentos que, por meio d'uma forte educação integral, o homem adquire na natureza que o circunda, enquanto as nossas energias, pois a pátria somos nós, não forem transformadas em fonte perene de bens e vantagens sociais, façamos votos para que o povo sergipano, forte e apto para a grande transformação do momento humano que atravessamos, a fase que é a do vapor, a da eletricidade, a da grande cultura, a da grande indústria, a da concorrência universal, a da grande

oficina do trabalho, a da extraordinária produção mecânica, façamos votos, Exmo. Sr., para que continuemos a representar impávidos no seio da Federação Brasileira a missão histórica que nos tem levado a defender a integridade territorial do País, a concorrer para a sua prosperidade econômica e a levar a vida à periferia do organismo nacional por meio da nossa força expansiva, povoando o Amazonas, o Acre e regiões até agora inabitadas. E, acima de tudo, que o culto do dever e da justiça, como manifestação máxima da psicologia de um povo, seja o estímulo que nos guie os passos pela larga estrada do futuro e intermina trajetória das civilizações humanas.

Pois é esta pátria, Exmo. Sr. General, que já hoje, no cumprimento d'um alto dever patriótico, preste felizmente mais que um culto de sincera justiça aos méritos de V. Ex., porque rende, d'esta arte, inconcussa veneração a fatos psicológicos que nunca se apagam, que nunca morrem nesse intermino revolucionar do espírito humano para a luz e para a glória.

JOAQUIM ESTEVES DA SILVEIRA – Poeta e clínico. Nasceu em Santa Luzia a 31 de janeiro de 1832. Formando-se em medicina na Bahia em 1853, com 21 anos de idade apenas, seguiu logo depois para a Estância, um tanto afetado dos pulmões. Agravado o mal, por se haver recolhido a um convento na Bahia uma sua prima, por quem tinha verdadeira paixão, voltou à Bahia, onde faleceu tuberculoso a 22 de outubro de 1855. Moço de delicada constituição mas de muito talento, jornalista e poeta, fundou e redigiu *O acadêmico*, revista de combate às velhas praxes da faculdade⁵⁸. Aí também publicou algumas das suas poéticas composições, muitas outras deixando inéditas. São do final de uma daquelas, *A noviça*, os encantadores e sentidos versos seguintes:

Não profiras o voto! A voz tolhida

Espire-te nos lábios, quando o tentes!...
Primeiro do que Deus fui teu esposo.
Ele mesmo conhece os meus direitos,
Ouviste teu juramento, abençoou-o!
Que rompas não lhe apraz a fé jurada,
Nem quer p'ra si a noiva, que espontânea,
Por voto também santo era já minha.
Eia! espera-te o mundo com sorrisos,
Deixa, Virgem, o claustro, Olha o futuro...
Não vês um paraíso? Ah! nós somente
Somos, querida Amélia,
Seus únicos ditosos habitantes;
Vem, vem depressa comigo tomar posse
Desse oásis feliz, que amor nos abre:
Aí, posto a teus pés, serei poeta,
E tu, donosa noiva, o casto arcanjo
Da minha inspiração! Ah! vem Amélia,
É da vontade do céu, e amor nos chama!

JOAQUIM FONTES – Poeta. Nasceu em Sergipe, formando-se em direito no Recife. Homem de alta estatura e forte compleição, cheio de inteligência e de notáveis qualidades morais, ativo, trabalhador, honesto e com um jeito especial para a cultura das rosas e para as belas letras. A poesia então cultivava com ardor, havendo publicado em diversas épocas specimens dos mais interessantes e atraentes, em Sergipe e em S. Paulo. O exemplo seguinte, melodioso quanto natural, pleno de graça e de beleza, dá uma idéia nítida de sua lira delicadíssima:

Pelo azul

Ele, à janela, inclina-se para o lado
Onde ela está. – Vizinha? – Ah... Vizinho!
– Que bela flor eu vejo extasiado...
– Qual delas é? São tantas e cheirosas...
Aqui nesta varanda? lírio? rosas?...

– Não me refiro a estas. – Mas a qual?
– A essa rosa rubra, de coral,

À tua boca... Oh, deixa-me colhê-la!...
– Mas como assim? – Com um beijo... Ah! diz ela
Sorrindo com meiguice divinal.

– Permites? Torna o moço docemente...
Se quiseres... responde. Ele, ardente,
Senta-se a cavaleiro, na janela,
Inclina-se para a outra onde está ela,
E salta em uma alcova sorridente.

E com lábios em braza, tresloucado,
Entre os braços tendo o delicado
Corpinho de princesa, colhe a flor,
Que o tinha cegamente apaixonado,
Que lhe causara na alma tanto ardor!

– Ai, vizinho! – Que é vizinha? Então
Tu não me havias dado? – Sim; mas, não...
– Mas o que? Suspirou a feiticeira:
– Mas não se colhem rosas pondo ao chão
Por este modo o pé de uma roseira.

Joaquim Fontes, que vive no interior de S. Paulo, é membro titular da *Société Française de Revisionistes*.

JOAQUIM HONÓRIO – Músico afamado. Nasceu em S. Cristóvão, mais ou menos em 1857. Com um jeito especial para a música, aos verdes anos, com os “dedos muito curtos e muito grossos, o caboclinho esforçava-se por abri-los sobre os furos da clarineta”, que aprendia facilmente. Conhecido o instrumento, em que se tornou o primeiro, atirou-se à composição com êxito jamais desmentido. A propósito de uma aventura amorosa de criança, escreveu a polka *Conversa na cerca*, que caiu no goto da rapaziada de Jubal, passando logo da *cerca* para as saudosas serenatas de então. Seguiram-se depois valsas e contradanças, saltitantes e alegres, respeitadas por todos os cantos de Sergipe. E Joaquim Honório se popularizou. Em 1874 havia entre os estudantes do Ateneu um bom espírito musical – Felisbelo Freire.

Por iniciativa de Baltazar Góes, formou-se uma filarmônica composta principalmente de estudantes, da qual fizeram parte o João Belizário, o Leonidio, o Leão Magno, o Fausto Correia, o Chiquinho Góes e outros. “Joaquim Honório nunca deu muito para as letras. Mais instruído e aspectoso, Felisbello foi o Mestre da *Euterpe* e Joaquim, o contra-mestre. Não obstante, as músicas originais que iam para a estante foram do contra-mestre, fertilíssimo em pensamentos felizes em qualquer gênero sobre que preferia escrever. Pouco tempo esteve Felisbello mostrando a *Euterpe*; acabados seus preparatórios, foi para a Escola de Medicina da Bahia. A direção da música passou para o Joaquim. Cessando uma pouca cerimônia, talvez de suscetibilizar ao colega e amigo, foi de ver como ele expandiu, então, seu gênio em multiplicadas composições, das quais a *Euterpe* mal tinha tempo de ensaiar uma e já era atacada com outra. Os dobrados “Laranjeiras”, “Santo Amaro”, “Aracaju”, “Maruim”, “Sonâmbulo” e outros; marchas, polkas, hinos, fizeram uma caudal enorme de seu gênio inventivo, original. Com muita felicidade interpretou modinhas e canções; compôs peças fúnebres, músicas de igrejas. Fez lindos arranjos; copiou com suma fidelidade peças de realejo e caixas de música... Era inesgotável e sempre original. A arte entre nós morre anônima. Mesmo em vida, nossos artistas de natureza são apenas conhecidos numa determinada circunscrição do Estado. Encantava ver com que felicidade ele escrevia música. Ignorava o contra-ponto. Nós não temos escolas. Nem de música, nem de coisa alguma. É por isso mesmo que admira, que espanta haver entre nós manifestações artísticas, como o foram Horácio Hora, Joaquim Honório e tantos outros. De Aracaju passou Joaquim para a Estância, onde foi estimado e admirado, como homem, que era um excelente coração, e como artista, que o era um dos mais talentosos músicos de Sergipe. Mas a sua celebridade dali não se espalhará muito além do terreno banhado pelo Pirapetinga; principalmente hoje, que a Estância tão bela, tão cheia de talentos, tão rica de comércio e de lavoura outrora, está pobre de tudo, está decadente.” Faleceu na Estância em meados de abril de 1904, aos quarenta e sete anos de idade. Com Manoel Bahiense e

José Bochecha forma Joaquim Honório a grande trindade musical sergipana.

JOAQUIM JACINTO DE MENDONÇA – Bacharel em direito. Foi o 30º presidente da antiga Província. Tomou posse a 1º de junho de 1861.

JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA – Médico, literato e músico. Nasceu em S. Cristóvão em 1820. Depois de formado em medicina na Bahia, em 1844, voltou a Sergipe e foi deputado provincial, comissário vacinador, provedor da saúde pública, capitão cirurgião-mor da guarda nacional e vice-presidente da Província. Esteve algum tempo no governo provincial; em 1863 foi inspetor da tesouraria, cargo em que se aposentou, e por fim inspetor da alfândega de Aracaju, depois da do Maranhão e mais tarde da de Pernambuco. Era médico homeopata, distinto literato e músico de influência. Tocava piano admiravelmente. Indo ao Rio de Janeiro em busca de alívio aos seus sofrimentos, ali faleceu a 16 de setembro de 1872. Homem de talento pujante, escreveu: *História de Sergipe, Histórias perdidas, Apontamentos para a História de Sergipe*, e diversas composições musicais sacras e profanas.

JOAQUIM JOSÉ MONTEIRO – Capitão-mor em 1797.

JOAQUIM JOSÉ PACHECO – Bacharel. Foi o décimo presidente de Sergipe. Tomou posse a 21 de janeiro de 1839.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA – Bacharel. Foi o vigésimo presidente da antiga Província, havendo sido denunciado criminalmente por Carvalho Aranha. Tomou posse em 14 de agosto de 1847.

JOAQUIM MARCELINO DE BRITO – Natural de Sergipe. Homem formado em direito, de grande inteligência e ilustração. Presidente de Sergipe durante a regência, de 1831 a 1833. Dotado

de excelentes qualidades de caráter, foi ouvidor em 1825, colocando então a justiça acima de tudo. Erigiu a vila de Laranjeiras em 9 de agosto de 1832, cuidou seriamente das vias de comunicação e canalização dos rios. Deixou o governo em fins de 1833.

JOAQUIM MARTINS FONTES – Agricultor. Como 1º vice-presidente da Província, tomou posse da presidência a 23 de julho de 1839, depois em 1840, em 1841 duas vezes. Era capitão-mor honorário.

JOAQUIM MAURICIO CARDOSO – É sergipano⁵⁹.

JOAQUIM TIBURCIO FERREIRA GOMES – Bacharel em direito. Sendo 1º vice-presidente, tomou posse da presidência a 1º de junho de 1861⁶⁰.

JORGE DE BARROS LEITE – Capitão-mor, nomeado por carta régia de 14 de março de 1687. Prestou juramento em junho e assumiu o cargo em setembro. Terminado o triênio em 1690, um século depois da conquista, foi substituído por Braz Soares dos Passos. Em 1711 foi de novo capitão-mor, estando em exercício até 1713. Por carta régia de 23 de julho de 1711 foi nomeado marechal de campo. Prestou juramento na Bahia a 13 de janeiro de 1712.

JOSÉ ACIOLY DE BRITO – Advogado. Nasceu em Laranjeiras a 29 de janeiro de 1852, formando-se em direito em S. Paulo em 1875. Homem inteligente e culto, foi magistrado em Minas Gerais e Santa Catarina, presidente de Goiás em 1884-1885, e advogado no Rio de Janeiro. Faleceu no Ceará a 21 de junho de 1889.

JOSÉ ALVES PITANGUEIRA – Talento polimórfico qual o de Eusébio de Matos. Demasiado modesto, porém, nada quase

59

60

deixou dessa bela qualidade intelectual às geração futuras. Era padre, e sobressaiu no tempo, na cidade do Lagarto, não só no jornalismo e na política, como também em latinidades, em que era profundo, e ainda no foro, em que era habilíssimo.

JOSÉ ANTONIO DE MOURA – Oficial superior da marinha. Nasceu em Japaratuba.

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA E SILVA – Bacharel em direito. Foi o 23º presidente da antiga Província. Tomou posse a 19 de junho de 1851.

JOSÉ AUGUSTO CÉZAR FERRAZ – Grande e adiantado industrial em Aracaju. Nasceu em Sergipe, mais ou menos em 1845. Homem de regular estatura e constituição, dotado de grande energia e atividade, como de nobres outras qualidades, fundou e dirigiu a *Sergipe Industrial*, excelente fábrica de tecidos em Aracaju, capaz de rivalizar, em instalação e produção, com as melhores fábricas do Rio e de S. Paulo. Faleceu em 1907, mais ou menos, na cidade de Aracaju.

JOSÉ AYRES DO NASCIMENTO – Bacharel. Foi o 47º presidente da antiga Província. Sua posse data de 22 de maio de 1882.

JOSÉ BARRETO DOS SANTOS – Poeta e professor de música. Nasceu na vila de Campos a 22 de março de 1881, sendo sobrinho em segundo grau de Tobias Barreto. Sua inclinação para a música é tal, que aos 11 anos de idade já compunha e escrevia. Só teve por mestre uma velha artinha⁶¹ que lhe dera seu pai. Aos 13 anos de idade seguiu para a Bahia, em cujo comércio serviu sete anos. E aí foi um dos fundadores da *Nova Cruzada*, onde publicou algumas poesias. Foi também o autor do hino dessa sociedade literária. Voltando a Aracaju, em 1902, fez o curso de humanidades, passando depois a funcionário público. É hoje

auxiliar do diretor dos grupos escolares de Aracaju. E, franzino de corpo, mas de inteligência fulgurosa, dedicado às artes, tem a publicar um livro de poesias e um compêndio de música e exercícios de solfejo.

JOSÉ BERNARDO DA COSTA – Desembargador.

JOSÉ BASÍLIO PIRRO – Engenheiro militar. Em 1852, estando residindo em Aracaju, foi encarregado pelo comendador Antonio José da Silva Travassos, dos estudos e planta do canal de Pomonga, para facilitar o transporte de açúcar do vale riquíssimo de Japarutuba para Maruim e Aracaju. Em tal empresa foi auxiliado pelo então capitão Wilagran Cabrita⁶². No volume escrito pelo comendador Travassos, sobre a capitania de Sergipe, há uma carta geográfica da Província sergipana, de que Pirro é o autor. Viveu largos anos em Aracaju. Em 1864 ou 1865, estando no Recife, foi daí retirado para comandar o presídio de Fernando Noronha. Era um militar inteligente e de grande cultura profissional.

JOSÉ CAETANO DA SILVA LOUREIRO – Capitão-mor em 1782. Passou a administração em 1790 a Antonio Pereira Marinho. E fez-se depois sacerdote, por causa dos dissabores sofridos em um processo crime.

JOSÉ CAETANO MARQUES – Poeta e jornalista. Nasceu em Sergipe, provavelmente na Estância, cedo se dedicando à imprensa, à poesia e à propaganda republicana. É um dos signatários do manifesto republicano da Estância e homem de lúcida inteligência, suficientemente cultivada.

JOSÉ CALAZANS – Oficial superior do exército. Nasceu em Itabaiana a 17 de setembro de 1863, alistando-se no exército em 1881. Foi alferes-aluno em 1886; 2º tenente de artilharia, em 1889; tenente de estado maior por serviços relevantes, em 1890;

capitão de engenheiros, em 1892; major por merecimento, em 1906; tenente-coronel, em 1911; coronel por merecimento, em 1913. Tem o curso de engenharia militar; foi engenheiro ajudante da construção da vila militar no Rio de Janeiro. Homem de baixa estatura e robusta constituição física, cheio de inteligência e atividade, prestou relevantes serviços ao país em 1889 e em 1893. E, com grande honestidade e competência, dirigiu os altos destinos do seu Estado natal, obras sérias empreendendo, pagando em dia os funcionários e deixando os cofres do Estado em florescente situação econômica. Comandou o 1º batalhão de engenharia, encarregado da construção daquela vila. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Reformou-se no posto de general de brigada em 1916.

JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES – Oficial superior do exército. Nasceu em Sergipe a 27 de agosto de 1858, alistando-se no exército a 30 de dezembro de 1875. Foi alferes de infantaria em 1882; tenente, em 1892; capitão, em 1896; major, em 1908; tenente-coronel por merecimento, em 1913. Homem de alta estatura e delicada constituição, pleno de atividade e de ardor militar, inteligente e dedicado à legislação profissional, que bem conhece, prestou grandes serviços à legalidade em 1893. Na imprensa do Rio tem publicado alguns e interessantes artigos profissionais. É condecorado com a medalha de ouro, por contar mais de trinta anos de bons serviços à pátria. É presentemente fiscal do 2º regimento de infantaria.

JOSÉ CORREA DE MELO BITENCOURT – Médico oculista. Nasceu em S. Cristóvão a 22 de dezembro de 1859. Formando-se em medicina no Rio, foi em seguida à Europa, onde fez estudos especiais de oftalmia, sendo chefe de clínica de célebres especialistas em Paris e Berlim. No exercício de sua profissão, percorreu depois o norte do país e parte do sul, fixando por fim residência no Rio de Janeiro. Quando acadêmico, dirigiu um externato e lecionou geografia e história. Foi deputado provincial sergipano. Homem de lúcida inteligência e de grande

cultura médica, robusto e forte, de regular estatura, sempre preocupado com grandezas para si e para sua família, conseguiu deixar regular fortuna. Escreveu *Estudos patológicos do organismo*, *Dos estados patológicos do organismo e suas manifestações oculares*, *Elementos de geografia física* e vários trabalhos médicos em jornais e revistas. Faleceu em casa própria à rua do Bispo, na capital do país. Era um dos genros do Barão da Estância.

JOSÉ DA ANUNCIAÇÃO PEREIRA LEITE – Músico de fama, um dos maiores artistas sergipanos. Vulgarmente conhecido como *José Bochecha*, foi mavioso e delicado compositor. Nasceu em S. Cristóvão, provavelmente em 1820, sendo mais ou menos da mesma idade do Dr. Joaquim José de Oliveira, a quem ouvia sempre em questões musicais. Com Joaquim Honório e Manoel Bahiense, com quem constitui a grande trindade musical sergipana destes últimos tempos. Suas melodias arrebatam. Suas obras, apesar de não conhecer o contra-ponto, são sobremaneira harmoniosas. Tem-nas de toda a ordem, exceto óperas: militares, patrióticas, bailantes, religiosas. E neste último gênero como que fica em plano superior. A *Domine, tu mihi* é considerada sublime pelos entendidos. Modinhas, canções, hinos, passos, marchas e danças compôs inúmeros, qual mais original e mais harmonioso. Pôs em música duas composições poéticas de Tobias Barreto, *Quando à mesa dos prazeres* e *Houve tempo em que meus olhos...*, ambas deliciosas, de uma riqueza de tons que encantam. A marcha nº 11 e o *Caráter Sergipense* são verdadeiramente pomposas, cheias de elevados pensamentos. Era enfim um músico de primeira plana, comparável a Carlos Gomes, se porventura se tivesse educado em grande centro. Tinha umas originalidades, que lhe atestam a superioridade artística: andava sempre a assobiar baixinho algum pensamento musical; não gostava do canto dos pássaros; não suportava a mínima desafinação. À noite, se em orquestra houvesse um instrumento desafinado, não conciliava o sono, e não raro saía à rua, à procura de quem fosse avisar o músico desafinado para se corrigir. Alma segura de artista. Em

Aracaju quase todos os músicos eram discípulos de José Bochecha, a quem idolatravam. Suas composições, que nunca foram impressas, andam por aí, em arquivos particulares, desconhecidas, abandonadas às traças. Mas seu nome vai passando de geração a geração, cada vez mais querido e respeitado.

JOSÉ DA CUNHA PIRES – Militar e engenheiro. Nasceu em Sergipe a 30 de setembro de 1861, alistando-se no exército em 1880. Foi alferes-aluno em 1884; 2º tenente de artilharia, em 1888; 1º tenente de Estado Maior, em 1890; capitão, em 1891; major por merecimento, em 1900; tenente-coronel, em 1911; coronel por merecimento, em 1912. Bacharel em matemáticas e ciências físicas e engenheiro militar. Oficial inteligente e nobre, tem a medalha de ouro, por contar mais de trinta anos de bons serviços à pátria, e foi durante muitos anos fiscal do corpo de bombeiros da Capital Federal.

JOSÉ DANTAS DE SOUZA LEITE – Especialista em moléstias nervosas. Nasceu em Santa Luzia, a 11 de maio de 1859. Formando-se em medicina em 1880, com 21 anos de idade apenas, foi a Paris, onde recebeu o grau de doutor na respectiva faculdade. Depois de brilhante concurso, foi interno em hospitais daquela cidade francesa, acompanhando em seu laboratório o célebre professor Charcot⁶³, que o distinguia com sua estima e amizade. Especialista em moléstias nervosas, em dia com os progressos científicos nessa especialidade, estabeleceu-se depois no Rio de Janeiro, onde com brilho exerce a profissão médica. Homem de grande inteligência e de acentuada erudição profissional, colaborou com sucesso em vários periódicos e nas seguintes revistas européias: *Progrès médical*, *Revue nevrologique*, *Revue de medicine*, *Comptes Rendus de la société de biologie*, *Annales medico-psychologiques*. Publicou: *Novos estudos sobre a história, Etudes de pathologie nerveuse*, *De l'acromegalie* (tese de concurso em Paris), *Estudos sobre os sinais precursores das perturbações nervosas da infância*.

JOSÉ DA TRINDADE PRADO, *Barão de Propriá* – Agricultor e coronel da guarda nacional. Natural de Sergipe. Sendo 2º vice-presidente, tomou posse da presidência em 10 de setembro de 1855, e novamente em 10 de abril de 1857, 10 de agosto de 1868, 18 de junho de 1869 e 21 de agosto de 1871.

JOSÉ DE ARAÚJO RIBEIRO – Músico e compositor. Nasceu em Sergipe. Com grande vocação para as belas artes, tocava violino admiravelmente, e foi exímio compositor no seu tempo. Faleceu na Estância a 20 de dezembro de 1881. E aos últimos momentos, pedindo que o erguessem do leito de morte, escreveu com a mão trêmula a valsa *Últimos momentos*, composição musical suavíssima no dizer dos entendidos. Também escreveu *Elementos de música prática*, além de muitas composições em vários gêneros. A *Gazeta de Aracaju*, ao lhe fazer o necrológio, escreveu as seguintes e expressivas palavras: “teria sido um Carlos Gomes, se melhor lhe iluminasse o berço.”

JOSÉ DE ÁVILA GARCEZ – Engenheiro militar. Nasceu em Sergipe a 29 de outubro de 1872, alistando-se no exército em 1890. Foi 2º tenente de artilharia, em 1894; 1º tenente, em 1908; capitão, em 1911. Bacharel em matemáticas e ciências físicas e engenheiro militar. Homem de baixa estatura, mas muito forte, inteligente e dotado de excelentes predicados morais. Em 1893 ótimos serviços prestou à causa legal. É um oficial de futuro, graças às suas notáveis qualidades profissionais.

JOSÉ DE BARROS ACIOLY DE MENEZES – Industrial. Nasceu em Japarutuba, no engenho *Cabral*, em 1841. Em 1859 e 1860 esteve na Bahia, onde concluiu os seus estudos secundários. Não querendo continuar os estudos superiores, voltou a Sergipe, entregando-se à indústria agrícola em seu engenho *Murta*, na Capela. Quando o Imperador andou pelo norte do país, foi agraciado com o oficialato da Rosa. Dedicava-se com vantagem às belas letras e era dotado de notáveis qualidades intelectuais. Alto

na estatura, regular na constituição, prazenteiro sempre, aparentava grande robustez física, quando faleceu repentinamente, aos quarenta e poucos anos de idade apenas.

JOSÉ DE BARROS ACIOLY DE MENEZES JÚNIOR – Médico. Nasceu em Sergipe e reside em S. Paulo, onde é influente proprietário.

JOSÉ DE BARROS PIMENTEL – Militar. Foi presidente de Sergipe, tendo tomado posse em 1823.

JOSÉ DE BARROS PIMENTEL – Político e advogado. Nasceu em Sergipe a 11 de maio de 1817, fazendo os estudos secundários em Paris. Aí cursava a academia de medicina, quando a família, por interesses políticos, o levou a estudar também direito. Voltando a Sergipe, foi secretário do governo sergipano e pouco depois deputado geral, várias vezes reeleito. Na câmara distinguiu-se duplamente: por seu espírito independente e por sua freqüência na tribuna. Referindo-se à sessão de 1843, e depois de falar de Nabuco, Wanderley, Ferraz e Cansação, escreveu a seu respeito Joaquim Nabuco: “Os jovens da Câmara não tinham em grau notável o espírito de veneração: Barros Pimentel, o Benjamem da plêiade, lembra lorde Randolph Churchill principiante, exasperando o banco ministerial com seu talento, sua petulância, seus golpes pessoais”. Nos últimos anos ocupava-se de preferência, na Câmara, com as questões internacionais, tendo tomado parte, em 1864, na discussão da célebre interpelação Evaristo da Veiga, um dos acontecimentos de maior importância que precederam a guerra do Paraguai. Faleceu em avançada idade no Rio de Janeiro, a 6 de maio de 1893. Na advocacia foi figura de destaque na antiga Corte.

JOSÉ DE CALAZANS BARBOSA FONSECA – Tenente-coronel. Sendo 2º vice-presidente, assumiu a presidência a 18 de julho de 1883.

JOSÉ DE FARO ROLEMBERG – Capitalista. Chefe político de grande influência em Sergipe, onde nasceu mais ou menos em 1840. Era proprietário de vários engenhos de açúcar e gozava de prestígio real no interior da antiga Província, chefe liberal que era estimadíssimo. Presidiu o Conselho Municipal de Maruim, onde prestou assinalados serviços políticos e administrativos. Foi deputado provincial e vice-presidente da Província em exercício em 1885. Homem de alta estatura e de robusta constituição, pelos seus serviços políticos foi coronel da guarda nacional e deu o seu nome, sempre honrado, a uma das belas praças de Aracaju. Faleceu a 1º de outubro de 1889. Era dotado de excelentes qualidades e virtudes, e foi em seu tempo o chefe político de mais conceito e popularidade. Para isso concorreu poderosamente o seu notável gesto abolicionista, libertando um dia, no pátio de um de seus engenhos, toda a escravatura que possuía.

JOSÉ DE MATOS HENRIQUE – Capitão-mor em 1755. Durante sua administração foi elevada a vila a aldeia de Gerú, criando-se o respectivo município, por carta régia de 22 de novembro de 1758. Em tal carta eram declarados livres os índios de Sergipe. Os lugares da câmara da nova vila deviam ser exercidos por naturais da aldeia. Morreu em S. Cristóvão, a 30 de dezembro de 1759.

JOSÉ DE SÁ BITENCOURT CÂMARA – Brigadeiro. Foi o 17º presidente de Sergipe. Tomou posse a 15 de julho de 1844.

JOSÉ DE SANTA CECÍLIA, Frei – Músico e orador notável. Nasceu em S. Cristóvão pelo ano de 1809, sendo chamado no século José Pacífico de Sales. Religioso franciscano, professou a 9 de março de 1827, em sua ordem vários cargos exercendo, quais o de presidente do convento de S. Cristóvão e o de guardião no convento de Penedo, onde lecionou teologia, moral e latim finalmente. Homem de superior inteligência, com decidida vocação tanto para as belas letras como para as belas artes, foi um grande

orador sacro, como um músico de notável valimento. Escreveu muito, poesias inclusive. Mas suas composições ficaram inéditas, com exceção apenas de um sermão. Foi apelidado o *Frei Bastos Sergipano*, graças à vida licenciosa que levava, em tudo igual à do licenciado Frei Bastos da Bahia. Faleceu em Sergipe a 6 de setembro de 1859. E antes de expirar, já sacramentado, mandou iluminar o quarto, improvisou seu último sermão – comovente oração à Virgem Santíssima, e recitou a seguinte quadra:

Já disse adeus ao Parnaso
E pendurei minha lira;
Agora vou respirar
Onde o Eterno respira.

Foi a sua última composição.

JOSÉ DE SIQUEIRA MENEZES – Militar. É uma das glórias atuais do exército. Nasceu em S. Cristóvão a 7 de dezembro de 1852, alistando-se no exército em 1870. Foi alferes-aluno em 1876; 2º tenente, em 1877; tenente de estado maior, em 1878; capitão, em 1880; major, em 1890; tenente-coronel, em 1892; coronel por merecimento, em 1898; general de brigada, em 1904; general de divisão, em 1910; marechal reformado, em 1916. Engenheiro militar, ex-presidente do Estado de Sergipe, senador federal e membro efetivo do diretório do partido republicano conservador. É de média estatura, de delicada compleição física, de grande lucidez de inteligência cuidadosamente cultivada, e de notáveis qualidades militares, brilhantemente reveladas em 1897, na campanha de Canudos. Euclides da Cunha, nos *Sertões*, lhe fez as mais rasgadas e justas referências. Esteve no Acre, como pacificador e como prefeito, de setembro de 1903 a janeiro de 1904. Foi comandante da Escola Militar do Ceará, da brigada policial do Rio de Janeiro, de uma brigada de infantaria no R. G. do Sul, inspetor geral da arma de artilharia e chefe da 7ª região de inspeção, comissões todas desempenhadas com grande brilho administrativo. Contava 46 anos de bons serviços à pátria, prestados com dedicação e superior competência, nas doçuras da

paz como nas agruras da guerra. É sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e uma das glórias atuais do exército, onde goza de real e merecido prestígio.

JOSÉ DINIZ BARRETO- Advogado e latinista. Nasceu em Itabaiana a 18 de maio de 1845, bacharelando-se em direito no Recife. Foi lente de latim do ginásio pernambucano, recebendo depois o título de *doutor*, pela faculdade de direito, para onde entrou como lente substituto. Homem de superior inteligência e de grande erudição, foi distinto advogado em Pernambuco, assim como colaborador emérito de vários periódicos. Publicou em 1882 *Explicações dos Lusíadas* e diversos outros trabalhos. Faleceu em Olinda a 29 de setembro de 1892, contando apenas 47 anos de idade.

JOSÉ DINIZ VILAS BOAS – Vive em S. Cristóvão, onde se entrega com vantagem às lides jornalísticas. É homem de lúcida inteligência.

JOSÉ ELOI PESSOA DA SILVA – Tenente-coronel. Foi o primeiro administrador que teve Sergipe, depois da independência do Brasil. Foi nomeado pelo Labatut⁶⁴, em nome do Imperador, a 15 de novembro de 1822, tomando posse em S.Cristóvão a 22 do mesmo mês e ano. Presidiu depois a Província em 1837.

JOSÉ FIEL DE JESUS LEITE – Magistrado, orador e jornalista. Nasceu em Laranjeiras, mais ou menos em 1843. Formando-se em direito no Recife, voltou à terra natal, onde foi advogado, procurador fiscal da fazenda, lente de história e deputado provincial. Dedicando-se então à magistratura, foi promotor público, juiz municipal e juiz de direito, homem de grande lucidez de inteligência, em história erudito, orador assaz fluente e desde os verdes anos jornalista, colaborou em diversos periódicos e redigiu a *Faculdade do Recife*, o *Jornal de Sergipe*, *A atualidade*, *O cidadão* e a *A voz do povo*. Faleceu em Alagoas a 11

de maio de 1890. era de baixa estatura e de franzina constituição, com sério defeito em uma das vistas.

JOSÉ FERREIRA SOUTO – Bacharel. Foi o 19º presidente da antiga Província. Tomou posse a 30 de outubro de 1846.

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA, Zuca – Artista. Nasceu em Japarutuba, mais ou menos em 1835. Conhecido em Sergipe pelo nome de *Zuca*, é um dos mais notáveis artistas sergipanos. Sobremodo curioso, com decidido gosto para a pintura e sobretudo para as artes mecânicas, ele entendia de todas elas, tudo fazendo com perícia e arte. Era o homem dos sete instrumentos. Em Aracaju, no carnavalesco *Club Cordovínico*⁶⁵, criou fama, que se espalhou por todo o Estado. Seu carro *Aurora*, no carnaval de 1896, era de grande valor artístico. Na Exposição Nacional expôs um quadro, que lhe valeu uma medalha de ouro. Foi à Europa, para tornar realidade uma máquina de costura de sua invenção, a qual recebeu o nome de *Zuca*. Dela tirou *brevet* em Paris. Mas não lhe serviu de nada e sim para enriquecer estrangeiros sem escrúpulos e espertos. Voltou da Europa desanimado, em 8 de fevereiro de 1879. Foi aprendiz de ourives, fogueteiro, soldado, industrial e alfaiate. Neste último posto, em Laranjeiras, chegou a ser a melhor tesoura. E como voluntário, durante a guerra contra o Paraguai, prestou reais serviços, ocupando o posto de alferes, pois tinha essa patente na guarda nacional. Voltando desanimado a Sergipe, depois de sua longa peregrinação pela Europa e pelo Rio de Janeiro, passou a viver humildemente em Aracaju, onde faleceu em avançada idade, mais ou menos em 1900. Era um homem alto sem grande robustez física, de grande e não cultivada inteligência, dotado de superiores e raras qualidades de caráter.

JOSÉ FRANCISCO DE MENEZES SOBRAL – Padre. Presidente da Província. Tomou posse a 4 de maio de 1831. Era conselheiro do governo.

JOSÉ FRANCISCO DE CARVALHO NOBRE – Advogado. Nasceu em Sergipe, mais ou menos em 1855, formando-se em direito em S. Paulo em 1860. No 5º ano acadêmico publicou um romance histórico, que não foi muito bem recebido pela crítica acadêmica. Era de baixa estatura e franzina compleição, muito moreno. Casou-se como estudante. Não abandonou o seu cão de fila. Gostava de caça. Tinha um gênio pouco comunicativo. Residia na Faxina, em S. Paulo, mudando-se depois para o sul do país.

JOSÉ FRANCISCO DE MOURA – Oficial superior da marinha. Nasceu em Japaratuba, a 23 de janeiro de 1869, alistando-se na marinha em 1887. Foi promovido a 2º tenente em 1891; a 1º tenente, em 1892; a capitão-tenente, em 1894; a capitão de corveta, em 1906; a capitão de fragata, em 1913. Foi o número *um* na sua turma de guarda-marinha, em 1890, sinal evidente de grande merecimento intelectual. Foi imediato do *Barroso* e do *Tamoio*, comandou o *Santa Catarina*, serviu três anos na flotilha de Mato Grosso, foi capitão do Porto de Sergipe e inspetor do arsenal de marinha do Pará.

JOSÉ GOMES DA CRUZ – Capitão-mor por carta régia de 4 de abril de 1763. Administrou até 1776, sendo substituído por Bento José de Oliveira.

JOSÉ GONÇALVES BARROSO – Presbítero, latinista e grande orador. Nasceu em Laranjeiras a 21 de março de 1821. Abraçando a vida religiosa, foi presbítero secular e vigário colado na matriz de S. Cristóvão. Antes, porém, de se ordenar, obteve por concurso a cadeira de latim da cidade da Capela, ocupando-a com destaque e brilho. Em S. Cristóvão regeu depois a cadeira de filosofia, na qual se jubilou. Vigário geral em Sergipe, pediu demissão, para poder pleitear uma cadeira na Assembléia provincial. E aí esteve durante dois decênios, porventura como o seu máximo representante na tribuna. “Depois de uma calorosa sessão, em que só ele era toda a oposição, eu o vi entrar em casa de

meu avô, (o comendador Travassos), cheio ainda de calor do debate, sustentando com a grandeza de sua inteligência genial, em referência aos Britos, os homens ricos e melhores da terra: “Comendador! Havemos de vencer e libertar nossa terra do domínio desta gente. Havemos de vencer, porque do nosso lado é que está o dom divino da inteligência pelo progresso humano, contra o obscurecimento dos ignorantes opressores”. Era um lutador. Homem superior na inteligência e na erudição, latinista afamado, foi orador eminente na tribuna parlamentar, como pregador exímio na sacra tribuna. É um dos maiores pregadores sergipanos, talvez igualado apenas por S. Cecília. Esteve em 1866 e 1867 no Rio de Janeiro, onde confirmou plenamente os seus brilhantes dotes oratórios, e onde regeu superiormente, no colégio Santo Antonio, as cadeiras de latim e de filosofia. Faleceu em S. Cristóvão a 17 de setembro de 1882. Era de cor morena, de regular estatura e de vigorosa constituição. Possuía a comenda de Cristo. Publicou apenas dois discursos parlamentares e deixou inéditos muitos *sermões* e *orações sagradas*. Um seu contemporâneo, ainda vivo, diz-me que nele havia o desequilíbrio das altas inteligências, “em que o bom senso é quase sempre prejudicado consciente e inconsciente”. Seja como for, é o vigário Barroso uma das águias sergipanas.

JOSÉ HERMENEGILDO PEREIRA GUIMARÃES – Médico jornalista e notável propagandista republicano. Homem de superiores qualidades intelectuais e morais, foi candidato do partido republicano na última eleição geral da monarquia e também representante do dito partido, no congresso republicano brasileiro. Pelas colunas do *O Laranjeirense* e do *O Republicano* combateu energicamente o antigo regime, como convencidamente defendeu a República.

JOSÉ INÁCIO DE BARROS PIMENTEL – Clínico. Nasceu em Maruim a 20 de julho de 1832, formando-se em medicina na Bahia em 1857. Fez depois concurso brilhante, sendo em 1859 nomeado para o cargo de opositor de uma das secções da faculdade

médica baiana. Prestou valiosos serviços médicos em 1855, por ocasião do cólera na Bahia, e em 1864, por ocasião da guerra do Paraguai. Renunciando o lugar de lente, estabeleceu-se como clínico em Montevideu, onde adquiriu fundas amizades e invejável reputação profissional. Atacado de séria enfermidade, embarcou para o Rio de Janeiro, onde faleceu a 29 de setembro de 1888. Era cavaleiro de Cristo, em atenção aos serviços prestados no Paraguai. Só escreveu a tese de formatura e a de concurso. Baixo na estatura mas vigoroso na constituição física, jovial e puro, tinha ao seu dispor notáveis qualidades de coração. Era um homem distinto.

JOSÉ JOAQUIM GEMINIANO DE MORAES NAVARRO – Presidente da Província. Tomou posse a 29 de outubro de 1833. Homem de grande inteligência e ilustração, dotado de excelentes predicados morais, sergipano de nascimento, conseguiu fazer uma patriótica administração, imitando assim o seu ilustre antecessor. Deixou o governo em meados de 1835. Em sua administração foi impresso o primeiro jornal da Província, *Noticiador Sergipense*.

JOSÉ JOAQUIM PEREIRA LOBO – Oficial superior do exército. Nasceu em S. Cristóvão a 22 de janeiro de 1864, alistando-se no exército em 1882. Foi alferes-aluno em 1889; 2º tenente de artilharia, em 1890; 1º tenente por serviços relevantes, nesse mesmo ano; capitão, em 1893; major, em 1908; tenente-coronel por merecimento, em 1911. Bacharel em matemáticas e ciências físicas, engenheiro militar, ex-fiscal do 3º regimento de artilharia. É de regular estatura, bastante inteligente e dedicado com ardor às múltiplas exigências da profissão. Foi vice-presidente de Sergipe, tendo exercido a presidência em 1897, durante o impedimento do presidente eleito, Dr. Martinho Garcez; foi fiscal da fortaleza de Santa Cruz, e diretor da colônia militar de Iguassú, cargos que desempenhou com dedicação, honestidade e patriotismo. Homem de grande atividade, geralmente estimado em todo o meio em que se apresentava, só tem virtudes, quando analisado no ponto de vista moral. É um filho que honrar sabe a

pátria que lhe serviu de berço. Atualmente representa o seu Estado no Senado Federal.

JOSÉ JOAQUIM RIBEIRO DE CAMPOS – Bacharel. Sendo 3º vice-presidente, assumiu a presidência a 22 de fevereiro de 1882.

JOSÉ JORGE DE SIQUEIRA⁶⁶ – Poeta inspiradíssimo. Nasceu em Laranjeiras a 1º de fevereiro de 1845, formando-se em direito no Recife, onde foi companheiro de Tobias Barreto, de Castro Alves e de Fagundes Varela, e como eles poeta de grande valia e popularidade. Espírito tão lúcido quanto retraído, descrente porventura das coisas do mundo, não chegou a reunir em volume as suas inspiradas composições, espalhadas pelos jornais de Pernambuco umas e inéditas outras. Faleceu em Itabaiana à flor dos anos, em 4 de janeiro de 1870. Não tinha ainda um quarto de século de existência. E do seu espólio literário, com o Dr. Adolfo Generino dos Santos, consta um volume de *Poesias*, dividido em três partes – *Nymphéas* e *Solfataras* e *Stradivarios*. No *Liberal Acadêmico*, de que foi o principal redator, existem várias das suas composições. Ao general José Inácio foi negada sepultura em sagrado, e José Siqueira lhe dedicou então uma heróica poesia – *O general das massas*, cujo final é o seguinte:

Curvai-vos e passai. O pó revolto
Dessa tumba modesta aí resguardada
Urna pejada de centelhas de astros.
Aos pés dela rastejam reis da terra.
Subiu tão alto quanto sobe o apóstolo
Que em mãos tem da verdade o grande lábaro!
Sua púrpura? – o palio da ciência.
Seu verbo grandioso? – a liberdade.

Curvai-vos e passai... Seu nome agora
Ide segui-lo do equador ao trópico.
Deste oceano aos Andes perguntai-o.

Pedi-o à história e de Bolívar aos filhos.
Qual foi seu nome? – O General das Massas.
Passai como o silêncio ante esse morto...
As estrelas do céu velam-lhe o sono,
As estrelas da glória o iluminam!

JOSÉ LEANDRO MARTINS SOARES – Advogado e literato. Nasceu em Pacatuba a 5 de maio de 1836. Depois de freqüentar 3 anos o seminário de Bahia, a fim de se ordenar, seguiu para o Recife, onde se formou em direito em 1869. Foi advogado em Sergipe e depois em Alagoas, procurador dos feitos da fazenda, deputado à Assembléia sergipana, da qual chegou a vice-presidente, chefe de polícia e vice-presidente da Província, duas vezes em exercício, em 1880 e 1881. Homem de lúcida inteligência, com grande amor às belas letras, foi poeta distinto e jornalista muito apreciado. Quando acadêmico, fundou e redigiu *A idéia* e o *Liberal acadêmico*. Também redigiu a *Arcádia Pernambucana* e o *Eco Liberal*, periódicos nos quais se encontram muitas poesias suas. Escreveu um romance de costumes – *As duas vítimas*. De regular estatura, seco de corpo, louro, pensativo sempre, dotado de nobres predicados de caráter, tinha talvez um ponto fraco – era um tanto vingativo. Não lhe sei a data do passamento, que suponho se ter dado em Vila Nova, onde ultimamente residia.

JOSÉ LORENÇO DE MAGALHÃES – Médico distintíssimo. Nasceu na Estância a 11 de setembro de 1831, formando-se em medicina na Bahia. Indo então à Europa, ouviu com amor as maiores sumidades médicas da França e da Alemanha. Foi especialista em moléstias dos olhos, sem porém descurar os outros ramos da medicina. Fez estudos acurados sobre as febres que mais assolam o Brasil e descobriu um processo para a cura da morfêa, estabelecendo para tanto um instituto modelo em Cascadura (subúrbio do Rio de Janeiro). Homem de superior inteligência e de vasta cultura médica, alto na estatura e na constituição delicado, escreveu muito sobre várias questões de medicina, tanto em português como em francês. Era membro titular

da academia de medicina e sócio de várias associações. Dentre as suas publicações podemos citar: *Do Glaucoma, Das febres palustres em Sergipe, Da oftalmologia dos recém-nascidos, A morfêia no Brasil, A morfêia é contagiosa?, Questões de Higiene, Saneamento da Capital Federal, Considérations sur la lèpre au Brésil* e vários escritos em revistas nacionais e estrangeiras, sobre patologia, terapêutica e higiene. Seus trabalhos sobre oftalmia, febre e lepra são considerados de grande validade profissional. Faleceu em S. Paulo em 1911.

JOSÉ LUIZ COELHO E CAMPOS – Magistrado. Nasceu em Sergipe a 4 de fevereiro de 1841, formando-se em direito no Recife. Abraçando logo a magistratura, foi durante algum tempo promotor em Capela e Japaratuba. Atirando-se à carreira política, foi diversas vezes deputado provincial em Sergipe e por fim deputado geral, até à proclamação da República. Continuou depois a representar o Estado, sendo mais tarde eleito senador, e, por fim, em outubro de 1913, nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal. Homem de regular estatura e de delicada compleição física, com grande lucidez de inteligência e profunda cultura jurídica, goza no Senado, como goza no Supremo e em todo o país, de alta estima e consideração, pela sua notável cultura intelectual, revelada sucessivamente em brilhantes pareceres e discursos, muitos deles publicadas em avulso. No Congresso Jurídico Americano, reunido no Rio de Janeiro, representou o Senado, sendo um dos vice-presidentes do grande centro jurídico.

JOSÉ MARIA GOMES DE SOUZA – Poeta lírico inspirado. Nasceu na Estância em 1837, onde foi a princípio farmacêutico prático e depois inspetor da tesouraria provincial. Abandonando o público funcionalismo, fixou residência na Bahia e depois em Minas. Homem dotado de grande inteligência e de notável força de vontade, poeta sobremodo inspirado, publicou em 1868 um volume de poesias, a que deu o nome de *Estâncias*, e em 1892 um outro, também de versos, denominado *Mocidade e velhice*. Faleceu em extrema pobreza em 1893, na cidade de

Barbacena. A seguinte composição dá idéia do seu valor como poeta:

A palavra

O que és tu, o que és tu, alto prodígio,
Que, pousando no barro, o barro ergueste
 À altura do Increado?
Quem és, que aos astros a carreira estorva?
Quem és, que fazes redivivo erguer-se
 O Lázaro prostrado?

Tu que dos lábios de Moisés fulmineos
Caíste ungida de eternas verdades
 Ao clandor da procela?
Vens de um a outro século rompendo
Ao travez das ruínas e extermínio
 Sempre incólume e bela?

És bela quando cintilante trôas
No Senado de Roma, e aí fulminas
 A traição e o traidor.
És bela quando inspiras-te de cólera
E irrompes d'alma apaixonada e livre
 De Catão, o censor.

Crias tronos e tronos despedaças,
Do povo as iras de improviso acendes,
De improviso subjugas;
Qual do Senhor á voz ruge a procela
E de súbito para, amenizando
 Do oceano as rugas!

Podes por cima dos longínquos mares,
Levar o fio elétrico instantâneo,
 O pensamento escrito!
Ao cadáver de um século passado
Só tu podes dizer – “surge e caminha!”
 Parodiando o Cristo!

E eu vejo erguer-se o século futuro,
Como uma salamandra gigantesca,
Inundado de luz!
E a nossa geração purificada
Quebrando o sabre, bendirá somente
A palavra e a Cruz!

JOSÉ MARIA MOREIRA GUIMARÃES – Oficial superior do exército. Nasceu em Laranjeiras a 4 de novembro de 1864, alistando-se no exército em 1882. Foi alferes-aluno em 1889; 2º tenente de artilharia, em 1890; 1º tenente por serviços relevantes, nesse mesmo ano; capitão, em 1891; major do Estado Maior, em 1908; tenente-coronel de cavalaria por merecimento, em 1911. Bacharel em matemáticas e ciências físicas, ex-deputado federal, engenheiro militar e antigo instrutor, por concurso, da extinta escola de tiro no Realengo. É de alta estatura e de robusta constituição, de grande lucidez de inteligência e de notável cultura literária e científica. Com um jeito especial para as línguas vivas, fala fluentemente o alemão, o japonês, o francês e o inglês. Com decidida vocação para as belas letras, fala com eloquência e escreve com correção. Foi orador da sociedade nacional de geografia e como tal, no túmulo do Barão de Paranaguá, fez um discurso que é uma verdadeira jóia literária. Tem feito muitos outros discursos e conferencias, como publicado tem excelentes artigos literários, científicos e profissionais na imprensa diária. Suas composições poéticas são também inspiradas e artísticas. Serviu à legalidade com bravura em 1893. Fez a guerra russo japonesa, como adido militar brasileiro, adquirindo assim a respectiva medalha de ouro. É em suma um oficial que honra a classe e um cidadão que enobrece a pátria. Seus livros são os seguintes: *Noções de artilharia*, *Escritos militares*, *Disciplina militar e liberdade humana*, *Jogo da guerra*, *No extremo oriente e Estudos e Reflexões*. O prólogo dos *Estudos*, a seguir, dá uma boa idéia do escritor:

Primeiras palavras

Para a apresentação deste livro sou inquestionavelmente suspeito, uma vez que sobre ele não posso emitir opinião. Mas seria exigência demasiada, senão absurda e ilógica, essa de me revestir de absoluta imparcialidade para dizer diante do público – do valor de um trabalho que é fruto de meu esforço.

Certo, ser-me-ia fácil – aqui o declaro sem louvores que me não cabem – conseguir valiosa recomendação de algum amigo de renome na literatura pátria. E então, sem a menor dúvida, esta obra que denomino “Estudos e reflexões”, seguiria triunfante – conquistando, pela sinceridade que m’a inspirou, admiradores por toda a parte.

Alenta-me por conseguinte a convicção de que fiz mal – escrevendo, de meu próprio punho, estas linhas...

Com esse mal, entretanto, serei recompensado pelo bem que há de fazer-me a crítica, mediante os seus conselhos, ensinando-me, abrindo-me as largas estradas por onde se caminha iluminado pelo sol vivificante da verdade.

JOSÉ MARIANO D’ALBUQUERQUE CAVALCANTI – Tomou posse da presidência da Província a 19 de janeiro de 1837. Foi o oitavo presidente de Sergipe.

JOSÉ MARTINS FONTES – magistrado. Foi presidente da Província em 1877 e juiz de direito em Itabaiana e Riachuelo. Era um magistrado de talento, sobremodo íntegro, formado em direito. Era natural de Sergipe.

JOSÉ MATEUS DE AGUIAR CARDOSO – Sociólogo e professor. Nasceu em Divina Pastora a 26 de abril de 1864, formando-se em direito no Recife. Irmão de Fausto Cardoso. Homem de másculo talento e de notável cultura jurídica, lente de sociologia e moral do instituto nacional superior do Amazonas. Foi em tempo magistrado em Sergipe, no Rio e por fim no Amazonas,

onde faleceu a 2 de maio de 1895, contando apenas 31 anos de idade. Só deixou publicado um folheto – *O Problema do século*, erudita introdução a um livro inédito.

JOSÉ MATEUS LEITE SAMPAIO – Sergipano muito notável, conforme ao que se me informa. Nada mais, porém, me é possível adiantar por ora a seu respeito⁶⁷.

JOSÉ PEREIRA DA SILVA MORAES – Bacharel em direito. Foi o 33º presidente da antiga Província. Tomou posse a 1º de fevereiro de 1866.

JOSÉ PEREIRA DE ARAÚJO – Fra capitão-mor em 1727. Inimigo pessoal do ouvidor Antonio Soares Pinto, não pôde por isso mesmo fazer governo capaz. Sua administração foi uma série de denúncias ao governador.

JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS – Grande na força física. Nasceu em Santo Amaro, provavelmente em começo do século passado. Sua força física era tal que, uma vez, passando sobre uma baraúna, segurou-se aos galhos da árvore e, com as pernas apenas, suspendeu do solo o cavalo em que montava. Não sei se será o mesmo que, capitão-mor, enche a crônica cearense do primeiro quarto do século dezenove.

JOSÉ PINTO DE CARVALHO – Agricultor. Presidente da Província. Tomou posse a 4 de fevereiro de 1833.

JOSÉ RODRIGUES DA COSTA DÓRIA – Médico e professor. Nasceu em Propriá a 25 de junho de 1859. Formando-se em medicina na Bahia, em 1882 fixou residência em Laranjeiras, de onde saiu em 1885, para ocupar, por concurso brilhante, o cargo de adjunto de medicina legal na Bahia. Fez depois concurso para a cadeira de patologia, sendo por fim, em 1892, catedrático de botânica e zoologia. Também foi lente de medicina legal na

faculdade livre de direito da Bahia. Em 1896 foi eleito membro do conselho municipal baiano e, no ano seguinte, deputado federal por seu Estado natal. Reeito sucessivamente, em 1908 foi escolhido para reger os altos destinos do Estado, tomando posse em 24 de outubro do mesmo ano. Aí prestou ao Estado relevantes serviços econômicos, administrativos e políticos. Foi o 7º presidente de Sergipe. Homem de grande lucidez de inteligência e acentuada cultura profissional, importantes estudos há escrito nas revistas de medicina, na *Gazeta Médica da Bahia* sobretudo. Em 1897 publicou em folheto um dos seus discursos na câmara dos deputados.

JOSÉ SIZENANDO AVELINO PINHO – Médico. Nasceu em Vila Nova⁶⁸ em 1819. Formou-se na Bahia, a princípio em farmácia e logo depois em medicina. Foi clínico em Alagoas e depois na antiga Província do Rio de Janeiro, onde diversas vezes foi eleito deputado provincial. Faleceu em Cantagalo a 16 de junho de 1882. Escreveu, além da tese de formatura, *Apontamentos para a topografia física e médica de Maceió*.

JOSÉ SOTERO VIEIRA DE MELO – Magistrado. Nasceu em Sergipe, formando-se em direito no Recife. Abraçando a magistratura, homem de rara constituição moral, foi sucessivamente subindo de posição, até chegar ao alto cargo de desembargador, presidente do Tribunal da Relação de Sergipe. Depois de aposentado, entregou-se à agricultura, há pouco tempo. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico Sergipano.

JOSINO MENEZES – Político influente. Nasceu em Laranjeiras, mais ou menos em 1866, formando-se em farmácia e anos depois em direito. Dedicando-se à política, foi secretário geral do Estado, deputado estadual, deputado federal e por fim o 5º presidente do Estado, empossado a 24 de outubro de 1902. Homem de regular estatura e de robusta constituição, inteligente e culto, patriota e nobre, tem prestado à terra natal reais e utilíssimos

serviços. Presentemente vive no Rio de Janeiro, um tanto afastado da política partidária. Tem à sua folha de serviços dois feitos brilhantíssimos: abolicionista extremado, bateu-se violentamente pela abolição, na tribuna e no jornal; republicano ardoroso, foi acérrimo defensor da idéia em Laranjeiras e em Penedo. Fundou o *Laranjeirense* e *O Republicano*, dos quais foi redator de prestígio, em defesa àquelas grandiosas idéias. Também colaborou no *O Horizonte*, na *União Liberal* e em vários outros periódicos⁶⁹.

JOVINIANO ROMERO – Orador, médico e político de fama. Nasceu em Sergipe em 1857 e era irmão de Silvio Romero. Formando-se em medicina na Bahia em 1881, foi político militante em Sergipe, no antigo 2º distrito (sul da então Província), onde gozava de extraordinária influência, por seu tino verdadeiramente superior. Foi médico de grande cultura e rara sagacidade, e deputado provincial influente em várias legislaturas. Em 1885 foi eleito deputado geral, mas ao chegar à Câmara, foi esta dissolvida 48 horas depois. Reeito em 1889, chegou ao Rio a 14 de novembro, véspera da proclamação da República. Abandonou então de vez a política, não mais voltando a Sergipe. Fixou residência no Rio de Janeiro e aí faleceu anos depois. Era homem de superior talento, de notável cultura e com uma queda especial para a palavra falada. Orava muito bem. Como escritor, era dotado de uma verve especial.

JUSTINIANO DE MELO E SILVA – Professor e jornalista. Nasceu em Laranjeiras a 8 de janeiro de 1853. Começou sua educação literária naquela cidade, concluindo-a depois em Pernambuco. Regressando a Sergipe em 1871, obteve por concurso a cadeira de inglês do Ateneu sergipano. Tinha então 18 anos de idade. Em 1874, por motivo de moléstia, fez uma viagem ao sul do Brasil, indo também às repúblicas do Prata. E em sua volta, em 1876, foi nomeado secretário do governo do Paraná. Aí lecionou várias disciplinas no instituto paraense, foi nomeado lente de pedagogia da Escola Normal e por fim eleito deputado provincial

durante quatro legislaturas. Voltando a Sergipe, continuou no magistério, lecionando mais tarde história universal e da civilização. Homem de lúcido espírito e de grande saber, se bem que um tanto desequilibrado, dedicou-se com vantagem às belas letras, ao jornalismo especialmente. Redigiu no Paraná vários jornais e revistas, sobretudo o *Jornal do Comércio* e a *Revista Azul*, e escreveu as seguintes obras: *Leis da educação*, *Direito constitucional*, *O amor materno*, *História da revolução do Paraná* em 1894 *Fetichismo e idolatria*. Do seu estro, maneiroso e suave, tem-se uma brilhante mostra, na composição poética a seguir:

Corre!

Da noite no sepulcro achaste flores,
Per'la de amor no pranto das auroras...
E reclinada num leito de venturas
Tu sonhaste com Deus bem longas horas.

Correste... Nuvem rósea do horizonte
Veio na fronte leda te beijar...
E sempre a virgindade, louro sonho,
Nas gazes de tua alma a doudejar!

Sorriste, os lumes todos se extinguíram.
Sorriste... os astros todos palpitaram!
Entre as névoas da terra errantes sombras
Nos bafos de teus lábios se ebriaram.

Nos ombros as madeixas flutuavam...
Nos seios, a inconstância das esferas...
A ternura das auras não faltava,
Era a festa gentil das primaveras.

Quiseram que falasse... melodias
Dos céus, do mundo vieram te ameigar...
O mundo deu-te o riso da esperança,
O céu deu-te os mistérios do luar.

Corre... que os anjos todos te procuram...

Nas alfombras do céu não vás sonhar!
Nas dalias deste templo há resplendores,
Podes... vem no meu peito ressonar.

Nas praias deste amor as conchas d'ouro
N'um dia azul mimoso encontrarás,
Da inocência a flor se abrindo trêmula,
Seus perfumes singelos sentirás.

Corre. A onda é mansa, a terra muda,
Ali na igara Leste é remador...
Os descantes da noite se finaram,
Bebem da brisa os mares, o frescor.

Nessa carreira louca da existência
Não vás as crenças d'alma assim perder...
– Sonâmbula na volúpia desviada,
– Mariposa na chama a fenecer.

Oh! pára! Tantas almas te contemplam,
Tanta lava guardada a se aquecer...
Abre teu peito às vagas do infinito,
Vem neste vácuo imenso te conter!

JUVÊNCIO DE SIQUEIRA MONTES – Empregado público. Nasceu em S. Cristóvão a 5 de junho de 1856, fazendo com brilho seus preparativos no *Ateneu Sergipense*. Destituindo de recursos, fez-se empregado público, como arquivista da tesouraria provincial. Mais tarde foi escriturário da mesma repartição, e depois secretário da instrução, professor particular de várias disciplinas, 2º escriturário da Alfândega por concurso. Perdeu, porém, este lugar, por terem suas provas sido injustamente inquinadas de *cola*, pois revelavam uma habilitação de que não o julgavam capaz. Passou então a secretário na tesouraria da fazenda de Sergipe, depois a 3º escriturário do Tesouro Nacional, por fim a inspetor da Alfândega do Ceará. Aí subiu de cotação; foi logo conferente da Alfândega da Bahia e depois 2º escriturário do Tribunal de Contas. Demitido desse emprego, atirou-se ao

magistério particular no Rio de Janeiro, onde faleceu a 25 de setembro de 1906. Era homem de grandes qualidades intelectuais.

L

LADISLAU PEREIRA BARRETO – Médico. Nasceu na Estância, a 27 de junho de 1862, formando-se em medicina no Rio de Janeiro. Clinicou vantajosamente em diversos Estados do Brasil, fixando por fim residência em uma cidade do interior de S. Paulo. Faleceu na capital desse Estado, a 30 de setembro de 1899. Homem de grande talento e vasto saber profissional, deixou vários trabalhos, entre os quais avultam *Jesus Cristo perante a ciência*, *A tuberculose e o seu tratamento* (inédito) e o *Formulário Médico* (também inédito). Consta-me que ainda escreveu sobre partos, porventura no seu livro inédito *Memorial Prático do Cirurgião*. Como estudante foi endiabrado, com a alcunha de *Zé Nabo*, no velho Ateneu, onde estudou humanidades: não abandonava então o riso nem a pandega. Apesar de tanto, foi sempre excelente estudante.

LAUDELINO FREIRE – Advogado e professor. Nasceu na cidade do Lagarto a 26 de janeiro de 1873, ali mesmo iniciando os seus estudos, sob a direção habilíssima do notável educador Baltazar Góes. Em 1890 alistou-se no exército, como aluno da Escola Militar, onde fez o curso completo de matemáticas. Coursava o 2º ano do curso geral em 1893, ano em que seria nomeado alferes-aluno, quando resolveu trocar a carreira das armas pela do magistério, sendo então nomeado professor adjunto do Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde é atualmente conceituadíssimo catedrático de aritmética e geometria. Formou-se logo depois em direito, dedicando-se também à advocacia. Em 1895 foi eleito deputado à Assembléia de Sergipe, sendo reeleito nas duas seguintes legislaturas. Homem de regular estatura e regular compleição física, nas qualidades nobres e nos feitos valorosos,

com grande inteligência e cultura literária e filosófica, é membro do instituto da ordem dos advogados, vice-presidente da enciclopédia nacional de ensino e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Sua obra intelectual é farta e sólida. Durante um lustre foi redator em chefe da *Revista Didática*, oficial publicação do colégio militar, e vê de roda, a lhe engrandecer a brilhante folha de serviços, as seguintes e valerosas unidades, cronologicamente enumeradas: *Escritos diversos*, *Corografia de Sergipe* (prefaciada pelo Barão do Rio Branco), *História de Sergipe*, *Silvio Romero*, *Linhas de Polêmica*, *Um crítico e um poeta*, *História do Brasil*, *Sonetos Brasileiros*, *Discurso Oficial*, *Ensaio de Moral*, *Os processos da crítica e Estudos de filosofia e moral*. É um dos mais operosos escritores sergipanos na atualidade. Da sua feição literária um bom exemplo se tem com a seguinte transcrição, dos seus *Ensaio de Moral*:

A moral entre os grandes filósofos

Como conjunto de princípios, como sistema organizado para regular a conduta dos indivíduos e da sociedade – a moral é a criação da filosofia clássica. Tão antiga quanto o homem, foi em sua origem uma fâmula da religião e um dos objetos imediatos das crenças e dos dogmas. Era sempre um Deus, ou qualquer princípio emanado do céu que regulava as ações; inadmissível seria então um Deus estranho e indiferente à consciência moral do seu povo. Revestida do caráter sobrenatural, passava da religião à política e da política à poesia. Quando na história surgiu o pensamento helênico, ela sem perder as primitivas formas – mística, política e poética - embebida ainda das velhas cosmogonias, passa às máximas da sabedoria gnomica e a ser também assunto de opiniões isoladas de um Demócrito ou de Pitágoras. Nessa época absorviam-se os pensamentos no estudo da natureza, ficando de lado quaisquer indagações referentes à psicologia humana. Era o domínio da cosmologia. Confundindo

os sofistas com o seu espírito de observação, Sócrates foi o primeiro que tratou de trazer ao mesmo plano dos estudos do mundo exterior, os estudos sobre a natureza do homem; e é na sua filosofia que a moral adquire foros de ciência.”

LEANDRO BEZERRA MONTEIRO – Advogado. Nasceu no Ceará, mais ou menos em 1835, formando-se em direito em Pernambuco, em 1858 aproximadamente. Indo durante as férias a Sergipe, em companhia de Leandro Maciel, consorciou-se na família deste sergipano. Montou escritório de advocacia na Vila do Rosário, com ação continua em Maruim, Laranjeiras, Capela e Japaratuba. Para a legislatura de 1861 a 1863, auxiliado igualmente por liberais e conservadores, foi eleito deputado geral sergipano. Terminado o mandato, entregou-se na Província do Rio de Janeiro à advocacia e à lavoura. Faleceu há pouco com a avançada idade de oitenta anos. Era de regular estatura, de delicada constituição física, cheio de bons predicados intelectuais e morais. Havido era um conservador primoroso e inimitável.

LEANDRO DINIZ DE FARO DANTAS – Engenheiro e industrial. Nasceu em Pacatuba, formando-se em engenharia. Abolicionista extremado e republicano convencido. Fez parte do clube republicano de Laranjeiras e do grupo de Itaporanga e dedicava-se com afinco à vida agrícola e industrial⁷⁰.

LEANDRO RIBEIRO DE SIQUEIRA MACIEL – Político influente. Nasceu em Sergipe, formando-se em direito no Recife. Homem alto e de fraca constituição, cheio de vontade e de inteligência, representou Sergipe na câmara dos deputados do Império e depois no Senado da República nos últimos anos de sua existência atribulada. Foi um lutador adestrado, com decidido tino prático.

LEOPOLDO AMARAL – Poeta. É dos voluntários à guerra contra o Paraguai. Nasceu na Estância e é homem de superior

inteligência, dedicado com brilho às belas letras. A seguinte composição dá idéia do seu valor como poeta:

Lembro-me ainda

Eras criança... eu também...
E nessa quadra risonha,
Quem não sente amor, – não sonha,
Quem não nutre uma ilusão?...
Quem não tem na terra um anjo,
Que ao porvir lhe guie os passos,
E do amor nos brandos laços
Lhe cative o coração?

Eras criança... eu brincava
Co'as tranças dos teus cabelos,
Tão negros, meu Deus! Tão belos,
Lustrosos como o cetim...
Ai! quantas vezes, sorrindo,
Pegava d'eles... do pente...
Penteava-os docemente,
Pedia um cacho p'ra mim...

Eras criança... te lembras?
E, tu ficavas... zangada...
Fugias toda apressada,
Sem me dizer sim – ou não
E eu corria a buscar-te:
E, tu de mim te escondias;
Se te encontrava – sorrias...
E eu te lia o coração...

Eras criança... inocente.
Como o jasmim da floresta,
Nas quentes horas da sesta
A debruçar-se gentil...
Eras a branca açucena
De maio nas madrugadas;
A mais formosa das fadas,
Que vira o sol do Brasil...

Eras criança... me lembra,
Eras tu a minha estrela:
A visão querida e bela
Que velava os sonhos meus...
Sentada sobre o meu colo,
Assim de branco vestida,
Me matavas, davas vida,
No volver dos olhos teus...

Eras criança... uma tarde,
Eu tocava os teus cabelos.
Nunca, então com tanto zelo
Me pulsara o coração...
Era bela a natureza;
Corria perto um regato;
Eu pintei o teu retrato
Ao tanger de uma canção...

Eras criança... te lembras,
Como eras feiticeira
Desta vez, a vez primeira
Que me inspiraste... a huri?...
Que fizeste destes versos,
De tão ingênua poesia,
Cheia de tanta harmonia
Que só dei a ler a ti?

Eras criança... eu também...
Mas ao longe ruge a guerra,
Corro a vingar minha terra,
A enobrecer-me ou morrer...
Meu pai me deu uma espada
Jurei fazer-te rainha.
Juraste ser minha, Aninha,
Teu Germano eu jurei ser.

Eras criança... hoje és moça...
Quem sabe um só momento
Te virá ao pensamento,

Essa quadra tão gentil?
Inda és a mesma açucena
Das madrugadas de maio,
Que por ver-te em teu desmaio
Te beija o sol do Brasil?...

LEOPOLDO DORTAS DO AMARAL – Oficial superior do exército. Nasceu em Sergipe, a 27 de outubro de 1869, verificando praça no exército em 1886. Matriculando-se na Escola Militar, foi promovido a 2º tenente de artilharia em 1897; a 1º tenente, em 1897; a capitão de engenheiros, em 1903; a major, em 1913. É bacharel em matemáticas e ciências físicas, engenheiro militar, com o curso das armas e do Estado Maior. Em 1893 bons serviços prestou à causa legal. É de regular estatura e forte constituição física.

LIBÉRIO DE SOUZA MONTEIRO – Magistrado. Nasceu no Lagarto, mais ou menos em 1868, matriculando-se em 1884 na Academia de Direito do Recife. Depois de formado, voltou à terra natal, onde foi advogado, chefe de polícia e finalmente magistrado. Hoje ocupa o alto cargo de desembargador da Relação, gozando de invejável reputação por seus talentos e conhecimentos jurídicos. É um espírito forte, servido por uma organização forte. Tem escrito pouco, mas sempre revelando lucidez de inteligência e pureza de dicção.

LIMA JÚNIOR, Francisco Antonio de Carvalho L. J. – Poeta inspirado. Nasceu em Itabaiana a 4 de junho de 1856. Foi bibliotecário em Aracaju, no governo Felisbello Freire. Antes, porém, havia sido professor público e ardoroso defensor da idéia republicana, na tribuna e no jornal. Com Josino Menezes (V. este nome) fundou em Penedo um *Clube Republicano* e com o mesmo propagandista bateu-se valentemente pela abolição e pela República, nas colunas do *Laranjeirense*, d'*O Republicano* e da *União Liberal*. Homem de alta estatura e de robusta compleição, inteligente e ativo, com grande amor às belas letras, especialmente à poesia, é um cantor mavioso, dulcíssimo. Suas composições tem

um encanto especial, de que se tem um exemplo eloqüente na transcrição a seguir:

Um colóquio

Vem oh! bela e feiticeira,
Vem ligeira,
Vem sentir-se junto a mim,
Vem a mim, não temas nada,
Vem oh! fada,
Vem meu lindo querubim.

Chega a cadeira mais perto,
Para aberto
Te mostrar o peito meu,
Pois te quero assim sorrindo,
Só me ouvindo
Falar-te de um novo céu.

Repara bem, tem no fundo
Mais profundo
Recanto do coração,
Uma página de minh'alma
Pura e calma
Em fervorosa oração.

Se não sabes por quem ora
Toda a hora
Est'alma que é toda tua,
Pergunta ao sol dos teus olhos,
Meus abrolhos,
Consulta, segreda à lua.

Olha além como tão bela,
Luz a estrela
Peregrina do pastor!
Radiante
Estrela do meu amor.

Vamos, anda, vem juntinho,

Mais pertinho;
Quando brilhas no meu céu,
Não sei se sonho ou deliro,
Num suspiro
Bebendo o perfume teu.

Assim que eu leve consente
Docemente
Tua destra aos lábios meus.
Para lidar com ternura
A mais pura
Um favo de mel dos céus.

Mas tuas mãozinhas tuas
Ai! recuas
Com medo não sei de quem,
Supões por acaso Ondina
Peregrina
Que aqui nos espreita alguém!

Não tenhas receio oh! bela,
Grata estrela,
Que iluminas o meu ser!
Consente em tua mão breve
Bem de leve
Um beijo puro morrer.

Ora está, que mal fez isto,
Pois se visto
Não foi de profano olhar!
Já é tarde, passarinho,
Busca o ninho,
Que te chama a repousar.

LOURENÇO FREIRE DE MESQUITA DANTAS –
Bacharel e 2º vice-governador do Estado. Tomou posse do governo
a 4 de novembro de 1890.

LUIZ ÁLVARES DE AZEVEDO MACEDO – Bacharel. Foi o 38º presidente da antiga Província. Sua posse data de 17 de fevereiro de 1872.

LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELO – Bacharel. Foi o 45º presidente da antiga Província. Tomou posse a 28 de julho de 1880.

LUIZ ANTONIO PEREIRA FRANCO – Bacharel. Foi o 24º presidente da antiga Província. Tomou posse de tão elevado cargo a 14 de julho de 1853.

LUIZ CAETANO MUNIZ BARRETO – Bacharel. Foi o 49º presidente da antiga Província. Sua posse data de 7 de setembro de 1884.

LUIZ FRANCISCO FREIRE – Magistrado. Nasceu em Sergipe a 1º de janeiro de 1862. Formando-se em direito no Recife, abraçou logo depois a magistratura, sendo a princípio promotor público, depois juiz municipal e por fim juiz de direito em Aracaju. Foi deputado provincial na última legislatura monárquica e deputado à constituinte sergipana. Sobremodo infeliz em sua vida particular, faleceu, talvez de desgostos, a 14 de outubro de 1894, contando apenas 32 anos de idade. Escreveu um *Projeto de Constituição do Estado de Sergipe*. Era um espírito superior, cheio de grandes virtudes morais.

LUIZ JOSÉ DA COSTA FILHO – Poeta e jornalista. Nasceu em Propriá, a 3 de outubro de 1886. Esteve matriculado na academia de direito. Foi deputado estadual várias vezes, e é jornalista de mérito incontestável. Publicou em 1905 as suas produções poéticas *Alma do Sol*, *Poema das Plantas* e *Festum Lucis* e mais tarde os seguintes folhetos, de valia indiscutível: *O Governo nos Estados Livres*, *A Liberdade e a Igreja*, *O Santo Governo*, *Um grande sergipano*, *Leis e um conceito jurídico*, *Em prol da Alemanha*, *Pedro de Calazans*, *Memória*, *Aspectos*

Jurídicos e a Vida do Direito. Deste último citamos o seguinte excerto, para se fazer uma idéia do escritor:

Eu afirmo que o Direito, essa força homérica e inigualável que tem sido até hoje a maravilha indefinível da cultura humana, é a única forma permanente de equilíbrio das sociedades; não fosse ele, mal chegariam os indivíduos a se constituírem rudimentarmente em gregários dispersos e facilmente destrutivos, quanto mais em compactos, fortes e civilizados corpos sociais, como os que nos deslumbram, sábia e naturalmente distribuídos pela vasta superfície do globo.

Faltasse o Direito e não existia essa prodigiosa harmonia que regula e consolida as relações da existência social, relações imprescindíveis, necessárias, indispensáveis, sem as quais tornar-se-ia impossível não só a comunhão política entre os homens e as Nações, como também o seu desenvolvimento, o seu progresso e o seu bem estar relativo.

Costa Filho é de média estatura mas de forte compleição. Fez-se por si próprio. Além de notáveis qualidades intelectuais, tem ao seu dispor valiosos predicados de caráter. É um homem honesto e nobre, major da guarda nacional, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. A Santa Fé Apostólica Romana condecorou-o com uma Bênção Papal, assinada por S. S. Pio X, “pelos relevantes serviços de ordem intelectual prestados à Santa Madre Igreja”. A seguinte poesia é de sua lavra:

Impressões do olhar

Ninguém que guarde n'alma a luz de um sonho,
Ou mesmo a réstia de um feliz sonhar,
Poderá refletir calmo e risonho,
O penetrante sol de um forte olhar.

Olhares de mulher, profundos, ternos,

Plenos de amor e de melancolias,
Álgidos uns, como tufões de Invernos,
Outros ardentes como claros dias,

Esses que queimam a pupila, e cantam
A louca estrofe das fatais paixões,
Eternos vibram e seus raios plantam
Nos arraiais sem fim dos corações.

Olhares de mulher piedosos, puros,
Das esposas, das mães, das filhas caras,
Sois estrelas do Céu, fanais seguros,
Nesta vida de lágrimas amáras.

Muito sois diferentes dos olhares
Dessas mulheres outras, sedutoras;
Pois os vossos são feitos de luares,
E os daquelas de chamas matadoras.

Olhares de mulher, místicos, dóceis,
Pontos de luz na treva da existência,
Antes vós todos, tafues olhos, fôsseis
Ungidos de bondade e de clemência.

Agosto – 913 COSTA FILHO.

LUIZ MENDES DE MORAES – General. Como tenente-coronel, foi o 8º governador do Estado, havendo tomado posse a 26 de janeiro de 1891.

LOURIVAL DE MENEZES SOBRAL – Agricultor. Reside em Riachuelo onde goza de grande influência e prestígio. É capitão da guarda nacional.

M

MANOEL ALVES MACHADO – Professor e propagandista republicano. Nasceu em Propriá em abril de 1852, indo com um ano para Laranjeiras e logo depois para Aracaju, onde fez o curso primário e também alguns exames do curso secundário. Fez depois concurso, sendo então nomeado adjunto avulso de uma cadeira pública. Deixou mais tarde o cargo, dedicando-se então ao magistério particular. Quando se pronunciou como político, era republicano extremado. Quis uma feita fundar um clube republicano em Aracaju, com José de Siqueira. E mudando-se para Propriá, aí propagou as idéias democráticas com elevação e calor, chegando mesmo, em janeiro de 1889, a arregimentar alguns cidadãos que se conservaram firmes até 15 de novembro. Sua propaganda não se limitava à palavra falada: pelas colunas do *S. Francisco*, de que era redator, muito defendeu e amparou a idéia em marcha. Finalmente conseguiu fazer a proclamação da República em Propriá, de modo assaz regular. E logo depois, achando-se quase abandonada a cadeia da cidade, segurou uma carabina e foi, juntamente com o Dr. Davino Nomísio, montar guarda àquele estabelecimento. É com justiça considerado um dos mais puros republicanos de Sergipe.

MANOEL ARMINDO CORDEIRO GUARANÁ – Magistrado, advogado e pesquisador raríssimo. Nasceu em S. Cristóvão a 4 de agosto de 1848. Formando-se em direito no Recife em 1871, seguiu logo depois para Sergipe, onde foi sucessivamente promotor público, procurador fiscal do tesouro, juiz de direito, deputado provincial, chefe de polícia e juiz dos casamentos. Foi secretário do governo no Piauí e no Ceará, e também juiz de direito e professor de latim no Piauí. Na primeira organização judiciária do Espírito Santo foi nomeado desembargador e depois, em disponibilidade, entregou-se à advocacia no Rio de Janeiro, sendo mais tarde, em 1902, juiz federal no Ceará, aposentando-se em 1905. Homem de grande atividade e lúcida inteligência, cheio de virtudes raras, baixo na estatura e na compleição delicado, é sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Sergipano e sócio correspondente do Instituto do Ceará e do Instituto Arqueológico

Pernambucano, e condecorado com o busto do libertador Simão Bolívar. Redigiu o *Democrata* de Aracaju, colaborou em vários jornais do Piauí, Ceará, Sergipe e Rio de Janeiro. Escreveu o *Vocabulário geográfico dos nomes indígenas de Sergipe* e dois folhetos sobre questões jurídicas. Foi notável auxiliar do escritor baiano Sacramento Blake⁷¹, na organização do seu *Dicionário Bibliográfico*, e tem em adiantada elaboração o *Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano*. Em 1907 foi escolhido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para organizar o *Catálogo* da imprensa sergipana, para a exposição nacional de 1908, trabalho depois publicado em um dos números da revista do mesmo instituto.

MANUEL BAHIENSE – Músico de grande inspiração em Laranjeiras, onde nasceu a 14 de junho de 1851. Verdadeiro gênio musical, teve como professor de violino o célebre padre Cipriano Chaves. E em 1866, aos quinze anos de idade apenas, era professor de música de grande reputação em Laranjeiras, onde, àquela época, já se faziam ouvir com prazer algumas composições do menino maestro. É de baixa estatura e de delicada constituição física, mas de superior inteligência e com queda decidida para a arte sublime. Paupérrimo, nunca saiu de Laranjeiras, cidade de cinco mil habitantes. Mas se se tivesse educado na Itália, mesmo no Rio de Janeiro, certo seria um dos mais célebres compositores brasileiros: porque nada absolutamente falta a esse homem, porventura feio no físico, mas de uma beleza moral agigantada, como Hércules é na arte que dignifica e honra em toda a sua modéstia e valimento. Sua marcha fúnebre *Pio X* é de grande merecimento musical. Quem a ouvir, dificilmente conterà as lágrimas. Mas não lhe é essa a única composição de mérito. Em 1889, aberto o concurso para o *Hino da República*, conquistou o 3º lugar. E nunca saiu de Sergipe. Quando houve a exposição nacional, enviou ao grande certame o *Hino da Exposição*, depois decretado como *Hino Oficial*. Quando morreu Carlos Gomes, escreveu a *Marcha Carlos Gomes*, oferecida ao Estado de S. Paulo: pouco depois recebia um ofício do presidente

do glorioso Estado, em agradecimento ao tributo à memória do grande morto. Ainda podemos citar, entre as suas composições: *Noite de Carnaval*, *Viva S. João* (popularíssima), *Ave Maria*, *Dores e Flores*, 52 hinos, várias músicas sacras, dobrados, valsas, marchas, fantasias, etc., etc. Ainda vive àquela mesma cidade, a ensinar piano e música às gerações que se sucedem, e cada vez mais respeitado e mais querido dos seus alunos e dos seus admiradores. É um dos grandes artistas sergipanos.

MANOEL BATISTA ITAJAÍ (Dr.) – Como vice-presidente do Estado, assumiu a presidência a 10 de julho de 1909, durante o impedimento legal do Dr. Rodrigues Dória.

MANOEL BARBOSA DE ARAÚJO – Latinista notável. Nasceu na Estância em 1832, onde pouco depois era professor de latim. Seguindo para Pernambuco, formou-se em direito, sendo mais tarde diretor de colégio. Tinha um jeito especial para o magistério. E como era grande sabedor em latinidades, escreveu e publicou uns *Elementos de gramática latina*. Faleceu no Recife a 21 de setembro de 1894.

MANOEL CALDAS BARRETO NETO – Magistrado. Nasceu a 28 de julho de 1871, na cidade de Aracaju, seguindo muito jovem para o Recife, onde se matriculou na faculdade de direito. Cursando o 3º ano, foi nomeado praticante da contabilidade da E. F. Central de Pernambuco, sendo mais tarde promovido a 2º escriturário. Fez com brilhantismo o curso jurídico, terminando-o em 1892, com 21 anos incompletos. Deixando então o cargo que ocupava naquela estrada de ferro, foi eleito juiz municipal do 5º distrito, Boa Vista, e depois nomeado juiz municipal do 4º distrito criminal, no Recife, várias vezes exercendo o cargo de juiz de direito dos feitos da fazenda estadual e municipal. Recebeu estrondosa manifestação de apreço, ao sair de Pernambuco para Gararú. Em 1904 foi juiz de direito do Rio Real (Sergipe); em 1908, desembargador do Tribunal da Relação de Sergipe, de que foi eleito presidente em 1912, sendo em 1913 reeleito por

unanimidade de votos. Homem de regular estatura e constituição, de grande inteligência e de notável cultura jurídica, dotado de superiores qualidades morais, é em Aracaju geralmente apontado como magistrado austero e justiceiro. Publicou vários trabalhos jurídicos em Recife e concorreu à reforma da constituição sergipana, tirando em folheto as excelentes modificações ali apresentadas, trabalho depois promulgado pelo poder competente, como lei básica sergipana. Nomeado membro da comissão do “Código da Organização Judiciária de Sergipe”, foi um dos mais proventos obreiros dessa codificação. É um dos esforçados fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Sergipano, e goza em seu Estado, como em todo o Brasil, a justa reputação de um magistrado íntegro e erudito, amigo da liberdade e da justiça, da ordem e da lei. Por isso mesmo há de ocupar sólida e invejável posição na mais alta magistratura do país. As seguintes, tomadas do *Relatório do Tribunal da Relação* correspondente ao ano de 1912, dão-lhe uma idéia da linguagem, do estilo e do notável saber jurídico.

Miranda Souza & C., pessoa jurídica, com sede na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, credores do coronel José Cardoso e do farmacêutico Antonio Batista Bittencourt, domiciliados nesta capital, propuseram contra estes a ação executiva cambial, para haverem o pagamento do título de fls. 4.

É princípio constitucional, firmado na letra D do art. 60, do nosso Pacto Fundamental, que: “os litígios entre cidadãos de Estados diversos na competência dos Juizes ou Tribunais Federais”.

Este princípio de ordem absoluta não pode ser violado ou alterado pelas leis ordinárias, quer da União, quer dos Estados, nem a competência aí definida pode ser submetida à vontade dos contratantes.

Vê-se, portanto, da simples leitura do texto constitucional, que a ação não pode ser aforada na

justiça estadual, por pertencer pela situação das pessoas ao juízo federal, por sua natureza especial.

E, desde que se trata de matéria de competência, que é de ordem pública, prevista pela Constituição Federal, é lícito ao julgador entrar no conhecimento deste assunto conquanto não provocado por alegação dos litigantes.

O Supremo Tribunal Federal, o mais elevado órgão, a quem compete dizer o direito, na ordem constitucional, tem sido uniforme na jurisprudência de decidir, que a competência no litígio entre os cidadãos de Estado diversos é privativa da justiça Federal.

MANOEL CARDOSO DA COSTA LOBO – Médico militar cheio de serviços à pátria. Nasceu em São Cristóvão a 26 de setembro de 1836. Formando-se em medicina na Bahia, foi cirurgião-mor da brigada do exército, cavalheiro de Cristo e de S. Bento, oficial da Rosa, condecorado com a medalha da campanha do Uruguai e com a da campanha do Paraguai, e membro honorário da academia de medicina. Indo a Mato Grosso em serviço profissional, voltou depois ao Rio, onde faleceu a 10 de outubro de 1890. Homem de lúcida inteligência, com grande cultura médica, nos *Anais Brasilienses de medicina* publicou interessantes estudos médicos.

MANOEL CLEMENTE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE – Presidente da Província. Tomou posse a 15 de fevereiro de 1825. Homem honesto e prudente, construiu o palácio de S. Cristóvão, calçou esta e a cidade de Laranjeiras. Nada mais pôde fazer, por haver falecido em dezembro de 1826.

MANOEL CURVELO DE MENDONÇA – Professor e jornalista. Nasceu em Riachuelo a 29 de julho de 1870. Formando-se em direito no Recife em 1892, fixou residência na Capital Federal, sendo então nomeado chefe de secção da intendência municipal e logo depois, ao ser instalado o instituto comercial, lente de economia política e de direito mercantil, acumulando

ainda o cargo de diretor do mesmo instituto. Homem de regular estatura e de regular constituição, ativo, inteligente, erudito e nobre, dedicou-se desde a meninice às lutas jornalísticas, onde ocupou sólida posição. Colaborou nos jornais de Laranjeiras e de Aracaju, na *Era Nova* do Recife e em várias revistas do Rio. Foi um dos mais eruditos colaboradores do *País* da Capital Federal, muito entendido em questões de economia política e de instrução. Publicou em 1896 um belo estudo de crítica e de história – *Sergipe republicano* e mais tarde *Estudos históricos e literários e A instrução no Brasil*. Faleceu em Laranjeiras, a 19 de setembro de 1914. Era sócio correspondente do Instituto Geográfico de Sergipe e um escritor que honrava a terra heróica em que nasceu, na serenidade do estilo, na profundidade dos conceitos e sobretudo no amor imenso ao Brasil. O seguinte excerto, que lhe dá idéia da linguagem e do estilo, é tirado da primeira coluna do *O País* de 25 de novembro de 1912:

Após as festas cívicas, ressurgiram as revelações sobre o avanço, maior do que se supunha, dos sindicatos, que justamente destroem o civismo convencional e aparente com que se decoram os gestos dos padraos da República instituída a bem do povo.

“A carestia da vida, e particularmente, a carestia da carne, gênero de primeira necessidade, carecia um resultado de causas naturais, um efeito de tarifas protecionistas, de crises diversas nos centros criadores, do estabelecimento de novas e vastas fazendas modernamente aparelhadas para o progresso intenso e fecundo, da nossa velha, honesta e boa indústria pastoril.

Puro engano! Eram sindicatos e os monopólios que estavam por trás da calamidade exclusivamente artificial. Contava-se com a reação popular contra a carestia do elemento básico em nossa depauperada economia doméstica. Contava-se com o recurso único que tinham os poderes municipais desta cidade e que era o apelo às carnes

frigoríficas, o favorecimento do seu comércio como um derivativo da crise, com a qual exploravam admiravelmente expertos conhecedores do comércio de gado do país. Açambarcando as manadas das regiões criadoras, alcançavam um duplo objetivo: o encarecimento cada vez maior da carne verde, a necessidade cada vez maior dos favores dos poderes públicos aos estabelecimentos frigoríficos.

MANOEL DANTAS – Médico e professor. Nasceu em S. Cristóvão a 15 de abril de 1852. Formando-se em medicina na Bahia, serviu durante algum tempo no corpo de saúde do exército, sendo por fim nomeado lente de clínica propedêutica da faculdade baiana. Com a proclamação da República, foi eleito deputado à constituinte baiana. Faleceu em S. Salvador a 26 de janeiro de 1893. Era homem de talento e de notável cultura médica. Ainda estudante, fundou e redigiu a revista *Ensaios*.

MANOEL DA CUNHA GALVÃO (Dr.) – Engenheiro. Foi o 28º presidente da antiga Província. Tomou posse a 7 de março de 1859.

MANOEL DA CRUZ SILVA – Capitão-mor de 1751 a 1755.

MANOEL DA SILVA ROZA – Militar valente na campanha do Paraguai. Nasceu em S. Cristóvão a 10 de julho de 1840, alistando-se no exército em 1858. Foi gradualmente subindo na hierarquia, até que em 1891 se reformava no alto posto de general de brigada. Militar ardoroso e bravo, era oficial da ordem de S. Bento e foi condecorado com a medalha de mérito militar e com a medalha comemorativa da campanha do Paraguai. Proclamada a República, foi eleito senador federal por Sergipe. Em 1882 publicou um *Compendio elementar de sistema métrico*.

MANOEL DE ALMEIDA CARDOSO – Professor modesto e competente. Nasceu na Capela (Sergipe), em junho de 1851,

estudando preparatórios na Bahia e fazendo exames no Recife em 1870. Sem recursos de espécie alguma, teve que abandonar seus estudos. Seguindo para a vila do Pilar em fevereiro de 1871, dedicou-se ao magistério particular, a princípio ali, depois em Maranguape, por fim no sertão, em Santa Luzia. Em 1889 foi nomeado professor público de Patos, sendo demitido por exigências políticas, e com a remessa da portaria de demissão, recebia do governo provisório a nomeação de professor público da Capital. Mais tarde, aborrecido com um mau adjunto, pediu demissão do cargo e entregou-se de novo ao magistério particular. Enviuvado então, casou 2ª vez, tendo deste consórcio numerosa família. Mas com o avançar dos anos a antiga atividade foi afrouxando, e ele então passou terríveis dias. Em 1912 foi nomeado professor da Escola de Aprendizes Marinheiros, onde sofreu amargas picardias do jovem 2º tenente que a comandava interinamente. Mas os seus antigos e dedicados alunos saíram a campo pela imprensa em sua defesa, e o pedido do jovem oficial ao seu ministro não pôde ser atendido: o velho professor continuou na sua nobre missão educadora. Em 1913 foi nomeado regente da cadeira de aritmética, francês e português do curso noturno do centro operário. Demasiado modesto e acanhado, foi e é excelente professor de francês, português e latim. Homem de regular estatura, com um sotaque especial à sua voz compassada, seria, se o quisesse, um escritor correto e elegante. Suas qualidades morais são elevadíssimas.

MANOEL DE ARAÚJO GOES – Bacharel em direito. Foi o 51º presidente da antiga Província. Sua posse data de 27 de outubro de 1885.

MANOEL DE DEUS MACHADO – Capitão-mor. Foi o terceiro presidente da antiga Província. Tomou posse a 2 de novembro de 1826. Era conselheiro do governo. Presidiu Sergipe pela segunda vez em 1828, pela 3ª vez em 1830, e pela 4ª vez em 1831.

MANOEL DE FREITAS GARCEZ – Magistrado. Nasceu em 1822, na cidade de Laranjeiras, formando-se em direito no Recife. Abraçando a magistratura, foi juiz de direito no Lagarto e mais tarde desembargador, graças às suas superiores qualidades intelectuais e morais. Faleceu em 1871. É progenitor do Dr. Martinho Garcez.

MANOEL DE MIRANDA BARBOSA – Foi o quarto governador que teve Sergipe, depois de conquistado aos índios pela bravura de Cristóvão de Barros. Tomou conta do cargo em julho de 1600, desenvolveu ativamente a colonização para o norte e para o centro, havendo concedido nada menos de sessenta e quatro doações de terra, durante a sua administração. Foi substituído por Cosme Barbosa, antes de junho de 1602.

MANOEL DO CARMO – Músico popular em Laranjeiras, onde nasceu mais ou menos em 1840. Improvisava no trombone as belas sinfonias que mais tarde escrevia cuidadosamente. Homem de alta estatura e de delicada constituição, tristonho como um cipreste.

MANOEL DO NASCIMENTO DA FONSECA GALVÃO – Magistrado e administrador. Nasceu em Sergipe e é irmão do Visconde de Maracaju⁷². Formando-se em direito no Recife, abraçou a magistratura, subindo sucessivamente de posição, até ser desembargador da relação de Pernambuco e depois presidente do Superior Tribunal de Justiça do Estado, cargo em que se aposentou com mais de cinquenta anos de pública vida. Foi deputado geral por Santa Catarina, onde, em 1881, publicou um interessante folheto – *Notas geográficas e históricas sobre a cidade de Laguna*. Administrou a antiga Província sergipana em 1873 e publicou diversos *relatórios*. Faleceu no Recife a 23 de fevereiro de 1916, deixando inédita uma boa história da guerra do Paraguai. Para se avaliar os predicados morais desse notável lidador, o seguinte fato:

quando se aposentou, o povo no Recife lhe ofereceu, por subscrição, uma casa, para repouso de sua velhice.

MANOEL DOS PASSOS OLIVEIRA TELES – Magistrado, poeta, historiógrafo, lingüista e professor de alto mérito, o mais operoso talvez dos escritores sergipanos que não abandonaram Sergipe, porventura aquele que melhor lhe conhece a língua, a poesia, os costumes, as tradições, a geografia e a história. Nasceu na tristonha vila de Socorro, por trás da Igreja do Amparo, a 29 de agosto de 1860. Passando para Propriá e depois para Aracaju, aí começou o seu curso de humanidades, estudando em 1871 latim com seu pai, exímio latinista, o padre Antonio Moniz Teles e também com o professor Antonio Diniz. Em 1878 seguiu para o Rio, disposto a se formar em engenharia. Circunstancias imperiosas, porém, o forçaram a mudar de rumo, e ele formou-se em direito no Recife, em 1885. Discípulo de Tobias, a este deve sua entrada na vida pública, no mesmo ano da formatura, como promotor público de Mossoró. Foi depois promotor público e juiz municipal em Itabaiana, mais tarde em S. Cristóvão, por fim em Gararú. Na presidência Martinho Garcez, 1898, foi nomeado diretor da instrução pública e lente de grego do Ateneu, língua que estudou consigo mesmo. Em 1905 foi juiz de direito da Estância, sendo em 1906 transferido a pedido para Aracaju. Homem de regular estatura e de regular constituição, de superior inteligência e de vasta cultura literária e lingüística, profundamente modesto quanto pleno de força de vontade, ocupa saliente posição na poesia, na lingüística e na história de sua terra natal. Conhece a fundo o latim e o grego, o francês e o inglês, o espanhol e o italiano, e tem ainda feito sérios estudos da língua tupi. Por sua influência, conseguiu que o Congresso votasse uma verba de seis contos, para auxiliar a ereção da estátua de Tobias Barreto, uma outra para a compra do prédio onde nasceu o genial lidador sergipano e ainda verba para a impressão das obras completas de Severiano Cardoso. É sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e sócio correspondente do Ceará. Sua obra intelectual, em grande parte inédita ou espalhada pelas colunas dos jornais sergipanos, é

vasta e sugestiva. Apenas citaremos alguns e valiosos exemplares. Na poesia: *Itabaiana*, *A conquista de Sergipe*, *Nihumita* (inédito), *Cristofancida* (inédito) e *Versos* (inédito). Em prosa: *Sergipenses*, *Fainas*, *Folhas que caem*, *Ensaio sobre a música popular em Sergipe*, *Durante a vida*, *Contos e novelas sergipenses* (2 vols.), *Aracaju* (suas origens e futuro), *Olímpio Campos*, *Ao romper o século XX*, *A carta da liberdade*, *A palavra*, *Joaninha – a inglesa*, *Cartas sertanejas*, *Pelo espírito e pelo pão*, *Diário de um pessimista* etc., etc. Traduzidos de idiomas vários: *Em Kolomea*, *O moinho dos Floss*, *História da descoberta da América*, *Jardim de Epicuro*, *Estudos de Arqueologia e de História*, *Foto – o sulista*, *Geografia física*, *A geologia de Sergipe* e *Carmes de Horácio* (versos rimados). Algumas dessas traduções trazem o pseudônimo *Garcia Moniz*. Manoel dos Passos tem agora em mãos o *Dicionário Corográfico de Sergipe*. Para se fazer uma idéia aproximada do poeta, transcrevemos a inspirada composição seguinte:

Por teu amor

Quisera ser um dia Doge de Veneza.
E dar por teu amor a mais rica princesa;
A per'la mais gentil
Do meu gorro formoso; as cidades de Creta;
As Cicladas gentis ou a Grécia diletta,
As minas do Brasil.

Quisera ser um rei oriental, repito,
Como um lençol de neve, alvo e bonito
Logo ao raiar d'aurora,
Rolaria meu nome assim de mundo a mundo,
Quente de todo abismo arrastador, profundo...
Ainda mais, senhora.

Bem vês, quisera ser na terra, nesta vida,
Tudo por te adorar: visão, sombra querida,
Banqueiro, rei, senhor!
E de ti nada quero... Oh! nada! Mas anelo

Somente este teu rir encantador e belo,
Somente o teu amor!”

Manoel dos Passos tem uma particularidade notável: trabalha de enxada, em seu sítio, a cinco léguas de Aracaju, com a mesma facilidade e prazer com que maneja a pena em inspiradas construções poéticas.

MANOEL FELIZARDO FREIRE – Músico e compositor notável de Itaporanga e considerado instrumentista notável, maiormente na flauta, seu instrumento predileto. Foi empregado de fazenda muito tempo, falecendo em Santos, mais ou menos em 1897. Era de regular estatura e de regular constituição, um tipo considerado bonito, sobremodo dedicado aos seus, a quem muito prezava.

MANOEL FERNANDES DA SILVEIRA – Brigadeiro. Natural da Estância, nascido em 1755 mais ou menos. Foi o primeiro presidente que teve a Província. Chegou a Sergipe em princípios de 1824, em 5 de março assumindo o exercício do seu cargo. Tinha então quase setenta anos de idade, mas patriótica e energicamente auxiliado por seu secretário Antonio Pereira Rebouças, homem de superior talento e de liberal espírito, conseguiu salvar a Província da anarquia em que se debatia. A 15 de fevereiro de 1825 deixou a presidência, retirando-se para a Bahia, onde faleceu a 26 de novembro de 1829.

MANOEL FRANCISCO – Foi capitão-mor em 1747, sendo substituído no exercício desse alto cargo em 1751, por Manoel da Cruz Silva.

MANOEL FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA – Professor. Nasceu em Laranjeiras. Desde a infância revelou uma lúcida inteligência: discípulo de latim do padre Mucuri⁷³, causou espanto o progresso feito. Esteve no seminário da Bahia; não

suportando, porém, o celibato forçado, abandonou a carreira encetada, constituiu família e se dedicou ao magistério. Hoje é lente da Escola Normal, e vulgarmente tido e havido como um homem bom.

MANOEL JOAQUIM DE OLIVEIRA CAMPOS – Talento omnimodo, no julgar de Silvio Romero. Mestre de primeiras letras de Tobias Barreto. Lecionou na Vila de Campos e depois na cidade de Lagarto. Como poeta, compôs a letra do *Hino Sergipano*.

MANOEL JOAQUIM FERNANDES BARROS – Médico e político. Nasceu em Penedo a 17 de março de 1802 e, alagoano de nascimento mas sergipano de coração, deixou de si e de suas qualidades intelectuais notável reputação na França e ao norte da antiga Província. Era formado em medicina pela universidade de Paris, onde foi discípulo do grande químico Gay Lussac⁷⁴. Desempenhou na França várias comissões científicas. Escreveu obras de valor sobre química e mineralogia. Voltou diretamente da Europa para Sergipe, onde se casou, passando a viver no Engenho *Jesus Maria José*, perto de Laranjeiras. Dedicando-se à política, foi eleito deputado geral por Alagoas em 1834. Como vice-presidente da antiga Província sergipana, desconfiando que o queriam assassinar, mudou-se em 1839 para Maceió, abandonando as propriedades que possuía em Sergipe. Em 1840 teve necessidade de ir à Bahia, em tratamento de sua saúde, sendo assassinado em S. Salvador a 2 de outubro daquele mesmo ano. E o assassino ficou impune... Coisas da política partidária... Em vista de discursos veementes que pronunciou na câmara, expondo as perseguições sofridas pelos liberais, incorreu no ódio dos conservadores. E esse sentimento aumentou de intensidade, quando ele, por seus méritos, conseguiu para Sergipe um presidente, contrário ao partido dominante na Província. Talvez venha daí, desse duplo fato político, a causa real de seu estúpido assassinio. Naquele tempo a política era estúpida e cega. A 6 de dezembro de 1835 tomou posse da presidência da Província.

MANOEL JOSÉ BOMFIM – Médico e professor. Nasceu em Aracaju a 8 de agosto de 1868. Matriculando-se na faculdade de medicina da Bahia, concluiu o curso no Rio de Janeiro em 1890. Tinha então vinte e dois anos de idade. Com decidido gosto para o magistério, é diretor de *Pedagogium*, foi diretor geral da instrução pública e exerce com grande brilho o lugar de professor de pedagogia da Escola Normal da capital do país. Dotada de lúcida inteligência, superiormente cultivada, médio na estatura e forte na constituição, publicou a *Prática da Língua Portuguesa*, a *América Latina* e as *Lições de Pedagogia*, livros lidos e relidos com prazer por todos os educadores no Brasil⁷⁵. Do último deles tiramos as seguintes linhas, para dar uma ligeira idéia do escritor:

A educação inicia o indivíduo na vida, corrigindo-o e melhorando-o quanto possível; por isso, dominam no conceito de educação essas duas idéias: *desenvolvimento* e *modificação*. Eis a fórmula geral do processo educativo.

É assim que, concretamente, se realiza a educação de cada uma das atividades físicas. Na prática a educação se faz num tríptico programa de: *educação física*, *educação intelectual* e *educação moral*; mas a fórmula geral se mantém; o processo íntimo da evolução educativa é o mesmo em qualquer dos casos.

Podemos, pois, examina-lo e analisa-lo, a fim de conhecer o seu mecanismo de realização. Esta análise deve dizer-nos: como se manifesta o necessário desenvolvimento físico da criança; quais os atos característicos dele; que relações existem entre as formas do desenvolvimento natural e as influências educativas; em que consistem psicologicamente as modificações educativas; como se fazem essas modificações ou correções; como se garantem as correções obtidas; quais as condições

psicológicas que permitem confiar na eficácia da educação.

MANOEL JOSÉ DE MENEZES PRADO – Parlamentar e administrador. Nasceu no município de Rosário do Catete, a 6 de fevereiro de 1844. Bacharelando-se em direito no Recife, foi deputado geral por Sergipe, sendo sucessivamente reeleito, até a primeira legislatura ordinária do regime republicano. Presidiu a Província do Piauí e também a do Espírito Santo, e foi secretário e depois presidente da sociedade promotora da instrução. Faleceu no Rio de Janeiro a 1º de março de 1896. Homem de inteligência e de ação, escreveu diversos *relatórios* e publicou vários *discursos*.

MANOEL LADISLAU ARANHA DANTAS – Cirurgião e professor de mérito. Nasceu em S. Cristóvão a 27 de junho de 1810, formando-se em cirurgia em 1832, na antiga Escola Cirúrgica da Bahia. No ano seguinte foi nomeado lente substituto dessa escola; em 1835 foi-lhe conferido o grau de *doutor*, mediante resolução legislativa. No mesmo ano em que entrou para o corpo docente daquela academia, havia obtido por concurso a cadeira de filosofia na capital sergipana. Declarada a guerra do Paraguai, ofereceu-se para tomar parte nela, naufragando então nas costas do Uruguai. Depois dos combates do Curuzú e de Curupaity, voltou desgostoso para o Brasil. Jubilou-se contando mais de quarenta anos de magistério. Homem moreno, seco de corpo, regular na estatura, de superior inteligência e de vasta erudição, cheio de superiores dotes morais, professor abalizado, filólogo, foi membro do conselho de instrução pública, presidente da comissão de higiene, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do antigo Instituto Histórico da Bahia, membro honorário da imperial academia de medicina, comendador da Rosa e de Cristo e do conselho do Imperador. Faleceu na Bahia a 4 de novembro de 1875. Escreveu as seguintes obras: *Curso de patologia*, *As feridas envenenadas* e diversos *discursos* e folhetos sobre assuntos profissionais. Apaixonado pela cultura do vernáculo idioma, citava constantemente clássicos portugueses, obrigando seus alunos a terem o mesmo proceder.

MANOEL LUIZ DE AZEVEDO ARAÚJO – Advogado e jornalista. Nasceu na Estância a 24 de novembro de 1838. Bacharelando-se em direito no Recife, foi promotor público e juiz municipal em Itabaiana, advogado em Laranjeiras, diretor da biblioteca da Assembléia e do asilo de órfãos na capital sergipana, diretor do curso noturno, professor gratuito de história pátria e diretor da instrução naquela mesma capital. Também foi deputado em diversas legislaturas. Fixando residência na Bahia, foi advogado, oficial maior da secretaria da Assembléia e membro da comissão encarregada de rever o regulamento de instrução pública. Homem de talento e de ação, de regular estatura e delicada compleição, pleno de virtudes máximas, foi sócio fundador e presidente da sociedade sergipana propagadora da instrução, sócio fundador do jornal *O Conservador*, redator do *Jornal de Aracaju* e autor dos seguintes folhetos: *O clero e o sr. Deputado Pedro Luiz*, *Reforma da instrução pública*, *Conferências*, *Análise do Código Criminal* e *Discurso sobre instrução pública*. Faleceu em Aracaju a 21 de outubro de 1883, afetado de alienação mental, por haver perdido na Bahia um filho, que muito prezava, asfixiado por submersão. Tinha apenas 45 anos de idade.

MANOEL PESTANA DE BRITO – Capitão-mor de Sergipe no triênio de 1654 a 1656. Homem autoritário em extremo, foi suspenso do cargo, sendo depois no mesmo reintegrado. Entre ele e a câmara de S. Cristóvão houve séria desarmonia administrativa, recusando-se esta a cumprir as ordens daquele emanadas. Acusado seriamente, é chamado à Bahia, e resolve se pôr à frente de uma revolução, prendendo o conselheiro da câmara e soltando os presos da cadeia. Por fim foi preso e remetido para a Bahia, sendo seus bens confiscados para pagamento da força que fez a diligência.

MANOEL PRISCILIANO DE OLIVEIRA VALADÃO – Militar e político. Nasceu em Sergipe em 1849, alistando-se no exército aos quinze anos de idade, em 1864, a fim de seguir para a guerra. Foi alferes de infantaria em 1868; tenente por bravura, em

1869; capitão, em 1880, por estudos; major por serviços relevantes, em 1890; tenente-coronel por merecimento, nesse mesmo ano; coronel, em 1892; general reformado, em 1902. Tem o curso de sua arma e também o de artilharia. Homem de regular estatura e de robusta compleição, cheio de inteligência, de tenacidade e de bravura, tem prestado à pátria, na paz como na guerra, reais e inestimáveis serviços. Fez com bravura a campanha do Uruguai e também a do Paraguai, das quais tem as respectivas medalhas. Prestou ótimos serviços à legalidade em 1893. Comandou a brigada policial do Rio de Janeiro. Foi chefe de polícia na Capital Federal, deputado geral, governador de Sergipe em 1894, senador por esse mesmo Estado, e novamente presidente do mesmo, onde goza de grande prestígio. Também é sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Quando aluno da Escola Militar da Praia Vermelha, dedicou-se com vantagem às belas letras, companheiro que era do general Dantas Barreto, escrevendo então diversos e interessantes artigos e publicando mesmo interessantes poesias satíricas. Suas *Vozes d'Aula*, paródia às *Vozes d'África* de Castro Alves, são muito bem feitas. Infelizmente só podem ser bem compreendidas por alunos militares. Aqui lhe transcrevemos as primeiras estrofes:

Vozes d'Aula

(Paródia às Vozes d'África de Castro Alves)

(*A Olegário da Silveira Pinto*)

Deus! Oh! Deus! Onde estais que não respondes?

Por que ao pobre estudante tu te escondes,

Deixando-o ao “Benjamin?”

Há quase um ano que não “caio n'água”.

Preserva-me, bom Deus, da grande mágoa,

Tem dó de mim!

Qual condenado me jogaste um dia

Do “Polydoro”, na imensa “enxovia”,

Infinito galé!

Por abutre, Senhor, me deste um lente,

Um compêndio de calc'lo transcendente,

Do “Sturm”, até!

Por distração o “Trompowsky” e o “Fourcy”!

– Coisas mais surradas nunca vi –

Ambas descomunais!

“Assymptotas” da “hipérbole” me fustigam,

“Parâmetros da “elipse” me castigam

Com tangentes e normaes!”

MANOEL RIBEIRO DA SILVA LISBOA – Natural de Sergipe, presidente da Província em 1835. Homem formado em direito, de grande inteligência e ilustração, ardoroso e nobre, impediu a todo o transe o tráfico de homem negro, punindo os infratores com severas penas. Deu também um outro e decisivo passo na formação do caráter sergipano: chamou a contas as autoridades incompetentes e desonestas, assim prestando serviço de conta e valimento. Seriamente contrariado pelos interesses que combatia com stoicismo⁷⁶, deixou a administração em 9 de outubro de 1835.

MANOEL SERAPIÃO PEREIRA LEITE – Artista. Nasceu em S. Cristóvão, sendo irmão mais moço de José Bochecha. Era conhecido em Sergipe por *Neco Pintor* e tinha um jeito especial para a escultura. Sem a precisa educação técnica, porque em Sergipe não existia escola apropriada, Neco dedicou-se a trabalhos em madeira, no que chegou a ser perfeito. No Aracaju há, feito por ele, a imagem do Senhor dos Passos, bela representação do Nazareno, sob o peso da cruz, narinas dilatadas pelo cansaço, membros delicados, numa tensão extraordinária de esforço, uma legítima obra de arte enfim, digna de figurar nos mais ricos templos da cristandade. Uma outra obra sua de valor é a Virgem Mãe, a *Soledade*, como lhe chamam os católicos em Aracaju, formosa mulher de raça hebraica, perfeita nas suas formas e na expressão cativante de sua dor profunda. Em Laranjeiras existe uma linda imagem de S. Paulo, obra de Neco, de um artista que

nunca estudou geometria, que nenhuma idéia havia de anatomia, completamente ignorante de sua grande capacidade artística.

MANOEL VENTURA DE BARROS LEITE SAMPAIO – Magistrado. Nasceu em Sergipe em 1850, formando-se em direito no Recife. Dedicando-se à magistratura, foi daí por diversas vezes afastado para o exercício de importantes comissões, como chefe de polícia de Pernambuco e presidente da Paraíba, para as quais não se sentia com vocação. Proclamada a República foi juiz de direito do Distrito Federal, de onde, a pedido, foi transferido para Sergipe. Aí faleceu há pouco tempo. Foi um tipo perfeito do verdadeiro magistrado: uma severidade absoluta o tornava superior a tudo o que não fosse o sentimento da justiça. Era filho do coronel José Mateus Leite Sampaio, um dos homens de mais talento na antiga Província, em cuja Assembléia, apesar da deficiência de sua cultura, por ninguém foi excedido na tribuna.

MANOEL VIEIRA TOSTA – Desembargador. Foi o 16º presidente de Sergipe. Tomou posse a 17 de fevereiro de 1844.

MARCELO SANTA FÉ – Músico afamado na Estância. Professor de música de Tobias Barreto.

MARCELINO JOSÉ JORGE – Militar e político.

MARCOLINO EZEQUIEL DE JESUS – Industrial e chefe político em Laranjeiras. Nasceu provavelmente no município de Laranjeiras, dedicando-se ao comércio a princípio e depois à produção de açúcar. Foi chefe político influente, coronel da guarda nacional e diversas vezes deputado provincial. Homem de regular estatura e de forte constituição, chefe dedicado de sua família numerosa, dotado de notáveis qualidades morais, em tempo possuiu fortuna dissipada entre parentes, correligionários e amigos. Faleceu em Laranjeiras em avançada idade, octogenário porventura, a 12 de dezembro de 1912. E um dos jornais do Rio de

Janeiro, *O País* de 13, ao lhe fazer o necrológico, escreveu as seguintes e sensatas palavras:

O coronel Marcolino Ezequiel, cujo prestígio muitas vezes decidiu da vitória em pleitos renhidos, era um homem generoso e ativíssimo. Comerciante e cheio de numerosa família, possuiu fortuna que em grande parte foi dissipada em atos generosos de beneficência e na política.

Na oposição era o amparo dos seus amigos e correligionários. No poder era a garantia dos adversários, cuja vida defendia heroicamente, vencendo a exaltação dos seus próprios amigos.

Daí nasciam a força, a consideração e a estima de que gozava no Estado o coronel Marcolino Ezequiel, ontem falecido.

MARIO GUARANÁ – É um moço sergipano de talento. Nada mais por ora pode o autor deste livro adiantar.

MARTINHO CEZAR DA SILVEIRA GARCEZ – Jornalista e jurista de grande validade. Nasceu em Laranjeiras a 30 de novembro de 1850. Formando-se em direito no Recife, foi promotor público em sua Província, deputado provincial em várias legislaturas, juiz municipal em Lagarto e depois na cidade de Juiz de Fora, em Minas. Concluindo o quadriênio, abandonou a magistratura, entregando-se com brilho à advocacia. Homem de regular estatura e robusta compleição física, na inteligência superior e na cultura jurídica profundo, audacioso e bravo nas lutas jornalísticas, foi governador de Sergipe em 1896, senador fiscal, fundador e redator do *Correio da Tarde*, redator da *Cidade do Rio* e autor do célebre livro *Nulidades dos atos jurídicos*, premiado pelo instituto da ordem dos advogados, e recebido com gerais aplausos pela imprensa da capital do país. Também tem outras obras de grande valor jurídico: *Teoria Geral do Direito Civil*, *Direito da Família*, *Direito das Coisas* e *Dos Agravos*. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e uma das glórias intelectuais sergipanas na atualidade. Do seu

merecimento como escritor a seguinte mostra, brilhante programa de verdadeiro governo republicano:

Em relação ao voto, que é o alicerce poderoso do regime republicano, a minha política será a do mais absoluto, mais sincero e mais intransigente respeito à liberdade do eleitor.

Seria um dia de desonra da minha vida aquele em que, pela violência, pela ameaça, pela fraude ou pela corrupção, conspirasse a soberania das urnas ou a vontade do cidadão; não só porque, como republicano, quero ver a República forte, nobre e invencível pelo respeito e amor do povo, como porque venho de uma luta de muitos anos pela imprensa, em prol do direito, da liberdade e da justiça.

Eleito presidente do Estado, não levarei para o Governo nem paixões, nem ódios, nem prevenções.

Se por vezes a minha linguagem tem sido rude, mas verdadeira sempre em referência aos meus adversários, é porque ela salta sangrando do coração ante o quadro desolador e sombrio em que Sergipe se debate e que sinto desenrolar-se na imaginação, quando escrevo ou quando falo.

O que puramente, sinceramente, ardentemente desejo é fazer uma política sergipana, isto é, política de convergência e de ação de todos os bons elementos de atividade intelectual e industrial, política de conagração de todos os bons sergipanos que amem o pequeno, belo e feraz, mas infeliz torrão, em ordem a desenvolver o seu progresso material, enriquecendo-o pela inteligência e enobrecendo-o pelo trabalho.

O que sinceramente desejo é organizar os serviços públicos que carecem ser organizados: prestigiar a justiça e a instrução pública, elevando o nível desta e tornando aquela independente e sobranceira às paixões políticas; iniciar o serviço de colonização e perfeita localização dos imigrantes;

criar o crédito real no Estado para dar expansão à lavoura; impulsionar o comércio direto com o estrangeiro; levar a efeito a construção da estrada de ferro da Capital a Simão Dias; impulsionar a navegação dos nossos rios; auxiliar lavouras ou indústrias novas; sanificar a Capital do Estado, dando-lhe pelo menos água, esgoto e iluminação.

MARTINHO DE FREITAS VIEIRA DE MELO – Advogado e abolicionista. Nasceu em Sergipe a 1º de abril de 1844. Bacharelando-se em direito no Recife, foi sub-diretor dos correios, no exercício de diretor geral dessa mesma repartição. Também foi juiz municipal em várias cidades da antiga Província do Rio de Janeiro e advogado em uma delas – a Paraíba do Sul. Deputado geral por Sergipe, revelou-se um abolicionista ardoroso e convencido. Fundou em Valença o jornal *O Tempo*, para a pública defesa da santa causa e, como diretor geral dos correios, escreveu o *Regulamento dos Correios*, aprovado pelo governo, e considerado excelente trabalho no ponto de vista administrativo.

MAURÍCIO GRACCHO CARDOSO – Político e advogado. Nasceu em Sergipe a 9 de agosto de 1872, alistando-se no exército em 1889, como aluno da Escola Militar do Ceará. Prestou relevantes serviços à legalidade em 1893, chegando mesmo a embarcar a bordo da esquadra legal. Com baixa do serviço, formou-se na Academia do Ceará, onde passou a residir, como professor do Liceu. Aí constituiu família e entregou-se de corpo e alma à política partidária. Foi deputado estadual e sucessivamente deputado federal; mas não logrou ser reconhecido em 1912, pesar de francamente eleito. É homem de alta estatura e regular constituição, cheio de inteligência e de atividade. Fala e escreve bem. Em jornais cearenses tem colaborado com vantagem e com assiduidade e é autor de um livro – *A bordo do cruzador Niterói*. Em 1912 sofreu forte revés político em Fortaleza. Atualmente é secretário do ministro da agricultura, no Rio de Janeiro⁷⁷.

MAXIMINO DE ARAÚJO MACIEL – Médico, filólogo e professor de extraordinário valimento. Nasceu na vila do Rosário a 20 de abril de 1865, formando-se a princípio em direito e depois em medicina. Dedicando-se com ardor ao magistério, é notável professor de português e literatura no colégio militar do Rio de Janeiro; entregando-se apaixonadamente à medicina, é clínico muito popular no Engenho Novo (subúrbio do Rio), cultivando com grande competência as médicas ciências, e membro erudito da sociedade de medicina e cirurgia da capital do País. Homem alto e forte, com grande lucidez de inteligência e notável erudição científica, filológica e literária, fala e escreve com grande correção, assim em português como em francês. E, dotado de pasmosa atividade intelectual, pleno de força de vontade e de justíssimo amor à glória literária, tem à sua brilhante folha de serviços, a lhe iluminar os passos, as seguintes unidades literárias, qual mais valerosa e mais profunda: *Gramática Analítica* (já à 4ª edição), *Filologia Portuguesa*, *Gramática Descritiva*, *Taxionomia Social*, *Lições de Botânica Geral*, *Noções de Agronomia*, *As Proporções do Indivíduo Humano*, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, *Discurso*, *Valeur des différents méthodes de traitement dans la tuberculose*, *La médication unique dans la tuberculose*, *D'illusion des arsenicaux dans la tuberculose*, *Elementos de Botânica Geral e Elementos de Zoologia*. É, sem questão, uma das glórias intelectuais do pequenino Estado do Norte, *ninho de águias* chamado, como também uma das figuras de mais destaque do magistério oficial brasileiro. Do seu merecimento como escritor, aqui vai uma pequena mostra, tomada à 4ª edição de sus excelente *Gramática Descritiva*:

Breve retrospecto sobre o ensino da língua portuguesa

Ao publicarmos em 1887 a nossa “Gramática Analítica”, assegurávamos que a ciência da linguagem atravessava uma época de transição.

De fato, a orientação e o método que nos norteavam na aprendizagem das línguas, no-lós

ditavam os antigos gramáticos portugueses Soares Barbosa, Bento J. de Oliveira, Lage e outros.

Conquanto também trabalhos nossos houvesse de certo valor, como os de Sotero dos Reis, Freire (de S. Paulo), Soares Passos, Grivet, Padre Duarte, Gentil Ibirapitinga, Padre Massa, entretanto se adscreviam ao critério filológico de então, em que dos fatos da língua se divorciavam as doutrinas gramaticais.

Nas Províncias então jazia o ensino da língua portuguesa na maior imobilidade, salvo no Maranhão, em que pontificava Sotero dos Reis e na Bahia o Dr. Ernesto Carneiro, embora os trabalhos que elaborassem se não houvessem de todo desligado dos moldes dos autores portugueses, de onde nos advieram, por assim dizer, os lineamentos gerais a que obtemperava o método adotado.

Entretanto, aqui na Capital, já começavam a esplender as primeiras manifestações do critério filológico, o método histórico e comparativo, aplicado à aprendizagem das línguas, com especialidade ao da vernáculo.

Tornou-se o Colégio de Pedro II o centro de que se ia irradiando a nova orientação, cujos albores se vislumbravam nos concursos de línguas, a que afluíam candidatos a quem eram familiares as doutrinas de Max Müller, Miguel Bréal, Gaston Paris, Whitney, Littré, Darmesteter, Ayer, Brunot, Brachet, Frédérich Diez, Bopp, Adolfo Coelho e outros, principalmente as dos autores alemães, em que se estavam haurindo os elementos primordiais para esta verdadeira Renascença dos estudos filológicos do Brasil.

MELQUISEDECK CARDOSO – Magistrado. Nasceu em Sergipe, formando-se depois em direito. Abraçando a magistratura, foi sucessivamente subindo de posição, até chegar ao alto posto de desembargador em Porto Alegre. É homem de grande talento e de

grande cultura jurídica, professor da academia de direito àquela cidade.

MIGUEL FLORIANO DE MENEZES DÓRIA – Advogado. Nasceu em Propriá, formando-se em direito no Recife. Abraçando então magistratura, foi promotor público em Propriá e juiz municipal em Gararú. Entregou-se depois com grande brilho à advocacia. Dotado de grande talento e de sólida cultura intelectual, tinha um jeito especial para as belas letras e para as belas artes. Era músico exímio e poeta apreciado.

MILITÃO DE BRAGANÇA – Químico. Formado em medicina, clinicou brilhantemente em Laranjeiras, onde em 1845 foi um dos diretores do movimento contra o presidente Zacarias de Góes e Vasconcelos. Já é falecido. Era liberal de caráter respeitável, sobremodo estimado àquela cidade sergipense.

N

NILO MOREIRA GUERRA – Militar e literato. Nasceu em Aracaju a 28 de dezembro de 1873, alistando-se no exército em 1888. Em 1894 foi promovido a alferes de infantaria, por serviços prestados à legalidade. Coursou a Escola de Belas Artes, a fim de se aperfeiçoar em pintura e arquitetura. Em 1898 foi eleito deputado à Assembléia sergipana. E em 31 de outubro de 1907 foi reformado, passando a viver no Amazonas. Homem de alta estatura e de delicada constituição, inteligente, com grande amor às belas letras, colaborou em vários jornais do Rio, de Sergipe e do Rio Grande do Sul. Em 1898 publicou em Aracaju um livro de contos, intitulado *Rabiscos*.

NILO ROMERO – Cultor elegante da palavra falada. Nasceu em Sergipe em 1848 e era irmão mais velho de Silvio Romero. Formando-se em direito dedicou-se à magistratura, sendo promotor público em Lagarto e juiz municipal em Cantagalo

(Estado do Rio) e em Santa Maria Madalena. Homem de talento, com decidido amor às letras, publicou, em jornais vários, diversos trabalhos literários e jurídicos. Faleceu em começo deste século, provavelmente no Estado onde exercia a magistratura.

NORBERTO AUGUSTO VILLAS BOAS – Oficial superior do exército. Nasceu em Sergipe a 22 de dezembro de 1868, alistando-se no exército em 1884. Foi alferes de infantaria em 1890; tenente, em 1894, por estudos; capitão, ainda por estudos, em 1901; major por merecimento, em 1911. Tem o curso de sua arma. Homem de baixa estatura e de delicada constituição, pleno de nobres qualidades morais. Em 1893 bons serviços prestou à causa legal, e em 1894, quando iminente a guerra com o Peru, fez parte das forças que marcharam para o Amazonas. É condecorado com a medalha de prata, por contar mais de vinte anos de bons serviços à pátria.

O

OCTAVIO COSTA – Sacerdote. Nasceu em Propriá, em 1869. Ordenando-se em Olinda, foi professor do respectivo seminário, lugar que abandonou, para ser vigário em Maceió. Orador sagrado de mérito, logo conquistou em sua freguesia franca e justa simpatia. Dedicando-se à política, foi a princípio deputado e depois senador alagoano. Faleceu em 1908, contando apenas trinta e nove anos de idade. Publicou uma *Arte de Música* e vários artigos de propaganda católica. Era homem de lúcida inteligência, cheio de nobres virtudes cristãs.

OLÍMPIO DE SOUZA CAMPOS – Sacerdote e político de grande influência. Nasceu na vila de Itabaianinha a 26 de julho de 1853. Fez seus primeiros estudos em Sergipe, seguindo aos treze anos para o Recife, onde pretendia bacharelar-se em ciências jurídicas e sociais. Concluindo o curso preparatório, com exceção apenas de filosofia e retórica, seguiu em 1869 para a Bahia,

matriculando-se no ano seguinte no seminário, onde em três anos apenas percorreu a teologia universal necessária à carreira eclesiástica. Teve, porém, de esperar a idade canônica, para poder ascender ao presbiterado, o que se deu em 1877. Exerceu a profissão por algum tempo, na Bahia e depois em Sergipe, atirando-se por fim de corpo e alma à política partidária. Colaborou nos jornais sergipanos em defesa de suas idéias políticas e foi deputado estadual, representante federal e o 4º presidente do Estado, empossado em 24 de outubro de 1899, cada vez mais prestigiado e influente. Homem de regular estatura e robusta compleição, inteligente e honesto, corajoso e audaz, voluntarioso quanto magnânimo, por suas eminentes qualidades de caráter chegou a gozar em Sergipe, em Aracaju especialmente, de grande e justa popularidade. De uma franqueza absoluta, extremamente devotado aos seus, a muito dos quais educou paternalmente, tinha a casa sempre aberta a todos os parentes e a todos os amigos. Demasiado caritativo e generoso, parecia um homem sem ódios à terra. Morreu tragicamente: assassinado pelos filhos do genial filósofo Fausto Cardoso (V. este nome), no Largo do Paço, Rio de Janeiro, às 3 horas da tarde de 9 de novembro de 1906, quando voltava do senado. Era então monsenhor e senador da República. Seu cadáver foi recolhido ao arsenal de guerra: e os seus médicos que o examinaram foram de parecer que ele um só órgão não havia afetado. Tão robusta lhe era a compleição. A causa da morte trágica do eminente cidadão é assim explicada: os filhos extremosos de Fausto, atribuindo a Olímpio de Campos o assassinato do progenitor querido, no ano anterior, às ruas de Aracaju, vingaram na pessoa deste o bárbaro desaparecimento daquele. Muito pode a política partidária! Do valor real do monsenhor Olímpio de Campos tem-se uma prova brilhante nesse dito de peso e conta: “Há homens que sobem por seus talentos e outros que têm o talento de subir. Eu tive o talento de subir e o de manter-me nas posições.”

OLÍMPIO JOSÉ CHAVANTES – Marinheiro e professor. Nasceu em Laranjeiras a 4 de maio de 1838, alistando-se muito

jovem na marinha e subindo gradualmente de posto, até se reformar em 1868, como 1º tenente. Professor de aparelhos e máquinas na Escola Naval, com as honras de capitão de fragata, teve mais tarde as de capitão de mar e guerra. Jubilou-se em 1890. Tomou parte na batalha naval do Riachuelo, de que tinha a respectiva medalha, e era condecorado com a cruz de mérito naval da Espanha. Faleceu no Rio de Janeiro a 20 de setembro de 1897. Homem regular na estatura e forte na compleição. Era cavaleiro da Rosa e autor de um *Compêndio de aparelhos dos navios*.

OLÍMPIO MANOEL DOS SANTOS VITAL – Bacharel. Foi o 52º presidente da antiga Província. Sua posse data de 19 de março de 1888.

OLINTO RODRIGUES DANTAS – Médico. Nasceu em Itabaiana a 23 de agosto de 1861. Fazendo o curso de humanidades no ateneu sergipense, matriculou-se depois na faculdade médica da Bahia, concluindo o curso no Rio de Janeiro. Voltando a Aracaju, foi aí clínico, professor, e diretor da Escola Normal e do Ateneu sergipense, presidente da câmara municipal e membro da junta governativa do Estado. Depois dedicou-se à clínica em Santos, onde foi diretor do Hospital da Misericórdia, diretor interno de higiene e saúde do porto, chefe da comissão sanitária e professor do Liceu Feminino Santista. Homem alto e de robusta compleição, inteligente quanto erudito, colaborou no *Republicano* de Laranjeiras e no *Brasil Médico* do Rio, foi redator do *Correio de Sergipe* e da *Revista Homeopática Brasileira*, colaborador d'O *Tempo* em Aracaju e do *Correio Paulistano*, da *Tribuna de Santos* e do *Diário de Santos*. Publicou um interessante folheto sobre a *Febre amarela*, um outro sobre o mesmo assunto – *Traços epidemiológicos sobre a febre amarela*, e mais os três seguintes: *Carta Aberta ao Povo*, *Alopatia e Homeopatia* e *Traços Epidermiológicos da varíola*. Para se julgar o escritor, as seguintes linhas, da última obra citada:

Em 1887, quase dois anos após minha investidura médica, fui comissionado pelo então

presidente da ex-província, hoje Estado de Sergipe, DR. MANOEL DE ARAÚJO GÓES, atualmente senador federal por Alagoas, para prestar serviços aos variolosos do povoado “Barra dos Coqueiros” defronte de Aracaju, de que é separado pelo rio “Cotinguiba”.

Soube então que viera um varioloso de Pernambuco, por via marítima, e que fora internado naquele povoado, sendo assim a causa de pequena epidemia; entretanto minhas pesquisas levaram-me a considerá-lo como *artificial*, mau grado todas as facilidades para o *contágio indireto*. Eu me explico.

O doente referido foi conduzido para uma casa de palha, um quarto de légua, ou mais, distante do povoado, e incumbiram-se do papel de enfermeiros o professor da localidade, no período de férias, se bem me recordo, e sua mãe. boas pessoas essencialmente caridosas.

P

PEDRO ANTONIO DE OLIVEIRA RIBEIRO – Chefe político de grande prestígio em Laranjeiras. Industrial, proprietário de engenho de cana, coronel da guarda nacional, homem de grande nobreza e austeridade, pai do magistrado que lhe traz o nome brilhantemente, no mais alto tribunal do país.

PEDRO ANTONIO DE OLIVEIRA RIBEIRO – Magistrado. Nasceu em Laranjeiras a 8 de setembro de 1851. Formando-se em direito no Recife, dedicou-se com ardor à magistratura, onde a golpes de talento e à custa de saber foi sucessivamente subindo de posição, até sair do Tribunal Superior Paulistano para o Supremo Tribunal Federal. Em 1875 foi deputado provincial em Sergipe, publicando então um volume dos seus *Discursos*. Homem dotado de excelentes predicados morais, pleno de talento e de cultura jurídica, reto e justo, tenaz e nobre, é apontado na capital do país, onde goza de grande conceito, como

tipo da austeridade e da nobreza de sentir. E no mais alto tribunal do Brasil, de que é ornamento, seus trabalhos são sempre lidos com prazer e citados com satisfação. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e uma das glórias da magistratura.

PEDRO ANTONIO DE SOUZA MUCURÍ – Presbítero. Nasceu na Capela em 1812, recebendo ordens na Bahia. Inteligente e trabalhador, com decidida vocação para o magistério, preparou para a vida das letras, na Capela, um crescido número de jovens sergipanos, que ocuparam mais tarde distintas e invejáveis posições na sociedade. Passou depois a residir em Japaratuba, onde viveu longo número de anos. Lecionava com profundeza latim e francês, e também português e música. Era de estatura regular, muito moreno, constituição robusta, maneiroso e gentil, muito amigo da convivência familiar. Faleceu em avançada idade.

PEDRO DE CALAZANS – Grande poeta romântico e uma das glórias da literatura nacional. Nasceu na Estância as 28 de dezembro de 1836. Havendo feito alguns preparatórios no Liceu sergipano, foi completá-los depois no Recife, onde se formou em direito em 1859. Seguindo então para Sergipe, foi promotor público em Estância, e logo depois, em 1861, deputado geral. Fixando residência no Rio de Janeiro, dedicou-se à advocacia e à imprensa. Em 1864 foi à Europa, no ano seguinte abandonando a política, para se entregar de novo à magistratura como juiz municipal, a princípio na Bahia e depois no Rio Grande do Sul, onde o arrastaram novamente à política, elegendo-o deputado provincial. Perseguido, porém, pela tuberculose, retirou-se para a Bahia, depois para Estância e por fim, a conselho médico, para a ilha da Madeira, onde não logrou desembargador: a morte o colheu a bordo, a 24 de fevereiro de 1874, três dias antes de chegar a Lisboa. Contava 37 anos de idade, a mesma idade quase que Horácio Hora. Homem de superior inteligência e de notável cultura literária, foi jornalista, crítico e sobretudo poeta, um dos maiores do seu tempo. Com dezenove anos de idade publicou o seu

primeiro volume de versos, *Páginas Soltas*, esgotado em menos de um ano. Três anos depois deu a lume *Últimas Páginas*, e em 1864 *Wiesbade e Ofenisia*, onde se encontra a seguinte jóia:

Duas almas que se entendam
Em recíproca união,
Que mútuas se compreendam
Pelos fios da atração:

Eis o vero casamento,
Eis a perfeita união;
Pois se casa o pensamento,
Pois se casa o coração.

Camerino, episódio da guerra do Paraguai, é uma publicação póstuma. E quando faleceu, tinha um drama escrito – *Uma cena de nossos dias*, e também um grosso volume de versos, que pretendia publicar sob a denominação de *Páginas Diversas*. Pedro Calazans foi durante dois anos redator do *Constitucional* no Rio de Janeiro. Eis aqui uma das lindíssimas composições:

A um menino

Na maciez do alvo braço,
De tua mão no regaço
Dormes, infante, a sonhar;
Teu sonho é plácido e liso,
Que um angélico sorriso
Te vem nos lábios parar.

Dormiste aos beijos maternos;
Entre carinhos tão ternos,
Como é doce o teu dormir!
Quando acordares sorrindo,
Verás o semblante lindo
De tua mãe a sorrir.

Dorme em sossego, menino,
Pois no livro do destino

Tens um destino feliz.
Dorme em completo abandono,
Dourado seja o teu sono
Dos sonhos pelo matiz.

PEDRO RIBEIRO MOREIRA – Médico e literato. Nasceu em Laranjeiras a 3 de setembro de 1848. Fez o curso de humanidades na Bahia, onde se formou em medicina. Foi por algum tempo cirurgião do exército, secretário do governo do Paraná, diretor da instrução pública, lente do liceu paranaense, médico da polícia no Rio e cônsul brasileiro no Paraguai, depois em Odessa e por fim em Frankfurt. Foi o último presidente que teve a Província de Alagoas, havendo tomado posse no mesmo dia em que se proclamou a República. Mais tarde foi inspetor de higiene no Pará e médico das colônias desse Estado. Homem de mérito incontestável, na inteligência superior, das belas letras legítimo representante, publicou quando acadêmico excelentes composições poéticas e colaborou em vários periódicos. Em 1897 publicou um folheto no Pará – *Estudos sobre questões de emigração*, e em 1900 deu a lume um outro – *Escolas agrícolas da União*. Do valor de sua lira harmoniosa e pura tem-se uma prova tem-se uma prova excelente, com as seguintes quadras, primeiras dos seus mimosos *Recuerdos*:

Recuerdos

Ontem à noite, deslumbrante, ativa,
Como sultana que abandona o véu,
Por sobre alfombra de macias nuvens
Cortava a lua a vastidão do céu.

Alva, nitente no docel agosto
Qual meiga diva a derramar fulgores,
A louca amante prateava os mares,
Enchia rindo o coração de amores.

Como era doce o murmurar do vento!
Nos ares plácidos se esfolhava um canto,

E ao peso enorme do arquejante seio
Dormia a terra no letargo santo.

Longe as espumas flutuavam lúcidas...
Mais longe o bosque se estrelava em flores,
Enquanto os lábios segredavam trêmulos
Puros idílios de febris amores.

Sob as acácias dos jardins silentes
Voavam quentes sensuais desejos,
E as claras ondas do luar tocavam
Bocas mimosas estalando beijos.

E os astros belos invejam tímidos
Por entre a gaze do infinito azul
Os resplendores das pupilas negras
Das lindas filhas do país do sul!

Ah! quando a vida universal dourava
Do mundo inerte as formações sombrias,
E o bando humilde das ondinas pálidas
Se iluminava sobre as águas frias;

E a flor, o inseto, a solidão, os mares
Diriam hinos de um concerto imenso,
Vozes que vibram nos espaços fulgidos
Além... além do nevoeiro denso:

Pensava em ti... em teu amor, querida...
Eras meu ídolo. Me esqueci de Deus,
E o teu olhar adelgaçava as trevas
Da longa noite dos suplícios meus.

Amo-te muito! A inspiração, o gênio
Fez de minha alma a projeção da tua...
Tu és a aurora, eu – a vaga altiva
Onde ela sempre vem mirar-se nua!

PEDRO VIEIRA DE MELO – Militar. Governador de Sergipe, nomeado pelo governo baiano a 6 de fevereiro de 1821. Tomou posse do cargo a 20 de março do mesmo ano.

PEDRO VIEIRA DE MELO PINA – Oficial superior da marinha. Nasceu na vila do Rosário do Catete, a 29 de julho de 1871, alistando-se na marinha em 1889. Foi promovido a guarda-marinha em 1891; a 2º tenente, em 1893; a capitão-tenente, em 1896; a capitão de corveta por merecimento, em 1909. Foi imediato do *Tamoio* e fiscal, na Europa, da construção de monitores.

PELINO FRANCISCO DE CARVALHO NOBRE – Político. Nasceu em Laranjeiras a 5 de dezembro de 1840, formando-se em direito no Recife. Foi político influente no Império e nos primeiros anos da República. Como vice-presidente da antiga Província, por duas vezes dirigiu os altos destinos sergipanos, em 1888 e 1889. Foi diretor geral da instrução e chefe do partido conservador. Na República por duas vezes foi eleito vice presidente do Estado. Deposto a 10 de agosto de 1906, com o então presidente Dr. Guilherme Campos, salvou a situação política, conseguindo a sua e a reposição do presidente. Também exerceu o cargo de juiz federal. Já é falecido.

PERMÍNIO CARNEIRO LEÃO – Militar e professor. Nasceu em Aracaju a 3 de novembro de 1873, alistando-se no exército em 1893. Foi alferes-aluno em 1899; alferes de infantaria, em 1904; 1º tenente de engenharia, em 1908; capitão, em 1912. Bacharel em matemática e ciências físicas, engenheiro militar e lente de eletricidade da Escola Militar. Homem de regular estatura e constituição, pleno de inteligência e de cultura científica e filosófica, foi um dos engenheiros construtores da Vila Militar Deodoro, no Rio de Janeiro, e goza naquela escola, como em sua classe, de justa e merecida simpatia. Suas qualidades morais são invejáveis porque nobilíssimas. É um oficial de muito merecimento.

POSSIDÔNIA MARIA DE SANTA CRUZ BRAGANÇA – Célebre educadora em Laranjeiras, ao tempo em que esta cidade era um dos grandes centros intelectuais sergipanos. Nasceu provavelmente ali, mais ou menos em 1835⁷⁸; e, com grande amor ao magistério, educou superiormente gerações sucessivas, daquela cidade e das imediações. Era professora pública e diretora de um internato, onde recebia e educava as moças dos engenhos próximos. Senhora de alta estatura e de robusta constituição, estimadíssima em Laranjeiras, onde era popularmente conhecida pela *Professora Dodona*, prestou a Sergipe, educando-lhe honestamente as filhas, serviços de valor inestimável. Era progenitora do Dr. Antonio Militão de Bragança e faleceu em Laranjeiras em começos do século atual⁷⁹, em avançada idade. Ensinau primeiras letras, música, piano e todos os trabalhos de agulha, em que era mui perita. Também ensinava religião. O mês de Maria, por ela feito em Laranjeiras, deixou época. Sua ação como educadora foi tal, que as alunas todas lhe osculavam em público a fidalga destra. Mesmo depois de casadas, com os tenros rebentos ao lado, ainda as moças sergipanas, ao avistarem a Professora Dodona, lhe beijavam a mão já trêmula. Foi uma educadora honesta e boa. Morreu em 11 de maio de 1905.

PRIAMO MUNIZ TELES – Oficial superior da marinha. Nasceu na Vila do Socorro a 26 de maio de 1874, alistando-se na marinha em 1891. Foi promovido a guarda-marinha, em 1895; a 2º tenente, em 1896; a 1º tenente, em 1897; a capitão-tenente, em 1899; a capitão de corveta, em 1911. Como aspirante, tomou parte ativa na revolta da armada, sob as ordens do almirante Saldanha da Gama. Serviu no vapor *Andrada*, conduzindo presos políticos para Fernando Noronha; foi à Europa no *Benjamin Constant*, comandou a Escola de Aprendizes Marinheiros de Sergipe, exerceu o cargo de instrutor da Escola Naval e o de ajudante do arsenal de guerra do Rio de Janeiro. Atualmente é capitão do porto à terra natal.

78

79

Q

QUINTINO MARQUES – Pintor. Nasceu em Laranjeiras. Tem uma queda especial para a pintura, contando em Aracaju um bom número de quadros. Graças aos seus méritos artísticos, foi nomeado lente de desenho do *Ateneu Sergipano*.

R

RAIMUNDO BRÁULIO PIRES LIMA – Bacharel. Sendo 1º vice-presidente, assumiu a presidência a 10 de março de 1879.

RODOLFO RAMOS FONTES – Oficial superior da marinha. Nasceu em S. Cristóvão, a 8 de fevereiro de 1866. Alistando-se na marinha em 1881, foi promovido a 2º tenente em 1883; a 1º tenente, em 1885; a capitão-tenente, em 1890; a capitão de corveta, em 1894; a capitão de fragata por merecimento, em 1907; a capitão de mar e guerra, ainda por merecimento, em 1912. Como aspirante, foi colaborador da *Revista da Sociedade Phenix*. Exerceu importantes comissões navais. Reformando-se por ocasião da revolta da armada, foi capitão do porto em Sergipe e deputado estadual. Revertendo à atividade no posto de capitão de corveta, comandou o *Benjamin Constant* e o *Comandante Freitas* e foi sub-chefe do Estado Maior da armada.

ROSENDÓ GARCIA ROSA – Militar. Nasceu em Japarutuba em dezembro de 1849, seguindo aos dezesseis anos para a guerra contra o Paraguai. Tomou parte ativa nos combates de Curuzú, Curupati e Tuiuti (3 de novembro), em que foi gravemente ferido, perdendo então o braço esquerdo. Inválido para a campanha, voltou para o Rio de Janeiro, e daí para Sergipe, como alferes honorário do exército. Foi depois escrivão de órfãos na Capela, chefe da recebedoria de Sergipe e deputado estadual duas

vezes. É tenente-coronel do exército, pelos relevantes serviços prestados naquela guerra, e homem de média estatura e de grande robustez de corpo.

RUBELIO DIAS – É o primeiro sergipano nato que aparece, com valimento, à história de Sergipe. Nasceu provavelmente em começos do século XVII, senão nos últimos anos do século do descobrimento. Era filho do grande explorador de minas Belquior Dias⁸⁰, o rei da ação em sergipanas terras, com a índia Lourenza da aldeia de Gerú. Como testamento de seu pai, riquíssimo, em sessão da misericórdia de S. Cristóvão, onde morava, tomou o compromisso de alimentar o exército em operações, durante sua estadia na capital sergipana. Em janeiro de 1636 arrendou por nove anos, a vinte mil réis por ano, um sítio de criação de gado na fazenda paterna de Jabebiri. Em novembro de 1637, quando o fugitivo exército de Bagnuolo passou por S. Cristóvão, lá se achava ele residindo. É pai do coronel Belquior da Fonseca Saraiva Dias Moreira, *Moribeca* chamado.

RUFINO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO – Militar distinto e engenheiro de mérito, conhecido no exército por Visconde de Maracajú. Nasceu em Laranjeiras a 2 de julho de 1831, alistando-se no exército em 1843, com 12 anos de idade apenas. Matriculou-se na Escola Militar, onde se bacharelou em matemáticas e foi sucessivamente subindo de posto, até à alta patente de tenente-general, em que se reformou, depois de 48 anos de relevantes serviços à pátria, na paz e na guerra. Militar de lúcida inteligência, erudito e bravo, disciplinador e justo, severo e nobre, exerceu no exército a na administração as mais honrosas comissões: foi presidente e comandante das armas no Amazonas, no Pará e em Mato Grosso; membro da comissão de limites entre o Brasil e o Uruguai; inspetor geral da medição de terras em S. Paulo; membro da comissão encarregada de explorar o Alto Uruguai; chefe da comissão de engenheiros do exército de reserva no Rio Grande do Sul; deputado do quartel mestre general e chefe da comissão de

engenheiros dos corpos em operações no Paraguai; engenheiro fiscal das estradas de ferro; diretor das obras militares de São Paulo; chefe da comissão de limites entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia; conselheiro de guerra; deputado geral; ministro da guerra no último gabinete monárquico e por fim Ministro do Supremo Tribunal Militar. Fez com bravura a campanha do Uruguai e a do Paraguai, de que havia as respectivas medalhas. Era dignatário da Rosa e do Cruzeiro e comendador de S. Bento. Desenhou muitas *plantas e cartas geográficas*, organizou muitos *projetos* e publicou diversos *relatórios e falas* (discursos). Faleceu no Rio de Janeiro a 18 de fevereiro de 1910, com 79 anos de idade.

S

SABINO OLEGÁRIO LUDGERO PINHO – O mais notável médico homeopata que teve o norte do Brasil. Nasceu em Vila Nova⁸¹ a 11 de julho de 1820. Fez o curso de humanidades na Bahia, onde se doutorou em medicina em 1845. Casado no Maranhão com uma senhora histérica, D. Umbelina, devido ao tratamento dela, descrente da alopatia, se tornou homeopata. E secretário fervoroso das doutrinas de Hahnemann, fez diversas excursões pelas Províncias do norte, em serviço de propaganda. Viajou pela Europa em 1860 e 1861. Foi deputado à Assembléia de Pernambuco e sócio de diversas associações científicas e literárias do país e do estrangeiro. Homem de boa estatura, corpulento, claro, forte, de superior inteligência e de grande cultura médica, escreveu muitos artigos sobre medicina para jornais e revistas do norte do Brasil e da Europa. Faleceu ainda moço em Pernambuco, a 17 de novembro de 1869. Deixou os seguintes volumes: *Propaganda Homeopática*, *Tesouro Homeopático* (2 vols.), *Discursos* (2 folhetos), *Diário de um Médico* e vários folhetos sobre questões homeopáticas.

SALUSTIANO ORLANDO DE ARAÚJO COSTA – Político e magistrado. Nasceu em S. Cristóvão, a 8 de junho de 1834. Formando-se em direito no Recife, abraçou a magistratura, subindo rapidamente de promotor público em Sergipe a desembargador das relações do Pará e do Rio Grande do Sul. Foi chefe de polícia no Pará e também no Amazonas, onde dirigiu a instrução pública. Eleito deputado provincial em Sergipe, foi reeleito no biênio seguinte. Pelo Rio Grande do Sul foi eleito deputado à constituinte republicana. Homem de lúcida inteligência, cheio de corpo, médio na estatura, do Conselho do Imperador, fidalgo cavaleiro português, comendador da Ordem de Vila Viçosa, cavaleiro de Cristo, escreveu o *Código Comercial* convenientemente anotado, obra que já chegou à 6ª edição. Era de gênio prazenteiro, a todos acessível. Faleceu cego em 1907 no Rio de Janeiro, de nefrite albuminúrica, na ocasião em que cuidava de uma revisão do seu Código.

SALVADOR CORREA DE SÁ E BENEVIDES – Bacharel em direito. Foi o 26º presidente da antiga Província. Tomou posse a 27 de fevereiro de 1856.

SALVADOR DA SILVA BRAGANÇA – Capitão-mor de 1708 a 1711.

SAMUEL AUGUSTO DE OLIVEIRA – Militar e escritor emérito. Nasceu em Laranjeiras a 25 de outubro de 1867, alistando-se no exército em 1888. Foi promovido a 2º tenente de artilharia, em 1890; a 1º tenente, em 1896; a capitão de engenheiros, em 1902; a major por merecimento, em 1909, quando ajudante de ordens do presidente da República Dr. Nilo Peçanha; a tenente-coronel por antiguidade, em 1915. Bacharel em matemáticas e ciências físicas, engenheiro civil e militar, ex-professor de mecânica na Escola Militar Praia Vermelha e adjunto do gabinete do ministro de guerra. É de baixa estatura e de forte complexão, cheio de inteligência e de cultura científica e filosófica. Fala muito bem e escreve de modo análogo. Tem grande

queda para a música, provecto pianista, com muita execução e uma especialidade notável – o seu vastíssimo repertório é quase todo de cór. É um palestrador admirável: atrai, escraviza, domina pela conversa. Na imprensa diária tem publicado interessantes e sugestivos artigos sobre política, ciências sociais e filosóficas. Em 1893 bons serviços prestou à causa legal, chegando mesmo a andar embarcado em navios de guerra. Suas obras são: *Concepção da Filosofia*, *A verdadeira revisão constitucional*, *Geometria Algébrica* (colab. com o autor deste livro) e *Tratado de Aritmética* (colab. com o autor deste livro). Do seu valimento como escritor damos a seguinte mostra, prefácio à *Concepção da Filosofia*:

Prefação

Sou um adepto fervoroso do evolucionismo spenceriano. Acredito muito na superioridade da larga e fecunda síntese concebida pelo grande gênio inglês – síntese que não tem par na história inteira do pensamento humano.

É mister, porém, dizer, para que possam julgar com exatidão, que o meu entusiasmo por Spencer nunca degenerou em fanatismo, que a minha admiração pela obra do grande homem jamais se converteu em servilismo intelectual. Aceitando a doutrina do exímio filósofo em suas linhas principais, reservo-me o direito de pensar por mim no modo de interpretar e discutir certos pontos de não somenos importância.

As pessoas versadas nos assuntos filosóficos verão muito bem tudo isso no presente trabalho, e mais ainda em minha “Coordenação da Filosofia”, obra cujo plano está todo traçado, achando-se já escritos alguns dos capítulos de maior interesse.

Quer nos parecer que este ilustre sergipano errou de todo a vocação: se se formasse em direito, para o que tem especial pendor, seria por ventura um dos primeiros jurisconsultos do Brasil.

SANCHO DE BARROS PIMENTEL – Jurista. Filho de pai sergipano, nasceu na Bahia a 16 de outubro de 1849, formando-se em direito no Recife. Foi advogado nos auditórios da antiga Corte, lente do *Ateneu Sergipense* e presidente do Paraná, do Ceará e de Pernambuco, onde revelou larga capacidade administrativa. Eleito deputado geral por Sergipe, na legislatura de 1878 a 1881, reeleito no gabinete Ouro Preto, assistiu como representante da nação à queda do Império. Entregou-se então à advocacia na Capital Federal, com grande brilho profissional. Por alguns anos foi professor de uma das academias de direito da capital do país. Homem de baixa estatura, corpulento, de trato mui ameno, de vasto saber jurídico, goza no foro do Rio de Janeiro da mais brilhante e justa nomeada.

SEBASTIÃO ANDRADA – Agricultor e capitalista. Reside em Simão Dias. É comendador e homem de influência e prestígio local.

SEBASTIÃO GASPAR DE ALMEIDA BOTO – Agricultor e político de grande influência. Nasceu a 17 de setembro de 1802, no engenho *Maroim Cima*, Vila de Santo Amaro, falecendo a 31 de maio de 1884, no engenho *Poxim*, S. Cristóvão, cuja matriz lhe guarda os restos mortais. Devia ter sido homem de grande lucidez de inteligência: porque conseguiu dominar completamente Sergipe, no largo período que vai de 1836 a 1852, de sua vontade firme dependendo quase todas as deliberações administrativas. Mas não era dotado, ao que parece, de grandes qualidades políticas, sendo porventura o principal causador, embora inconsciente, do atraso da Província naquele tempo. Serviu bravamente ao país, aos verdes anos, durante a independência, desempenhando depois, durante quarenta anos de agitada vida pública, os mais elevados cargos administrativos e políticos. Membro do Conselho da Província, deputado provincial, deputado geral em duas legislaturas, vice-presidente da Província quatro vezes em exercício e presidente efetivo logo depois, comandante da guarda nacional, comendador

de Cristo, chefe político sempre chegou a gozar de grande influencia em toda a Província. Perdeu por fim o prestígio de que gozava, mais por não se opor à criminosa mudança da capital da Província, de S. Cristóvão, local sadio, para o paludoso areial, onde erradamente se alevantou Aracaju, que mesmo pelo assassinato político que lhe foi injustamente atribuído porventura. Recolheu-se a vida privada em 1863⁸².

SEBASTIÃO NUNES COLARES – Capitão-mor, nomeado por carta régia de 15 de dezembro de 1695.

SEBASTIÃO PINTO DE CARVALHO – Advogado, professor e jurisconsulto. Nasceu em Maruim a 12 de janeiro de 1827. Formando-se em leis na Universidade de Coimbra, regressou a Sergipe e fixou depois residência na Bahia. Aí então passou toda a sua longa vida, dedicando-se com brilho à advocacia e com distinção ao magistério. Por concurso, foi nomeado lente de filosofia do Liceu, em cuja cadeira se jubilou. Foi também lente de direito comercial, deputado provincial e diretor da Faculdade Livre de Direito da Bahia. Dotado de grande inteligência e de notável erudição, jurisconsulto assaz conceituado no seu tempo, escreveu apenas um *Compêndio de Filosofia*, que não chegou a ser impresso, mas muito lido na Bahia. Faleceu em S. Salvador em 24 de novembro de 1899, na avançada idade de 72 anos. Era um homem corpulento e sobremodo amável para com todos. Sustentou tese no Recife, perante a Academia, para poder se entregar diretamente à advocacia.

SEBASTIÃO SOLEDADE – Propagandista republicano em Laranjeiras. Prestou reais serviços ao clube republicano dessa cidade, onde era tipógrafo, e um dos escritores do *O Republicano* e do *O Laranjeirense*.

SERAFIM VIEIRA DE ALMEIDA – Médico e propagandista republicano. Nasceu em Itaporanga, a 5 de abril de

1868, fazendo o seu curso de humanidades no Aracaju e formando-se em medicina na Bahia em 1888. Durante a vida acadêmica, atirou-se com ardor à defesa da República e depois, clinicando em Riachuelo, continuou com entusiasmo a defender o seu ideal de moço, até o dia 15 de novembro de 1889. Em 1890 seguiu para S. Paulo. Hoje é clínico em S. Carlos (Estado de S. Paulo), onde goza de real influência. Homem de alta estatura e de robusta constituição física, com grande amor à profissão abraçada, tem publicado diversos folhetos sobre vários assuntos médicos. Em 1909 esteve praticando nos hospitais de Paris, onde fez estudos especiais de cirurgia e obstetrícia. Colaborou na *Revista Médica de S. Paulo*, e é sócio correspondente da sociedade de medicina e cirurgia do Rio de Janeiro. Hoje só se entrega à profissão. Seus trabalhos médicos são os seguintes:

Responsabilidade Médica – Tese inaugural, 1888.

Técnica e indicações da curetagem do útero (Rev. Méd. de São Paulo, 1905).

Acidentes ocasionados nas crianças pelo clorureto de etila como anestésico geral (Rev. Méd. de São Paulo, 1903).

Um caso de estiomele de vulva acompanhado de tumor clitoridiano (Rev. Méd. de São Paulo, 1904) e broch. acompanhada de 2 gravuras. S. Paulo, 1904.

Estudo clínico sobre o tracoma. Sua profilaxia no Estado de São Paulo (Rev. Méd. de São Paulo, n. 14 de 31 de julho de 1905). Broch. ampliada com diversos anexos. S. Paulo. Ty. Brasil de Rothschild & C. – 1905.

O tracoma em S. Paulo. Revisão nosográfica e estudo clínico. (Trabalho apresentado ao 6º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia). Tip. Brasil de Rothschild & C., S. Paulo – 1907.

Varíola ou Varicela? (Polêmica Científica). Série de artigos publicados em colaboração com os Drs. Deolindo Galvão e A. Gomes, em S. Carlos. Broch. – Tip. Duprat & C. – S. Paulo, 1908.

Acidentes de cloroformização. (Trabalho apresentado ao 7º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido em Belo Horizonte em 1912).

Tratamento do tracoma. (Trabalho apresentado ao 7º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido em Belo Horizonte em 1912).

Embalsamento, 1915.

SEVERIANO CARDOSO – Poeta, dramaturgo e jornalista de grande merecimento e popularidade. Nasceu na Estância. Homem de baixa estatura e de forte constituição física, cheio de inteligência, de alegria, de verve e de sólida cultura literária. Com grande queda para as belas letras, cultivou com ardor o jornalismo, com paixão o drama, a revista e a comédia, com delicadeza e superioridade na poesia. Foi em Aracaju um dos mais populares escritores do seu tempo. Sua obra intelectual, inédita uma parte, e grandemente espalhada pelos jornais e revistas do seu tempo uma outra, daria para muitos volumes. Uma lei estadual já foi votada para tanto. Aí então poder-se-á bem julgar o ativíssimo literato, fora das fronteiras sergipanas. *Rimas Sertanejas* constituem uma das suas melhores obras. O belo soneto, que se segue, é uma pálida mostra do seu merecimento literário:

Deixa!

Deixa beber-te essa aroma em sorvos,
De teu corpo embriagado pela essência,
De sob a cabeleira cor dos corvos
Que vela tua virgem florescência!

És bela como o dia e pura como a luz,
Pequena baunilheira aberta em flor;
Lembras, chorando, o pranto de Jesus;
Lembras, sorrindo, o canto do Thabor!

És triste como é triste e fria a hora
Em que o sol, como um sicário, corre em fora
A esconder-se na fuma do ocidente!

E eu gosto da tristeza! Deixa, pois, consente
Do aroma de teus beijos de repente
Eu sorva os bagos, ao sorrir da aurora!

SIMÃO DIAS – Grande e notável fazendeiro, morador em Sergipe desde 1599. No começo do século XVII obteve sesmaria na Itabaiana. Possuindo vasta fazenda e curral de gado, deu o nome

à atual cidade de Simão Dias, construída posteriormente em terras de sua legítima propriedade.

SILVÉRIO FONTES – Médico. Nasceu em S. Cristóvão. Foi um dos mais conceituados clínicos da cidade de Santos. Homem de grande talento e erudição.

SILVIO ROMERO – Polígrafo de grande envergadura e valimento, o verdadeiro criador da nossa história literária. Nasceu em Lagarto a 21 de abril de 1851, formando-se em direito no Recife em 1873. Dois anos depois requereu defesa de tese; mas na ocasião de sustenta-la, teve com um dos lentes uma séria discussão, respeito à metafísica, e que deu em resultado, depois de suspenso o ato, ser mandado processar pelo crime de injúria. Foi, porém, absolvido. Indo para o Rio de Janeiro, obteve em brilhante concurso a cadeira de filosofia do internato Pedro II, depois de haver sido promotor público, juiz municipal e deputado provincial. Foi um dos fundadores da Academia Livre de Direito do Rio e da Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a cadeira *Hipólito da Costa*. Foi também deputado federal sergipano. Homem de alta estatura e de robusta compleição, superior na inteligência e na cultura literária, jurídica e filosófica, crítico e filósofo, polemista e historiador, e ainda poeta, sociólogo, professor, investigador das nossas tradições, panfletista e orador, Silvio Romero, o verdadeiro criador da nossa história literária, é porventura o mais nacional e um dos mais férteis dos nossos escritores. Sua obra intelectual, na extensão vasta e no conteúdo sólida, o atesta exuberantemente. Até hoje nenhum outro escritor brasileiro se lhe pode comparar na capacidade produtiva, na prodigiosíssima atividade intelectual, no acendrado amor às coisas pátrias enfim. Faleceu no Rio de Janeiro, paupérrimo, a 19 de julho de 1914. Contava sessenta e muitos anos de idade, todos consagrados às letras e à pátria. E nessa idade avançada, ainda pensava e produzia como se ao viço dos anos. Goza no Brasil intelectual de funda simpatia, senão de perfeita e justíssima popularidade. Dentre as suas obras, quase sem conta, deve ser citada em primeiro lugar a maior delas, a *História da*

Literatura Brasileira, só por si capaz de a reputação fazer de um autor. Ainda não está de todo concluída; mas os dois e grossos volumes publicados constituem forte manancial, capaz de desalterar com vantagem as gerações a vir⁸³. Depois dessa devemos citar outras, tendentes a mostrar o talento multiforme desse lidador agigantado: *Etnografia Brasileira*, *Estudos de Literatura Contemporânea*, *A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna*, *Outros Estudos de Literatura Contemporânea*, *Compêndio de História de Literatura Brasileira* (colab. com João Ribeiro), *Últimos harpejos*, *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*, *Cantos Populares*, *Parnaso Sergipano*, *Contos Populares*, *A Filosofia no Brasil*, *Ensaio de Filosofia do Direito*, *Provocações e Debates*, *Doutrina contra Doutrina*, *Ensaio de Filosofia e Literatura*, *História do Antigo Direito na Espanha e em Portugal*, *Ensaio de Crítica Parlamentar*, *Parlamentarismo e Presidencialismo no Brasil*, *História do Brasil* ensinada pela biografia dos seus heróis, *O Alemanismo no Brasil*, etc., etc. Há ainda a acrescentar à folha de serviços do eminente polígrafo a publicação póstuma das obras completas de Tobias Barreto, inestimável serviço por ele ainda prestado à pátria literatura. Para que bem se lhe possa apreciar a linguagem e o estilo, o temperamento literário em suma, aqui deixamos duas mostras brilhantes:

Evaristo da Veiga

No meio dos homens notáveis do primeiro reinado e da regência, entre os que figuram distintamente e notavelmente influíram, ele teve certas notas que foram só dele: era o mais novo, o que não tinha tradições, o que não possuía títulos acadêmicos, o que apareceu mais inesperada e rapidamente, o que morreu mais moço, mais a tempo e mais a jeito; foi o que nunca saiu do Brasil. Estas circunstâncias têm mais valor do que à primeira vista pode parecer. Para bem compreendê-lo basta

comparar Evaristo da Veiga aos seus amigos ou adversários. Os Andradas, os Silvas Lisboas, os Ferreiras França, os Vilelas Barbosas, os Carneiros de Campos e outros na política do tempo entraram levados por prestígio de família, entraram como influências tradicionais e locais, entraram quase como nobres, entraram quase “par droit de naissance”, e suas idéias representavam o doutrinário acadêmico, letrado, abstrato da Universidade de Coimbra. Ele não; ele saía sem títulos nenhuns dos fundos de uma loja de livros; representava o individualismo persistente e honesto, pertinace e calmo. Bem como na ordem literária era preciso que indivíduos saídos do povo e inspirados, no seu sentir, levantassem o brado contra o academicismo clássico, assim na esfera social era mister que um homem saído do povo, em nome da simples justiça e bom senso do mesmo povo, se fizesse adorado deste, desse batalha aos poderes do dia, e desmantelasse as malhas do velho classicismo político.

O macaco e o coelho

Conto de origem africana

O macaco e o coelho fizeram um contrato para o macaco matar as borboletas e o coelho as cobras. Estando o coelho dormindo, veio o macaco e puxou-lhe pelas orelhas, julgando que eram borboletas. Zangado por esta brincadeira, o coelho jurou vingar-se.

Estando o macaco descuidado, assentado numa pedra, veio o coelho devagarzinho, arrumou-lhe uma paulada no rabo, o macaco sarapantado gritou e subiu por uma árvore acima a guinchar. Então o coelho ficou com medo e disse:

Por via das dúvidas,
Quero me acautelar;
Por baixo das folhas

Tenho de morar.

(Dos Contos populares do Brasil.)

E mais a seguinte e sugestiva profissão de fé política:

Protesto

Eu também sou pintor

CORREGIO

Eu também nasci na Arcádia!...

SCHILLER

Eu também sou poeta: adoro a glória,
E a natureza inteira me cativa;
Gosto das auras, das manhãs cheirosas,
De tudo quanto tem uma alma viva...

De uns olhos de donzela o forte brilho,
Que fala das paixões que ardem no seio,
Também me faz arfar; sim, eu me curvo
De um corpo airoso ao lânguido meneio...

A alegria por vezes me visita,
É velha companheira que estremeço;
Quem não gosta dos risos das crianças,
Da vida forte em rápido arremesso?

A pobreza, bem sei, sagrou-me ousado,
A luta do futuro alevantou-me;
Contra os erros e contra o despotismo
A coragem no peito despontou-me.

O sofrimento é meu amigo antigo,
O mistério do céu também me abala:
Ai! por Deus não penseis que eu seja surdo
À dor das multidões que a todos fala.

Eu também sou poeta! As formas virgens
Do ideal que se desfaz em sonhos ledos,
Também se me traduzem em suspiros,

Cismas, risos, encantos e folguedos...”

SIMFRÔNIO CARDOSO – Poeta. Nasceu em Sergipe. Em 1879 publicou o volume de versos *Indianas*, no Rio de Janeiro. E em 1901 dava a lume *Louros Esparsos*, versos em homenagem a Floriano Peixoto. A seguinte e belíssima composição dá-lhe uma idéia da lira maneirista:

A topada

Era numa encruzilhada,
Que ali o caminho faz;
Ouvi uma barulhada,
Recuei logo p’ra traz.

Que matinada era esta
Do dia no coração?
Cerca aí! que desembesta,
Cerca a besta! paspalhão.

O cabra vinha danado,
Na asa mesmo, a voar.
Quando num tronco rolado
Foi topada de rachar.

O sangue corria em bica,
Vermelho como açafão;
Ou como a saia da Chica
Que é feita de baetão.

Lá se foi de meio a meio,
A unha do polegar!
Da miralhada no seio
Trota a besta a relinchar.

Foi ele gritar comigo
E aquele tronco rolou...
Parece até um castigo,
Na mesma hora pagou.

Toma conta deste caso,
Não faças pouco em ninguém,
Senão lá vai tudo raso,
Quem sorri, chora também.

Sabia mais do que um livro,
A defunta minha avó;
Fazendo renda de crivo,
Na tripa lhe deu um nó.

Este mundo é um engano,
Quem se engana é porque quer;
Ave de papo – é tucano,
Bicho de capa – é mulher.

Toca! toca pela estrada,
Regala o olho alasão!
Topada chama topada,
Enterra o casco no chão.

T

TERÊNCIO SAMPAIO – Sergipano.

TERTULIANO ANTONIO PEREIRA BARRETO – Militar. Nasceu em Sergipe a 27 de abril de 1872, verificando praça no exército a 25 de janeiro de 1889 e matriculando-se na Escola Militar da Corte. Foi promovido a alferes-aluno, em 1893; a 2º tenente de artilharia, em 1894; a 1º tenente, em 1901. Faleceu durante o ano de 1908 no Rio Grande do Sul, onde servia. Tinha o curso das três armas. Era de regular estatura e robusta compleição, parecendo ter vida para muitos anos. Em 1907 publicou um excelente livro, *Instrução Moral*, destinado à educação moral do soldado brasileiro.

TEODURETO ARCANJO DO NASCIMENTO – Clínico em S. Paulo e depois no Rio de Janeiro. Nasceu no Lagarto a 16 de setembro de 1866, formando-se em medicina na Bahia aos vinte anos de idade, prova incontestável de grande lucidez de inteligência. Clinicou a princípio em S. Paulo. Andou em viagem pela Europa. Voltou a Sergipe, e foi ao Ceará em comissão do governo sergipano, apresentando então uma monografia – *A cultura de maniçoba*, publicada nas colunas do *Estado de Sergipe* e depois em avulso. Hoje dedica-se à clínica no Rio de Janeiro.

TEÓFILO FERNANDES DOS SANTOS – Bacharel em direito. Foi o 44º presidente da antiga Província. Tomou posse a 10 de março de 1879.

TEOTÔNIO FÉLIX DA COSTA – Professor. Nasceu em Propriá, mais ou menos em 1850. Dedicando-se ao magistério, foi durante muitos anos professor em Pacatuba e depois em Aquidabã. Aí faleceu mais ou menos em 1902. Também foi um bom advogado nos auditórios sergipanos, tendo em tempo publicado um interessante drama. Orador fluente e inflamado, registra-se em sua vida de advogado um fato sensacional, quando no júri de Propriá, defendendo um réu que assassinou a esposa adúltera, terminou a defesa sob as lágrimas de todo o auditório, do Juiz de Direito inclusive. O réu foi unanimemente absolvido. Em Aquidabã era chefe do partido liberal.

THOMAZ ALVES JÚNIOR – Bacharel em direito. A 15 de agosto de 1860 assumiu a presidência da antiga Província. Foi o 29º presidente de Sergipe.

THOMAZ RODRIGUES DA CRUZ – Médico. Como 1º vice-presidente, tomou posse da presidência a 24 de outubro de 1889.

THOMÉ DA ROCHA – Foi o segundo governador que teve a capitania de Sergipe, depois de conquistado aos índios por

Cristóvão de Barros, em janeiro de 1590. Auxiliou poderosamente a conquista, que durou oito meses de incessante lidar, partindo da Bahia para esse fim, depois de Cristóvão de Barros. Provavelmente em fins de 1590 assumiu aquele alto posto: porque em 1591, estando na administração, teve ocasião de prestar reais serviços a um excursionista do Rio S. Francisco, que naufragara em Sergipe. Em 1593 bateu os franceses e entre 1594 e 1595 passou a administração a Diogo de Quadros. S. Cristóvão contava então mais de cem fogos, tendo sido deveras próspera a administração. Em 1603 foi segunda vez governador de Sergipe, desenvolvendo fortemente a colonização e a lavoura de cana. Em 1606 foi substituído por Nicolau Faleiro de Vasconcellos.

TILEMONT FONTES – Médico e professor. Nasceu em Sergipe, formando-se depois em medicina. Homem de grande talento e de grande erudição médica, foi um clínico distintíssimo e um notável lente da Academia de Medicina da Bahia. Entregava-se com brilho aos estudos de psiquiatria, gozando naquela faculdade do mais justo e merecido conceito profissional. Era de cor morena e de delicada compleição física.

TITO ANDRADE – Professor.

TITO ANTONIO DA FRANCA AMARAL – Militar, poeta e romancista. Nasceu na Estância a 4 de janeiro de 1854, alistando-se no exército em 1871. Matriculando-se na Escola Militar, foi alferes-aluno, 2º tenente, 1º tenente de engenharia, capitão e major da mesma arma, de que tinha o respectivo curso. Era também bacharel em matemáticas e ciências físicas e membro da 1ª secção da diretoria das obras militares. Homem de grande inteligência, de notável perfeição moral e dotado de ardente imaginação, dedicou-se com vantagem à poesia e ao romance, de que deixou brilhantes provas no seu espólio literário. Devia parte de sua educação ao Conde d'Eu⁸⁴; e quando se proclamou a República, declarou resolutamente ao seu chefe, nas obras militares, que era

monarquista e que continuaria a sê-lo. Fez mais: à hora da morte, pediu ao seu sogro que escrevesse àquele príncipe, noticiando-lhe o passamento e informando-lhe que jamais esquecera os benefícios recebidos. Faleceu no Rio de Janeiro a 15 de abril de 1896, deixando publicados, com o pseudônimo de “Piapitinga”, os seguintes romances: *O Ciúme*, *O Monge Escravo e a Natureza*, *A Aurora da Redenção*, *Proculo – o Itabaiana*, e ainda o poema *Os Nautas da Redenção*. Inéditos lhe ficaram os seguintes trabalhos: *A Cabana Legendária* (romance), *Meus Cantos* (versos) e o *Celeste no Terrestre* (prosa e verso).

TOBIAS BARRETO, T. B. de Menezes – Poeta, jurista, orador, literato, filósofo e professor de extraordinário merecimento. No ponto de vista intelectual, foi um dos maiores brasileiros do seu tempo. Talento descomunal. Erudição pasmosa. Nasceu na Vila de Campos a 7 de junho de 1839. Indo para a Bahia, muito cedo, depois de já haver sido lente de latim por concurso, inteiramente desprotegido da fortuna, chegou a entrar para o Seminário Arquiepiscopal. Seguindo depois para o Recife, lecionava aí latim e filosofia, ao mesmo passo que estudava os preparatórios que lhe faltavam para o curso de direito. Fez este com brilhantismo, com brilhantismo defendeu tese e se fez lente da faculdade, onde em pouco tempo ganhou fama universal, como filósofo emérito e jurista eminente. Poeta, foi um dos nossos melhores líricos. Compunha mesmo em latim, desde os verdes anos. Sua poesia *Beija Flor* está traduzida em quase todas as línguas vivas. Horácio Hora, grande pintor, pôs na tela as cenas principais dessa lírica formosíssima. Foi ainda o principal fundador da Escola *Condoreira*; e seus *Dias e Noites* constituem um dos melhores livros de versos existentes no Brasil. Como filósofo e jurista, fundou no país a escola científica, por seus desafetos apelidada *teuto-sergipana*, escola que fez época no Recife. Como polemista, orador, crítico ou palestrador, não encontrava rival no Brasil inteiro, o mesmo lhe acontecendo no violão, que tocava maravilhosamente, cantando, excelente barítono que era, patrióticas composições poéticas, que improvisava com facilidade

extrema. Era repentista de mérito incontestável. Seus últimos versos, horas antes de morrer, quando no trem lhe perguntavam por que razão voltava do campo tão cedo, bem o demonstram:

Por que volto? A razão é muito simples:
Não posso suportar tamanho exílio,
Pois a vida bucólica e campestre
Só me agrada nos versos de Virgílio.

Conhecia a fundo o alemão e o latim, o francês e o inglês, o italiano e o russo. Tinha uma força física desmedida: aos vinte e muitos anos pegava um touro bravo pelas aspas, sozinho, corajoso e destemido. Gostava imenso das matemáticas. E no seu tempo foi o brasileiro mais conhecido na Europa. Regular na estatura, na compleição robusto, teria vida para um século, se não fora tão descuidado das imperiosas exigências da natureza. Apaixonado pelo sexo frágil, levava o viver em patente irregularidade. Por isso mesmo faleceu na capital de Pernambuco, com grande mágoa do país inteiro, ao quinquagésimo ano de existência apenas, a 26 de julho de 1889. Sua obra intelectual, ainda não bem apreciada no sul do Brasil, é de uma solidez profundíssima, como sólidos e profundos são os discípulos que deixou nos domínios vastos da filosofia e do direito. Silvio Romero, o grande polígrafo, fez-lhe cuidadosamente uma edição póstuma, hoje representada pelas seguintes e brilhantes unidades: *Dias e Noites, Menores e Loucos em Direito Criminal, Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica, Estudos Alemães, Estudos de Direito, Vários Escritos, Discursos e Polêmicas*⁸⁵. A essas devem ser acrescentadas as seguintes, em alemão escritas: *Deutcher Krampf Zeitungsblatt, Brazilian soi excitin Literaresher, Hinsicht betrachtel, ein Skizze*. Eis a poesia acima citada e também uma outra, que ele recitava apaixonadamente:

O Beija Flor

Era uma moça franzina,

Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver,
Corpo esbelto, colo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vede-a lá: tímida, esquivada...
Que boca! é a flor mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa do lábio,
Como quem suga o ressabio
Dos beijos de um querubim!...

Nem viu que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco ali se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Paste o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta de corada
De seu rosto e nívea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós três!...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem;
Sente o aroma da donzela,
Peneira na face dela,
E quer-lhe os lábios também.

Treme a virgem de surpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor na mão;
Nas asas da ave mimosa
Quebrar-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flor;
Voa em torno o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos lábios da rubra cor.

E a moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar;
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver; inconfessos jambos
De algum celeste pomar!...

Forte luta, luta incrível
Por um beijo! É impossível
Dizer tudo o que se deu.
Há tanta coisa se esquece
Na vida! Mas me parece,
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte cândida inclina
Ao sopro do casto amor;
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ela conta sorrindo
A história do beija-flor..."

O Beijo

"Que silêncio, que calma
No teu olhar!
Querubim de minha alma,
Vamos voar?

Algum canto suave
No bosque ouvir?
Ou no ninho de uma ave
Juntos dormir?

Vamos, longe do mundo,
Que é um paúl,
Espelhar-nos no fundo
Do céu azul?

Sei d'um ermo encantado,
Que existe além;
Já corremos o prado,
Caminha, vem!

Dentro deste arvoredor
Ninguém nos vê...
Vamos, tremes de medo?
Medo de que?

Olha as frutas vermelhas
Do meu vergel...
Quanto enxame de abelhas!
Tu queres mel?

Olha... que passarinho
Lindo a cantar!...
Vou pegá-lo no ninho
Para t'ó dar.

Quanta sombra... Repousa,
Descansa aqui,
Vou dizer-te uma coisa,
Que eu sei de ti.

Mas só digo na boca,
No ouvido, não...
Anda, espera; que louca!...
Retira a mão!...

Suspirar-te um segredo
Deixa, que tem?
Cuidas que no arvoredor
Buliu alguém?

Foi o vento; ora essa!...
Ninguém buliu;
Chega, dá-me depressa...
Está!... Quem viu?

TOBIAS MAGALHÃES – Notável pianista e compositor sergipano. Residia ultimamente na Bahia.

TOBIAS RABELO LEITE – Médico e educador afamado, um dos mais puros caracteres do seu tempo. Nasceu em Sergipe a 6 de abril de 1827, formando-se em medicina no Rio de Janeiro, aos 22 anos de idade apenas. Como interno do hospital da misericórdia, na antiga Corte, aí observou em 1848 o primeiro caso de febre amarela, na enfermaria dos estrangeiros. Foi médico do corpo de polícia e da casa de correção, sendo duas vezes comissionado pelo governo em difícil emergência: 1^a, para socorrer enfermos atacados de febre amarela; 2^a, as vítimas do cólera em Sergipe. Em 1859 foi nomeado chefe da nova secção da saúde pública e depois diretor do Instituto de surdos-mudos, estabelecimento que fundou e engrandeceu. Homem de talento, de grande saber e probidade exemplar, baixo na estatura e forte na compleição, disse ao representante do presidente da República, no dia em que naquele instituto se inaugurava o retrato do monarca deposto: “Este instituto foi fundado por Pedro II, com os escassos recursos do seu bolsinho, amparando-o sempre contra a ignorância de muitos, protegendo-o contra a má vontade de alguns, animando-o com suas freqüentes visitas e do exílio lhe dizendo ainda – não se esqueça do nosso instituto”. Eleito deputado geral na décima legislatura, abandonou depois o cargo com aversão à política. Era um homem puro na mais perfeita acepção social do termo. Faleceu no Rio de Janeiro a 3 de agosto de 1896, com 69 anos de idade. Escreveu os seguintes trabalhos: *Notícia do Instituto dos surdos-mudos*, *Noções da Língua Portuguesa* (para surdos-mudos), *Regimento Interno dos surdos-mudos*, *Compêndio para o ensino dos surdos-mudos*, *Contos Morais para surdos-mudos* (trad.), *Lições de Metrologia*,

Salva Guarda do surdo-mudo e *Ensaio da Pré-história* da literatura clássica alemã.

U

URBANO DA SILVA MONTE – Presbítero de grande erudição. Nasceu em Japaratuba, a 4 de julho de 1844. Presbítero secular, doutor em direito canônico pela Universidade Romana de Sapiência, bacharel em teologia pelo liceu gregoriano de Roma, cônego honorário da antiga capela imperial e capelão no Ceará. Grande sabedor em lingüística, fundou na Bahia um notável estabelecimento de ensino secundário, de onde saiu o grande Francisco de Castro. Foi professor de português no Liceu cearense e lente de italiano na Escola Normal de Campos. Durante alguns anos parouquiu a freguesia de Santa Rita no Rio de Janeiro e a de Santos em S. Paulo. Escreveu diversos *Sermões* e três teses para o concurso de italiano e grego no colégio Pedro II. Falava aquela língua com grande fluência e correção. Mudando-se para o Ceará em 1897, foi aí professor de grego e pároco da freguesia de Porangaba. Faleceu no Ceará a 3 de julho de 1905. Era de estatura regular, cheio de corpo, um homem de grande bondade.

V

VALÉRIO DOS SANTOS – Capitão-mor em 1793.

VENCESLAU FREIRE DE CARVALHO – Militar diligente e bravo. Nasceu no Lagarto a 28 de setembro de 1841. Alistando-se muito jovem no exército, foi sucessivamente subindo de posição, na arma de infantaria, até chegar ao posto de coronel. Fez com bravura a campanha do Uruguai e a do Paraguai, das quais tinha a respectiva medalha, assim como também a de mérito militar. Comandou a brigada policial no Rio de Janeiro e, por seus serviços à pátria, foi oficial da Rosa e cavaleiro de S. Bento e do

Cruzeiro. Faleceu no Rio de Janeiro a 16 de setembro de 1893. Escreveu as seguintes obras: *Prontuário* dos processos militares, *Instrução* para o fuzileiro armado a Comblain e *Breve Tratado* sobre a espingarda Minié.

VENTURA LEITE SAMPAIO – É um distinto sergipano, cuja biografia virá talvez na próxima edição. Agora foi impossível, apesar dos grandes esforços empregados para tanto.

VICENTE LUIZ DE OLIVEIRA RIBEIRO – Industrial e político. Nasceu em Laranjeiras mais ou menos em 1850. Homem de regular estatura e de robusta constituição, pleno de predicados morais nobres, inteligente e honesto, era coronel da guarda nacional, e chefe político em Laranjeiras. A 19 de novembro de 1889 entrou para a junta governativa do Estado. A 28 de maio de 1891 entrou na posse do cargo de vice-governador. A 11 de junho desse mesmo ano foi eleito governador, estando em exercício do cargo, que abandonou a 24 de novembro de 1891, por lhe faltar o apoio da força federal. Faleceu mais ou menos em 1895, na cidade de Laranjeiras, em cujo município tinha um engenho de açúcar.

VICTOR CÂNDICO BARRETO – Marinheiro e professor. Nasceu em Sergipe a 4 de julho de 1848. Alistando-se muito jovem na marinha, foi gradualmente subindo na hierarquia, até que em 1900 se reformou no alto posto de contra-almirante. Homem alto, inteligente e forte. Fez a campanha do Paraguai, de que tinha a respectiva medalha. Foi a Londres e aos Estados Unidos fazer estudos sobre torpedos, em que era sabedor afamado. E na Escola Prática de Artilharia e Torpedos foi professor de eletricidade e torpedos. Faleceu em Niterói a 4 de julho de 1900. Escreveu um *Curso Elementar* de torpedos, mandado adotar pelo ministério da marinha.

VIRGÍLIO DO VALE VIANA – Farmacêutico muito popular em Laranjeiras, onde provavelmente nasceu, em 1850 mais ou menos. Homem de média estatura e de regular constituição,

dotado de excelentes predicados e virtudes, tinha um gosto especial para a profissão preferida. Laranjeiras em peso o conhecia e estimava. Tinha vários preparados seus, empregando-os sempre com vantagem. Era um farmacêutico inteligente, caritativo e bom. Muitas e muitas vezes serviu de médico à população desprotegida daquela cidade. Faleceu há poucos anos à cidade natal.

W

WENCESLAU DE OLIVEIRA BELO – Militar. Foi o 11º presidente de Sergipe. Tomou posse a 28 de agosto de 1839.

Z

ZACARIAS DE GÓES E VASCONCELOS – Bacharel em direito. Foi o 21º presidente da antiga Província, tendo tomado posse a 28 de abril de 1848.